UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DOUTORADO

Agnaldo Divino Gonzaga

Milagre e Castigo:

Mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO

Goiânia, junho de 2017

sistema de bibliotecas ufg

PRPG

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[ ] Dissertação** **[X] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Agnaldo Divino Gonzaga

Título do trabalho: Milagre e Castigo: mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Assinatura do(a) autor(a)[2]

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)[2]

Data: ____ / ____ / ____

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

[2] A assinatura deve ser escaneada.

Versão atualizada em maio de 2017.

Agnaldo Divino Gonzaga

Milagre e Castigo:

Mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO

Tese submetida à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amélia Garcia de Alencar.

Linha de pesquisa: Poder, Sertão e Identidades.

Goiânia, março de 2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gonzaga, Agnaldo Divino
Milagre e Castigo: [manuscrito] : Mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO / Agnaldo Divino Gonzaga. - 2017.
306 f.

Orientador: Profa. Dra. Maria Amélia Garcia de Alencar.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2017.
Bibliografia. Anexos.
Inclui siglas, mapas, fotografias, gráfico, tabelas, lista de figuras.

1. História . 2. Folia de reis . 3. Mito . 4. Memória . 5. identidades. I. Alencar, Maria Amélia Garcia de , orient. II. Título.

CDU 94(817.3)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Ata da Sessão de julgamento da Defesa de Tese de Doutorado de **Agnaldo Divino Gonzaga**. Aos 23 (vinte e três) dias do mês de junho de dois mil e dezessete (2017), com início às 14h, nas dependências da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Defesa de Tese de Doutorado de **Agnaldo Divino Gonzaga**, cujo título foi **"MILAGRE E CASTIGO: MITO E MEMÓRIA NAS FOLIAS DE REIS DE ITAGUARI, GOIÁS".** A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria nº029/17-PPGH, de 01 de junho de 2017, pelos seguintes Professores Doutores, **Maria Amélia Garcia de Alencar (Presidente), Jadir de Morais Pessoa (FE/UFG), Anderson Rocha (EMAC/UFG), Libertad Borges Bittencourt (UFG), Yussef Deibert Salomão de Campos (UFG)** e, como Suplentes, **Valmor da Silva (PUC-GO), Eduardo Quadros (PUC-GO), Maria da Conceição Silva (UFG), Cristina de Cássia Pereira Moraes (UFG).** Os Examinadores arguiram na ordem acima citada. Às 17 horas a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta tendo sido o candidato.....aprovado.....

Prof. Dr. **Jadir de Morais Pessoa (FE/UFG)** Ass.:.....

Decisão (.....Aprovado.....)

Prof. Dr. **Anderson Rocha (EMAC/UFG)** Ass.: .....

Decisão (.....aprovado.....)

Profª. Drª. **Libertad Borges Bittencourt (UFG)** Ass.: .....

Decisão (.....aprovado.....)

Prof. Dr. **Yussef Deibert Salomão de Campos (UFG)** Ass.:.....

Decisão (.....aprovado.....)

Presidente da Banca Profª. Drª. **Maria Amélia Garcia de Alencar,** Ass.: .....

Decisão (.....aprovado.....)

Reaberta a Sessão Pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou-a, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Cintila Alves Garcia, secretária do Programa de Pós-Graduação em História, e pelos membros da Banca Examinadora.

Coordenador: .....

Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon

Secretária: .....Cintila Garcia.....

Cintila Alves Garcia

Agnaldo Divino Gonzaga

Milagre e Castigo – mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO

Tese submetida à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Maria Amélia Garcia de Alencar
Presidente - PPGH (UFG)

_____
Profa. Dra. Libertad Borges Bittencourt
Membro - PPGH (UFG)

_____
Prof. Dr. Yussef Daibert Salomão de Campos
Membro - PPGH (UFG)

_____
Prof. Dr. Jadir de Morais Pessoa
Membro - FE (UFG)

_____
Prof. Dr. Anderson Rocha
Membro – EMAC (UFG)

_____
Profa. Dra. Maria da Conceição Silva
Suplente interno - PPGH (UFG)

_____
Profa. Dra. Cristina de Cássia Pereira de Moraes
Suplente interno - PPGH (UFG)

_____
Prof. Dr. Valmor da Silva
Suplente externo – PUG Goiás

_____
Prof. Dr. Eduardo Quadros
Suplente externo – PUC Goiás

DEDICATÓRIA

A todos os foliões e devotos das folias de reis do Estado de Goiás, vivos e falecidos, por fazerem da folia a maior explosão de fé popular partilhada e solidária do Estado. Especialmente: Sebastião Longuinho, Dito Porva e Ditinho Mandi, os foliões que primeiro me conduziram para o mundo mítico das folias de reis.

E também todos os foliões das folias de reis de Itaguari: Chiquito do Martins *(in memoriam)*, Adão, Divino Ney, Geraldo, Zezinho, Fabiana, Nativo Ribeiro, Iraci, Nélson, Jurandir, Divino Ribeiro e demais; Tão Raimundo *(in memoriam)*, Jair Florentino, Emílio, Gabinense, Tõe Gordo, Leandro, Renivaldo Peixoto, Afrânio e outros; e Tião do Carro *(in memoriam)*, Bruno, Zelão, Nego Borges, Cleuza, Maria do Osvaldo, Elias, Luiz Carlos, Helinho, Tião Matuto, Dona Dirce e César.

AGRADECIMENTOS

A quem possibilitou a existência de um lugar longínquo por onde teriam viajado três andantes desconhecidos que, depois de mortos, continuaram viajando.

Aos viajantes desconhecidos que, se encontrando, tornaram-se irmãos; aos que depois de passos dados, conversaram e tornaram-se reis; aos que depois da chegada fizeram adoração, ofereceram seus presentes e, de retorno, tornaram-se santos; aos que depois de séculos, em viagem passando por altares, ladrilhos e brejos, de memória em memória, representando a si mesmos e fazendo malinagens sagradas, tornaram-se mitos.

Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH-UFG), na pessoa do seu digno coordenador Prof. Dr. Marlon Salomon, pela credibilidade a mim dada, mesmo no limite do tempo regulamentar. Tal confiança traduzi em estímulo que se materializou na forma de qualidade da pesquisa e texto produzido.

À queridíssima Profa. Dra. Maria Amélia Garcia de Alencar, pela paciência responsável e confiança – desconfiada por precisão. O seu rigor acadêmico, seu vasto conhecimento na linha “Sertão, poder e identidades”, seu compromisso com o PPGH e seu “faro” imensurável de autêntica historiadora nos ajudaram sobremaneira na elaboração desta tese, sem nos tirar toda responsabilidade que nos é concernente.

A um certo professor – cujo nome convém não citar –, que certa feita confiou em mim uma causa à qual eu não me dediquei a contento. Não fosse a amizade do mesmo, ter-me-ia morrido no abismo sufocante da vergonha que do meu erro brotou. Que este trabalho seja minha retribuição à confiança que um dia o mestre depositou em mim. Até porque muitas das idéias de lá, cá se encontram, e por isso esta tese tem também a sua colaboração.

Aos meus familiares: meus pais, Oliveira e Dervalina, pela paciência em ter que viver semanas a fio sem minha presença – é que sou o filho que mais lhes dá presença, e presença hoje é o que mais lhes conforta quando à porta do octagéssimo ano de existência. Aos meus irmãos pela preocupação para comigo quando deles me afastei para, feito monge, dedicar-me integralmente à pesquisa e escrita da presente tese.

Ao meu bispo Dom Eugênio Rixen, da Diocese de Goiás, e a todos os padres, irmãs, religiosos e todo povo de Deus. Povo esse que, na sabedoria vinda diretamente do Espírito Santo, produz saberes eclesiais tirados dos gestos poéticos que de tão poéticos se tornam profecia.

À Paróquia São Sebastião de Itaguari, na pessoa do seu atual pároco, Padre Welington Paim, cujo zelo pastoral e carinho são evidentes para com os três grupos de folias de reis de sua paróquia.

Ao professor das redes estadual e municipal de Itaguari, Joaquim Marques Cardoso, pela incansável e eternamente gratuita disposição em colaborar conosco com material e informações sobre a história itaguarina.

Às dezenas de pessoas que nos concederam entrevistas, quando do nosso trabalho de pesquisa de campo. Sintam-se todas representadas nas pessoas de André e Andrade, que nos concederam dez páginas de entrevista, incluindo músicas à capela, relatos fotográficos do passado da Folia Goiana itaguarina e lágrimas sinceras de dois devotos autênticos como quê.

E a uma quase infinidade de pessoas que nos últimos meses tornaram-se intercessoras nossas rezando, orando e torcendo para que o trabalho fosse concluído, muito bem concluído: Edna Gonzaga, minha irmã com sentimento de uma verdadeira mãe e Ronaldo de Lima, seu esposo, Daniel Gonzaga (sobrinho que me acompanhou, cobrou e incentivou), Edson Gonzaga, Professora Luzia, Padre Ronaldo, Albani, Jacira, Luciene, Guilherme, Cláudio Caximbó, Lourdes, Julinha, José Ódison, Divino Patrício, Rubão, Vanusa, Magno, Welington e Márcia Helena, Ditim Marimbondo, Sebastião do Setor Três Poderes, Astrogildo e sua esposa Maria.

À procura de Nosso Senhor
vêm de longe os Reis, seus fiéis.
Para ofertarem a ele
trazem suas prendas.
Na verdade, os Reis, neste dia,
a seu senhor meninozinho vem.
Eles amam muito,
em seu coração, o seu criador

(José de Anchieta, O Cancioneiro ibérico em José de Anchieta).

Resumo

A presente tese trata da história das folias de reis goianas, sob o título de “Milagre e castigo: mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO” – Folia do Brejo Grande, Folia Mineira e Folia Goiana. Aborda a história dessas folias, sob a ótica do mito e da memória, a compreensão de seu ritual e a importância das suas narrativas e cantorias. Estas se fundamentam nos mitos que sustentam e protegem seus foliões e devotos, formadores e conservadores de identidades. Metodologicamente, vale-se da coleta de relatos e cantorias vividos e cantadas por foliões e devotos. Reflete, a tese, sobre o ambiente sertanejo que se tornou povoado e cidade, no qual as folias de reis se formaram, reforçando valores tradicionais da região; as referências teóricas a respeito de mito e memória, a constituição dos mitos basilares e as etapas concernentes ao ritual geral das folias de reis itaguarinas; a eficácia dos mitos do sertão, evidentes no desenrolar dos contos (narrativas de origem, milagres, castigos e mistérios) e das cantorias contados e cantadas por foliões e devotos de Santos Reis; e sobre os detalhes e as implicâncias da festa do dia 06 de janeiro, dia da chegada, concentrando a análise sobre a Folia Goiana, suas particularidades em face à sociedade em processo de espetacularização e os traços identitários que caracterizam as três folias itaguarinas. Mitos das folias de reis, memorizados e compartilhados, não só levam foliões e devotos à “conservação e dinamização dos seus gestos e costumes comuns”, conforme anunciado em hipótese: influenciam a sociedade no seu cotidiano e, particularmente, “na produção e reprodução de práticas sócio-culturais (artísticas...) de quem delas participa, para além do tempo de execução do seu ritual”.

Palavras-chave: História, Folias de reis, Mito, Memória, Identidades.

Abstract

The object of this thesis is the history of the folkloric religious processions Folias de Reis or Three Kings Days in Itaguari, Goias under the title of Miracles and Punishment: myth and memory of the Folias at Itaguari-Goias (Folia do Brejo Grande, Folia Mineira e Folia Goiana). It addresses the history of the Folias from the standpoint of myth and memory, a comprehension of the ritual, and the importance of its narratives and songs. These are fundamental to the myths that sustain and protect the participants and followers, both forming and conserving identities. Methodology included the collection of stories and songs lived and sang by the participants and followers. The theses analyses the sertanejo environment that became first a village and than a city, where the Folias were formed, reinforcing traditional values. It also analyses the constitution of basic myths and the ritualistic parts of the procession; the efficiency of the myths are present in stories and songs (about origins, miracles, punishments and mysteries) told and sung by participants and followers. In addition it details the ritual on January 6 th , the Arrival Day, focusing on Folia Goiana and its particularities in a society in changing process. The myths, kept as memories and shared among people, not only lead to "conservation and dynamic common gestures and habits" but also influence in everyday life, particularly "producing and reproducing social-cultural practices (artistics…) of the participants, beyond time of ritual realization".

Key words: History, Folias de Reis, Myth, Memory, Identities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Objetos indígenas encontrados na região 31
FIGURA 2 – Rota dos bandeirantes, mineiros, tropeiros e escravos 32
FIGURA 3 - Mapa de localização de propriedades 48
FIGURA 4 – Galeria dos fundadores de Itaguari 49
FIGURA 5 – Crescimento populacional de Itaguari 1940 a 2010 52
FIGURA 6 – Taxa de urbanização de Itaguari 1980 a 2010 53
FIGURA 7 – Loteamento São Sebastião e primeiros moradores 61
FIGURA 8 – Expansão urbana 1960 a 2000 62
FIGURA 9 – Mapa da delimitação do perímetro urbano em 2017 63
FIGURA 10 – Sebastião do Cotinha e sua esposa Rosângela 68
FIGURA 11 – Alferes seguram as bandeiras dos galhos direito e esquerdo 73
FIGURA 12 – Chegada da Folia Mineira ao pouso 82
FIGURA 13 – Grupo de Catira da Folia do Brejo Grande 88
FIGURA 14 – Imagem do Mito da Origem das folias de reis 111
FIGURA 15 – Grupo da Folia Mineira Canta para pagador de promessa 118
FIGURA 16 – Galho esquerdo da Folia do Brejo Grande 127
FIGURA 17 – Embaixador Luiz Carlos Gomes Frazão 129
FIGURA 18 – Chegada da Folia Mineira ao pouso 131
FIGURA 19 – Foliões se ajoelham em momento de cantoria 132
FIGURA 20 – “Bela janta”, na saída da Folia do Brejo Grande 135
FIGURA 21 – Sebastião Raimundo, à esquerda, e Sebastião Camilo, à direita 159
FIGURA 22 – João do Pulo, embaixador e violonista da Folia do Brejo Grande 177
FIGURA 23 – Casal de foliões cantam música sertaneja 177
FIGURA 24 – André (de costas) e Andrade (de chapéu azul) 177
FIGURA 25 – Foliões da Folia Mineira cantam o “Bendito da mesa” 180
FIGURA 26 – Embaixador Bruno José Dutra conduz a cantoria 180
FIGURA 27 – Vendedores ambulantes ocupam a praça central 203
FIGURA 28 – Encenação teatral da viagem dos Reis Magos 204
FIGURA 29 – Grupo de catira Orgulho Caipira 204
FIGURA 30 – Multidão de devotos participa da festa do dia 06 de janeiro 207
FIGURA 31 – para alimentar milhares de devotos e turistas 208

FIGURA 32 – Depois de fazer a cantoria da chegada da folia 210
FIGURA 33 – A dupla Tião Moreno (Andrade) e Zé Pretinho (André) 221
FIGURA 34 – Estrutura organizacional das folias de reis de Itaguari.....262

SUMÁRIO

Introdução 15

A SAÍDA (do Oriente)

Capítulo 1 - Itaguari: da origem caipira à cidade das folias de reis.....32

1.1. Identificação e festas de folias de reis 32

1.2. Itaguari antes de Itaguari 33

1.3. Cultura goiana: caipira, festeira e solidária 41

1.4. Os Procópio, os Couto e o início do povoado.....45

1.4.1 Pedro Procópio de Oliveira 45

1.4.2 José Eduardo do Couto e a fundação do povoado.....49

1.5 Produção de indústria têxtil: moda íntima 58

1.6 Educação 60

1.7 Infraestrutura urbana 62

1.8 As folias de reis de Itaguari 66

1.8.1 Folia do Brejo Grande 66

1.8.2 Folia Goiana 73

1.8.3 A Folia de Reis Mineira 81

O GIRO

Capítulo 2 – Folias de reis, memória, mito e folias de reis de Itaguari 87

2.1 Folias de reis: de dança colonial à representação do cotidiano 87

2.2 História oral, memória e histórica 97

2.3 Mito, história e mitos basilares.....107

2.4 A densidade sócio-histórica do mito 117

2.4.1 Mito de origem da folia 120

2.4.2 Mito do santo milagreiro 121

2.4.3 Mito do santo castigador 121

2.4.4 Mito do santo misterioso 121

2.5 O Ritual das folias em execução: suas etapas ponto a ponto 121

2.5.1 Um ritual festivo do mundo camponês 121

2.5.2 Preparação e roteiro do giro 125

2.5.3 Os ensaios das folias 126
2.5.4 A estrutura das cantorias 127
2.5.5 As saídas 129
2.5.6 O giro 130
2.5.7 O pouso 133
2.5.8 A chegada 134
2.5.9 A alimentação 136
2.5.10 Escolha e função dos festeiros e dos pouseiros 142
2.5.11 A questão financeira 149

O POUSO

Capítulo 3 – Eficácia dos mitos do sertão em contos e cantorias 153
3.1 – Mitos do sertão, contos e cantorias 153
3.1.1 Narrativas das folias de reis de Itaguari (o conto) 158
3.1.1.1 Narrativas da Folia do Brejo Grande 159
3.1.1.2 Narrativas da Folia Mineira 161
3.1.1.3 Narrativas da Folia Goiana 165
3.1.2 Música e memóriasocial (a cantoria) 167
3.1.2.1 Música folclórica, folia de reis e música sertaneja raiz 169
3.1.2.2 As cantorias das folias de reis 182

A CHEGADA (a Belém)

Capítulo 4 – Celebração popular do "santo" e identidade sócio-histórica 203
4.1 A festa do dia 06 de janeiro e exaltação do mito (da bandeira).....204
4.1.1 Foliões, embaixadores e a festa do dia 06 208
4.1.2 Os artistas, a cantoria e a exposição do "santo" 216
4.2 Entre milagres e castigos, a construção sócio-histórica 227
4.2.1 Folia de reis: uma prática da *ética do bem viver*.....227
4.2.1.1 "Nossa reza é simples" e "a festa é do povo" 229
4.2.1.2 Folias de reis e Catolicismo Popular 233
4.2.2 Memória e identidade sócio-histórica das folias itaguarinas 236

Considerações finais 242
Estrutura organizacional das folias de reis de Itaguari 251
Documentos e fontes 252
Referências bibliográficas 256
Anexos 264

Introdução

Santo Reis pra mim é minha vida:
tudo que eu preciso na folia, eu consigo,
comendo, bebendo, festando.
Por isso tudo que eu faço, primeiro eu penso neles,
depois eu faço.

Ditim Mandi (in memoriam),
embaixador de Americano do Brasil.

O repique dos tambores e o compasso determinado pela sanfona, seguidos da cantoria lenta entoada pelo embaixador e demais foliões foram criando espaços em minha memória, na forma de moldura principal. E tão logo chegamos ao pouso da folia de reis, já se findava a cantoria e a reza do terço; então participamos do jantar descontraidamente e sem nenhuma paga. A alguns metros do aglomerado maior composto de foliões e devotos, eu saboreava o jantar saboroso e farto, observando o vaivém daquelas pessoas, naquela casa do senhor Nadir Silva, a 3 quilômetros da cidade de Americano do Brasil. Logo, até a mim veio um mascarado com seus gracejos, me cumprimentando. Assim que se afastou, meu pai pôs-se a me explicar, dizendo que se tratava do palhaço da folia, que ele protegia a bandeira e brincava com o povo, principalmente com as crianças. Estas lembranças saudosas ficariam em minha memória para sempre: a comida farta e gratuita, o grupo de pessoas em torno da bandeira de Santos Reis e um mascarado chamado palhaço que protegia e brincava.

Meses e anos se passaram e fui descobrindo que o embaixador daquela folia era o senhor Sebastião Longuinho, pai do João, um deficiente auditivo – o João – que não falava e que morava frente à minha casa. Em vésperas da saída da folia, sentado em um banco de madeira frente à sua casa, por vezes vi o João fabricando máscaras para os palhaços. Ele mesmo ia aos comércios e conseguia papelão, papeis coloridos, tintas, agulhas, linhas e colas. Antes, durante e depois de seu fabrico, a alegria do João era mostrar para os curiosos que dali se aproximavam o processo de fabricação de suas máscaras. Em gestos mímicos pontuais, precisos, João tanto se esquecia de si mesmo que até babava, mas momento algum deixava o visitante sem explicação da construção de sua máscara. Quando pronta, ele mesmo saía, ia aos vizinhos mostrar o seu feito. E no dia de ir com seu pai para "tirar a folia", lá estava João, com roupa nova, atencioso como ninguém, fazendo daquele ofício quiçá o mais importante de sua vida. Quando chegava a camioneta recolhendo os

foliões, João era ajudado a nela subir, já que não tinha tanta habilidade nas pernas, por isso andava meio torto. E eu via o João e demais sumirem após a curva da avenida, levando, ele, no rosto a estampa de uma alegria contagiante, como se fosse ao encontro de algo que lhe faria um bem indescritível, que lhe proporcionaria uma satisfação imensurável, do tipo que só vivendo para sentir. João gostava tanto de participar das folias de reis que às vezes que não lhe permitiram ir, ficava inconsolável: chorava, mesmo já tendo os seus 30 e poucos anos; resmungava, esfregando o rosto com a mão e puxando seus cabelos; no momento de saída, seus irmãos precisavam segurá-lo. Passava dias triste, sentado em seu banco de madeira, frente à sua casa. Menos triste ficava só quando seu pai voltava e lhe acenava um pouco do que foi a folia de reis e mostrava alguns ganhos (frangos, guarirobas, ovos, queijos...) que recebia de famílias visitadas.

A paixão que o João sempre teve por folia de reis me impressionou, aumentando em mim, ano após ano, o desejo de ir à fonte motivadora do João, que estaria em um encontro de folia, pensava. E, pela segunda, vez fui a um pouso. Agora, sim, acompanhei todo rito: cheguei mais cedo ao local, esperamos um pouco e logo chegou o grupo que fez coreografia com uma, duas e três voltas à frente da casa do morador. Depois cantou no primeiro, segundo e terceiro arcos. Em um deles, um dos dois palhaços procurou e encontrou dinheiro enterrado ao pé daquele arco enfeitado com papeis coloridos e folhas de bananeiras. Frente ao altar, já dentro da casa do morador, o que mais me impressionou foi ver um dos palhaços que, parado, fixava os olhos no embaixador Sebastião Longuinho. A cantoria fez a saudação, fazendo referências bíblicas e narrando as profecias, a anunciação, o nascimento, a viagem dos Três Reis Magos, a adoração, os presentes, a viagem de volta, as interferências de devotos que vinham, se ajoelhavam, choravam, saíam; cantou também para os que colocavam algum dinheiro ou foto dependurados naquela bandeira. E o tempo todo o palhaço estava ali, olhos fixos no embaixador que, olhos fechados enquanto cantava, só os abria quando os demais foliões respondiam repetindo o que cantava. Findada a cantoria, foliões seguiram para um quarto para “guardar os instrumentos” e a farda dos palhaços. E confirmou-se o que eu já suspeitava: pelo andado torto que tinha, um dos palhaços era o João, que seguia seu pai por onde ele fosse. E seu pai o tratava como o filho muitíssimo querido, compartilhando com ele a atenção e elogios que recebia e os presentes que ganhava. Ante aqueles gestos de devoção, de amor filial/paternal, concluí que João e eu não tínhamos chegado até à fonte primeira que atraía e motivavafoliões e devotos a se exporempor dias a sacrifícios, sob sol ou chuvas,

caminhando grandes distâncias a pé, atrás de uma bandeira, cantando melodias chorosas, rezando terço, falando de milagres e castigos, e, por fim, esbanjando-se em meio a almoços e jantares fartos de ingredientes e de alegria sem iguais. João não encontrou a fonte que eu procurava porque para ele sua fonte era seu pai: ele o cultuava, assistindo-o a cantar, acompanhando-o durante todo giro daquela folia – penso que ele jamais soube quem são Santos Reis. E eu queria saber o que atraía e motiva seu pai a cantar, bem como os demais seguidores daquela bandeira. Mais do que João, passei a admirar seu pai, cuja cantoria pouco entendia devido sua dicção que priorizava mais o sentido das palavras do que a clareza de sua grafia; mais a mística do que altura e harmonia sonoras produzidas pelos instrumentos e vozes do grupo. Além da voz peculiar do embaixador, me admirava também o que bastava para João, já que ele nada ouvia: os gestos devocionais de fechar os olhos e contemplar profundamente algo sagrado.Algo que para mim continuaria misterioso durante anos, já que nunca me foi suficiente dizer que tudo que faziam era por devoção a Santos Reis. Sebastião Longuinho faleceu e foi sepultado em Americano do Brasil, próximo aos seus 90 anos. Hoje João vive com sua irmã Maria, em Trindade.

Dois outros embaixadores são sujeitos de minhas memórias. O primeiro, Ditinho Mandi: alegre, contador de piadas, declamador de versos, devoto de Santos Reis. Várias vezes falou comigo de sua fé, da alegria de estar numa folia cantando, tocando sua viola, cantando suas músicas sertanejas raiz. Era a alegria do grupo. Ainda jovem, Ditinho faleceu devido ao uso de bebidas alcoólicas. A folia o fazia alegre, fraterno... e era o "único lugar onde eu rezo de verdade", dizia, e até bebia menos. O segundo, Dito Porva: sério, sistemático, rezador de fato. Quando ficava sabendo que eu chegava à folia, me chamava imediatamente para que eu recebesse seus elogios e ocupasse algum lugar no grupo, seja para rezar o terço, ocupar um dos primeiros lugares na hora da alimentação ou simplesmente para fazer uma fala para os foliões. Dito Porva foi quem me introduziu num grupo de folia de reis, o grupo de Americano do Brasil, quando fazia pouso na Fazenda do Senhor Salvador, do Retiro, distrito de Itaberaí. Faleceu de problema cardíaco, pedindo, antes do fulminante ataque, que Deus não o deixasse morrer.

Esses três embaixadores se tornaram para mim referências de um desafio que perduraria anos. A atração e a motivação que os levavam a seguir aquela folia de reis com tanto gosto tornaram-se para mim desafio que um dia eu deveria desvendar, um problema que eu deveria resolver de forma convincente e bem fundamentada.

Anos se passaram e decidi seguir a vocação religiosa, crente de que ela satisfaria minha vocação humana: fui ser padre católico com intuito de ser um cristão melhor ainda. Em tempos de seminário, acompanhei grupos de folias de reis em Trindade, quando missionário redentorista. Descontente em vê-los visitando residências da cidade e cantando só à porta das igrejas locais, coloquei-os para cantar dentro delas, frente ao altar. E até dentro do Santuário Basílica, executando toda parte do grupo de canto, quando iniciei a celebração de Missa dos Carreiros, em 1996. Em 2005, dia 11 de dezembro, realizamos o único encontro de folias de reis no Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, ao lado do templo, com a presença de dezenas de grupos, as duplas sertanejas André e Andrade e Irmãs Freitas, com total apoio da reitoria do santuário.

Em 2006, avesso às perturbações advindas das cidades grandes por onde andei, decidi morar em paróquia do interior goiano, próximo à minha família e cidade de criação. Então, sem conhecer de fato, fui destinado a morar na paróquia de Itaguari, da Diocese de Goiás, onde acontece, coincidentemente, a maior festa de folias de reis de Goiás, talvez do Brasil. Naquele ano que para lá fui concelebrei a primeira Missa de Santos Reis, dia 06 de janeiro, tendo sido presidida pelo bispo Dom Eugênio Rixen. Após a celebração, almocei e voltei a Goiânia para, no dia 29 de janeiro, tomar posse daquela paróquia. A impressão maior tive participando de todas as saídas, giros, pousos e chegadas das três folias nos três anos seguintes, tempo em que lá fiquei. Em 25 de dezembro participei da saída da Folia Mineira, girando com o grupo o dia todo; dia 30, da saída da Folia do Brejo Grande, girando toda noite, a cavalo; dia 31, com os foliões da Folia Goiana, rezando o terço da saída e visitando casas até a hora do pouso. As duas primeiras folias de reis me causaram encantamento pelas suas particularidades: a Mineira, por se parecer com a folia da minha infância, cantando nas regiões rurais e na cidade; a do Brejo Grande, por girar a noite, algo inédito para mim; já a Goiana me impactou pelo quantitativo de pessoas presentes. Uma multidão, com tendas montadas, palco, som, iluminação e comida à vontade para quem quisesse a qualquer hora, mesmo antes da chegada da folia.

Agora, sim, minha dúvida tinha se tornado um problema: via não somente foliões e devotos seguindo bandeiras, mas uma multidão de pessoas que iam para a “festa de folia”, não necessariamente para exercitar sua devoção. Foliões e devotos tudo preparavam por meio de doações de víveres e serviços. O que os motivava a se sacrificarem tanto, subindo e descendo serras, sob sol e chuvas e passando noites mal dormidas? Esta era a pergunta fundamental que formulei a partir de várias indagações surgidas. E se tornando

problema, mereceria uma pesquisa com objetivo, fundamento teórico, critério e método científico.

A participação nas folias de reis de Itaguari nos anos seguintes, enquanto pároco, na organização de eventos antes, durante e depois de suas realizações, avivou mais ainda em mim o desejo buscar resposta ao problema delas surgido. Não me contentando com as respostas que repentinamente vinham, comecei a estudar e a fazer pesquisas bibliográficas sobre folias de reis com a intenção de montar um projeto de pesquisa.

Até então tinha concluído licenciatura em filosofia na Faculdade IFITEG, bacharelado em teologia e mestrado em ciências da religião na PUC Goiás. E decidi me preparar para doutorado em História, tendo como objeto de pesquisa as folias de reis itaguarinas. Fiz várias leituras afins, iniciando com "*Meu senhor dono da casa:* os 50 anos da folia de reis das Lajes" (município de Itapuranga-GO), do professor Jadir de Morais Pessoa, Edson Pessoa e Edson Alves Vianês. Por meio desse professor, me introduzi em leituras de Carlos Rodrigues Brandão, dentre elas: "*A folia de Reis de Mossâmedes:* etnografia de um ritual camponês", de 1983; "*Memória do sagrado*: estudos da religião e ritual", de 1985, e "*Os deuses do povo:* um estudo sobre religião popular", de 1986. Depois veio "*Saberes em festa:* gestos de ensinar e aprender na cultura popular", de 2005, também do professor Jadir de Morais Pessoa e dele, em co-autoria com Madeleine Félix, *"As viagens dos reis magos*", de 2007. Só de sua autoria: "*Mestres de caixa e de viola"*, de 2016; por fim, vi a importante obra de Sebastião Rios e Talita Viana: *"Toadas de Santos Reis em Inhumas – Goiás:* tradição, circulação e criação individual", de 2015. Essas leituras ajudaram a construir o nosso caminho teórico e a formular o tema, em meio ao amplo leque de opções.

No ano em que fui aprovado no processo seletivo para cursar este doutorado, tornei-me também prefeito municipal de Itaguari. Nesse período cursei as disciplinas necessárias, iniciei as pesquisas de campo e fiz a qualificação. Importantes correções e sugestões foram apresentadas. E feitas as mudanças no texto a partir daí, dei continuidade à pesquisa, fiz as transcrições de depoimentos e cantorias e a separação do material que seria utilizado de fato. Enquanto gestor público tive a oportunidade de ter um olhar específico sobre as folias. Vi como tinha sido a atuação do poder público até então, em relação a cada uma das folias, principalmente no tocante à Folia Goiana, que nos últimos 15 anos sempre teve mais investimentos públicos municipais. Ampliei ajuda às outras duas folias, até então quase inexistente, deixando claro aos festeiros de todas elas que o governo municipal era

parceiro, que a responsabilidade de realização era deles, por isso não havia interferência de minha parte nas escolhas dos pouseiros e dos festeiros de cada ano ou de qualquer outra ordem.

Vi-me, adentrando ao mesmo tempo leituras afins, num emaranhado de interrogações porque, basicamente, me deparava com desarmonias conceituais: vim de uma formação filosófico-teológica muito sustentada por influências marxistas e da Teologia da Libertação. Minhas análises sobre os fatos e acontecimentos tendiam a uma crítica sócio-político econômica. Pus-me então a fazer leituras da teoria da história para, em seguidadar sustentação ao meu projeto de pesquisa.

Estudar a história da história foi tarefa indispensável já que, vindo de outras áreas do conhecimento, deparei-me com dificuldades em certas leituras, interpretações de textos próximos e, por conseguinte, na produção dos primeiros trabalhos acadêmicos.

Um olhar sobre a realidade me obrigou a destacar as pluralidades culturais existentes nas sociedades, e que estão cada vez maiores e mais complexas, em ritmo cada vez mais intenso. As múltiplas culturas tornam-se objetos de pesquisas de inúmeros trabalhos científicos nas mais diversas áreas do conhecimento humano. E as formas de abordagem se diversificam conforme os pressupostos adotados, mesmo dentro de uma mesma referência teórico-metodológica. Sabedor disso, coloquei-me na tentativa de estabelecer uma linha teórica, segui-la respeitando os instrumentos com os quais produziria história nos moldes da História Cultural. E para que não houvesse equívoco nesse seguimento, a opção que adotei foi a de me assegurar desses condicionamentos refletindo, de antemão, sobre a história da história. O intento seria aprofundar as opções teóricas existentes, num primeiro momento, para, num segundo, fazer as opções teóricas pertinentes.

Dosse (2003) diz que a história tem valor pedagógico: é “uma difusão de uma identidade nacional, distinta da raça e do Estado, definida por seus costumes, sua língua, sua cultura.” Houve tempo em que se tentou até fazer da História uma ciência de verdades exatas, de leis universais e inquestionáveis.

> A história tem o seu lugar específico no campo do conhecimento. Suas proposições não são inquestionáveis e devem estar longe de tornarem-se unívocas. Esse pode ser a delimitação do espaço do historiador que poderá tornar a História como uma proto-arte próxima da Ciência e da Filosofia, podendo manter, com estas áreas do conhecimento, diálogo permanente, enfatizando, conforme as problemáticas e temáticas a ser estudadas em

> cada momento, um destes seus aspectos (ALBUQUERQUEJÚNIOR, 2007, p. 64).

Fuiaprofundando estudos sobre a importância social da história, do historiador. Vi que a necessidade do historiador se faz necessáriaà medida que a sociedade carece de narrativas históricas e os homens de voltar ao passado para refletir sobre suas experiências do momento, comparando-as, por exemplo. “Se a vida é amiga da arte, enquanto houver vida e quisermos vivê-la de forma cada vez melhor, precisaremos da arte, da arte de inventar novos mundos possíveis, inclusive da arte de inventar o passado” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 64). Para essa invenção, o historiador se vale da singularidade do seu objeto, o objeto da história, que são: “um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que seu objetivo, como o de todas as ciências, é atingir o universal, o geral, o regular” (LE GOFF, 1984, p. 169). Nesse processo de invenção, o historiador narra fatos ou acontecimentos passados. Sua narrativa histórica serve para tornar o passado presente, sabendo que passado, presente e futuro é que formam a consciência histórica.

Sempre com fundamentação convincente, o historiador deve valer-se de uma teoria para explicar em que consiste o passado humano. E cabe a ela oferecer meios consistentes para refletir sobre o conhecimento histórico, dando fundamento e orientação ao trabalho do historiador. Tendo isso, o historiador se ancora nos elementos tirados da realidade e constrói sua narrativa, versão ou mosaico sobre a realidade histórica. Esse “processo de construção ou de produção opera em uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória – como um elemento permanente do vivido –, atende a um processo de mudança ou de conservação” (MONTENEGRO, 2007, p. 19). Nesse sentido a história é uma representação do real que se reformula, a partir de indagações que possam surgir, inclusive advindas da descoberta de outras fontes ou documentos (MONTENEGRO, 2007).

Para se chegar à clareza de idéias em relação ao fundamento e aos procedimentos que o historiador deve ter e adotar, foi necessário que compreendesse que o historiador tem diante de si vários caminhos teóricos e precisa escolher um e, com ele, definir ferramentas específicas. Só assim, seguidamente, se produzirá história. A possibilidade do conhecimento histórico está condicionada, portanto, à sua teoria e às suas ferramentas disponibilizadas ao historiador na condução de seu ofício. São elas que oficiam

o pesquisador, tornando-o credenciado a construir representações do passado, a narrar história.

> A historiografia moderna implica, desde o século XIX, um conjunto de métodos e técnicas, relativos à investigação e crítica das fontes documentais, entendidos como procedimentos prévios e imprescindíveis à elaboração do discurso como portador de conhecimento sobre a "realidade" definida genericamente como "passado". A condição de possibilidade deste conhecimento está fundamentada nos pressupostos teóricos-metodológicos da produção do discurso histórico. Tais pressupostos apresentam-se em termos de relações entre sujeito e objeto do conhecimento materializadas no próprio discurso ou texto de história. (FALCON, 2002, p. 28).

Foi seguindo esse caminho que historiadores, após longas discussões e produções, construíram outra teoria da história, a História Cultural, a que aqui adoto.

Na busca de narrar fatos ou acontecimentos do passado, sendo essa a sua missão, historiadores, descontentes como as produções que se valiam das teorias clássicas, puderam tratar da cultura ou de aspectos culturais de um povo em função de duas modalidades ou concepções básicas: as práticas e as representações, segundo Falcon (2002). Essas representações são construídas valendo-se da memória. E são representações culturais, porque referem-se ao agir do ser humano no mundo, no seu relacionar-se com seu meios e com outros indivíduos. E é na perspectiva das representações culturais, que

> [...] a cultura apresenta-se como resultante de algum tipo de ação (mental, espiritual, ideológica, como queiram) das práticas culturais sobre o respectivo grupo humano considerado (nas práticas), quer em seus aspectos coletivos quer, eventualmente pelo menos, em seus componentes culturais. Trata-se, assim, da cultura como representante coletiva e também expressão de algum tipo de finalidade inerente à própria cultura (FALCON, 2002, p. 61).

E isso só foi possível graças aos processos de reflexão constantes efetivados por pesquisadores, por historiadores das diversas áreas. A inter-relação foi o resultado desses processos, da chamada crise que se manifestou entre os que pensavam a teoria da história. Para Falcon, a chamada crise da história tem como uma de suas características a aproximação de três outras áreas de conhecimento: "a antropologia, a teoria literária, associada ou não à lingüística, e a política" (2002, p. 90).

A produção do conhecimento histórico, portanto, nessa linha, se credencia a objetivar qualquer ação humana. Qualquer produção material ou quaisquer valores imateriais que também englobam o conteúdo histórico de uma pessoa, de um povo ou de um acontecimento.

> Peter Burke e outros antropólogos e historiadores defendem que a noção de cultura, hoje, está ligada a quase tudo o que pode ser aprendido em uma dada sociedade – como comer, beber, andar, falar, silenciar, brincar, dançar e assim por diante. "Um sistema de significados, atitudes e valores compartilhados, e as formas simbólicas (apresentações e artefatos) nas quais eles se expressam ou se incorporam". Todo um modo de vida que retrata as ações ou noções subjacentes à vida cotidiana, que varia de sociedade a sociedade, e pode mudar de um século para outro. Uma construção histórica e social (GABRIEL, 2008, p. 77)[1].

Foi com a aproximação da antropologia, particularmente, como área importante para se narrar história dentro de uma nova concepção, que se tornou necessário tratar do elemento cultura, condição indispensável para narrar a história das folias de reis de Itaguari. Se há alguns decênios atrás folias de reis eram estudadas quase que só sob a ótica da antropologia, hoje um historiador pode tê-las como objeto de estudo. A ampliação do campo de ação do historiador, tanto qualitativa como quantitativamente, só foi possível porque o próprio conceito de história foi reconstruído. Em meio a outros campos de produção da História, surge a História Cultural. Segue o que constitui a proposta dessa teoria da História que se vale de representações para, de forma ampla e profunda – jamais absoluta –, decifrar o passado, conforme diz Pesavento:

> Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. [...] A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele (2005, p. 42).

---

[1] Os historiadores passaram também a usar uma variedade maior de documentos, tais como: fontes orais, auditivas e visuais; estão prestando atenção às formas como as narrativas são construídas, estão incorporando a subjetividade, estão se aproximando de disciplinas que têm familiaridade com o simbólico, como a antropologia e a literatura, e estão estudando temas completamente impensáveis há alguns anos, como as emoções, a vida cotidiana, os significados, as representações e... os mitos (AMADO, 2012, p. 58).

Foi a partir da década de 1960 que a História voltou-se para a antropologia. Com isso, temas que outrora eram tipicamente do campo antropológico, passam a ser tratados pela História Cultural. E, a partir das décadas de 1980 e 1990, houve um interesse maior pelo estudo de "cultura", da "história cultural" e dos "estudos culturais" (BURKE, 2005). Muitas publicações mostram a preocupação de historiadores dessa época, conforme se nota pelos títulos de seus livros: "a cultura do mérito", "a cultura do jogo", "cultura do amor", "a cultura do puritanismo".

Brandão aprofunda o conceito de cultura, compreendendo-a como atividade humana no mundo, histórica. O homem não está, diz, simplesmente inserido nela, opõe-se a ela para transformá-la.

> A cultura é histórica, no sentido de que a atividade humana que *cria* a história é aquela que *faz* a cultura. Assim, a própria história humana não é outra coisa senão a trajetória do processo por meio do qual o trabalho social do homem opera a dialética da transformação da natureza em cultura. Opera a passagem de um mundo *dado* ao homem para um mundo *construído* pelo homem. Portanto, a posição do homem no mundo não é de inserção, de imersão, mas de oposição criadora (BRANDÃO, 2002, p. 39).

Pode-se dizer então que as sociedades humanas são únicas e em transformação, possuindo um sistema cultural próprio formado por vários sistemas simbólicos que são coletivamente compartilhados. Estão presentes nessas sociedades determinadas "visão de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas; experiências diferenciadas nos grupos humanos, chaves das identidades sociais" (VIANNA, 2008, p. 119). Ao tratar de cultura, portanto, não se está fazendo uma simples referência às artes e às ciências, nem tampouco à música folclórica ou medicina popular simplesmente. Cultura refere-se ao "todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (BURKE, 2005, p. 43).

Para Brandão (2002), dentre outras coisas, o que diferencia o ser humano dos seres comuns, que também sentem, percebem, lembram, sabem e agem, é que aquele teve que aprender a entrelaçar esses valores uns com os outros, podendo viver cada um em seu tempo sem a interferência dos outros, lidando com os desejos do corpo e do espírito. "Nós, humanos, nos cercamos de ritos e palavras. Lembramos uma vez ainda a vida vivida, falamos a nós mesmos, aos nossos e a Deus, dizemos despedidas e preces" (BRANDÃO,

2002, p. 19). O ser humano cria e, se necessário, recria o mundo a sua volta, numa às vezes lenta, mas constante adaptação aos padrões da Natureza.

Brandão entende que o ser humano, pelo trabalho, lidando com a Natureza,é capaz criar e recriar, construindo, assim, sentido às coisas à sua volta. Ele constrói valor simbólico aos seus atos ou objetos com os quais se relaciona.

> Assim, em um almoço entre amigos comemos a comida quente e boa à volta da mesa, enquanto trocamos entre nós as mensagens. Sentimentos, evocação, idéias e valores de vida que nos dizemos uns aos outros através do que comemos. Através do modo como comemos e através do que criamos como preceitos de códigos de normas, como a rotina de todos os dias, como a celebração única num ano ou na vida, em volta da mesa em que nos reunimos para saciar a fome dos nossos corpos, e para dar respostas à fome de símbolos e de sentidos de afeto e vida que transformam ritualmente uma "comida" em uma "refeição" e uma refeição em uma "festa". (BRANDÃO, 2002, p. 20/21).

A interação em ambientes culturais diferentes com outros indivíduos é próprio do ser humano na sua vivência no mundo.

> Em diferentes cenários de trocas e de reciprocidades cujos atores, autores, sobre as leis da natureza que fazem de nós e dos animais, machos e fêmeas, pensam, criam e administram regras sociais que nos transformam em maridos e esposas, em irmãos e primos, sobrinhos, filhas e afilhadas. Eis a razão pela qual alguns estudiosos da pessoa humana e da cultura consideram esta obrigação criativa de construção social de sistemas de atribuição de sentido e de orientação das condutas interativas entre categorias de pessoas, como o momento fundador da própria cultura (BRANDÃO, 2002, p. 21/2).

Para Brandão o ser humano constrói o mundo em que vive. Cria relações sociais a partir de códigos ou regras que ele mesmo vai estabelecendo num processo permanente. Dá sentido particular a cada gesto ou objeto que encontra, de acordo com a gama de elementos que o ajudam nesse sentido. Assim, gera cultura, formas diferenciadas de ser e de viver nas mais diferentes possibilidades existentes no mundo. Ademais, viver cultura é estabelecer a possibilidade do presente, porque a cultura é o que possibilita os relacionamentos sociais.

> Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos vida social possível e significativa (BRANDÃO, 2002, p. 24).

Os conceitos sobre cultura até então apresentados se identificam, em partes, mas se diferenciam no essencial. Discuti-los e direcioná-los no momento é extremamente necessário porque dará mote à toda argumentação seguinte, quando se falará de mito, de memória e de suas correlações com a história das folias de reis de Itaguari. Segundo a reflexão, para Geertz (1989) cultura supõe uma cadeia padrão de relacionamentos a partir de signos interpretativos e que podem ser descritos minuciosamente. Signos esses que formam teias e foram construídos pelo próprio homem, e que o amarram. Bourdieu (2005) entende que cultura une e separa as pessoas, distinguindo-as entre dominante e dominado. E pensar cultura supõe necessariamente ater-se à tradição, conhecimentos e habilidades que são transmitidos de geração para geração, diz Burke. Voltando ao antropólogo Brandão, entende ele que cultura compreende, sim, a um sistema de significados construído pelo próprio homem e nele há costumes e práticas que são passados e repassados de geração para geração. Mas que não o prende ali, nem o torna parte de uma classe específica, subalternizada nas relações sócio-políticas instituídas. Para Brandão cultura é o resultado da ação de trabalho social do ser humano no mundo. Pelo trabalho ele cria a realidade cultural. Assim, numa relação dialética com a natureza, ele faz a história, constrói o mundo à sua volta por meio da oposição que faz a ele.

Tal conceito de cultura construído por Brandão é o que será adotado aqui porque entende ser cultura uma dimensão comum e especial ao mesmo tempo, dentro da qual se estruturam poderes e sentidos que transformam pessoas e sujeitos de ação. E constrói identidades comuns, redes de sentidos que interligam pessoas, fazendo-as compartilhar a vida e à mesma dar motivos de existência. A pessoa, neste caso, não se faz inerte e mera reprodutora das práticas culturais à sua volta, mas, com diz o próprio Brandão, o homem cria oposição ante a realidade do mundo de forma dinâmica, criadora.

Sob da ótica da cultura, faz-se aqui um recorte, adentrando em um de seus campos, o da cultura popular.

> Incluem-se aí as celebrações e saberes da cultura popular: as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, os mistérios e mitos, a literatura oral e tantas, tantas

> expressões diferentes que fazem nosso país culturalmente tão diverso e rico (VIANNA, 2008, p. 119).

Ater-se-á, ainda que os exemplos conceituais já direcionem o caminhar da reflexão, a uma análise mais profunda sobre a questão da cultura popular. Partindo de Bakhtin, em texto de Ginzburg (1989), pode-se dizer que existe uma "circularidade" entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas (popular). Partindo daí, pode-se dizer que é improcedente a tese que sustenta que as ideias nascem exclusivamente no âmbito das classes dominantes. De fato existe um estado de tensão na relação de forças entre as classes, a dos dominantes e a dos subalternos. Cultura pode, assim, ter a ver com a estrutura organizacional de uma sociedade; mas trata-se, sobretudo, das manifestações festivas e das tradições orais e religiosas de um povo e do modo que tem de se expressar e dos significados e valores que atribui àquilo que faz. Já seguindo uma linha de reflexão próxima à de Brandão (1993), para Pessoa (1993)

> A cultura popular é assim: ela não nasce nos livros ou na escola. Ela nasce no cotidiano de vida e de trabalho de homens e mulheres enquanto constroem os ingredientes de sua sobrevivência. Por isso, quando encontrarmos um grupo de foliões de reis pelo interior de Minas e de Goiás, tocando caixa e violas; quando encontrarmos uma roda de congo cantando ao som de suas casacas em todo o litoral do Espírito Santo; quando presenciarmos o pequeno e original Boi de Madre Deus, um bairro da velha São Luís do Maranhão, com seus tambores e mesuras; não estamos diante de uma exposição de ideias e, muito menos, de um espetáculo. Estamos diante de um grupo de trabalhadores e trabalhadoras, dizendo muito, com seu canto e sua dança, sobre suas crenças, sua alegre sociabilidade e sua expressiva forma de ensinar essas coisas às novas gerações. E tudo o que esses sujeitos desejam é serem tratados com dignidade, ou seja, terem a confiança de que o que fazem, faz sentido (PESSOA, 2005, p. 8).

A cultura popular é, como se nota, espontânea e cada um dos grupos que compõem essa cultura tem sentido próprio. Não tem lugar próprio, nasce em qualquer lugar (CALDAS, 1986); não tem encarregado, e nem é sem dono; não depende de formação, recurso ou platéia; é comum das pessoas comuns, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas do dia a dia (PESSOA, 1993). Ela também interage, modifica e é modificada ou simplesmente se relaciona[2].

---

[2] Anastácio menciona o exemplo dos Magos do Oriente: "os Reis Magos representam as culturas não-judaicas que entram no conhecimento do Cristo. Eles entregam ao Cristo a sua cultura, ou seja, o ouro, incenso e mirra, as suas riquezas e que são acolhidas. Eles fizeram uma opção pelo Cristianismo sem perder sua referência cultural" (ANÁSTÁCIO, 2005, p. 32).

Em meio ao campo da cultura popular, é necessário fazer outro recorte para se chegar mais precisamente ao específico do que aqui se busca: tratar dos fundamentos sagrados que sustentam toda a mística dos foliões e devotos das folias de reis de Itaguari. Tal recorte leva ao folclore.

> ...ciência considerada indispensável para o conhecimento social e psicológico de um povo, deve seu nome ao arqueólogo inglês William John Thoms, que no dia 22 de agosto de 1846 empregou pela primeira vez a palavra *folk-lore*, composta de dois vocábulos saxônicos antigos: *folk*, significando povo, e *lore*, que quer dizer conhecimento ou ciência. Portanto, o folclore pode ser definido como a ciência que estuda todas as manifestações do saber popular (MEGALE, 1999, p. 11).

Folclore "é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional" (CASCUDO, 1954, p. 400). As celebrações ou manifestações folclóricas vão tornando tradicionais os valores produzidos no presente, integrando-os na coletividade. O fato folclórico é fenômeno cultural, afirma Araújo (2007). Manifesta-se na realidade brasileira porque é fruto das condições sócio-históricas que possibilitaram a emergência dos saberes folclóricos. E é nessa realidade que pode ser "recoltado, desempenhando função social, trazendo em seu bojo as características do popular..." (ARAÚJO, 2007, p. 3). Enquanto fenômeno cultural, o folclore pode se equivaler ao que se entende por cultura popular [3]. Muito embora, como adverte Albuquerque Júnior (2013), a manifestação popular ou o fato folclórico são "vistos e ditos como se estivessem morrendo, precisando de salvação e resgate por parte dos letrados que por eles se interessam" (p. 20), o fato folclórico é espaço fértil para nascimento e articulação do mito, representação do sagrado. Presente na memória coletiva de um povo ou grupo cultural como registro e lembranças, mitos parecem levar foliões e devotos à conservação e dinamização dos seus gestos e costumes comuns.

As folias de reis de Itaguari são fato folclórico porque condensam saberes do povo. São expressão da cultura popular, se apresentam como atividade cultural inserida nas relações sociais do povo itaguarino e, por isso, fazem parte da sua história.

---

[3] A Carta do Folclore Brasileiro foi o resultado do trabalho realizado pelos membros da Comissão Brasileira de Folclore em seu VIII Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Salvador-BA, de 12 a 16 de dezembro de 1995. Nela, quando ao sentido dos termos folclore e cultura popular, se diz: "Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO" (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1995).

Valem-se de mitos que são seus fundamentos, que formam suas bases, como o principal deles: da viagem dos Reis Magos (Melquior, Gaspar e Baltazar), que saíram do Oriente e foram à Belém, ao encontro do Menino Jesus recém nascido para o adorarem, conforme narra o texto bíblico de Mateus, capítulo 2, versículos de 1 a 12. Esse cenário de viagem, visitação e entrega de presentes é o que está representado na bandeira, no presépio montado sobre o altar e é o motivo de existência dos grupos de folias de reis. A bandeira é o símbolo maior dos grupos, guia e referência na execução do ritual; e tendo esse cenário bíblico como estampa, representa os próprios reis magos guiando, viajando com o grupo de foliões e devotos, tal como aconteceu. O grupo de fola de reis é, dessa forma, representação do fato sagrado primordial. Mas como se dá o processo de atração e motivação de foliões e devotos por meio desse evento sagrado, do mito, em uma sociedade de cultura complexa, em vias de modernização, estruturada em símbolos com seus mais diversos dignificados? Naturalmente responder à pergunta fundamental aqui recolocada será tarefa de toda a tese.

A pesquisa, que lhe dá sustentação, embora seja mais uma a ser realizada no campo da cultura popular, do folclore, singulariza-se pelo fato de ter como objeto as folias de reis de Itaguari, palco da maior festa de folia de reis do Estado de Goiás, quiçá do Brasil – com particular destaque à Folia Goiana por seus aspectos espetaculares. Até aqui, apenas trabalhos monográficos foram feitos sobre as folias, produzidos por itaguarinos em cursos de graduação, na área de história, geografia, pedagogia ou afins. Mesmo assim, nenhum foi produzido tendo o mito e a memória como chave de leitura e reflexão, muito menos com a profundidade e o rigor que a presente pesquisa impõe.

O objetivo desta tese é então abordar a história da Folia do Brejo Grande, da Folia Mineira e da Folia Goiana, sob a ótica do mito e da memória, a partir de relatos e da execução de seu ritual, com aceno particular a esta última folia, dado estar mais voltada à espetacularização moderna, conforme trata Guy Debord em *A Sociedade do Espetáculo.*E a hipótese formulada é a de que a devoção a Santos Reis, materializada na execução do rito sagrado (mítico), é fundamental para a sustentação e continuidade dos grupos de folias de reis itaguarinas, na forma em que se apresentam.

As ferramentas e os procedimentos adotados para a execução da pesquisa passam pelo estudo bibliográfico de trabalhos já existentes, conforme alguns já mencionados. O trabalho de campo valeu-se de gravações de depoimentos e cantorias, com captação de sons e imagens das folias de reis em execução.

O trabalho compreende quatro capítulos que procuram apresentar o cenário itaguarino, onde se realizam as folias de reis, as folias propriamente, as etapas básicas da festa explicadas em detalhes, a eficácia dos mitos do sertão e uma reflexão em torno da festa do dia 06 de janeiro, dia de Santos Reis.

O primeiro capítulo traz um panorama geral do município de Itaguari. Mas vai além de sua data de origem, porque duas das três folias ultrapassam seu limite temporal. Por isso práticas e costumes da região são discutidos, em sintonia histórica com o cenário goiano de então. Isso depois de tratar da origem do povoado e falar dos primeiros moradores – tais como Pedro Procópio de Oliveira, José Eduardo do Couto e demais colaboradores. Por fim, falou-se também das atividades econômicas e educacionais do povoado, do município e de sua infraestrutura. Finalizando o capítulo, tratou-se da memória histórica das três folias itaguarinas, da Folia do Brejo Grande, da Folia Mineira e da Folia Goiana: sua história narrada por foliões e devotos que viram, viveram e compartilham seus saberes históricos.

O segundo capítulo aborda noções de folias de reis, memória, mito e as folias de reis de Itaguari. Considera a oralidade como fonte de conhecimento histórico e especifica a constituição dos mitos basilares. Descreve todo seu ritual, ponto a ponto, que vai desde a preparação até a chegada, a alimentação, a apresentação, a estrutura de cada uma das folias e o funcionamento de suas finanças.

O terceiro capítulo trata da eficácia dos mitos do sertão, em contos e cantorias, da sua cumplicidade com sua cultura e das várias narrativas presentes nas três folias de reis referentes à sua origem, às curas, aos castigos e ao mistério a que remetem as folias de reis. Por fim, trata da música folclórica, da sertaneja e da sua relação com as cantorias das folias.

O quarto e último capítulo aborda temas em torno da festa do dia 06, como os olhares de foliões, embaixadores e artistas a respeito da festa que, aos poucos, vai se agigantando, e, em partes, sendo espetacularizada. Em meio a essa grande festa, tradicionale de natureza conservadora, sobre a qual vão se impondo mudanças, dá-se a construção sócio-histórica do povo itaguarino baseado, por parte das folias de reis, numa ética construída por suas práticas de solidariedade e partilha. Ética que evidencia, assim, seus traços identitários.

"*Milagre e Castigo:* mito e memória nas folias de reis de Itaguari" é a materialização de um projeto que teve origem nas indagações do cotidiano de uma folia e se

apresenta como tese produzida com o rigor e a atenção próprios de um trabalho acadêmico, como se verá nos capítulos seguintes.

A SAÍDA (do Oriente)

Capítulo 1 – Itaguari: da origem caipira à cidade das folias de reis

Verdes campos de cerrado, matarias,
Animais e pradarias
Se esbanjavam por aqui.
Deus que é Pai, justiça de glórias mil,
No coração do meu Brasil
Fez nascer Itaguari

(Agnaldo Divino Gonzaga, Hino Municipal de Itaguari)

1.1 Identificação e festas de folias de reis

Por meio das fontes disponíveis escritas e partilhadas oralmente é que se descreve o cenário histórico de Itaguari e região, sendo esse o objetivo do presente capítulo, que se vale, para tanto, das seguintes ferramentas teóricas utilizadas para tal tarefa: os conceitos de memória, mito, identidades e espetáculo.

A cidade de Itaguari dista 96 km da capital do Estado de Goiás, Goiânia, 220 km de Brasília e faz parte da micro região de Anápolis. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem uma população estimada de 4. 703 habitantes e 147 km2. Trata-se de uma cidade interiorana, cujo marco inicial de seu povoado se deu em 29 de junho 1946, quando naquela região fixaram-se Pedro Procópio de Oliveira, José Eduardo do Couto e familiares, dentre outros. Outros tantos lavradores vieram de Minas Gerais e contribuíram para a formação do povoado. Trouxeram também seus costumes, suas tradições. E parte destas foram as celebrações das datas religiosas do calendário ordinário da Igreja Católica e as datas que compõem o calendário do folclore brasileiro. No que tange a este, destaca-se a data em que se realizam as folias de reis de Itaguari (a do Brejo Grande, a Goiana e a Mineira), de 25 de dezembro a 06 de janeiro de todo ano. Compostas de rituais ricos em detalhes e representatividade, sempre expostos por foliões e devotos anualmente, as folias de reis de Itaguari trazem em comum o mesmo mito básico da viagem dos Três Reis Magos, ou Magos do Oriente. Este mito é cantado (ou declamado) nos momentos centrais de realização das folias de reis. É nesse processo de sua efetivação que podem surgir novas narrativas míticas, fruto do envolvimento dos foliões, devotos ou dos moradores que cumprem seus votos, mas também dos que ignoram ou repudiam a bandeira, os santos, os próprios foliões ou a devoção. Das ações concretas e conflituosas dos que se envolvem com as folias é que surgem essas novas narrativas míticas, que são contadas,

transmitidas e retransmitidas de geração para geração. Elas são construções típicas do universo simbólico do mito e enquanto tais evocam os fundamentos do ritual ou da devoção. E é em meio a esse cenário sagrado que elas compartilham valores para com os envolvidos que, por seu turno, se identificam com as situações narradas e se deixam influenciar por elas, sendo também influenciadoras do seu meio sócio-cultural.

1.2 Itaguari antes de Itaguari

Sobre os primeiros habitantes de que se tem notícia a ocupar a futura região itaguarina, há indícios de que seriam os Caiapó, indígenas seminômades que viviam da caça, coleta de frutos silvestres e plantio de mandioca. Com a vinda dos bandeirantes paulistas para Goiás no início do século XVIII em busca de ouro, seguidos por mineiros, tropeiros e escravos, das tribos indígenas que habitavam Goiás algumas foram dizimadas e outras teriam se afastado para outras regiões (CHAIM, 1993). Embora não haja nenhum estudo científico realizado que confirme a presença indígena na região de Itaguari, moradores e estudiosos locais se justificam ao afirmarem sobre presença de deles. Valem-se do fato de já terem encontrado vários objetos cerâmicos e de caça em suas propriedades, nas proximidades do córrego Casa de Telha e do Rio Sucuri, os dois principais rios que margeiam o município. E muitos desses objetos não foram guardados porque quem os encontrava acreditava que eles atraíam situação malfazeja para dentro de casa[4].

Figura 1 – Objetos indígenas encontrados na região: pedras sílexs, utilizadas por indígenas e encontradas nas regiões dos Rios Sucuri e Casa de Telha. Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p. 15.

No processo de povoamento ou ocupação de território, o comum é a ocupação do espaço rural e formação das vilas posteriormente. Em Goiás, nas áreas de mineração,

[4]É o caso das pedras polidas utilizadas para cortar carnes ou fazer machadinho. Moradores da região acreditavam que se fossem guardados em casa, eles atrairiam raios que iriam atingir a casa onde estariam, depois de sete anos, para buscar aquela pedra de volta (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013).

aconteceu o contrário: deu-se primeiro a formação do meio urbano com a construção de arraiais, atraídos que foram pelo ouro, os primeiros habitantes brancos e seus escravos. Bandeirantes, mineiros e escravos atravessaram o sertão e, aos poucos, foram formando povoados, ocupando territórios e criando uma infraestrutura mínima para trabalharem na mineração.

Mesmo que simplificada, a paisagem geográfica de Goiás, também na região de Itaguari, apresenta-se à primeira vista formada por "terras altas constituídas de imensos planaltos, coberto por cerrados e campos, e terras baixas, constituídas de depressões e fundos de vales, cobertos por mato grosso" (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013, p. 34). A exuberância de sua vegetação trazia consigo o fosso constituído pelas grandes distâncias. Primeiro a geográfica que, por conseguinte, impunha a distância das relações políticas, sociais e humanas. Essas distâncias separavam os povoados uns dos outros, as pessoas umas das outras.

Os caminhos percorridos por bandeirantes e demais passavam por regiões da futura Itaguari. Saíam de São Paulo e passando, já em Goiás, por Meia Ponte (Pirenópolis), Jaraguá, regiões itaguarinas, Curralinho (Itaberaí) e, por fim, Vila Boa (Cidade de Goiás). Entre Jaraguá, Curralinho e Goiás, mineiros, tropeiros, escravos e aventureiros percorriam regiões inóspitas e tinham como referência para uma viagem certeira e com menos riscos, os riachos, o relevo pouco acidentado e a Serra do Brandão e Inhola, conforme se observa abaixo.

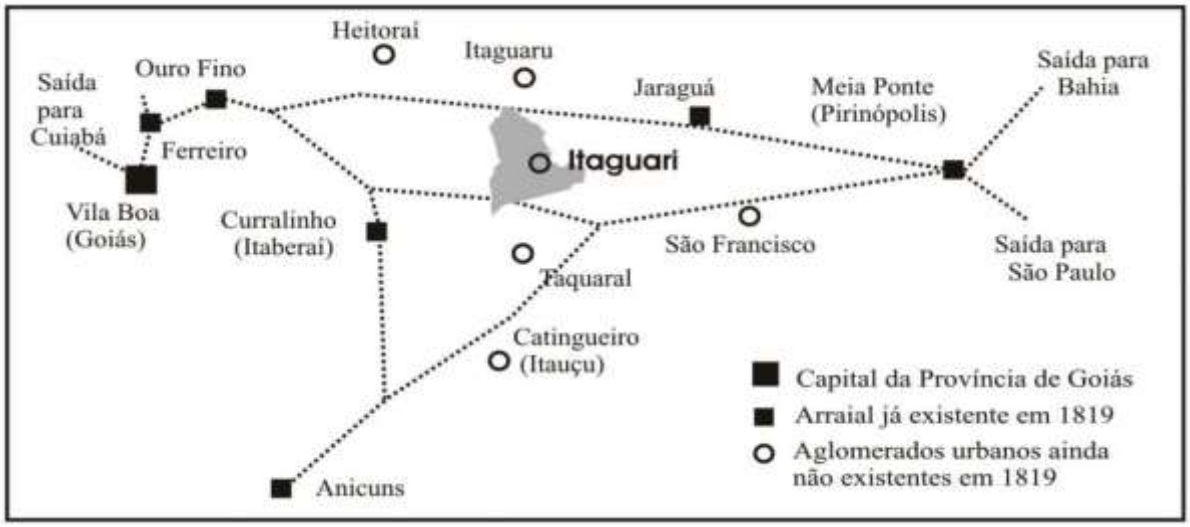


Figura 2 – Rota dos bandeirantes, mineiros, tropeiros e escravos. Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p. 16. Este mapa foi elaborado pelos autores citados a partir das informações contidas nas obras de Pohl (1976) e Saint-Hilaire (1975).

Nessas idas e vindas, afora os próprios passantes, o que se via era uma região desértica e pouco povoada, como narra Saint-Hilaire, um viajante francês que visitou o Brasil de 1816 a 1822. Sobre Saint-Hilaire, diz Teles (1999, p. 113): "Em 1819 percorreu, a cavalo, grande parte do desabitado chão goiano, visitando os nossos principais arraiais, registrando a riqueza de nossa flora e fauna...". Sobre a folia (do Divino Espírito Santo) com a qual se deparou, o próprio Saint-Hilaire diz: "encontrei na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte, outro um violão e um terceiro um tambor. Procurando saber o que significava tudo isso, fui informado de que se tratava de uma *folia*..." (1975, p. 96). Passando por regiões goianas, escreveu *Viagem à Província de Goiás*, descrevendo a vegetação, população, cultura e vida social do povo nesse período. Em seu trabalho diz que o que se via era lá de vez em quando um rancho destinado aos viajantes, como o Rancho das Areias, um campo salpicado de árvores raquíticas, uma pequena casa na propriedade denominada Sítio da Lage, uma região plana, campos com árvores enfezadas, árvores margeando riachos.

A respeito das poucas povoações que havia, Saint-Hilaire comenta sobre como ali se estabeleciam e se mantinham:

> Um grande número de colonos estabeleceu-se no meio do 'Mato Grosso', os quais vendem seus produtos a Vila Boa. Mas como provavelmente começaram a vida ali sem possuir nada, e não receberam o menor incentivo do governo, continuam tão pobres quanto eram. No terceiro dia de minha viagem, através da mata passei diante de uma casa digna desse nome num lugar denominado Pouso Alto. Até então eu só havia visto meia dúzia de casebres mais miseráveis que o dos Coiapós (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96).

Johann Baptist Emanuel Pohl (austríaco) passou pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. De 1817 a 1821 descreveu importantes acontecimentos e paisagens de Goiás presentes em sua obra intitulada *Viagem no interior do Brasil*. Aqui descreve regiões, dentre elas a que fica entre Jaraguá e a futura Itaguari: a Fazenda Goiabeira, a Fazenda Retiro, onde chegou, depois de quatro léguas (cerca de 24Km) de viagem, fazenda esta onde "uns vinte animais, entre cães, vacas e porcos do proprietário, durante toda a noite disputaram conosco lugar no rancho" (POHL, 1976, p. 119). Em outro trecho de seus escritos, Pohl também comenta sobre duas regiões que viriam a compor o pequeno município itaguarino: a dos córregos Sapezal e Casa de Telha.

> Transpusemos os córregos Curralinho e José Manoel; duas léguas além de nosso pernoite [...]. Picadas através das compactas trepadeiras levavam de uma fazenda a outra. O primeiro lugar, na floresta, consta de duas cabanas e chama-se Conceição: o seguinte tem o nome de Sapezal e o terceiro, a cinco léguas de Curralinho, é chamado Casa de Telha, nome que lhe vem do seu telhado, pois as outras cabanas são cobertas de palhas e fibras de palmeiras (POHL, 1976, p. 287).

Ademais, Pohl (1976) já destacava, naquele início do século XIX, a dimensão festiva do povo goiano experienciada nas festas folclóricas que compunham o cenário da cultura goiana, igualmente marcada, como em várias outras regiões do país, por traços étnicos das culturas indígena, negra e portuguesa. Os primeiros registros dos acontecimentos folclóricos de Goiás destacam a dimensão festiva, participativa e empolgante dos seus partícipes. Pohl (1976), ao comentar a Festa do Espírito Santo, em Santa Cruz de Goiás, escreve:

> Durante a minha estada em Santa Cruz, levaram-me a assistir à festa de Pentecostes, que começou com grande solenidade. Já na tarde de nossa chegada começara o barulho sem o qual os brasileiros não fazem festa. A essa hora a localidade estava muito animada, pois todos os habitantes pertencentes ao julgado, de perto ou de longe, haviam chegado com suas famílias para abrilhantarem a festa. Observei, entre as mulheres, fisionomias notadamente belas (POHL, 1976, p. 240).

Esses dois viajantes, Sani'Hilaire e Emanuel Pohl – mas também vale lembrar que Francis Castelnau e George Gardner passaram por Goiás – produziram relatos importantes para a história de Goiás, logo para Itaguari, porque citam suas regiões. Suas descrições são as primeiras sobre Goiás a serem divulgadas em grande escala para fora desta circunscrição. Enfrentaram muitos sacrifícios para cumprirem seus intentos. Com isso presenciaram e descreveram o que se poderia chamar aqui de gênese do goiano de hoje. Fizeram isso ao descreverem as paisagens do cerrado, a casa dos moradores e sua convivência próxima com seu meio, seu espírito despossuído de ambições ou acúmulos materiais e as festas realizadas com "barulhos" e boa convivências das pessoas que vinham de todos os lados. O perfil dos moradores era o de pessoas pacíficas e intimamente ligadas à terra e de que tiravam dela só o necessário para sua subsistência.

Ao findar a extração aurífera em Goiás, houve um processo de ocupação das regiões rurais para a lida agropastoril, estabelecendo relações econômicas pré-capitalistas com ocupações de terras à deriva, sem que o pseudo proprietário tivesse o título legal da propriedade. Tendo atingido seu auge em meados do século XVIII, a decadência da extração

mineral aurífera se intensificou a partir de 1779, segundo Palacin (1994). A partir de então as atividades econômicas dos goianos se deram em ações ligadas à pecuária e à agricultura. No século XX intensificou-se sobretudo esta última, comandada por oligarquias que comandaram a política em Goiás.

Borges (2000) trata de *Goiás nos quadros da economia nacional*, e o faz analisando as transformações econômicas ocorridas no Brasil no pós-1930. Esta data marca a instalação da Revolução por Getúlio Vargas que, pela força do regime ditatorial implantado, nomeou interventor do Estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira. Este, tão logo se fez chefe maior do Estado, tratou de executar a política de transferência da capital: encaminhou a construção de Goiânia e, em seguida, 1937, transferiu a capital de Goiás.

Chaul, ao rediscutir a revolução de trinta, em Goiás, a partir da representação da modernidade pelo viés do progresso, afirma que "a modernidade para os arautos de 1930, consistia no progresso do Estado, por meio do desenvolvimento da economia, da política, da sociedade e da cultura" (CHAUL, 2001, p. 149). E Goiânia seria a sua materialização. Dessa forma, em Goiás, l930 foi "muito mais do que uma simples alternância de oligarquias no poder. Significou a construção de um projeto político baseado na idealização da modernidade, com a participação relativa das camadas médias urbanas" (CHAUL, 2001, p. 177). Goiânia representava, a essa altura, o símbolo maior da modernidade em Goiás, atraindo para si ou mesmo para o Estado, trabalhadores que vinham em busca de emprego (MACHADO, 1990).

Mesmo assim:

> A expansão da fronteira agrícola e da economia de mercado não destruíra de vez as formas tradicionais de produção no campo. [...] Nesse processo de desenvolvimento desigual e combinado da economia capitalista no país, a produção agrária do Centro-Oeste configurava-se como reserva de *acumulação primitiva* para expansão do sistema econômico calcado no setor urbano-industrial (BORGES, 2000, p. 8).

A produção agrária de Goiás se torna complementar ante à "economia urbano-industrial, produzindo bens primários de primeira necessidade (carne, arroz, feijão, etc.) para os mercados do sudeste" (BORGES, 2000, p. 10). Com esses dois atrativos, a construção da nova capital e as grandes áreas de terras que poderiam ser ocupadas ou "griladas" para o trabalho da lavoura, muitas famílias vieram de diversos Estados do país.

Muitas dessas famílias mudaram-se para os municípios de Itaberaí e região, abrangendo inclusive a do futuro município de Itaguari. Ali os proprietários rurais davam-se às práticas roceiras, partilhando, em momentos diversos, práticas de trabalho e lazer.

Compunha a área rural e seus moradores uma prática comum aos demais que pertenciam á região de certa forma, ao próprio Estado, com um trabalho que visava a manutenção da vida, basicamente. Sem excesso na produção, destacava-se na região a dimensão participativa de seus moradores. As necessidades cotidianas estimularam às práticas solidárias. As próprias pessoas que chegavam de outras localidades ou Estados tinham dificuldades de locação, de se organizarem para o trabalho e de criarem seus primeiros vínculos. E se de um lado deparavam-se com outras pessoas e costumes, dos quais eram imbuídos, de outro traziam costumes e práticas que eram também compartilhadas.

Tais valores são presentes nos escritos de Abreu (1978), que descreve costumes, paisagens e práticas do homem do campo goiano da primeira metade do século XX. O regime vivido pelo homem do campo era o "puramente sertanejo, e seus habitantes viviam irmanados, prestando serviços mútuos, como se fossem uma grande família" (ABREU, 1978, p. 25). As fontes de renda predominantes eram a pecuária, cujo gado se valia de vasta pastagem de capim jaraguá, e a agricultura, cuja "feitura de uma roça obedecia a métodos rudimentares. Esta era roçada, derrubada, queimada, sendo que a cerca [era] feita com a própria madeira derrubada" (ABREU, 1978, p. 26). Todo trabalho era manual, valendo-se para isso do facão, da foice, do machado, do enxadão, de bois para transporte de madeira em carros de bois ou arrastados. As plantações eram feitas com enxadão, que abria as covas; a semente era colocada à mão e com o pé se cobria a semente. Não havia plantadeira na região. Com a primeira brota da semente ou já com seu fruto formando, o lavrador encontrava barreiras em proteger sua plantação, tão grande era a dificuldade em manter os pássaros pretos longe do arrozal em formação ou os macacos guaribas longe das espigas de milho. Para essa proteção, valia-se da espingarda "pica-pau", a fulminante que era carregada pela boca com pólvora, chumbo e "bucha". Ademais, armadilhas e esperas até altas horas da madrugada faziam parte das estratégias do lavrador para proteger sua produção, diminuindo prejuízos. E se faltava chuva, mulheres e crianças, principalmente, punham-se a rezar ao pé da cruz. E, obedecendo às ordens da natureza ou às orações dos fiéis, a chuva vinha e a planta crescia. A produção era armazenada nas tulhas e paióis, já que inexistia o início de um mercado consumidor (ABREU, 1978, p. 26).

Para suprir as dificuldades particulares dos lavradores, no que tange aos cuidados e manutenção de sua lavoura, a vizinhança se organizava em “mutirões” e “traições”.

> Muito comum, naquele tempo, o muchirão – mutirão. Quando um lavrador atrasava no roçado, derrubada ou limpeza da roça, organizava-se um muchirão. Consistia ele do agrupamento da vizinhança, a convite do interessado, para fazer o trabalho atrasado, num só dia. Muito usado, também a surpresa. Essa já era organizada por um vizinho que desejava prestar auxílio a outro. Silenciosamente fazia o convite e o lavrador em atraso recebia a ajuda inesperada. Essa forma de ajuda chamava-se ‘traição’. A dança ‘catira’, à noite depois [da] ceia, fazia parte integrante tanto do muchirão como da traição. Nesses folguedos sertanejos a cachaça estava sempre presente. Nessas festas, às vezes surgiam brigas e até morte. Isso, porém, não era comum (ABREU, 1978, p. 27).

Essa lida do homem do campo era regime puramente sertanejo, cujos habitantes viviam irmanados, prestando serviços mútuos, compartilhando ações de solidariedade e colhendo os frutos dessas ações. Com isso, a solidariedade diminuía as dificuldades, que eram tantas. Para cortar o arroz pronto para a colheita, usava-se o facão de marca Jacaré, uma vez que não existia ainda o cutelo curvo. Cortado, depois de secar uns dias, o arroz era batido dentro de um rancho, depois ensacado e levado em lombo de burro ou carro de bois. Na região de Itaguari propriamente, moradores se instalavam próximos às aguadas e plantavam o básico para a subsistência. Casas e casebres eram construídos à margens dos rios e riachos para facilitar o manejo com a água e as lidas nos plantio de arroz, milho e feijão. Nas regiões mais afastadas dos córregos predominava a mata virgem. Em alguns casos, o lavrador levava a colheita nas costas, tão grande era sua falta de recursos financeiros para adquirir condições melhores de transporte. Plantava-se para a despesa anual. Quando sobrava, vendia-se para o único mercado consumidor de então, o da Cidade de Goiás. Boa parte desses mantimentos eram transportados no carro de boi. E com o passar dos anos surgiram comerciantes locais que compravam e depois revendiam para os compradores da capital do Estado (ABREU, 1978, p. 27).

Dentre as produções, o milho, mui propício para a criação e engorda de porco, de galinhas e também para o fabrico de alimentos, tais como pamonha, curau, angu, farinha, fubá, canjica, cuscuz... liderava a produção da região. A banha de porco era imprescindível, porque além de ser única no preparo dos alimentos cotidianos, não estava à venda no mercado local, apenas na cidade de Goiás, fresca ou em forma de toucinho salgado. Cada produtor tinha que necessariamente ter a sua produção própria.

Os fazendeiros possuidores de empregados ou agregados intensificavam sua produção justamente de milho e de banha de porco porque atendiam às necessidades de todos. Embarcados em carros de bois ou mesmo a pé, os porcos das regiões de Itaberaí eram levados para a capital, para a venda no mercado. Além desses meios, alguns preferiam abater os porcos, salgar seu toucinho e enrolá-lo em pacotes protegidos com palha de milho, tal qual faziam também com a carne depois de retalhada. Assim, esses alimentos conservavam-se frescos e saborosos. Quando não bem salgados, podiam apresentar-se com ranço, diminuindo seu preço no momento da venda (ABREU, 1978, p. 27). Com o que recebiam da venda, os fazendeiros compravam o estritamente necessário para se manter e produzir os gêneros de primeira necessidade.

No mercado central, o monopólio era absoluto: o produtor tinha uma só oferta e o direito de aceitar ou voltar para casa com sua mercadoria. Posteriormente vendia também para os donos de barracão ou armazéns – pertencente a pessoas de Anicuns, Jaraguá e da então Curralinho, primeiro nome de Itaberaí –, estabelecimento esse que era alugado do município.

Multiplicaram-se as produções nas décadas posteriores. Arroz, milho, feijão, algodão, soja, batata, dentre outras, foram produzidos em ascendente escala, fazendo de Itaberaí, com sua grande região rural, uma das referências do estado no item grande produção de alimentos.

> Em dias do mês de junho [de 1975] assistimos a festa do arroz daquela cidade. Presenciamos o desfile de trezentas máquinas, entre tratores e colhedeiras e o anúncio da comissão encarregada dos festejos, ao Senhor Governador do Estado, presente no palanque, de que naquele ano o município de Itaberaí havia produzido um milhão de sacos de arroz e que o prefeito municipal, Antônio Gomes de Morais filho, Rui Gomes, pelo terceiro ano consecutivo recebia o troféu de maior produtor (ABREU, 1978, p. 28).

A base sócio-cultural sobre a qual se construiu o futuro povoado de Campestre[5] é, assim, tratada em linhas gerais por Abreu, que descreve o cenário rural itaberino. Abreu é morador histórico e parte de família tradicional de Itaberaí, tendo participado de grande parte desse processo sobre o qual escreve. E mesmo com evidências de saudosismos em sua compreensão dos fatos, com minúcias mostra o modo de produção com as precárias relações comerciais que havia, em um ambiente marcado pelas distâncias e dificuldades

[5] Primeiro nome da futura Itaguari.

imensas no transporte da sua produção. Longe de querer inferioridade tal modo de vida pela dificuldade em acompanhar as mudanças almejadas pela capital em construção, é sob essas condições que se fortalecerá uma cultura caipira goiana, da qual faziam parte os eventos das folias itaguarinas que, segundo consta, já existiam.

1.3 Cultura goiana: caipira, festeira e solidária

Na lida intensa de manejo bruto com a terra, enfrentando os desafios advindos da natureza e da economia local, sem dinamismo e competitividade, o lavrador goiano foi se formando conforme suas relações, seu envolvimento. Seus dotes morais e culturais foram se moldando, tornando-o "simples no falar e no trato, educado por intuição, humilde ao extremo, constante no amanho da terra, gigante anônimo da grandeza de uma nação" (ABREU, 1978, p. 29).

Essa é uma visão geral do que constituía o cenário de Goiás antes e próximo ao período da criação e formação do povoado que viria a tornar-se Itaguari, nos seus aspectos econômico e sócio-históricos[6]. Sua economia era sustentada pelo trabalho agropastoril, bem em conformidade com suas delimitações espaciais; suas relações de trabalho produziam solidariedade festiva, como é o caso dos mutirões e das festas religiosas.

Assim, na região de Itaguari, em suas origens, formava-se o que se poderia denominar de "sociabilidade caipira", usando termo de Candido (2001), cuja estrutura consistiria:

> [...] no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega (CANDIDO, 2001, p. 81).

O modo de ser e de viver dos que ocupavam a região da futura Itaguari pode ser denominado cultura caipira. Para compreender este termo e sua significação, vale-se aqui do que diz Candido (2001), para quem, logo após os ciclos bandeirantes, no século XVIII,

[6] Período em que ao menos duas das três folias de reis giravam, cumprindo seu ofício em casas de moradores da região, a Folia do Brejo Grande e a Folia Goiana, a saber.

houve uma fixação generalizada dos paulistas ao solo, para além daquela capitania. Formou-se:

> um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros (CANDIDO, 2001, p. 103).

A expressão "variações locais", utilizada por Candido ao referir-se à construção da cultura caipira, que se deu pós-ciclo dos bandeirantes paulistas que adentraram em várias regiões, dentre elas Goiás, serve como elo de ligação à reflexão seguinte, local, sobre a cultura e a identidade do goiano. O que caracterizaria a identidade do goiano, já que tem muito em comum com a cultura de outras partes do Brasil?

Os relatos dos viajantes se fazem importantes porque descreveram paisagens e fatos que presenciaram, também constitutivos da narrativa histórica. Contudo, como o presente estudo se insere no campo da cultura, cabe já apontar a linha de compreensão que se adotará aqui, sobre a identidade cultural do goiano, mesmo que em linhas gerais. Na busca de descrever sua identidade, Chaul (2011) começa perguntando "o que é ser goiano?". Se em muitos aspectos ele se identifica com o mineiro e com os vários brasileiros de todo Brasil, em outros tem sua particularidade: "temos particularidades históricas que não nos deixam ser um mero reflexo das transformações ocorridas em nível nacional" (CHAUL, 2011, p. 222). Os viajantes, cronistas, governadores e historiadores, em seus relatos, não produzem uma imagem da goianidade do povo de Goiás, mas sua "goianice", caracterizada pela total dependência da extração aurífera. Imprimiu-se aqui o "estigma da decadência". Goiás teria começado e terminado com o ouro: começou com Bartolomeu Bueno da Silva, o filho que, conduzindo uma bandeira, chegou às terras goianas em busca de ouro lá pelos idos de 1722; teria terminado quando o ouro acabou, passando Goiás a ser a "terra do atraso, da decadência, do marasmo e do ócio" (CHAUL, 2011, p. 224). E para sobrepor-se ao estigma da decadência, buscou-se construir outro,

> [...] baseado na ideia de modernização em forma de progresso apregoada após o movimento de 1930. (...) Após 1930, era necessário inserir a região na nação. O resgate que os grupos dominantes do pós-30 fizeram das ideias acima expostas e o uso político-ideológico dessas mesmas ideias na construção da imagem de 'um novo tempo', de um 'novo Goiás que emergia', de um 'estado novo' que solucionaria os problemas gerais do passado, de uma 'nova capital' em consonância com os interesses dos

> grupos políticos em ascensão, puderam traçar o perfil da goianidade que iria se transfigurar na brasilidade apregoada no período (CHAUL, 2011, p. 225/6).

Portanto, se a imagem da decadência construída pelos viajantes, continua Chaul (2011), com a crise pós-mineração, representa a sua goianice, atribuir a Goiás tais valores e impressão de um Estado em busca de modernidade é tratar de sua goianidade. Com essa ressalva se quer afirmar aqui que não se está alongando a compreensão, culturalmente falando, de que os goianos são fruto do atraso, em um Estado que foi pseudamente descoberto em 1722, motivado pela busca do ouro simplesmente.

> Somos fruto de uma mestiçagem maravilhosa, resultado dos elementos que nos compuseram e nos legaram um potencial fantástico de traços culturais entre o índio nativo, o negro africano e o branco europeu, traços estes que podem ser encontrados da literatura às artes plásticas, passando pela música e pela dança. Somos o arquétipo do desejo da realização, a vida comunitária dos índios que os *hippies* tentaram um dia adotar. Somos a secular batucada e ritos africanos, onde os Kalunga nos guardam desde tempos imemoriais. Somos a modinha lusitana nos saraus de Vila Boa, o traço europeu nas óperas dos barracões de Meya Ponte, hoje Pirenópolis. Somos ainda a herança espanhola ou portuguesa das cavalhadas, a viga mestra do cristianismo na procissão do fogaréu na Cidade de Goiás e somos mais ainda nós, os goianos, os homens pardos de que nos falou Luiz Palacin, na catira, nas folias de reis e do divino ou na dança do congado de Catalão (CHAUL, 2011, p. 224).

A professora e pesquisadora de temas relacionados ao sertão goiano, Maria Amélia Garcia de Alencar, escreve sobre A *identidade sertaneja na literatura regionalista*: Euclides, Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa. Trata do resgate da identidade sertaneja goiana, feita pelo escritor goiano, em seu livro de contos e novela, intitulado *Tropas e Boiadas*[7]. Hugo de Carvalho Ramos, antecipando olhares – já que o livro foi lançado em 1917 – escreve sobre a identidade sertaneja do goiano, nessa perspectiva apontada por Chaul (2011), de um Estado em busca de sua modernização. Seu conteúdo afirma "valores do estado diante da nação: contribuir para o crescimento do país através da exportação de bens primários, principalmente o gado e seus derivados" (ALENCAR, 2012,

[7]Sem querer entrar na discussão minuciosa sobre as relações entre história e literatura, considera-se aqui o que já é consenso para a maioria dos historiadores que produzem história no Brasil: a literatura é "tomada como fonte importante de leitura das diversas representações criadas sobre o real – partilhar percepções e conhecimento sobre o mundo é inerente a ambas as formas de produção de cultura. Livres da dicotomia História-verdade/Literatura-ficção, os cruzamentos entre os dois campos se tornam possíveis" (ALENCAR, 2012, p. 69).

p. 78). O literato descreve traços da identidade sertaneja, ao tratar de vaqueiros e tropeiros goianos, destacando suas "modas" do sertão, presentes em vários contos e "descreve festas ligadas à religiosidade popular, no registro de lendas do folclore" (ALENCAR, 2012, p. 78). Para ele, os males que afligem o sertanejo de Goiás não são advindos de sua raça ou natureza, mas das relações exploradoras do trabalho conduzidas pelos coronéis e pelos agentes do governo.

Segundo Alencar (2012), Hugo de Carvalho Ramos construiu a identidade do sertanejo goiano destacando alguns aspectos bem presentes em suas narrações: "a lentidão do tempo nos chapadões", "a musicalidade do seu povo":

> [...] a lentidão do tempo é simbolizada pelo passo vagaroso dos animais, no descanso das tropas, no arrastar-se das cobras, na preguiça dos cachorros. As 'modas', os desafios e trovas que permeiam os textos, reafirmam o tempo lento, relaxado e apontam também para o caráter alegre e jocoso da gente do sertão (ALENCAR, 2012, p. 80).

Ademais, outros elementos também devem ser considerados nessa construção: "as grandes distâncias, o isolamento, os caminhos dobrados que encurtam a visão. [...] Talvez por isso o sertanejo é solidário, sempre pronto '...a dar mão de ajuda àqueles forasteiros'. Mesmo na pobreza, é hospitaleiro e desprendido" (ALENCAR, 2012, p. 81). Conhecimento o sertanejo adquire com a experiência real, na escola da vida, desvendando os mistérios da realidade bruta, nua e crua. E os mistérios que não são desvendados direta e objetivamente, tornam-se narrativas reproduzidas nos "causos", tratando das

> [...] superstições do homem do campo, de histórias de fantasmas e assombrações que, no desfecho, acabam por ter uma explicação racional – a questão reside na coragem de enfrentar a 'aparição' que o sertanejo certamente tem. Assim, surge a possibilidade de rir-se de si mesmo, do próprio medo e do medo dos que o escutam. No entanto: "Ah, sim, a bruxa... Essa, decerto, levou-a a 'Cuca' num pé-de-vento, à hora da meia-noite, pela sexta-feira do quarto minguante..." (ALENCAR, 2012, p. 81).

Dessa forma é que a historiadora constrói a identidade do sertanejo goiano, afirmativa e inovadora, apresentando o autor quando denuncia "as causas econômicas e as relações sociais e políticas como responsáveis pelas situações de atraso que o estado ainda vivia" (ALENCAR, 2012, p. 82).

Como se nota, as características modelares do caipira foram se configurando e formando seus valores originários: relações de trabalho solidárias, economia baseada no

essencial para a sobrevivência, sentimento de humildade, partilha e disposição para a festa. Mas também o caipira goiano cultivou um sentimento religioso que agregou esses valores todos, a seu modo. Ou seja: fazia mutirões e anualmente realizava folias de reis, sempre regada a bons catiras, danças de forrós e cachaças. Até o fato de morarem próximos, lembra Candido (2001) referindo-se ao caipira paulista, colabora para que a sociabilidade caipira seja também solidária e festiva. E é nesse meio que o goiano vai construindo sua identidade, seu modo de ser, seu jeito de viver, influenciado pelo meio e suas relações, mas também pelo seu agir no mundo e pelo seu trabalho. Destaque à obra de Hugo de Carvalho Ramos, como bem lembra Alencar (2012). Ramos antecipou a discussão sobre a identidade do goiano. E Chaul (2011), escreve sobre a consistência da identidade do goiano, indo além da velha crença de que o goiano – logo sua cultura – fora vítima da decadência da extração do ouro em Goiás. Daí se conclui que a construção da identidade do goiano não estava presa simples e unicamente à sua produção aurífera, ao que produzia economicamente. Por seu trabalho se produzia mais: produzia costumes, tradições, cultura e narrativas míticas, como se verá a diante.

1.4 Os Procópio, os Couto e o início do povoado

1.4.1 Pedro Procópio de Oliveira

E é nessa realidade onde o trabalho visava a subsistência e as relações se davam sob a chancela da solidariedade, produzindo uma identidade própria ao goiano caipira, festeiro e solidário, que dá-se o início do povoado de Itaguari, destacando dois personagens: Pedro Procópio de Oliveira e José Eduardo do Couto.

Pedro Procópio de Oliveira, segundo relato de Iácones Batista Vargas[8], nasceu no Município de Luz, Minas Gerais, no dia 3 de junho de 1911. É filho de Procópio Rodrigues de Oliveira e Antônia Maria de Jesus. Originalmente, chamava-se Pedro José de Oliveira, mas após a morte do pai alterou seu nome para Pedro Procópio de Oliveira, a fim de homenagear seu genitor. Aos 15 anos de idade, ao acompanhar o pai na mudança da família para o sertão goiano, trazia consigo não apenas a esperança de um futuro promissor: em suas veias carregava o sangue de tradicionais famílias desbravadoras das montanhas das Minas Gerais, na conquista de ouro e na criação de gado.

[8]Entrevista com Iácones Batista Vargas, realizada por este pesquisador em 25 de Abril de 2014, Itaguari, Goiás.

> Pelo mês de junho de 1926, após longa viagem de carro de bois, desde a cidade de Luz, em Minas Gerais, a família de Pedro Procópio chega a Goiás, estabelecendo-se na região rural de Campestre, no antigo município de Curralinho, que em 1924 passou a denominar-se Itaberaí. Ali o senhor Ananias José de Oliveira adquirira terras na Fazenda Limoeiro, liderando a transferência de vários familiares para a região. Parte da comitiva fez a viagem com maior conforto, utilizando-se do transporte ferroviário, então disponível até Catalão-GO. Ali, para completar o percurso, teria sido alugado um caminhão "Ford", modelo "TT", popularmente conhecido por "Fordinho Bigode", importado desde 1919. Entretanto, em razão da penosa viagem de carro de bois, poucos meses após sua chegada a Goiás, Procópio Rodrigues de Oliveira contraiu grave moléstia e veio a falecer três anos depois, deixando viúva Antônia Maria de Jesus e órfãos seus 10 filhos: Pedro Procópio, Amélia, Francisco, Osória, Antenor, Augusta, Otávio, Maria, José e Isaura. As terras que havia adquirido foram vendidas para pagar seu tratamento de saúde[9].

Quando seu pai veio a falecer, Pedro Procópio de Oliveira tornou-se arrimo da família, por ser o filho mais velho. Na lida da lavoura, trabalhando na forma de arrendo, conseguiu sustento para ajudar sua mãe a criar seus irmãos. Enamorado de sua prima, em 30 de julho de 1936, Pedro Procópio de Oliveira casou-se com Mária Araújo de Oliveira, "filha do primeiro casamento de seu cunhado Serafim Lino de Araújo (futuro esposo de sua irmã Amélia) com sua tia Osória, irmã de sua mãe. Maria era irmã de Faustino Lino de Araújo (que viria a ser vice-prefeito de Taquaral de Goiás)"[10].

Fruto do casamento de Pedro e Maria foram seus 10 filhos: Alice, Anízio, Anice *(in memoriam)*, Anito, José, Adair (falecido aos 9 anos de idade), Agenor, Izaura (falecida aos 7 anos de idade), Divino e Antônio. Pedro enviuvou-se de Maria e uniu-se com Oreslinda Maria de Jesus, tendo com esta mais um filho, Amilton Pedro de Oliveira. Pedro Procópio de Oliveira faleceu no dia 7 de fevereiro de 1973.

Informações históricas sobre Pedro Procópio de Oliveira foram apresentadas por seu filho, Divino Procópio de Oliveira, na festa do centenário do nascimento do seu genitor, celebrada em 03 de junho de 2011. Na celebração e em folheto que divulgou, Divino destaca a pessoa de Pedro Procópio como fundador. Para por fim às dúvidas sobre a veracidade da afirmação da família, de que "Pedro é o fundador de Itaguari", apresenta testemunhos de familiares e o resultado do trabalho monográfico de Lima (2000)[11]. Para

---

[9] Idem.
[10] Ibidem.
[11] Alessandra Martins de Lima fez graduação em História na então UCG (hoje PUC Goiás), e o resultado de seu Trabalho de Conclusão de Curso foi uma monografia na qual, com relatos colhidos em sua pesquisa de campo, destaca Pedro Procópio como, de fato, o fundador de Itaguari.

sustentar a veracidade de seu texto, Divino Procópio de Oliveira se vale da afirmação feita pela estudante de História. Justifica-se também no reconhecimento do poder público de que seu pai seja o fundador de Itaguari, expresso pelo decreto[12] municipal que "reconhece dados históricos da fundação de Itaguari e dá outras providências" e na exposição do nome de Pedro Procópio de Oliveira em placas de inauguração de obras.

> A pesquisa foi realizada consultando várias publicações e gravando dezoito entrevistas com pessoas idôneas que conhecem a história. E concluindo esta história de forma imparcial, este trabalho científico foi reconhecido pelo poder executivo de Itaguari, através do decreto nº 132/2011 de 1º de junho de 2011, em que reconhece Pedro Procópio de Oliveira como fundador de Itaguari. E vem confirmar essa ideia o escrito da placa fincada na Praça São Sebastião, na praça central, justamente no local onde foi rezado o primeiro terço, em 29 de julho de 1946[13].

Sobre o processo de fundação do povoado incluindo Pedro Procópio de Oliveira, segundo Divino Procópio de Oliveira, seu pai teria tido a primeira ideia sobre a criação de um povoado em uma de suas viagens pela região:

> Em 1946, Pedro Procópio, em uma de suas viagens a cavalo, ao passar pelo Campestre, local também chamado de Cruz do Campo, parou ali e diante daquele local alto e bonito começou a pensar. Viu que o local tinha fácil acesso por ter várias estradas que chegavam até ali e se encontravam entre as divisas de quatro fazendas, o que facilitaria uma possível doação de terras, além de ser uma região distante das cidades de Itaberaí, Itauçu, Jaraguá e Uruana. Aí veio a inspiração: "Vou fundar aqui, com ajuda de Deus e dos amigos, uma bela cidade"[14].

---

[12] "Decreto n. 132/2011 de 01 de junho de 2011. Reconhece dados históricos da fundação de Itaguari e dá outras providências. O prefeito municipal de Itaguari, no uso de suas atribuições legais, tendo como base as monografias apresentadas, reconhece o trabalho científico feito em campo pela sra. Alessandra Martins de Lima, trabalho esse inicial na sua graduação em História pela Universidade Católica de Goiás no ano 2000 (recebendo nota máxima dos professores que avaliaram a conclusão deste projeto) projeto este concluído em sua pós-graduação na Universidade Salgado de Oliveira no ano 2002. Para ser feita esta pesquisa com imparcialidade além de consultar várias publicações, foram gravadas 18 (dezoito) entrevistas com pessoas idôneas que conhecem a história da fundação de Itaguari. DECRETA: Art. 1 Fica estabelecido os seguintes dados históricos a da fundação de Itaguari: I – Fundador: Pedro Procópio de Oliveira, sua esposa Maria Araújo de Oliveira. II – 1º (primeiro) centenário de nascimento do fundador : 03 de junho de 2011. III – Data da fundação: 29 de junho de 1946. IV – Local da barraca para primeira manifestação religiosa em baixo ao jatobá do cerrado na Praça da Matriz. V – Rezadores que tiraram o primeiro terço: seu Mateus e dona Francisca José da Silva. VI – Construção da primeira casa: Serafim Lino de Araújo. VII – Doadores da terra para a fundação da cidade: Genésio Paulino de Queiroz, Isaías Gaudino de Oliveira, Joaquim Alves da Costa, José Eduardo do Couto, José Paulino de Queiroz, Lindolfa Tereza da Cunha, Pedro Vasconcelos do Couto e Salvador Vieira da Cunha. Art. 2 Este decreto entra em vigor na data de sua publicação. Cumpra-se e publique-se. GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ITAGUARI, ao 1º de junho de 2011. Ronivon Braz Gontijo, prefeito municipal de Itaguari."

[13] Entrevista com Divino Procópio de Oliveira, realizada por este pesquisador em janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

[14] Idem.

Depois de firmar tal ideia, levou-a ao seu amigo José Eduardo do Couto, também fazendeiro e político influente. José Eduardo não só aprovou a ideia, bem como já doou o primeiro alqueire de terra para formação do povoado.

> Nos próximos dias, Pedro Procópio visitou seus amigos e fazendeiros Genésio Paulino de Queiroz, Isaías Galdino de Oliveira, Joaquim Alves da Cunha e Pedro Vasconcelos do Couto. Todos fizeram doações de terras que foram escrituradas em nome do patrimônio de São Sebastião[15].

A construção da capela no local foi o marco mais importante da fundação do povoado. Como moradores já faziam em todo 29 de junho a celebração de São Pedro, programaram para que ela fosse realizada no local, perto do terreno onde seria construída a primeira capela. Então próximo dali, sob as sombras de um pé de jatobá, construíram uma barraca e lá rezaram. "Pedro Procópio e dona Maria rezaram o primeiro terço, que foi tirado pelo seu Mateus, dona Francisca José da Silva e Sebastião Cesário. Em seguida foram leiloadas várias prendas doadas pela população da região"[16]. A prática dos leilões continuou nas semanas seguintes, acrescenta, com vistas a conseguir fundos para a construção da capela. Dia 10 de agosto daquele mesmo ano foi um dia especial por ser dedicado a São Lourenço e ter sido o dia do início das obras da construção do templo religioso, após "farturento" leilão, cuja arrecadação ficava sob a custódia do tesoureiro Pedro Vasconcelos do Couto. Serafim Lino de Araújo, sogro de Pedro Procópio e construtor da primeira casa do povoado, às vezes arrematava prendas e as devolvia para serem leiloadas novamente. Tal qual Serafim, a maioria dos que estavam ali buscava meios para colaborar com a construção da capela.

E essa prática solidária se estendeu, também, na construção da primeira estrada que ligaria o povoado ao trevo da GO 070, que liga Itaberaí a Goiânia. Na forma de mutirão, com ajuda dos fazendeiros e sob o comando de Pedro Procópio, a estrada era construída, conforme explica o entrevistado: "Depois dos tocos das árvores serem arrancados e os buracos entupidos com enxadões, fazia-se a terraplanagem, alugando uma lâmina de patrola, que era puxada por bois"[17].

---

[15] Entrevista com Divino Procópio de Oliveira, realizada por este pesquisador em janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.
[16] Idem.
[17] Ibidem.

1.4.2 José Eduardo do Couto e a fundação do povoado

Destaca-se, na década de 1940, a família dos Couto. Oriundos de Buriti Alegre, GO, José Eduardo do Couto e sua família se distinguiam dos demais por participarem ativamente da vida social e política da região. Maria da Piedade, filha de José Eduardo, casou-se com Hélio Caldas Pinheiro, que fora prefeito de Itaberaí. Dotes pessoais e a ligação direta com o poder maior do município itaberino fizeram de José Eduardo do Couto o principal articulador político da região nas duas décadas seguintes também após a fundação do povoado.

Um dos descendentes da família Couto defende que Pedro Procópio de Oliveira seja o primeiro idealizador e é digno do título de fundador. Contudo, igual importância, deve ter o seu trisavô José Eduardo do Couto. Este, que fora vereador em Santa Rita do Rio Parnaíba (hoje Itumbiara-GO), tornou-se também vereador em Itaberaí por dois mandatos, justamente no período em que se destacava como liderança política na região da futura Itaguari. José Eduardo do Couto foi quem efetivou e tornou prático o que ainda estava em ideias.

> Pedro Procópio de Oliveira e José Eduardo do Couto foram, portanto, diferentemente importantes (um foi o idealizador, outro foi o articulador), por isso devem ser igualmente dignos do título de fundadores de Itaguari. Para mim não tivemos nem um fundador, nem oito, mas dois fundadores: O Pedro Procópio e o José Eduardo[18].

Após a ideia de criação do povoado ser formulada e se espalhar, discutia-se entre as lideranças locais sobre a reunião do povo para a primeira reza de terço, debaixo de um pé de jatobá. Roçaram ao pé da árvore e montaram uma barraca. Depois do terço, rezado por Sebastião Cesário e alguns amigos, gritou-se animado leilão das prendas trazidas pelos próprios moradores da região que, como mostra o mapa a seguir, já eram em número significativo.

[18] Entrevista com Magno Florentino Dutra, realizada por este pesquisador 27 de julho de 2015, Itaguari, Goiás.

Figura 3 – Mapa de localização de propriedades. Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p. 22.

Sobre a data da realização do terço, marco factual do início do povoado, há duas sugestões. A primeira é 29 de junho de 1946, e a segunda seria 10 de agosto do mesmo ano. Esta última é apresentada por Jerônimo Correia Leite e a primeira pelo filho de Pedro Procópio, Divino Procópio de Oliveira, que diz, apontando outro evento para o dia 10 de agosto: "Meu pai escolheu o dia 29 de junho por ser o dia de São Pedro, seu santo de devoção. No dia 10 de agosto, dia de São Lourenço, teria sido celebrado outro terço"[19].

Como está bem evidente em uma página inteira de seu livro, para Cardoso, Couto Neto e Jerônimo Neto (2013), o termo *fundador* se aplica a Pedro Procópio de Oliveira, a José Eduardo do Couto e aos demais seis doadores de terras. Assim é montada a *galeria dos fundadores de Itaguari*. São sete os doadores, mas oito os fundadores, conforme galeria abaixo, uma vez que Pedro Procópio de Oliveira não doou nenhum quinhão de terra. Conclui-se aqui que, para esses autores, Pedro Procópio de Oliveira não é o fundador do povoado simplesmente por ser o idealizador, mas é um dos fundadores, ao

[19] Entrevista com Divino Procópio de Oliveira, realizada por este pesquisador em janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

lado dos demais que articularam e tomaram as medidas concretas para que o sonho se tornasse projeto e este se concretizasse a formação do povoado[20].

Figura 4 – Galeria dos fundadores de Itaguari. Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p. 25.

Devido às características do local: região plana e com vegetação própria de cerrado baixo, o povoado foi nominado Campestre. Para a sua formalização, em 18 de janeiro de 1949, sete moradores registraram em cartório a doação que fizeram de sete

[20] Há também fonte que menciona José Eduardo do Couto como o fundador de Itaguari: é o caso do Dicionário do Brasil Central, de Ortencio (2009).

alqueires à Diocese de Goiás, pela Paróquia de Itaberaí. Foram eles: Lindolfa Tereza da Cunha, Genésio Paulino de Queiroz e Ana Teixeira da Cruz, José Paulino de Queiroz e Etelvina Rodrigues da Silva, Pedro Vasconcelos do Couto e Raquel Maria da Conceição, José Eduardo do Couto e Mariana Bernardes de Jesus. Joaquim Alves da Costa e Salvador Vieira da Cunha, como não tinham terras na região – e por isso não tem seus nomes citados no registro do cartório –, compraram terras de Genésio e José Paulino e as doaram também para a formação do povoado[21]. O terreno abrangia partes das fazendas "Açude", "Narigão" e "Pastinho". Foram sete famílias que doaram sete alqueires sem nenhuma condição de contrato, ou seja: doaram para a Diocese de Goiás todo o terreno do "Patrimônio de São Sebastião de Itaguari" sem exigir nada em troca[22].

A discussão em torno da fundação da cidade é importante porque é fruto das relações sócio-históricas da comunidade itaguarina. Elas vão e vem com arrojo e solidez. São posições que se entrecruzam em tempos diversos, sobre o mesmo assunto que não se esgota. Ao contrário, o término de uma fala parece sempre dar início a uma nova página de possibilidades e formulação de novos enredos e narrativas. E a dúvida continua: quem fundou Itaguari: o idealizador, o articulador ou estes e as demais pessoas que doaram o terreno para que de fato o vilarejo Campestre fosse fundado? O que não há – e isso é evidente! – é consenso a esse respeito. Valendo-se da ideia de mito que se terá adiante, pode-se afirmar que essa dúvida está permeada de sentido mítico, o que contribuirá sobremaneira para que Itaguari viva em seu cotidiano um *espírito mítico* que paira sobre as relações sócio-históricas da comunidade[23].

Depois das primeiras conversações, não houve um projeto ordenado e estímulo para que as primeiras construções fossem feitas. Nem fundadores nem pessoas do povo se doaram para esse intento. As famílias foram chegando e ocupando desordenadamente o terreno, formando um pequeno aglomerado de casas de adobe, pau-a-pique e ranchos cobertos de palha de sapé. Não havia sequer um traçado rudimentar de ruas. A primeira casa e a primeira capela foram construídas no ano seguinte de sua fundação. A casa, por Serafim Lino de Araújo, e a capela com recursos gerados de novenas das quais a comunidade local participava ativamente. Depois construíram dois ranchos no local que

---

[21] Nota-se que não foi registrada nenhuma doação de terra por parte de Pedro Procópio, que à época era proprietário de inúmeros alqueires.

[22] Ver CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE ITABERAÍ-GO. Livro 3-T, fls. 128, nº registro 8.067, 1949.

[23] Esta reflexão terá desfecho no capítulo 3, quando se terá já discutido pressupostos teóricos necessários a ela.

tinham como moradores Vicente Oliveira e Zé Parceiro. Só no início da década de 1950 é que foi feita uma demarcação rudimentar e provisória, visando um ordenamento mínimo das ruas e avenidas do povoado, lembram Cardoso, Couto Neto e Jerônimo Neto (2013).

A atividade econômica nos primeiros decênios da origem de Itaguari estava voltada para o sustento da família, valendo-se, para isso, do mínimo necessário. Plantava-se o básico para consumo próprio: arroz, feijão, milho, café, mandioca, cana de açúcar, batata doce, cará, abóbora, dentre outros produtos básicos, conforme lista Maria Ribeiro de Souza:

> Com o milho a gente preparava vários tipos de comida, como milho afogado, pamonha, bolinho frito, bolo assado, curau, angu, cuscuz, farinha, fubá e com ele se criava porcos e galinhas. Com a mandioca também: era mandioca cozida, frita, dela a gente fazia farinha e o polvilho. Do porco a gente comia a carne, conservada em latas com banhas do porco mesmo. Poderia deixar meses ali, que a carne não estragava. Era a nossa geladeira. Do gado a gente aproveitava muita coisa: o couro a gente utilizava para tordar carro de boi, a carne a gente conservava em lata e comia durante muito tempo, a carcaça da cabeça a gente colocava na estaca de cerca, na entrada da fazenda, para espantar mau olhado, e o leite a gente tomava, usava para dar às crianças, fazia coalhada e da coalhada fazia queijo e requeijão para o consumo mesmo ou para dar como agrado aos vizinho[24].

A economia era de subsistência, mas acumulando o mínimo. Conforme o calendário temporal, produziam-se mantimentos e os guardam até a próxima colheita. Os porcos no chiqueiro se conservavam na criação. Os alimentos não perecíveis ficavam na tulha ou ensacados; carnes se conservavam em latas ou utilizando o sistema de defumagem ou secagem, após serem salgadas. Assim se resguardavam das necessidades básicas até a próxima safra, quando colhiam novos mantimentos. Os itaguarinos viviam de forma auto-suficiente, sem muita precisão das coisas do mundo urbano. Iraci Ribeiro dos Santos descreve o que sua mãe diz sobre essa auto-suficiência vivida por sua família, o que concorda em detalhes com o cenário descrito por Abreu (1978).

> Minha mãe diz que quase tudo que precisava a gente arrumava aqui na roça: de comer, tinha de um tudo; ropa era tudo de algodão que os home plantava e colhia e as mulheres tecia; à noite tinha lamparina com azeite de mamona; quando ficava doente tinha benzedor e remédio de raiz que esses cerrado estava cheio... Doce? Com a cana a gente fazia rapadura e açucar mascava, e fazia pra passar o ano; plantava também amendoim, fumo pro consumo pra quem pitava, algumas hortaliças... No quintá tinha

[24] Entrevista com Maria Ribeiro de Souza, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2014, Itaguari, Goiás.

> mamão, manga de diversas qualidade, tamarindo, gueroba, laranja, mixirica, limão... então tinha de um tudo. A gente precisava da cidade só o sal mesmo. Depois passamo a comprar querosene – porque azeite não é fácil de fazer! –, açucar cristal, que essa açucar que tem hoje e arame pra fazer cerca, plantadeira – porque a gente plantava era na mão mesmo –; nas festas da igreja vinha barraquinhas com roupas pra vender e agente esperava pra comprar...[25]

Essa atividade econômica voltada para o sustento da família exclusivamente se deu, em Itaguari, desde suas origens até meados da década de 1960. É o período da agricultura de subsistência. Em meados dessa década foi construído o grupo escolar, que passou a ser importante para incentivar famílias inteiras a irem morar no povoado. Nesses anos até 1970 a população cresceu consideravelmente nas regiões rurais. Só em meados dessa última década é que a população urbana ultrapassou a rural, conforme se nota no gráfico abaixo.

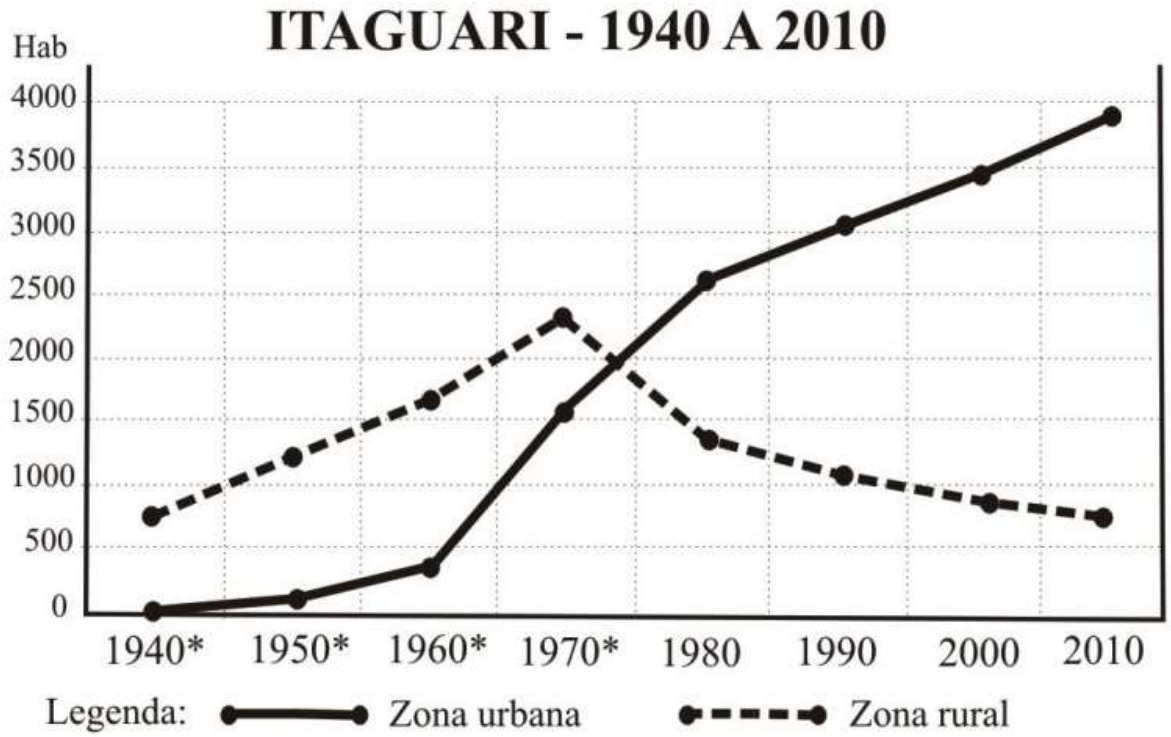


Figura 5 – Crescimento populacional de Itaguari (1940 a 2010). Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p. 51.

Até o período de 1970 deu-se a chegada de levas de nordestinos e mineiros para a região. Mas o crescimento populacional depois da emancipação (1989) foi relativamente

[25] Entrevista com Iraci Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

pequeno, conforme o gráfico abaixo mostra, tendo, aliás, até decrescido segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

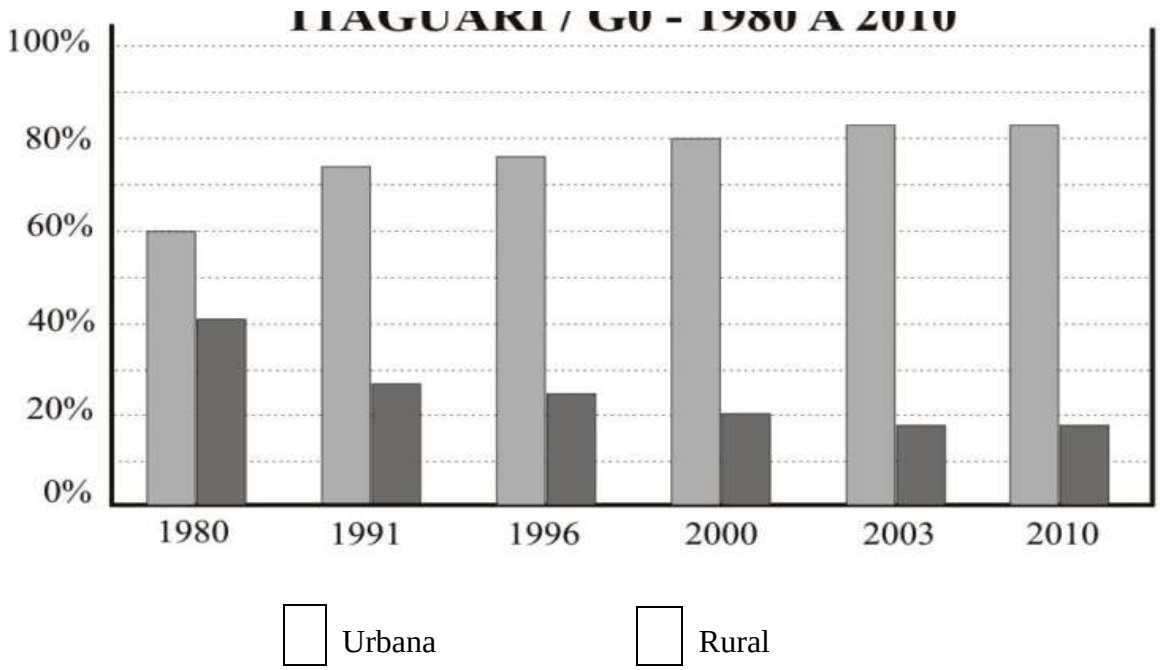


Figura 6 – Taxa de urbanização de Itaguari (1980 a 2010). Fonte: Anuário Estatístico do Estado de Goiás, 2003/Censo 2010.

Fazendeiros, agregados e meeiros compunham a população rural de Itaguari até a década de 1970. E por um período de cerca de 15 anos toda região passou a produzir arroz, feijão e milho com finalidade comercial. Foi o segundo período. Aqui já não se produzia só para os gastos anuais, mas um excedente para vender para os cerealistas, que eram compradores intermediários que revendiam esses produtos aos empresários beneficiadores da nova capital do Estado, Goiânia. Os irmãos João Mineiro e Manezinho, donos do Armazém/Supermercado Irmãos Coelho, Sr. Gésio, João Canuto e Ovair foram os grandes compradores de cereais, produzidos na região. A possibilidade de venda de produtos agricultáveis que geravam renda para o fazendeiro ou sitiante incentivava-o a implementar outras práticas de manejo de suas atividades. Com a vinda dos laticínios, organizaram o gado para produzir leite de forma mais regular; para produzir mais milho e feijão num mesmo período, consorciavam-nos: no início de outubro, plantava-se o milho; o feijão, casado com o milharal (juntos), plantava-se na segunda quinzena de janeiro e início de fevereiro; por fim, a colheita do feijão e em seguida a do milho se fazia início de junho.

O terceiro período, o do leite, se deu nos últimos vinte anos do século xx com expansão da atividade pecuária sobre a agrícola. As terras de cerrados e matos, outrora

derrubados para a produção agrícola, foram cedendo espaço para a formação de pastagens para a criação de gado leiteiro e de corte. Deu-se em Itaguari o êxodo rural, concomitantemente ao que acontecia em praticamente todo Brasil: desnecessário para a formação de pastagens e criação de gado, o agregado viu-se obrigado a ir para a cidade. A extensão de terra que acolhia cinco agregados, por exemplo, que lá plantavam arroz, milho e feijão, seria toda ela transformada em pastagem para criação de gado, para cujo manejo bastaria um agregado. Até início da década de 1990 o êxodo já tinha se efetivado em Itaguari. As grandes propriedades foram se tornando médias ou pequenas quando, provocada pela morte dos fazendeiros patriarcas, foram divididas, primeiro para os filhos, depois para os netos. Assim a pecuária teve seu auge, enquanto atividade econômica principal do município de Itaguari, até o final do último século. Até então não foram empregadas novas tecnologias para a produção leiteira. Nos últimos anos é que se têm implantado essas tecnologias, mesmo com a resistência de muitos produtores, conforme relata este produtor rural:

> Muitos companheiros ainda acham que não vale a pena... Mas vale, sim. A gente tirava leite à mão, nossa curralama não era adaptada, nosso gado era o comum mesmo... A gente trabalhava muito e produzia pouco; hoje a gente trabalha pouco e produz muito. É porque hoje a gente seleciona nosso gado. É mais caro, mas produz mais. Fizemos financiamento e montamo uma curralama adequada, vendemos o gado antigo e compramo gado leiteiro, temos ordenha e resfriador, pago um funcionário, utilizo menos pasto, porque tratamo com silagem... Então a gente está bem melhor hoje: participamo de associação onde negociamos o preço do nosso leite. Antes, não: era o preço que o laticínio pagasse. Hoje vendemo para quem pagar melhor.[26]

Embora a pecuária seja a principal atividade econômica do homem do campo itaguarino, outras atividades que têm crescido gradativamente: o plantio de banana, melancia, abacaxi, mandioca e hortaliças. A primeira teve início nos primeiros anos da década de 1990; a segunda, na última década; e a terceira, nos últimos anos. E todas têm movimentado a economia rural local, comandadas por proprietários de terras, mas principalmente por *empresários agrícolas* que, morando na cidade, alugam ou arrendam terras de fazendeiros ou sitiantes para lá fazerem esses plantios. Para a melancia, fazem financiamento, preparam a terra tão logo o ano se inicia, montam sistema de irrigação e plantam visando duas colheitas durante o ano: uma em junho e outra em setembro ou

[26] Entrevista com Moacir Francisco Bento, realizada por este pesquisador em 23 julho de 2014, Itaguari, Goiás.

outubro. A banana maçã, preferencialmente, segue o mesmo processo de financiamento e preparo da terra. Quando colhem, fazem isso uma vez ao ano, por três anos consecutivos. Depois desse tempo acontece novo preparo da terra e novo plantio. Os produtos são selecionados e vendidos para compradores que buscam e os revendem para comerciantes de outros estados.

No que tange à atividade econômica na cidade, o comércio foi sempre presente, acompanhando a origem e o crescimento do povoado.

> A venda do Zé Feichinho e a farmácia da dona Fiinha foram os primeiros estabelecimentos comerciais. Em seguida foram surgindo o armazém do Geraldo Francisco, a loja do Severino, a Serraria do João da Silva, a máquina de beneficiar arroz do senhor Zé Vicente e a farmácia do Fiiquinho (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013, p. 58).

A maioria dos produtos era destinada ao homem do campo, já que a maioria da população estava lá. No decorrer dos anos, os que sobreviveram às leis de mercado foram ampliando suas ofertas e nos dias atuais, segundo Cardoso, Couto Neto e Jerônimo Neto (2013), "doze estabelecimentos comerciais comandam mais de 80% do total de vendas (...). Esses estabelecimentos são lojas de tecidos e produtos destinados à confecção, supermercados de médio porte, lojas de materiais de construção, postos de combustíveis e lojas de produtos agropecuários" (p. 58).

No primeiro momento, politicamente, a região de Itaguari pertenceu ao então povoado de Vila Boa (Cidade de Goiás). Em 1868 passou a fazer parte do município de Itaberaí, juntamente com os municípios de Itauçu, Araçu, Inhumas, Taquaral de Goiás e Heitoraí, e em 1963 tornou-se distrito de Taquaral de Goiás. Itaguari ficou nessa condição por 24 anos, até que foi emancipada logo após a realização de um plebiscito[27], que aconteceu em 1986. Em 1988 foram realizadas as eleições municipais e em 01 de janeiro do ano seguinte tomaram posse o prefeito e os vereadores eleitos. Desmembrando-se de Taquaral de Goiás[28], ficando agora com um território menor do que aquele quando era distrito, Itaguari passou a limitar-se com esse município e com os seguintes: Itaberaí, Itaguaru e Jaraguá.

Os professores Joaquim Marques Cardoso, José Eduardo do Couto Neto e Osmar José Jerônimo fizeram um trabalho de descrição de aspectos da história de Itaguari.

---

[27] A lei que tornou Itaguari município foi a n. 10.400 de 30 de dezembro de 1987.
[28] Conforme a lei 10.400, de 30 de dezembro de 1987.

Não se atêm a nenhuma teoria da história claramente nem se predispõem a seguir com rigor alguma metodologia específica. Descrevem a partir do material que conseguem por meio de informações, alguma pesquisa e experiências pessoais de vida. Oferecerem dados e informações com os quais se pode conhecer o processo de formação do povoado, a estruturação do seu conjunto urbano e o básico de sua atividade econômica. É nesse meio que as atividades de foliões e devotos se dão. É aí que se relacionam, convivem e interagem socialmente, no processo histórico que constroem.

A partir dos relatos dos autores supracitados se nota que as relações de trabalho tiveram poucas mudanças estruturais, até final do século passado. Das que ocorreram, pontua-se aqui duas que consideravelmente impactarão sobre as relações sociais dos itaguarinos, logo sobre as folias de reis: o advento do êxodo rural e a produção têxtil como nova atividade econômica. As folias de reis tiveram que se adequar às novas mudanças de forma inventiva, dinâmica, dialética. Foram mudanças que influenciaram, naturalmente, a ardem dos eventos no que tange à funcionalidade das folias de reis. A Folia do Brejo Grande, com o êxodo rural, diminuiu seu público e a Folia Goiana teve motivos para se tornar mais urbana e cresceu a ponto se fixar em um só local para a sua saída e entrega. Ademais, tornou-se o dia 06 de janeiro, todo ano, uma grande festa, um espetáculo com exposição de diversos artistas, dos próprios foliões e dos festeiros e pouseiros, como se verá no decorrer deste trabalho.

1.5 Produção de indústria têxtil: moda íntima

De modo tímido em suas origens, então se deu a atividade econômica que projetou Itaguari no cenário estadual no que concerne à produção têxtil: as confecções destinadas à produção de moda íntima, de lingerie principalmente. Iniciada a partir de 2001, esse empreendimento foi crescendo gradativamente até chegar ao ponto de ser a quarta referência no Estado de Goiás. Fora Goiânia e Aparecida de Goiânia, Itaguari se destaca ao lado de Taquaral de Goiás, Pontalina e Catalão, segundo informação da Secretaria Estadual de Indústria e Comércio[29]. Ronivon Braz Gontijo e sua então esposa Iolanda foram os pioneiros no ramo. Com produção destinada a sacoleiros, mas também às lojas de pequeno, médio e grande porte e à venda em feiras, como a Feira Hippie de Goiânia, as pequenas indústrias foram se multiplicando e crescendo também em qualidade. Muitos começam como simples funcionário aprendiz ou trabalhando em facções, ganhando até menos do que

[29] Informação obtida na Secretaria de Estado de Indústria e Comércio, em julho de 2015.

um salário mínimo. Adquirindo experiência na produção e na forma de venda do produto, deixam de ser empregados e passam a ser patrões, enriquecendo-se até mais, nos dias atuais, do que seu patrão de outrora.

Não há nenhum estudo aprofundado sobre o perfil do empresário confeccionista em Itaguari, sobre sua quantidade, por exemplo. Deduz-se, é o que fazem Cardoso, Couto Neto e Jerônimo Neto (2013), que seja em torno de 150 microempresários, entre os formais, como é o caso da Polly Moda Íntima, DLN Moda Íntima, Nunes Moda Íntima e La Feminé Moda Íntima, e as informais, que somam dezenas deles. Suas lojas vão desde as literalmente construídas em fundo de quintal até as mais pomposas de dois ou três andares, com manequins em vitrines expondo seus produtos diariamente.

Depois de 20 anos de existência, só em 2013 é que foi montada uma associação dos confeccionistas de Itaguari, por iniciativa da prefeitura municipal, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e empresários locais. Em reuniões de estudos com proprietários de confecções para a criação da associação, os presentes apontaram seus principais desafios.

Renato Florentino Dutra, confeccionista presidente da Associação da Moda Íntima de Itaguari (AMI), aponta alguns dos desafios da associação: manter a própria associação, já que os sócios não participam efetivamente; conscientizar patrões e funcionários a respeito da importância da legislação trabalhista; e divulgação dos produtos. Ademais, assim resumiu a conclusão do grupo:

> ter mão de obra qualificada e comprometida: só a prefeitura oferece uma escola para formação de costureiros, com vagas limitadas. E quando o funcionário começa a se profissionalizar, ele sai da empresa para montar a sua; ter em Itaguari técnicos para conserto e manutenção das máquinas de costura; conseguir uma produção com menor custo, melhor acabamento e valor agregado; e a inadimplência: tivemos companheiros que quebraram e tiveram que começar tudo de novo[30].

A grande produção que se tem hoje consome quase toda mão de obra do município, dos jovens na sua grande maioria. Os funcionários recebem em torno de um a três salários mínimos. E se de um lado a taxa de desemprego no município é mínima, o crescimento dessa atividade industrial causou mudanças substanciais nas relações das pessoas e das famílias, levando-as a certo individualismo. Com salário garantido no final do

[30] Entrevista com Renato Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 20 de novembro de 2014, Itaguari, Goiás.

mês, patrões e funcionários tornam-se consumidores ativos, em condições de comprar carro, roupa, celular ou tablet. E impulsionados pela aparente facilidade em adquirir riquezas, adolescentes e até crianças deixam de estudar – ou tem seus estudos afetados – para se dedicarem mais ao trabalho nas confecções. Muitos pais e mães só se encontram ao final do dia, restando pouco tempo para seus filhos e para relações estritamente familiares e solidárias. Mesmo em período de férias escolares, pais insistem que a prefeitura mantenha a creche funcionando para que não sejam obrigados a deixar o trabalho para cuidarem da prole. Ademais, o valor de imóveis no município, em média, triplicou, fazendo com que o aluguel de uma casa simples de dois quartos, sala, varanda e cozinha chegue a custar até um salário mínimo. Sete loteamentos particulares estão disponíveis, mas devido ao preço elevado dos lotes, se vêem poucas construções e a expansão urbana se faz engessada, porque está à mercê da especulação imobiliária. Tal situação faz com que o item habitação seja o segundo maior desafio da gestão municipal, segundo informação da Secretaria Municipal de Habitação[31].

A Associação da Moda Íntima de Itaguari tem estes como alguns de seus grandes desafios: criar unidade entre os confeccionistas, para superar a "competição desleal" de alguns que "fazem de tudo para vender mais do que seu vizinho"; construir um espaço para a sede da Associação, para futuramente lá oferecer cursos diversos para seus funcionários e momentos de confraternização; projetar o polo confeccionista de Itaguari, em vista de uma grande produção para exportação.

1.6 Educação

Sobre a educação ministrada aos alunos do município, antes dele até, somente os fazendeiros com maiores recursos financeiros e interesse é que pagavam professoras para ensinarem as letras a seus filhos. Em alguns casos, educavam somente as meninas, já que os meninos tinham o trabalho da roça assegurado. Em Itaguari,

> Maria da Piedade Couto, filha de José Eduardo do Couto é considerada a primeira professora em Itaguari. Lecionou por mais de 8 anos, em casas de fazenda e na primeira igrejinha do povoado, no período de 1948 a 1956. Em 07 de abril de 1956 casou-se com Hélio Caldas Pinheiro e foi morar em Itaberaí (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013, p. 75).

[31] Entrevista com Edna Maria Gonzaga, Secretária de Promoção Social e Habitação, realizada por este pesquisador em 18 julho de 2014, Itaguari, Goiás.

Ao final da década de 1950 foi construída a Escola Isolada, que teve como professor por quase dez anos o senhor Luiz Ferreira de Oliveira. Nessa época, filhas de proprietários dali mesmo, já formadas, também foram contratadas para ministrarem aulas aos alunos da região. Substituiu Luiz Ferreira de Oliveira a Senhora Dulce Maria Neto de Bessa, esposa do senhor Sebastião de Bessa, o Fiiquinho, farmacêutico prático que nesta área prestou serviço aos moradores itaguarinos. Dulce, além de professora, foi também secretária, merendeira, faxineira, coordenadora e diretora da nova Escola Reunida de Itaguari. Ao final da década de 1960 foi-se estruturando o ensino público: em seis regiões foram construídas escolas rurais multisseriadas de 1ª a 4ª séries de Ensino Fundamental. E sob o governo estadual de Otávio Lage, foi construída a Escola Estadual José Eduardo do Couto, ligada ao antigo grupo escolar. Em 1970, foi criado o Ginásio Comercial Sebastião Ludovico de Almeida, iniciando os estudos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Com a crescente demanda, a direção da escola se viu obrigada a criar quatro turnos de aulas: matutino, intermediário, vespertino e noturno. Em 2001, considerando o critério da praticidade, foram desativadas todas as escolas rurais, e seus alunos transferidos para a Escola Municipal Integrando o Saber, mais tarde Escola Municipal Professor Raimundo de Oliveira Castro[32].

> A partir do ano de 2001 teve início o sistema de reordenamento da rede escolar, ficando o município progressivamente responsável em oferecer o ensino na modalidade de Educação Infantil e de Ensino Fundamental de 1ª fase e a Escola Estadual José Eduardo do Couto incumbida de oferecer o Ensino Fundamental de 2ª fase (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013, p. 77).

Para educação infantil, foi construída a Creche Municipal Anísio Procópio de Oliveira, cujo nome é homenagem ao filho de Pedro Procópio de Oliveira. Tendo crescido gradativamente o número de crianças, feita para acolher trinta crianças, tem acolhido até quarenta e cinco (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013).

Quanto ao ensino médio, a partir do início da década de 1980 é que ele foi instalado. Antes, para cursá-lo, os interessados deviam se deslocar para Itaberaí. Raimundo de Oliveira Castro, então vereador, encaminhou projeto de lei à Câmara Municipal de Taquaral de Goiás criando a Escola Municipal de 2º Grau José de Assis que mais tarde, sob

[32] A Escola Municipal Professor Raimundo de Oliveira Castro pontuou, em 2016, 7.0, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que é o instituo que avalia a qualidade do ensino básico no País. Com essa nota, a Educação Municipal de Itaguari pulou nos últimos quatro anos do décimo para o terceiro (3ª) lugar na classificação geral, dentre os 246 municípios do Estado de Goiás.

outras influências políticas, ficaria sob o domínio do Governo do Estado. E em 1985, para homenagear a mãe do então governador Íris Rezende Machado, em tempos de mutirão para construção das 1.000 salas de aula, o colégio passou a se chamar Colégio Estadual Dona Genoveva Rezende Carneiro (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013).

Em 2005 foram implantados cursos superiores em Itaguari, depois de convênio celebrado entre a Eadcon/Unitins, prefeitura de Itaguari e a empresa de serviços educacionais Atanázio Serviços Educacionais. Ao final de seis anos se formaram em nível de graduação 48 alunos em administração de empresas, 21 alunos em serviço social, 20 alunos em ciências contábeis e 30 alunos pós-graduaram (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013).

1.7 Infraestrutura urbana

No que tange à sua toponímia, José Eduardo do Couto, na condição de articulador político local, procurou formar o nome do povoado. Até então fora chamado Cruz do Campo, por causa de um antigo cemitério que existia ali; depois veio Campestre. José Eduardo do Couto busca alusão aos municípios limítrofes, Itaberaí e Jaraguá, e a um dos dois principais rios que margeiam a cidade, o Sucuri. Monta o nome Itariguá, valendo-se de "Ita", de Itaberaí, "ri", de Sucuri, e "guá", de Jaraguá. Mas conversando com seu genro e prefeito de Itaberaí, Dr. Hélio Pinheiro, recebe outra proposta: "Durante uma conversa com ele eu disse: 'Não soa melhor Itaguari? A ordem não tem importância e fica o mesmo significado. Se mudar a ordem das sílabas, o nome fica melhor. E como soava melhor, ele admitiu que fosse melhor Itaguari e assim ficou[33]'" (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013, p. 26).

Tão logo surgiram os primeiros moradores, veio a preocupação por parte de alguns em delimitar os espaços da cidade. A primeira demarcação foi feita em 1950. E não tardou em surgir mais moradores que buscassem construir ali a sua casa, mesmo não sendo o aglomerado urbano um ideal da maioria da população da região, que preferia compor os 70% de pessoas que residiam no campo. Mas até um decênio de sua gênese, no lugar só existiam 15 casas e 12 ranchos, sendo aquelas construídas de adobes e estes cobertos com palhas de sapé. Sebastião Alves de Bessa e sua esposa Dulce Maria Neto de Bessa foram os

[33] Aqui se registra uma discórdia importante: em seu trabalho Lima (2000) insiste em afirmar que a escolha do nome teve como sujeito a quem defende como fundador, Pedro Procópio de Oliveira. Pinheiro (2000), discordando, cita o que está no Dossiê de Goiás, de 1996 e no Guia Informativo do IBGE, de 1997: José Eduardo do Couto propôs Itariguá; mas concluindo que se tratava de um nome de difícil fonia, Dr. Hélio Caldas Pinheiro sugeriu a inversão das duas últimas sílabas. Então ficou escolhido, definitivamente, Itaguari.

primeiros a construir uma casa feita de tijolos. Ele, farmacêutico prático, e ela, primeira professora primária do lugar, acabaram estimulando a vinda de mais moradores e comerciantes.

Tão logo foi definida a estrutura do loteamento, e os lotes colocados à venda, foram ocupados por novos moradores. O mapa urbano abaixo mostra a estrutura do loteamento São Sebastião, que nos dias atuais continua sendo a parte central da cidade.

Figura 7 – Loteamento São Sebastião e primeiros moradores. Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p. 51.

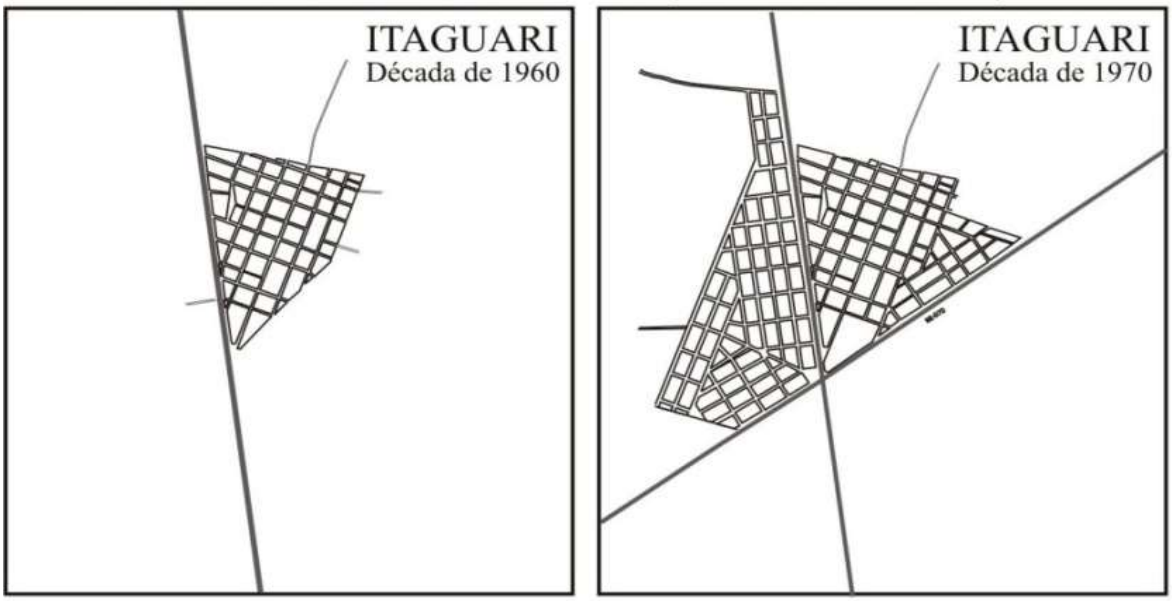
Em 1960 já eram 350 habitantes e cerca de 50 casas e ranchos. E foi nesta data que foi montado o loteamento São Sebastião, valendo-se dos 7 alqueires inicialmente disponíveis para isso. Antônio Severino Coelho, agrimensor, montou a planta com demarcação das ruas e avenidas, partindo das residências já construídas.

Vinte anos depois de seu início, o povoado teve outro impulso, no que concerne ao seu ordenamento. Num primeiro momento, Pedro Procópio e Sebastião Alves de Bessa

(Sr. Fiquinho) procuraram o bispo para comprar o terreno para loteá-lo. A Diocese recusou o pedido, dizendo que não era sua intenção vendê-lo. Contudo, tempos depois, negociou com Sebastião Ludovico de Almeida (Tiãozinho), Dr. Hélio Caldas Pinheiro e Sebastião Valdivino de Queiroz, o Sebastião Vigilato. Eles é que compraram cerca de 6 alqueires dos 7 outrora pertencentes à Mitra Diocesana de Goiás. A Igreja particular os vendeu por 500 mil cruzeiros, com escritura lavrada no Cartório de Registro Geral de Imóveis de Taquaral de Goiás, livro n. 3, transcrição n. 629. Além da parte destinada ao loteamento São Sebastião, outra parte foi doada ao Estado para a Construção da Escola Estadual José Eduardo do Couto. Para a igreja ficou uma pequena parte, incluindo a da Praça São Sebastião, onde foi construída definitivamente a Igreja Matriz (CARDOSO; COUTO NETO; JERÔNIMO NETO, 2013, p. 28).

Depois do primeiro loteamento que se deu com o registro dos 7 alqueires de terras doadas para a construção da futura Itaguari, em 1960, pela ordem temporal, vieram outros conforme as datas seguintes: em 1972, os pertencentes a Sebastião Valdivino de Queiroz, Braz de Souza Moreira e Antenor Vitorino Cardoso; na década de 1980, a Vila Mutirão e o Conjunto Habitacional Três Poderes; na primeira década do ano 2000, os demais residenciais: José Sampaio, Beira Rio, Ita, Alto Paraíso e Conquista; na segunda década deste milênio, Benedito Cabral, São Carlos e Campestre, conforme mostra o mapa abaixo.

EXPANSÃO URBANA 1960-2000



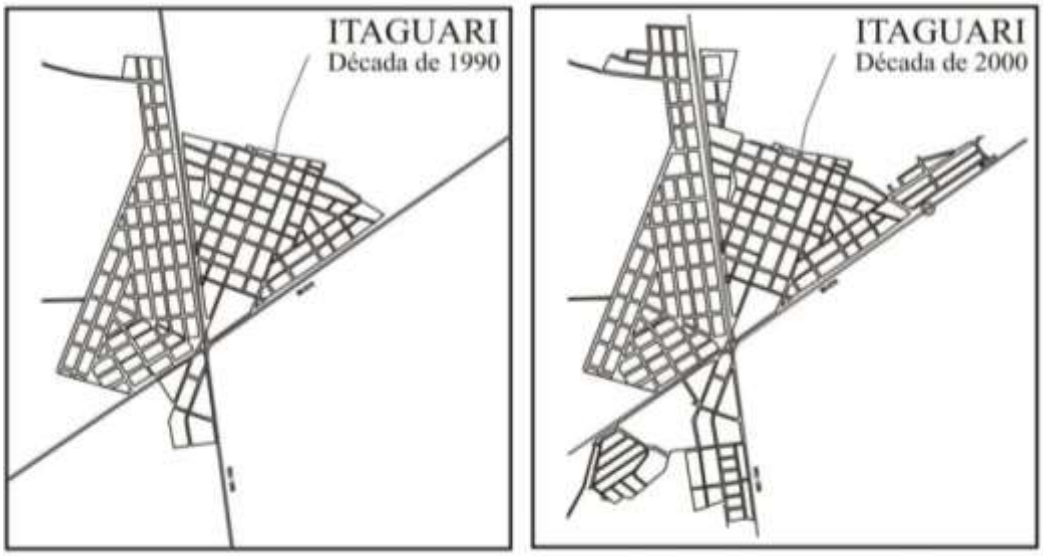


Figura 8 – Expansão urbana (1960 a 2000). Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p.49.

Por fim, até meados de 2014, o perímetro ficou definido da seguinte forma, na forma da lei[34], como mostra o mapa referente.

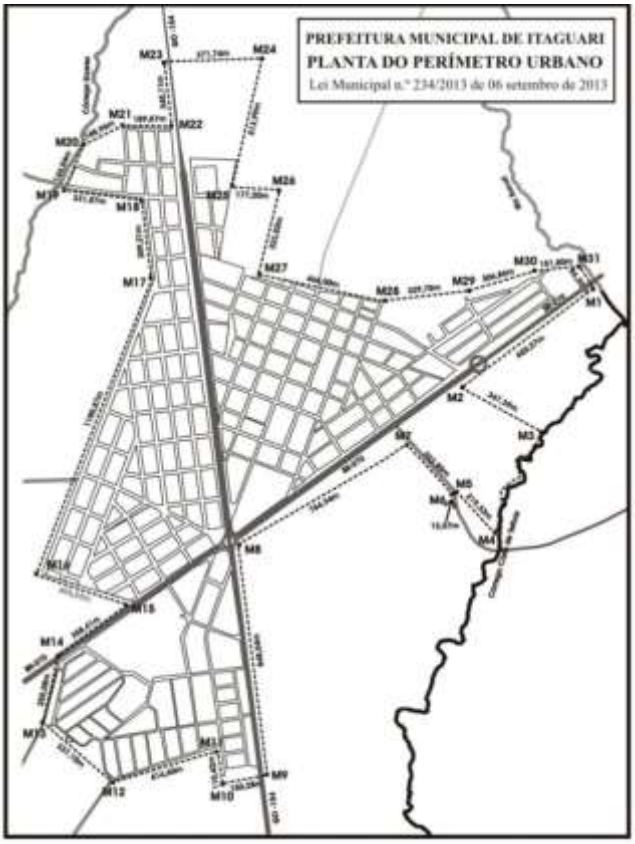


Figura 9 – Mapa da delimitação do perímetro urbano (2017). Fonte: Cardoso; Couto Neto; Jerônimo Neto, 2013, p.50.

[34] Lei n. 234/ 2013 de 06 de setembro de 2013.

Este primeiro capítulo se debruçou sobre aspectos singulares da história da região de Itaguari, sua formação enquanto povoado, distrito e município. Destacam-se aqui alguns pontos pertinentes, específicos do conjunto de discussão da presente tese. Primeiro, a região erra uma espécie de corredor sobre o qual circulavam pessoas que buscavam ouro ou simplesmente comercializavam o que produziam. Isso teria facilitado a aglomeração e pessoas e até o início do povoado. Depois, pode até parecer natural que um povoado se formasse ali, se considerar a influência da migração que já acontecia em vários pontos do Estado de Goiás devido da motivação que a criação de Brasília e a possibilidade de terras fáceis geraram. Mas o fato é que veio de um desejo ou sonho pessoal a ideia de iniciar um povoado. E o projeto se concretizou pelas ações conjuntas dos colaboradores fazendeiros da região. Então o povoado se formou, se emancipou e tornou-se palco de um grande espetáculo, a festa das folias de reis. Mas para chegar ao momento presente, a região se construiu cultura caipira, de um povo que viveu da terra – e boa parte ainda vive dela –; o povo teceu seus signos, celebra seus rituais sagrados, constrói sentidos e motivos para viver.

Compreender, mesmo que em linhas gerais, como se deu a formação e como se relaciona o povo itaguarino em seu processo histórico – e é o quebuscou tratar neste primeiro capítulo até o momento – é condição necessária para se visualizar o chão onde se realizam as folias de reis de Itaguari. Estas que, juntas, formam o momento espetacular da maior festa popular do gênero de que se tem notícia no Estado. A seguir, um pouco da história de cada uma dessas folias que deste o seu planejamento até a sua execução e comentários no pós-festa, ocupam parte de pelo menos dois terços do calendário anual itaguarino.

1.8 As folias de reis de Itaguari

1.8.1 Folia do Brejo Grande

Em linhas gerais, grupos de folias se parecem muito; adentrando suas particularidades, contudo, cada grupo de folia de reis difere-se de outro: cada qual tem a singularidade de sua origem, seus sistemas, explicações quanto aos dias e horários de giro e outras práticas, idade, mitos, seus símbolos e ritos particulares.

A Folia do Brejo Grande é a mais antiga de todas. Segundo a contagem dos foliões mais vividos, ela já tem 137 anos, completados em 2017. Teve seu início no ano de 1880. Considera-se essa data como a que ponteia o marco temporal do estudo da presente

tese, e é por isso que as pesquisas sócio históricas vão para além da origem da cidade de Itaguari, e igualmente para além de seus limites territoriais. Pesquisa-se aqui a região de Itaguari, com esse recorte temporal, região por onde a folia teria passado em seus giros.

No relatório do Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de Itaguari (2006), está escrito: "Sob chuva farta que caía, Divino Ribeiro dos Santos, um dos embaixadores da folia, e o jovem Leandro Francisco da Conceição, festeiro daquele ano de 2006/7, partilhavam sobre os tempos áureos da Folia do Brejo Grande" (p. 24). São representantes de três gerações, acrescenta, trazendo a fala de Santos para registrar as origens da folia:

> Quando eu era criança - inicia Divino Ribeiro dos Santos – meu avô, Pedro Inhola Inholasco, que nasceu em 1860, contava que, quando tinha os seus vinte anos de idade, era rapaz namorador, participava dessa mesma folia. Meu avô faleceu em 1956, com 96 anos (LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA, 2006, p. 24).

Segundo Jesus Reinaldo da Silva[35], genro de Nativo Ribeiro dos Santos, Geralda Caetano, filha do Zé Caetano e há anos moradora da região, disse, há uns 14 anos atrás, que essa folia teria uns 118 anos. Essa data coincide com a data apresentada acima por Divino Ribeiro dos Santos. E é com esses dados que se conclui que a Folia do Brejo Grande celebra, na sua última edição, 137 anos. Como não foi encontrado nenhum registro escrito ou gravado sobre seus tempos de origem, a fonte que se adota aqui, para a construção histórica desse tempo, é a tradição oral. São fatos e acontecimentos que foram mantidos e repassados de pai para filho, de foliões para devotos, cantados ou contados, em exercício constante da memória.

Divino Ribeiro dos Santos[36], vulgo Divino Ribeiro, vê-se um legítimo participante da história da Folia do Brejo Grande quando se liga diretamente ao seu avô, Pedro Inhola Inholasco. "Meu avô participou do início dessa folia. Depois veio meu pai, depois veio eu. Hoje já tem meus filhos, meus netos, e assim vai indo..." Empolga-se ao relatar o que seu avô contava:

---

[35] Entrevista com Jesus Reinaldo da Silva, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[36] Entrevista com Divino Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em 28 de novembro de 2014, Itaguari, Goiás.

> Meu avô contava que quando ele era jovem e participava dessa folia, o povo vinha de longe para participar dela. Vinha a cavalo e a maioria fazia o giro era a cavalo. Era pessoa de idade, tinha jovem e tinha criança também. Em muitas casa tinha uns agrado pros folião e o povo comer. A comida era aquela coisa de louco: era bem mais do que hoje, mas era as mesma coisa: arroz, carne, feijão, abroba, gueroba, frango, carne de gado, de porco... o povo era muito devoto, respeitava Santo Reis mesmo. No giro, muita gente girava pagando promessa. As barraca era toda de bambu e folha de bacuri. Durante o dia, no pouso, era comida e forró o dia inteiro. O dia inteiro mesmo. De vez em quando tinha até umas confusão, mas isso era raro. O povo gostava mesmo era de comer e dançar, e acompanhar a folia...

A empolgação é visível, para os foliões e devotos mais antigos, quando o assunto é o passado histórico dessa folia. Fartos elogios são exteriorizados a despeito desta folia que, embora seja hoje a menor quantitativamente, já esbanjou abundância outrora.

> Olha, vou falar pra você: não tinha outra maior na região, não. Acho que era a maior do Estado. Mas também só aqui (na região do Brejo Grande) já tinha muita gente. Era gente demais. Muitos era proprietário e outros era dono mesmo da terra. A maioria do povo morava na roça, plantava arroz, feijão, milho, e verduras também: a gente tinha praticamente de um tudo: abroba, chuchu, mandioca, farinha, melado e rapadura... nóis só comprava na rua o sal e o arame pra fazer cerca. Até azeite pra lamparina nóis tinha. Depois é que veio a querosene e depois a energia...[37].

Mas depois de exteriorizar elogios e encantamento pela sua grandeza, logo vem as explicações de sua diminuição, quantitativamente falando. Constata-se que nos últimos decênios o número de participantes diminuiu consideravelmente. Vários fatores teriam contribuído para isso. São enumerados aqui os principais: o êxodo rural, o atrativo da folia mais urbana, a Goiana, e as dificuldades relativas à mobilidade.

Na década de 1960, enfatiza José Sobrinho de Oliveira[38], embaixador, para quem a folia tinha quantidade maior de pessoas devotas e que demonstravam mais respeito ao chegarem às casas e diante dos Santos Reis. Diz ele que "nessa época já visitamos até 22 casas por giro. Era muita casa para visitar e se não visitasse muita de cada vez, não dava para girar em todas elas e o povo queria porque queria que a gente visitasse todas. E nóis era muito, então visitava". Lembra também que a folia já chegou a girar de dia, no tempo em que Sr. Antônio Leite foi festeiro, e que "há quarenta anos Nativo também já fora

---

[37]Idem.

[38] Entrevista com José Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 08 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

festeiro e cortava tudo era na botina e na lanterna, naquele tempo em que giravam em cada galho cerca de 50 a 70 pessoas".

Nos últimos anos se tem notado, nos dois galhos, sobremaneira, a redução do número de foliões. "Nós já chegamos em pouso com pouquíssimo folião, só os foliões mesmo. Mas com fé em Deus e nos três reis santos, essa folia vai continuar...", afirma com veemência Leandro Francisco da Conceição[39]. Há doadores de prendas, há pouseiros, há pessoas disponíveis para trabalhar, afirma Jesus Reinaldo da Silva[40]; contudo, quando o item refere-se aos foliões, aí se percebe um dos grandes desafios da folia.

> Antigamente participava era 70, 80 pessoas em cada giro. Hoje, não, às vezes falta folião pra completar o galho e sair cantando nas casas. É que na folia o mais importante é o mais ruim: que é girar na folia. Na hora de festar, de dançar, todo mundo vai. Quando alguém fala: 'vamos rezar?', outro responde: não espera um pouquinho, vamos dançar mais um pouco.

Maria Rodrigues dos Santos[41] tem uma explicação mais detalhada sobre o fato dessa folia girar à noite, e não durante o dia.

> Os antigos fala que o giro tem que ser de noite, que as outras folia gira de dia, por isso que tem o palhaço, para distrair as obras do satanais. Nóis gira de noite, por isso não precisa de palhaço. Nós andamos à noite, porque os três reis andaram de noite. De dia estava descansando. Mas também hoje os folião, nossos folião, gira a noite, e festeja de dia. Mas não descansam tanto... se bem que os foliões mesmo descansam, porque senão não aguentam... O correto seria eles dormir, mas nem sempre dormem.

Destaca-se aqui uma questão importante: de um lado existe uma regra ritual que se impõe, a da necessidade de girar à noite; doutro, que surge por conseguinte, o desafio do sacrifício de girar à noite, o que gera uma escassez de efetivos para conduzir os dois galhos que compõem a Folia do Brejo Grande. São os sacrifícios impostos por essa prática, acredita-se aqui, que mais dificultam a presença de mais foliões no comando dos giros, já que essa escassez não se dá nas outras atividades da folia.

Assim a Folia do Brejo Grande, com 137 anos, difere-se das outras duas, a Goiana e a Mineira, em vários itens. É a mais rural, a que mais celebra seu ritual nas

---

[39] Entrevista com Leandro Francisco da Conceição, realizada por este pesquisador em 27 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

[40] Entrevista com Jesus Reinaldo da Silva, realizada por este pesquisador em 03 de Agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[41] Entrevista com Maria Rodrigues dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

regiões rurais propriamente[42]. Ademais, enquanto os foliões das outras duas folias dormem, os da do Brejo Grande giram, de 30 de dezembro até dia 06 de janeiro, percorrendo estradas, caminhos e trilheiros, passando por mataburros, atravessando pontes e pinguelas, subindo e descendo serras. Sob a luz das estrelas, foliões e devotos enfrentam a escuridão da noite sobre lombo de animais (eqüinos ou muares), seguindo a mira de lanternas à pilha, à bateria ou as de celulares; dentro de carros ou sobre motos; mas principalmente à pé, passo a passo deixando para trás o capim enverdecido dos pastos. Ou as árvores das poucas matarias e mesmo as cercas e colchetes encontrados no caminho do giro. Não raro, todos enfrentam noites de chuva. Para tanto, os que vão à pé valem-se das sombrinhas ou guarda-chuvas; os que vão sobre animais, usam capas; os que vão de moto, usam proteção comum aos motoqueiros. À frente de todos, sob cuidados redobrados, o alferes Sebastião Patrício, no galho direito; no galho esquerdo, Jurandir. Seguem de casa em casa, segundo roteiro previamente traçado. Nas casas, à porta fechada, o embaixador Antônio Carlos de Assunção canta: "Ô de casa, morador,/ Abre a porta, acende a luz,/ Vem receber a bandeira,/ Santo Reis é quem conduz"[43].

Figura 10 – Sebastião do Cotinha e sua esposa Rosângela, festeiros de 2015/2016, segurando as bandeiras dos galhos direito e esquerda da Folia do Brejo Grande, em sua saída.

[42] Os pousos quase sempre se dão na Região Rural do Brejo Grande, como é o caso dos que aconteceram em 2006/7, conforme calendário divulgado: "Dia 31/12/2006: Valdivino Ribeiro (Sr. Divino Ribeiro, Faz. Brejo Grande) e Elza Maria (Faz. Conceição do Brejo Grande); Dia 01/01/2007: Nego Cotia e Divina (Faz. Carro Queimado); Dia 02: Osmerinda Ribeiro (Faz. Barreirinho); Dia 03: Dona Antônia (Faz. Olaria, à beira do Rio Sucuri); Dia 04: Divinão e Ilma (Faz. Olaria); Dia 05: Santana Ribeiro e Zé Trovão (Faz. Brejo Grande); Dia 06 (entrega): Leandro e Camila (Faz. Brejo Grande)" (CAMPESTRE, 2006, p. 3).

[43] Gravação com Antônio da Cruz Carrijo, embaixador da Folia Mineira, realizada por este pesquisador em 01 de janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

Adentrando a casa, cantam frente aos moradores ou frente a algum altar com ou sem presépio. Para cada situação, uma cantoria diferente[44]. Concluindo esta, tomam lanche, se tiver; dançam catira, se o dono da casa solicitar; rezam o terço, se também for uma exigência do morador. E seguem nesse ritmo até o pouso, já sob o claro do dia. O outro galho chega também em horário próximo. Fazem a cantoria de chegada ao pouso, comum a todos eles, cantam, acomodam as bandeiras e os foliões seguem para suas casas. Depois voltam para dançar forró[45], alimentar-se e – alguns, no caso – tomar muita cerveja e pinga.

Esse movimento de giro, quantitativamente maior, se dá ao menos na primeira noite de giro, quando já há anos fazem-se presentes foliões e devotos da cidade de Itaguari. Nos giros das outras noites, foliões e devotos que participam se reduzem bastante. José Sobrinho de Oliveira[46] diz que, há poucos anos, o seu galho já chegou a cantar com apenas 4 pessoas.

As motivações que têm levado foliões e devotos a anualmente participarem ativamente da folia enquadram-se nos itens tradição, fé e partilha. Com a presença, girando, ajudando a montar toda estrutura de acolhimento, doando, enfim, participando, mantêm uma prática já centenária, sustentada pela fé, pela convicção sagrada de que Santos Reis os fazem superar os limites humanos. Exemplificando, três mulheres, a mãe e duas filhas, dizem por que a folia do Brejo Grande lhes é tão importante. Para a mãe Maria Rodrigues dos Santos, participar de momentos específicos já é necessidade fundamental: "Se eu for na folia e não participar do giro e da resposta, é como se eu não tivesse ido lá. Eu tenho que ir e fazer isso. Já faz parte da minha vida, da minha história"[47]. Já para a filha mais velha, Iraci Ribeiro dos Santos: "Eu é do terço e da cantoria. Mas de qualquer forma, se eu não for na festa, passo a ano todo como se faltasse uma coisa dentro de mim. Eu tenho que ir. E gosto muito de ajudar. Ali nóis é uns pelos outro: é pai, é mãe, é neto"[48]. A segunda filha, Iriceni Ribeiro dos Santos, diz gostar muito de participar do terço, da alimentação e da

---

[44] Ao exercício da cantoria, para Rios e Viana, várias funções religiosas: "A devoção, o cumprimento de uma promessa, a oferta de um almoço ou de um pouso, a realização das visitas, a saudação de um altar ou de um presépio, tudo se perfaz mediante o cantorio, embora em alguns momentos algumas dessas funções possam ser delegadas aos palhaços da companhia, que se desencumbirão delas recitando os versos apropriados. Deste modo, a comunicação do embaixador com os donos da casa e com os festeiros é realizada por intermédio da música, que ocupa, portanto, posição central nas funções da Folia de Reis e é indissociável das obrigações religiosas e da devoção que ela compreende" (2015, p. 95).

[45] Há pousos onde não há festa com forró e alimentação à vontade. É onde há somente a guarda da bandeira.

[46] Entrevista com José Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 08 de Agosto de 2015, em Itaguari, Goiás.

[47] Entrevista com Maria Rodrigues dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[48] Entrevista com Iracy Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

dança. Diz contribuir todo ano com todos os pousos[49]. Para a adolescente, pertencente à família Ribeiro e filha de embaixador, Fabiana Sobrinho de Oliveira, de 15 anos, sua participação tem sentido particular: "Folia é bom porque ajudo a responder, a cantar e rio muito". E continua, destacando a importância da tradição e da fé: "Minha família, desde quando me tornei gente, participa e eu também fui me envolvendo. Já virou tradição. Mas só participa quem tem fé; quem não tem, não precisa nem vir, porque não faz o que a gente faz, não."[50]

No decorrer do giro da folia, acredita-se na providência e intercessão de Santos Reis. Quase tudo o que acontece está sob a custódia sagrada dos santos. Se algo de bom acontece, é porque houve a intercessão de Santos Reis, conforme exemplifica Maria Rodrigues dos Santos.

> Um dos maninhos [embaixador de folia] me disse que, quando foi festeiro, não teve tempo para pedir doação, não. Mas todo dia tava chegando doação. Nos primeiros dias, pouca gente estava doando, mas depois... Mas ele tava preocupado. E no pouso do Tião do Cotinha ele chegou a errar duas vezes, quando embaixava, pensando que as coisa pudia estar tudo arrumada já e não estava: 'a vaca já deveria está dependurada, meu santo Reis...' Noutro dia, de manhã, chegou na sua casa e dois carros estava lá, de pessoas que foi para ajudar a preparar o jantar do pouso. Ele levantou os braços e disse: 'Obrigado Santos Reis!' (E chorou de alegria). O povo ajudou muito, muita gente ajudou ele.[51]

Quanto à estrutura e funcionamento, a Folia do Brejo Grande é formada de dois galhos, o direito e o esquerdo. Sua estrutura de pessoal e instrumento é a mais diminuta dentre as três. Consistem em violão, caixa, pandeiro, sanfona e, às vezes, viola, como se observa no quadro a seguir:

Componentes da Folia do Brejo Grande:

FOLIÃO	FUNÇÃO	INSTRUMENTO	OBSERVAÇÃO
GALHO DIREITO			
Alferes	Joãozinho		
	Fabiana	Caixa	

[49] Entrevista com Iricene Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.
[50] Entrevista com Fabiana Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em agosto de 2015, Itaguari, Goiás.
[51] Entrevista com Maria Rodrigues dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

	Sebastião Patrício	Caixa	
Embaixadores	Marcos	Violão	
	Marcelo	Violão	
	Hermes		
	Márcio	Violão	
	Mané Vieira	Violão	
Instrumentistas e vozes	João Margoso	Pandeiro	
	Sayonara	Pandeiro	
	João do Burro	Violão	
	Miltão	Sanfona	
GALHO ESQUERDO			
Alferes	Jurandir	Bandeira	
Embaixador	Adão	Violão	
Instrumentistas e vozes	Geraldo Ribeiro		É também embaixador
	Lucas Ribeiro	Pandeiro	
	Iraci Ribeiro		
	Zé Taboca	Violão	
	Zé Pedro	Viola	
	Aline	Pandeiro	
	Francisco Ribeiro	Sanfona	
	Isaías	Caixa	
	Jesus		

1.8.2 Folia Goiana

Dentre todas as folias de reis de Itaguari, a Goiana é a que esbanja maior grandeza quantitativa. São dezenas de pessoas trabalhando na organização, meses antes do seu início. Outras, dezenas delas, trabalham em todos os pousos a partir do dia 31 de dezembro, dia da saída; mais ainda, na entrega, que acontece sempre no dia 6 de janeiro, principalmente preparando o alimento com dezenas de pratos e que é distribuído para todos

os devotos e turistas. Nos últimos anos aconteceram mudanças importantes: a entrega passou a acontecer todo ano, no Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato (Feira Coberta), desde de 1990[52], na praça central da cidade, devido o número crescente de participantes.

A Prefeitura Municipal é responsável por toda parte de infraestrutura e logística da Folia Goiana[53]. São tendas, banheiros químicos, palco, som e iluminação, show e segurança para todos os pousos e uma estrutura maior para o dia 6 de janeiro, dia da chegada. As tendas do dia 6 são todas ornamentadas. A prefeitura também doa 10 vacas para as três folias[54], ficando assim distribuídas: uma para a folia do Brejo Grande, outra para a Mineira e as demais são encaminhadas para a Folia Goiana: uma para cada pouso e o restante para o dia da chegada[55].

A folia Goiana tem seu primeiro pouso em 31 de dezembro de cada ano. Os pouseiros preparam seu espaço com tendas, fornalhas e convidam os ajudantes (pedreiros, cozinheiros, serventes de cozinha...) para organizar sua casa, chácara ou clube para acolher a folia no dia do seu pouso. A prefeitura monta o palco, duas tendas 10 x 10ml. Neste palco acontecem todos os dias em todos os pousos apresentações de artistas sertanejos e caipiras, regionalistas. Em cada pouso é uma multidão de pessoas: de três a cinco mil. Às vezes mais, quando o último ou o penúltimo acontece no sábado ou domingo da semana. À medida que os dias vão passando, os pousos vão aglomerando mais pessoas vindas do próprio município – da região rural e da cidade –, mas também das cidades vizinhas, da capital Goiânia e até de outros Estados.

Nos dias do pouso a parte ritual dos dois galhos da Folia Goiana tem o seguinte itinerário: saída do pouso anterior, sendo guiados por dois palhaços em cada galho e passagem em casas da cidade até o pouso à noite. Quando tem um pouso em região rural, gira-se em casas dessas regiões. “Mas a grande maioria dos pousos acontece na cidade.

---

[52] A prática de fazer a entrega da Folia Goiana na antiga Feira Coberta se dá desde 1990, quando à época foi festeiro José Divino de Oliveira, o Zelão. O gesto foi seguido posteriormente, nos anos subsequentes, por Dona Lia, Dona Francisca e Ramiô Rodrigues.

[53] Desde a festa de 2013, contudo, as três folias receberam apoio logístico por parte da Prefeitura Municipal também, principalmente com fornecimento de tendas e banheiros químicos.

[54] Informação concedida pelo Secretário de Finanças do Município de Itaguari, Magno Florentino Dutra, em março de 2014, Itaguari, Goiás.

[55] Tal prática se tem repetido desde 1990, quando o festeiro Zelão recebeu do governo municipal quatro vacas para o dia 06, e as outras eram distribuídas uma para cada um dos pouseiros. Assim pouparia os festeiros e pouseiros de todo gasto de carne bovina. No ano seguinte a festeira e vereadora dona Lia encaminhou requerimento à Câmara Municipal propondo que essa doação anual se tornasse lei. O projeto foi apresentado e aprovado, conforme atesta Daniel Antônio Flores, em entrevista concedida a este pesquisador em 04 de janeiro de 2016.

.

Saindo, segue um galho para cada lado", é o que diz Antônio da Silva Borges, em entrevista, acrescentando:

> Em algumas casas nós recebe lanche e, às vezes, eles pede nós pra arrumar uma dança de catira: aí os Irmãos Oliveira dança catira pra eles. Aí nós atende eles, eles dá um lanchinho pra nós. Aí nós dança e outros cantores canta também. Tem uns que nos acompanha todo ano, né: Mozart e Mozair, Tatico e Abeni, as Meninas do Catira... e às vezes vem também André e Andrade e os irmãos dele. Esses é mais raro porque é artista famoso, e eles vem todo ano é na entrega da folia, no dia 6. Eles canta também no palco da noite, nos pouso, que tem todo dia[56].

Na cantoria, o embaixador faz referência ao dono da casa: "Senhor dono da casa,/ deva de ter alegria/ e receber esta visita/ dos três reis e a Companhia." Recebendo uma oferta, canta o seu significado: "A oferta do casal/ serve de coroa e véu./ Ela vai servir de escada/ quando for subir no céu". Despede-se e convida os moradores para a festa dos últimos dia: "Os Três Reis lá vai s'imbora/ fica a famia convidada/ pro dia 6 de janeiro/ assistir nossa chegada".

Figura 11 – Alferes seguram as bandeiras dos galhos direito e esquerdo, do Folia Goiana, em chegada de pouso na região rural.

[56] Entrevista com Antônio da Silva Borges, realizada por este pesquisador em 03 de Janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

O dia da chegada da Folia Goiana tem uma programação extensa. Logo de manhã, a banda de música da cidade de Goiás faz sua apresentação, se convidada pelos festeiros. Na cozinha, montada dentro do Centro de Cultura e Eventos, cozinheiros já preparam a alimentação, começada desde o primeiro dia do ano, quando voluntários já preparavam carnes e verduras. Antes do meio dia a alimentação começa a ser distribuída aos presentes, quebrando protocolo antigo. A afirmação é de Daniel Antônio Flores, principal locutor de palco da festa do dia 06 de janeiro da Folia Goiana[57].

> Em muitas folias o povo só come depois que os foliões cantam em volta da mesa. Aqui, não: a comida ficando pronta, já pode distribuir pra todo mundo. Pra você ver: a nossa folia aqui nós entrega ela no dia 6, às duas, três horas da tarde, mas 11, 12 horas o povo já tá comendo. E come até a meia noite, uma, duas ou três da manha do dia seguinte, e não tem disso não. E no dia 07 tem a refesta, com mais comida.

A partir das 14h o grupo formado por dois galhos faz uma coreografia próximo ao presépio[58], que nos últimos anos tem sido montado na Praça São Sebastião, próximo ao Centro de Cultura e Eventos, sobre a elevação de um antigo chafariz. Já com a praça tomada por foliões, devotos e comerciantes de várias localidades, os dois galhos se juntam e cantam entregando a folia, na Av. Dona Lindolfa, frente ao presépio. Embaixadores se revezam na cantoria, frente às bandeiras seguradas pelos festeiros, sempre atentos aos tantos devotos que se ajoelham diante de seu símbolo sagrado maior. Uns simplesmente beijam a bandeira, outros se ajoelham e demoram mais, outros apenas passam sua oferta para os alferes ou colocam-na no cofre próximo do presépio. Enquanto isso, o embaixador canta o específico da entrega da folia, intercalando habilmente seus versos com outros que dizem sobre o devoto que se ajoelha ou faz sua oferta.

Feita a entrega da folia, seguem no palco, montado ali próximo, apresentações de artistas. A partir das 15 ou 16h, artistas cantam e tocam músicas sertanejas, dançam catira e tocam instrumentos. Enquanto isso, incessantemente, dentro do Centro de Cultura e Eventos, cozinheiros cozinham, serventes servem e o povão se alimenta. E a partir das 19 horas festeiros atuais vão chegando e os próximos também. Então o locutor agradece os festeiros que saem e acolhe os que ficam. Após a passagem das coroas e o recebimento de

---

[57] Entrevista com Daniel Antônio Flores, realizada por este pesquisador em 04 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

[58] Durante vários anos o presépio era montado dentro do Centro de Cultura e Eventos, em cima de um palco permanente. Há alguns anos foi mudado de local, devido ao número excessivo de pessoas que se aglomeravam em sua proximidade, dificultando sobremaneira a chegada dos foliões.

doações, são anunciadas e apresentadas as atrações principais da noite, cujo show segue até próximo ao amanhecer do dia seguinte.

A festa do dia 06, as entregas das folias, constitui-se num verdadeiro espetáculo dado a sua magnitude quantitativa. Parece, inicialmente, opor-se a algumas de suas peculiaridades: a simplicidade, seu caráter rural e sua informalidade espontânea. O palco, o som, a iluminação, as apresentações artísticas com toda a moderna tecnologia, apresentam-se, à primeira vista, como um corpo estranho em meio a uma festa marcada pela gentileza, proximidade e hospitalidade.

Mas quando começou a Folia de Reis Goiana? Com a folia mais conhecida e divulgada de Itaguari acontece o mesmo quando o assunto é data de seu início. Surgem dúvidas, alguns sugerem uma época, outro discorda, e se cria uma discussão sem fim. Mas é certo que as sugestões apontam para uma data próxima, de consenso ao menos em sentido macro, como a data apresentada em folder pelos festeiros da folia de 2006/7, a mesma calculada e divulgada pelos professores Osmar José Jerônimo Neto e Joaquim Marques Cardoso.

> A Folia de Reis Goiana foi fundada em 1928 por Idelfonso Silvério de Sousa. Inicialmente era uma folia mantida e organizada por um grupo de pessoas que se estabeleceram nesta região. Pouco a pouco foi se popularizando, aumentando a irmandade, chegando a ser a maior folia da região e uma das maiores do Estado de Goiás. Graças ao apoio da Família Freitas, em especial das duplas sertanejas André e Andrade e Irmãs Freitas, esta folia ganhou grande notoriedade e divulgação (FOLDER DA FOLIA GOIANA, 2006/7).

Antes da década de 1980 essa folia trazia práticas bem rurais, a começar pela presença mais constante fora da cidade, tanto para os pousos quanto para os giros. Era uma folia rural também, tal qual as outras eram, com todas as marcas dessa ruralidade: a construção das barracas com folhas de bacuri ou guariroba, giros a cavalo ou a pé; na alimentação, a dieta era com alimentos próprios da região: carnes, cereais, verduras e legumes. A Folia Goiana assemelhava-se às outras quanto à fartura de alimentos. É o que narra José Lino de Almeida Filho[59].

> O pouseiro praticamente não pedia nada pra ninguém para fazer a comida pro seu pouso. Ele já produzia tudo: arroz, feijão, milho, vaca, porco,

[59] Entrevista com José Lino de Almeida Filho, realizada por este pesquisador em 28 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

> farinha, galinha, verduras... ele produzia de um tudo mesmo. O festeiro é que às vez pedia. Mas muita gente até deixava para doar depois da festa. Hoje é diferente: o pouseiro pede, o festeiro pede... e tem gente que pede é pra sobrar mesmo, pra ficar com o dinheiro que sobra. É falar o que é: tem gente que faz bom dinheiro com pouso. Falo porque um festeiro já me falou isso. Antigamente não tinha isso não. Era devoção mesmo.

Depois da década de 1980, aconteceram mudanças na Folia Goiana. Foram surgindo mais pousos na cidade, pouseiros e festeiros passaram a pedir prendas e foi tendo mais participação. Segundo Daniel Antônio Flores:

> Antes de a folia ir crescendo e crescendo, teve uma época que ela foi diminuindo, diminuindo que quase acabou essa folia. Teve um tempo que tinha pouquinha gente. E mais: tem uma época que ela deixou de girar, inclusive. Passou não sei quantos anos, mas deixou de girar. Alguns falaram até que ela tinha acabado, que não ia voltar mais. Mas graças a Deus, meus Santo Reis nun deixou isso acontecer não. E não há de ver que quando ela tava fraquinha mesmo... quem aparece por aqui? André e Andrade e irmãos. E ocê sabe que eles são daqui... Então também por causa deles o povo começou a vir, a vir e logo se transformou nesse mundaréu de gente conforme você conhece.[60]

Algumas mudanças estruturais foram sendo feitas, distinguindo a Folia Goiana das outras. Primeiro, com o aumento dos participantes, a entrega da folia em espaço residencial tornou-se praticamente impossível. Então a entrega passou a ser feita no Centro de Cultura e Eventos. Isso é significativo: já não é em residência de morador, da família, mas em espaço público fixo, sem o clima de familiaridade doméstica próprio de uma cultura caipira, mas num lugar próprio para grandes apresentações, para shows. Silva (2000) lembra que o ambiente fora de casa já não é controlado pela família, mas pela vizinhança, por outrem. Os ritmos das cantorias, que são a sucessão regular dos tempos em uma frase musical, passou a ser mais os da tradição mineira do que os da goiana propriamente[61]; em lugar de barracas de bambu e folhas de bacuri ou guariroba, utilizam-se tendas de lona que são montadas e ornamentadas dias antes da chegada da folia. O público aumentou, tornando-se digno de barraqueiros que ocupam ruas e avenidas para exporem seus produtos, serviços e vendê-los aos devotos e turistas. Aumentaram também os

---

[60] Entrevista com Daniel Antônio Flores, realizada por este pesquisador 04 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

[61] Segundo Jovenor Nogueira, em entrevista realizada por este pesquisador em 02 de janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.essa mudança, que ele diz ter presenciado do decorrer dos anos, aconteceu devido a “vinda de foliões de fora”, de outras cidade para cantar também na folia goiana. “Foi aí que aconteceu isso: na Folia Goiana nóis canta mais no ritmo da Folia Mineira”, finaliza.

problemas trazidos por ele: falta de espaço e infraestrutura de acolhimento e saneamento básico, dentre outros.

Souto (2006) lembra que,

> antes da migração da festa do espaço rural para o urbano, a recolhida era feita no meio rural com muita simplicidade. Decorações simples feitas com folhas de bananeiras e folhas de bacuri. Atualmente, a recolhida é realizada na feira coberta da cidade onde o espaço é muito grande, mas não o suficiente para acolher todas as pessoas, sendo necessárias mais três tendas. Na decoração, há a tentativa de imitar o meio rural com arcos, na estrada, feitos com folhas de bananeira. As decorações de rua ficam por conta dos barraqueiros ambulantes, colorindo todas as ruas e calçadas da cidade (p. 32).

O impacto dessas mudanças impôs-se sobre o ritmo e organização do grupo de folia também, naturalmente. Primeiro, na divisão do grupo em dois galhos, que se fez devido ao número grande de foliões disponíveis e às tantas casas que solicitaram presença da folia. Depois, pela maior permanência do grupo na cidade e menor na parte rural do município. Nesse processo a Folia Goiana deixou de ser rural e passou a ser urbana, fixando-se na cidade, raramente indo à região rural. Para Silva (*apud* SOUTO, 2006), é doído que tenha chegado a tal ponto.

> Eu vou explicá essa parte aí pro cê que é muita doída, meu coração dói, que essa folia era só da zona rural, ela passava em Itaguari em argumas casas. Hoje ela mora em Itaguari, é porque a folia virou quase uma festa junina, virou uma festa de tradição mais de uma tradição que vêm muita gente de fora e pra ir na roça, elas num vai pô carro novo, mais o meu prazer que essa folia podia recoiê dentro de Itaguari, mais [que] fosse pra zona rural igual era antigamente e vortá e girá à noite e não de dia. Porque essa folia goiana já girou à noite (p. 33).

Com o aumento dos participantes aumentou também o custo para a prefeitura municipal que passou a se responsabilizar por toda parte de infraestrutura, a saber: palco, som, iluminação, show, locação de tendas e banheiros químicos, equipe de segurança, limpeza dos arredores do Centro de Cultura e Eventos, maquinários e veículos para transportes de lenha, lixo e outros. Acrescentam-se dez vacas distribuídas para as três folias. Para a então Diretora de Cultura do Município, Albani Barbosa e Silva[62], em entrevista concedia,

[62] Entrevista com Albani Barbosa e Silva, realizada por este pesquisador em 05 de Agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

> o projeto do Governo Municipal (2013-2016) é criar um Parque Municipal de Eventos para a realização de festas, inclusive a festa da Folia Goiana. Mas será um parque com espaço aberto para estacionamento, construção de fornalhas e mesas permanentes, uma espécie de presépio para a entrega da Folia Goiana e apresentação das outras folias do município e região... então será um local bem planejado.

Componentes da Folia Goiana

FUNÇÃO	FOLIÃO	INSTRUMENTO	OBSERVAÇÃO
GALHO DIREITO			
Alferes	Maria do Osvaldo	Bandeira	
Embaixadores	Luís Carlos Gomes Frazão	Violão	Também morador de Inhumas-GO
	Helinho de Inhumas	Violão	
Primeira voz	Pedrinho	Violão	
Segunda voz	Divino Sebastião		
Terceira voz	José Lourenço Neto	Violão	
Quarta voz	Edmilson José da Silva	Violão	
Quinta voz	Baltazar Balbino Guimarães	Viola	
Sexta voz	Maria Divina Dias Gouvêa		
Instrumentista	José Olavo Nogueira	Violão	
Instrumentista	Elias Filho	Sanfona	
Instrumentista	Hélio José Mendes	Pandeiro	
Caixeiro	Hadilon José		

	Lourenço		
GALHO ESQUERDO			
Alferes	Maria Cleuza Gontijo	Bandeira	
Embaixador	José Reimar Peixoto Neto	Viola	Luiz Carlos Gomes Frazão também embaixa neste galho
Primeira voz	Pedro ribeiro de Castro	Violão	
Segunda voz	José Geraldo da Silva	Violão	
Terceira voz	José Lourenço Neto	Violão	
Quarta voz	Edmilson José da Silva	Violão	
Quinta voz	Elias Borges Santos		
Sexta voz	Dirce Maria da Silva		
Instrumentista	Eurípedes Ferreira	Viola	
Instrumentista	Bruno José de Faria	Sanfona	
Instrumentista	Benedito Reinaldo da Silva	Caixa	
Instrumentista	Asnor de Morais Pereira	Pandeiro	

1.8.3 A Folia de Reis Mineira

Na lida cotidiana, o homem do campo se depara com dificuldades infindas. Desde a falta de recursos financeiros, as imprevisões do tempo e até enfermidades graves

que podem lhe interromper a vida. E quando não vê saída para a resolução do problema, volta-se para o sobrenatural. No caso de Itaguari, volta-se para Santos Reis, em muitos casos, fazendo-lhes uma promessa, um voto. Onde há folia, faz-se voto para dela participar; onde não há, cria-se uma. Foi o que aconteceu com Ana Rita do Couto, moradora de Itaguari, em 1957, conforme conta Magno Florentino Dutra, que produziu trabalho monográfico sobre essa folia. Conta ela que, atormentada Ana Rita por uma enfermidade, fez voto de tirar uma folia, caso Santos Reis a curasse: "eu quero fazê uma festa de Reis, que eu toda vida fui doente, então eu quero fazê essa festa de Reis". Ana Rita foi curada e a festa de Reis foi feita. E assim se deu a origem da Folia Mineira de Itaguari, no cumprimento de um voto[63].

A promessa ou o cumprimento do voto é uma constante nas festas de folias de reis, lembram Canesin e Silva, em estudo sobre as folias de reis de Jaraguá: "Eles sempre falam que a folia de Reis foi tirada para cumprimento de promessa"(1983, p. 19). A promessa agrega ou alimenta o pacto existente entre o santo e o devoto: "Um importante fator de agregação na devoção e que acaba funcionando como fator alimentador desse pacto, portanto, como parte essencial na reprodução do ritual, é o costume católico da promessa ou voto" (PESSOA, 2007, p. 195).

Práticas religiosas em Itaguari se configuram como religiosidade popular porque foi, esta, construída sem a dependência da igreja institucional, dentre outros elementos. Deu-se em torno das práticas solidárias campesinas e religiosas. Distante das práticas oficiais devido às distâncias e ausência de religiosos, os itaguarinos se prestaram muito às práticas populares de religião, desde a origem do povoado: rezas de terço, quermesses, novenas, benzimentos, folias de reis. Mesmo depois da presença de religiosos essas práticas continuam, porque já se enraizaram na tradição religiosa dos itaguarinos. Um dos motivos pode ser o fato de que Santos Reis, venerado como uma pessoa, são tidos como milagreiros de fato e santos de devoção (BRANDÃO, 1985).

Essa fé intensa em Santos Reis, em seu poder milagroso que se sobrepõe ao poder dos humanos mortais, é o que impulsiona e motiva foliões e devotos a viverem, reviverem e até reinventarem sua tradição, dando continuidade histórica à realização da Folia Mineira, no caso. Confirma-se aqui a ideia de Görgen (2004) quando diz que a vizinhança e parentesco são o motor que engrena e faz acontecer e continuar as festas

[63] Entrevista com Magno Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 27 de julho de 2015, Itaguari, Goiás.

campesinas. Desde seu início a família Couto, por exemplo, está presente no grupo que conduz a Folia Mineira. E esta não deixou, até os dias atuais, de concentrar-se na região de sua origem, a Região do Limoeiro e Cachoeira. No período intenso das atividades rurais em Itaguari, segundo Jair Florentino Dutra, a folia acontecia em meio à fartura de tudo: de espaço, com barracas grandes de bambu e folhas de bacuri; de folião, com embaixadores e abundância de alimentação, de doadores, de ajudantes, de pousos. Atualmente, tendo diminuído a população rural e crescido a urbana, segundo Dutra,

> Às vezes nóis tem dificuldades em encontrar pousos. Aí nóis pede um morador pra gente fazer a guarda da bandeira. Mas não tem janta, não. Às veiz arruma uma jantinha lá só pros folião, sem aquele povaréu que tem num pouso de verdade. Pouseiro é que é difícil, porque festeiro até que tem.[64]

O giro da Folia Mineira aglomera muitos foliões, devotos e acompanhantes. Como ela inicia sua lida antes das outras, do dia 25 até o dia 30 de dezembro – retornando para a entrega somente dia 06 de janeiro – torna-se o centro das atenções. Foliões das outras folias visitam-na, alguns cantam e outros até giram. Sua caminhada de porta em porta se dá durante o dia e em propriedades rurais da região, diferentemente da Folia do Brejo Grande que gira à noite e da Folia Goiana que se concentra mais na cidade. É grande o número de promesseiros e acompanhantes que sobem e descem serras, passam sob cercas, atravessam pontes ou pinguelas, percorrem plantações e quintais frutíferos até chegaram à morada de destino. Contam causos, vantagens, proezas; brincam com nomes alheios, contam piadas; narram fatos acontecidos, milagres, mitos. Leandro Araújo Siqueira[65], jovem folião, instrumentista e rezador de terço, em entrevista segue nessa linha:

> Uma das coisas que eu mais gosto da Folia Mineira é girar. A gente anda muito, sabe: a gente sai da casa do pouso e vai andando, contando causos. Passa nos regos d'água, em cima de pinguela, ponte caindo... E gosto demais. A gente encontra muita gente. Tem pessoa que a gente só vê de ano em ano, na Folia Mineira. Quando a gente viaja a gente suja tudo, passa no mato, no meio do pasto, anda debaixo de chuva... a gente ganha lanche em muitas casas. E quando chega no almoço ou nos pouso... Nossa Senhora! A comida é gostosa demais. A melhor comida que eu acho é a de folia, da Folia Mineira, que eu participo dela desde criança. Minha mãe nem gostava que eu viesse porque era muito criança.

---

[64] Entrevista com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 de outubro de 2015, Itaguari, Goiás.

[65] Entrevista com Leandro Araújo Siqueira, realizada por este pesquisador em 18 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

Personagens importantes já passaram pela Folia Mineira, deixando suas impressões. Muitos dos quais são lembrados em memórias elogiosas que fazem foliões e devotos, principalmente. Antônio Camilo certamente é o que mais se destaca dentre todos. Tornou-se embaixador durante a realização da folia, mas era também rezador de terço nos momentos específicos do giro e benzedor das mais diferentes enfermidades ou problemas espirituais. No grupo da folia, era bom conselheiro, afirma Jair Florentino Dutra, em entrevista: "Ele sabia chegar no folião, sabia cobrar. E mexer com folião não é coisa fácil. Mas ele tinha o jeito dele e todo mundo obedecia".[66]

Aura mítica circula sobre a pessoa de Antônio Camilo tantas vezes quantas for citado seu nome em rodas de conversa no período de giro da folia ou fora dele. Após sua morte, tornou-se lembrado sempre com um saudosismo mítico. E era místico de fato; não era de falar muito ou de contar vantagem, mas homem de muita oração. Diante de qualquer peleja ou embate espiritual, contava certo com Santos Reis, os mediadores celestes que jamais negavam reação. Tinha a medida certa para conter os excessos, intuía no momento exato a reação sagrada para combater qualquer desavença.

Depois de Antônio Camilo, surgiram outros embaixadores como Sebastião Camilo, seu filho, e Sebastião Raimundo. Em 2010 e 2011 ambos faleceram, ficando para coordenar o grupo os embaixadores Tõe Gordo, Jacó e o caçula deles, Antônio Gabino, o Gabinense. Jacó teve desavença com Tõe Gordo, em giro da folia que acontecia em 2012, e por isso afastou-se do grupo. Por fim, estão Tõe Gordo e Gabinense, como mostra quadro a seguir.

Figura 12–Chegada da Folia Mineira em pouso de Ivone e Altair, da região rural Limoeiro. Foto do Autor (2009).

[66] Entrevista com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 de outubro de 2015, Itaguari, Goiás.

No que concerne à cantoria, a folia mineira tem sua especificidade: canta em ritmo mineiro, muito embora os outros dois grupos e a própria folia mineira não se prendam ortodoxamente em seu ritmo de origem, cantando noutros também[67].

A folia mineira é constituída de um grupo só, diferentemente das outras duas, formadas por dois subgrupos, dois galhos, ou como alguns preferem, um grupo que se subdivide em dois galhos: direito e esquerdo. A estrutura organizacional da folia mineira está assim formada:

Componentes da Folia Mineira

FOLIÃO	FUNÇÃO	INSTRUMENTO	OBSERVAÇÃO
Jair Florentino Dutra	Gerente		Antes do giro, define todo trajeto; durante, guia os foliões em seu percurso
Antônio José	Palhaço		
Belchior	Palhaço		
Luizão	Bandeireiro e tesoureiro		
Tõe Gordo	Embaixador	Violão	
Antônio Gabinense	Embaixador		
Teninho	1ª Resposta	Violão	Ponteia violão
Mané do Couto	2ª Resposta	Bandolim	
Renival Peixoto	3ª Resposta		
Zé Maria	4ª Resposta		
Baltazar	5ª Resposta		
TõeBicô	6ª Resposta		
Foliões auxiliares e			

[67]Jovenor Nogueira, em entrevista realizada por este pesquisador em janeiro de 2013, lembra que a Folia Goiana, por exemplo, como diz o próprio nome deveria cantar no ritmo goiano, tem cantado, contudo, mais no mineiro porque, na falta de foliões, buscou embaixadores em Inhumas que, por sua vez, tem cantado no ritmo de Minas Gerais. Um aprofundamento minucioso do tema se pode fazer a partir da obra de Rios e Viana (2015), que pesquisam as "toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás". Para estes autores "a toada compreende a estrutura dos versos e das respostas, a melodia e o ritmo dos cantos de Reis" (p. 95).

instrumentistas:			
Abeni	Embaixador	Viola	Faz dupla sertaneja com Tatico
Tatico	1ª Resposta	Violão	Faz dupla sertaneja com Abeni
Divino Oliveira	Todas as vozes	Violão	É catireiro, do grupo Irmãos Oliveira
João, de Itaberaí	2ª Resposta		
Sebastião Venâncio	3ª Resposta		
Leandro	6ª Resposta	Violão, caixa e pandeiro	
Julierme	6ª Resposta		
Sebastião Sapo		Sanfona	
Gaspar		Caixeiro	
Adélio		Violão	É o afinador de instrumento do grupo
Tonino		Violão	
Ronaldo		Pandeiro	
Igor		Caixa ou pandeiro	
Chiquinho Valede		Pandeiro	
Rafaela		Pandeiro ou caixa	

Feito isso, o passo seguinte é descrever, pormenorizadamente, as folias de reis, na busca de melhor compreender seus *milagres* e seus *castigos*. Contudo, neste capítulo seguinte se refletirá antes sobre memória e mito, ferramentas teóricas básicas para tratar dessas folias e da sua relação com o mito. É pela memória que experiências e saberes serão compartilhados, transmitidos de geração para geração; e os mitos são os que, quando ritualizados, darão sentido à vida, possibilitando sua continuidade no processo histórico do qual faz parte.

O GIRO

Capítulo 2 - Folias de reis, memória, mito e folias de reis de Itaguari

O material do mito é o material
da nossa vida, do nosso corpo,
do nosso ambiente;
e uma mitologia viva, vital,
lida com tudo isso nos termos
que se mostram mais adequados
à natureza do conhecimento da época"

(Joseph Campbell, O poder do mito)

2.1 Folias de reis: de dança colonial à representação do cotidiano

Ao contrário de alguns decênios atrás, em que as folias de reis – ou qualquer outra expressão da cultura popular – eram compreendidas como subcultura, cultura de segunda categoria, baixa cultura, cultura dos menos cultivados, tem-se produzido muito sobre folias de reis. São antropólogos, sociólogos, geógrafos, psicólogos, musicistas, educadores e historiadores, dentre outros cientistas, que pesquisam sobre seus mais variados ângulos. E os resultados são os mais diversos, indiscutivelmente importantes porque partem de referências teórico-metodológicas consistentes e por isso fazem-se convincentes também suas conclusões.

Mas como todos os grupos que compõem a história humana – que são também grupos culturais, passíveis de influências míticas –, os grupos de folias de reis vivem processos de transformação constante. Isso equivale a dizer que folia de reis, conforme se tem hoje, é resultado de um processo histórico e sócio-cultural de séculos. Quando se trata de folias no período colonial, por exemplo, é preciso considerar a documentação referente e seu tempo com as suas condicionantes. Sob essa ótica, pode-se dizer que o ritual de devoção aos reis magos trazido de Portugal no início da colonização do Brasil se reinventou com o tempo, recriando vários outros. Apresentam-se, estes, como folias de reis, festas de reis, terno de reis, companhia de reis e reisados espalhados, como se sabe, por vários estados da federação. Por isso se pode dizer que folias de reis, conforme se tem hoje no Brasil, só se vê aqui[68], porque são frutos da sua história, da sua memória compartilhada

[68] Em um manuscrito de autoria anônima, proveniente do Rio de Janeiro e conservado em Lisboa (Portugal), na Biblioteca da Ajuda (sigla 54.XI.18[71]), fala-se de um "novo estilo de cantar os Reis", ou seja: um estilo próprio, construído aqui, no Brasil. O documento é significativo "para o estudo das tradições musicais relacionadas com as festas do ciclo de Natal em Portugal e no Brasil" (BISPO, 1990). Sabe-se que o autor desse manuscrito era criado da casa real do Rio de Janeiro e seu trabalho era dedicado à então rainha do império. Além de versos cantados, o manuscrito traz o dizer seguinte, naquele ano de 1818, segundo um

que, embora em processo de mutação, mantém-se ligada com precisão à sua base mítica de origem, comum a todos esses grupos acima citados.

Qualquer trabalho sobre qualquer tema nessa área deverá ter seu foco bem direcionado seja em amplitude, seja em profundidade. O que é – antes de ser um obstáculo – um incentivo à pesquisa bem fundamentada. Considerando isso, faz-se importante, nessa delimitação do tema, considerar as abrangências de trabalhos feitos sobre o mesmo objeto de pesquisa que aqui se pretende trabalhar.

O contexto histórico de quando as folias de reis chegaram ao Brasil carece de atenção, dado o fato de que os nativos que essas terras habitavam já tinham suas crenças. O Cristianismo, representado no processo de colonização das terras brasileiras pelos Jesuítas, introduziu seus entes sagrados no intento de substituir os daqui. Dentre eles estavam os Santos Reis.

> Quando, na colonização do Brasil, o cristianismo europeu entrou em contato com as práticas animistas da África e da América, o caráter mais sensível do catolicismo português, com seu recurso às imagens e à simbologia dos sacramentos que davam concretude ao intangível, ajudou a estabelecer uma mediação entre as crenças dos tupis e o ideário cristão. Forjando um paralelismo um tanto precário entre os dois universos religiosos e culturais, os jesuítas associaram os rituais tupis – cujo núcleo era o culto aos mortos – às potências demoníacas. Os sacerdotes combateram as cerimônias autóctones, substituindo-as por uma liturgia coral e imagética que era renovada em cada procissão. Além disso, apresentavam aos catecúmenos uma legião de anjos e santos que podiam ser invocados em caso de necessidade. Santos que, de certo modo, também são almas de mortos que intercedem pelos vivos, o que facilitava sua adoção. É nesse contexto que as folias chegam ao Brasil, pela mão dos primeiros missionários (RIOS, 2006, p. 66).

É sabido, diga-se, de práticas litúrgicas ibéricas de pequenos dramas contendo danças, cantos e grupo de pessoas que saiam de casa em casa cantando a troco de presentes em vésperas de Natal e do dia de Santos Reis, 06 de janeiro. Os jesuítas valeram-se de dois gêneros da arte que já eram muito apreciados pelos indígenas, em seus rituais: a música e a dança. Acrescentou-se a esses o teatro que foi, tal qual os anteriores, muito utilizado na catequese pelos próprios missionários no início da História do Brasil. Introduziram a

---

editor que teve acesso a esse documento: “Esse estilo de cantar os Reis de ‘casa em casa e de porta em porta’, comum no Brasil, representava, então, uma novidade para os círculos aristocráticos portugueses. Um uso de origem portuguesa já tinha, portanto, adquirido feição própria no Brasil” (BISPO, 1990). A partir dessa data, 1818, portanto, pode-se afirmar que a folia de reis trazia traços identitários próprios, podendo afirmar ser ela uma construção cultural brasileira. Ao tratar de folia de reis neste trabalho, entenda-se que ela tem um sentido geral que compreende desde a primeira devoção trazida pelos primeiros missionários até os dias atuais. Na particular, cada uma se identificará a partir de suas diferenças, e de seus aspectos comuns fundamentais.

comemoração do dia 6 de janeiro e foram se criando o costume popular de celebrar o ciclo do Natal, com homens cantando e pedindo para Santos Reis. Com o passar dos anos o nome dos reis foi também sendo utilizado para nominar lugares – a começar com o Forte dos Reis Magos, hoje a capital Natal – e pessoas brancas e índias. A folia chegou ao Brasil, portanto, como uma dança que compunha o ritual religioso, fazendo parte das procissões e teatros realizados, por exemplo, pelos padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. Dos escritos do próprio Anchieta, tem-se a seguinte referência: "À procura de Nosso Senhor vêm de longe os Reis, seus fiéis. Para ofertarem a ele trazem suas prendas. Na verdade, os Reis, neste dia, a seu senhor meninozinho vem. Eles amam muito, em seu coração, o seu criador" (ANCHIETA, 2016).

E eis um dos contextos nas quais as danças de folias estavam inseridas, conforme observa Serafim Leite:

> E acabada a missa se fez uma procissão, onde ia o Bispo debaixo de um palio vermelho com os mais ministros que já disse, revestidos, por mui comprida e hermosa rua e para que a festa não parecesse somente nossa e dos novos cristãos, muitos dos gentios, cheios de fervor e ataviados à uma maneira com pena muito louçã e seus maracás nas mãos tangendo, ordenaram sua folia com que descorriam pela procissão. Assim foi celebrada com motetes em canto de órgão e salmos bem acompanhados de vozes e também com os cantores e folia dos que, se mais souberam, mais fizeram (LEITE, 1956, p. 38)

A dança da folia e a procissão passaram a interagir, sobrevivendo ao controle que a Igreja impôs, posteriormente, sobre seus atos litúrgicos para conter os excessos dramáticos. Jesuítas trouxeram de Portugal as procissões peregrinatórias e até crianças cantoras de Lisboa para, com sua presença e canto, atraírem as crianças indígenas. Nas grandes procissões havia atrações cênicas e danças em momentos solenes de celebração, quando da chegada ou partida de um padre, imagem ou relíquia, diz Moreyra (1983).

E já consolidada a presença colonialista portuguesa, esses mesmos rituais se misturaram entre os brancos, mulatos e negros das cidades. Já nos sertões esses mesmos rituais foram incorporados às festas dos padroeiros. Em celebrações litúrgicas como nas de Natal, Páscoa, Corpus Christi, Pentecostes e em festas de padroeiros, de corporações e de grupos étnicos sociais, as igrejas do Brasil Colônia celebravam com danças e procissões, tendo nesta inclusa a da folia. Assim, autos e dramas litúrgicos contendo danças, cantos, teatros e procissões formaram os rituais básicos da cultura popular existentes hoje no Brasil.

A folia foi considerada uma manifestação popular, paralitúrgica e não profana, parte das procissões peregrinatórias. E foi a partir do século XVII que teve início a sua independência, sendo impedida de continuar sua participação nos espaços eclesiásticos.

> A Igreja não se restringe mais, através de cartas pastorais, a recomendar que os ritos realizados em igrejas, capelas e procissões mantenham respeito e evitem os abusos. Agora, condena todas as manifestações religiosas, como as festas de irmandades, confrarias e comunidades populares que escapam ao controle de hierarquia da Igreja, ou seja, dos padres e religiosos em geral. (FONTOURA; CELLURARE; CANASSA, 1997, p. 9).

Sem a orientação dos padres, lembra Brandão (1985), agora são consideradas profanadoras essas manifestações – portanto ilegítimas! –, se compuserem as festas religiosas sob a direção de leigos, beatos, rezadores e chefes de grupos rituais. Brandão destaca também que a atitude da Igreja de censurar essas manifestações de religiosidade popular levou à construção do "sistema do Catolicismo Popular". E a folia, que antes tinha sua maior expressão nas celebrações litúrgicas compondo as procissões, principalmente, desloca-se agora a caminho das praças, periferias, arraiais, capelas e regiões rurais, onde o controle eclesial era menor ou inexistente.

Está aí o que pode ser uma das explicações para a folia ter se tornado ao longo dos anos um ritual camponês. O campo, como se verá, é o lugar de onde se tira o sustento para a vida e onde há lugares belos e espaços extensos. É onde se terá experiências diversas, na lida com a natureza, construindo sentidos simbólicos às coisas, às relações solidárias. Lá se cria e mantêm mitos e lendas advindos dessas relações – às vezes trágicas! – entre pessoas e destas com a natureza, com seus mistérios. O campo é onde a cultura caipira é construída tendo a *viola*[69] e a *catira*[70] como elementos constitutivos da cultura caipira brasileira e das próprias folias de reis no Brasil.

---

[69] Conhecida por vários nomes ("viola de arame", "viola nordestina", "viola de festa", "viola de feira", "viola cabocla", "viola sertaneja"), a viola caipira brasileira é de origem portuguesa. Descendeu da guitarra latina, que tem origem arábico-persa. No Brasil, ajudou no processo de evangelização, tornou-se instrumento de missionários e homens do campo. Por vários séculos não ultrapassou os limites das aldeias indígenas e das propriedades rurais brasileiras. E tornou-se o principal instrumento musical utilizado por sertanejos do interior de São Paulo, Minas Gerais, toda região Nordeste, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. "Em torno de si vai tecendo músicas em novos ritmos agora presentes. 'Cururus', 'cateretês', 'cipós-pretos', 'batuques', 'guaianos', 'calangos', 'recortados'. (...) A diversidade de afinações que aqui se desenvolveram é uma mostra do quanto este instrumento se adaptou às terras brasileiras" (VILELA, 2017, p. 180) A afinação preferida dos violeiros é a Cebolão (em MI ou RÉ maior). E Cebolão porque, dizem, quando os homens tocavam nessa afinação o som era tão tocante que as mulheres choravam como se estivessem descascando cebolas. Obra importantíssima de estudo sobre a viola caipira, que inclusive fala da sua utilização nas folias de reis, é A arte de Pontear viola, de Correa (2002).

Figura 13 – Grupo de catira da Folia do Brejo Grande. De acordo com solicitação de moradores, o grupo está sempre disponível para dançar, sob o som da viola. Foto do autor (2009).

A consolidação da presença colonialista portuguesa possibilitou a mistura dos rituais usados na catequese do índio com os dos habitantes brancos, mulatos e negros das cidades. Já as festas dos padroeiros foram incorporadas ao sertão. Assim, esses rituais litúrgicos, danças, cantos e procissões formaram os rituais da cultura popular brasileira. Mas tiveram que se reinventar no decorrer dos séculos, já que se distanciaram dos momentos litúrgicos solenes da Igreja Católica. Exemplo disso foi a prática que cultivaram de devotos saírem nas noites de reis com seus instrumentos em casas de moradores pedindo presentes. Para estes cantavam e em troca recebiam dinheiro ou comidas (BRANDÃO, 1985, p. 29).

À medida que essas práticas populares afastaram-se progressivamente das celebrações solenes e oficiais da Igreja Católica, perderam sua dimensão dramática, ficando somente os cantos e as danças. A Igreja Católica, dessa forma, continua Brandão (1985),

---

[70] Sobre a dança da catira (ou cateretê) é uma atividade folclórica que leva ao século XVI, ao período da ocupação do Brasil. É considerada uma coreografia índia sabiamente aproveitada pelos catequistas em sua primeira evangelização. Couto Magalhães assim diz em seu livro intitulado "O selvagem": "As [danças] européias são a valsa, a quadrilha; a africana é o batuque, que é pouco moral; a brasileira, essencialmente paulista, mineira e fluminense, é o cateretê, tão profundamente honesta (era dança religiosa entre os tupis) que o padre José de Anchieta introduziu nas festas de Santa Cruz, São Gonçalo, Espírito Santo, São João e Senhora da Conceição, compondo para elas versos em tupi, que existem até hoje e de que possuo copio" (MAGALHÃES, 1935). Ver também *Catira: uma tradição de 450 anos*, de Rezende (2014).

desconsidera, definitivamente o arcabouço simbólico das festas populares. Estas que sempre tiveram poder de inserção junto ao povo, talvez maior do que a própria Igreja, não se extinguiram, mas se deslocaram.

> Assim, o primeiro efeito da ação repressiva dos bispos sobre a presença de rituais popularizados nas missas, ofícios e procissões é que eles, ao invés de serem abandonados pelos leigos ou, pelo menos, reduzidos, simplesmente deslocaram-se do interior dos templos ou das procissões para lugares próximos: o adro, a praça fronteira à igreja. Um segundo efeito é que em muitos lugares por todo o território nacional tais ritos vão, com os seus agentes, sendo deslocados para as periferias pobres das cidades, para os arraiais, para as capelas constituídas e preservadas por comunidades rurais (BRANDÃO, 1985, p. 29).

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão traz importante colaboração para o presente trabalho, à medida que mostra o caminho percorrido por grupos populares, particularmente, no tocante à sua participação em celebrações litúrgicos da Igreja Católica no Brasil, desde as origens deste. Destaca-se aqui o que Brandão chama de "sistema do Catolicismo Popular". São grupos que, após sua desvinculação das celebrações litúrgicas oficiais, passaram a ter um ordenamento próprio, valendo-se mais autonomamente de seus mitos, símbolos e ritos; enfim, construíram um sistema de significados e valores ativa e independentemente cultivados pelos seus seguidores, capazes de dar sentido e direção às suas vidas.

Em Goiás, o relato mais antigo de que se tem notícia sobre grupo de folia é o do viajante e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, no início do século XIX. Referência importante também é a da estudiosa da cultura popular, Regina Lacerda, que faz uma rápida descrição de parte do ritual de folia:

> As folias não são, como se julga, por visão superficial, motivo de diversão, com predominância da parte lúdica. São elas um culto que se presta ao Deus nascido. Os foliões, com sua bandeira à frente (onde está o 'registro' dos três Reis do Oriente), fazem suas visitas às casas, lembrando a peregrinação de Gaspar, Melchior e Baltazar, procurando levar à casa devoção e respeito, e sua mensagem se manifesta desde o canto de chegada: 'Senhor dono da casa/ Abre a porta, acende a luz,/ Recebei os Santos Reis/ e o Coração de Jesus' (LACERDA, 1978, p. 37).

Outros buscam conceituar folia, já que descrever todo o seu ritual, bem como a função específica de cada membro, foi uma tarefa dos vários pesquisadores que vem tratando desse mesmo objeto, nas mais diversas regiões do país. Diz, por exemplo,

Ortencio: "[Folia é] bando de pessoas devotas que percorrem as fazendas tirando esmolas para celebrar a festa do santo" (2004, p. 80). Com mais pormenores, diz:

> Folias são grupos de pessoas que percorrem as casas das fazendas ou as dos bairros da cidade, angariando donativos para a festa, sendo dinheiro para o custeio (despesas) e prendas (animais, mantimentos e objetos) para o leilão, que reverterão em dinheiro para a Igreja. Em geral, quem organiza a folia o fará por sete anos, cumprindo promessa. São mais comuns, mais animadas e fartas as folias rurais. À frente do grupo vai o *alferes*, que é quem dirige a folia, empunhando a bandeira do santo (ORTENCIO, 2004, p. 82/3).

As folias de reis fazem uma representação da jornada dos Reis Magos. À frente do grupo, carregada pelo Alferes, vai a bandeira, símbolo maior do grupo, porque a bandeira significa os Magos. Brandão (2004, p. 385) confirma a importância da bandeira como objeto de culto mais importante da folia. Como dizem os próprios foliões, "A bandeira vai na frente, ela é a nossa guia"[71]. Sobre a representatividade da bandeira na casa de morador, comenta Pessoa (2005, p. 89): "A entrega da bandeira é um sinal da vinda do sagrado ao espaço mais reservado da fé, que é a casa do morador." "De todos os objetos simbólicos existentes no altar, a bandeira é a que recebe os mais frequentes e intensos comportamentos de deferência religiosa" (BRANDÃO, 2004, p. 385).

Brandão é um pesquisador que durante tempo significativo estudou "símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás". Foi ele que, em seu estudo *A Folia de Reis de Mossâmedes, etnografia de um ritual camponês*, fez uma conceituação mais precisa do grupo estudado: "A folia de reis é um grupo precatório de cantores e de instrumentistas, seguidos de acompanhantes, e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos 'três Reis Santos', entre 31 de dezembro e 6 de janeiro" (1983, p. 4). O autor descreve o papel do embaixador, do gerente, do palhaço, do alferes e dos demais membros do grupo, e de situações que devem ser evitadas, segundo os princípios do ritual: 1º o grupo não pode passar duas vezes por uma mesma estrada; 2º não pode haver o encontro de duas bandeiras; e 3º evitar, durante o giro, o encontro de algum presépio (1983, p. 9-10).

Em outro estudo sobre *Rituais Religiosos do Catolicismo Popular em São Paulo e Minas Gerais*, Brandão traz elementos antropologicamente importantes para a reflexão prevista neste trabalho: a importância da dimensão simbólica e ritual da folia, no

[71] Entrevista com Antônio da Cruz Carrijo, realizada por teste pesquisador, em 25 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

contexto do catolicismo popular. “A Folia de Reis é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (1981, p. 36). “A Folia de Reis é um exemplo privilegiado da complexidade de símbolos e de práticas do catolicismo popular” (1981, p. 49).

Canesin e Silva (1983) pesquisam *A folia de Reis de Jaraguá*. Comentam sobre a história da cidade, seus costumes, rezas e festas; por fim, descrevem detalhes de sua folia de reis: sua origem, o processo educativo que vai “formando” novos foliões: “A folia mantém-se viva porque uns foliões passam a sua sabedoria para os outros que continuam a festejar os Santos Reis. Os mais velhos vão ensinando aos mais novos – filhos, sobrinhos e amigos – as cantorias e a devoção” (p. 20). As mesmas pesquisadoras seguem registrando uma entrevista de Gaudêncio Rodrigues da Silva:

> Eu aprendi as cantorias com meu pai que era folião de guia. Ele sempre falava para mim e pro compadre Inácio: vocês precisam de aprender, porque vocês não vão ter eu para toda vida... foi até que chegou o tempo e ele faltou. Os outros foliões mais velhos faltaram. Então, ficou nós dois, né?... Agora eu sou o mestre. Eu e o compadre Inácio (CANESIN; SILVA, 1983, p. 21).

As autoras continuam, fazendo menção às normas da folia de Jaraguá, “criadas pelos mais velhos”, citando mais uma entrevista, a de Inácio Cirilo da Silva:

> Nós não podemos fazer coisas erradas nas casas que passamos. Faltar com o respeito. Pode dançar. Pode conversar. Contar piada. Pode beber até um golinho, não sendo assim para passar, ficar fora do normal. Tem que respeitar a família: chegar, entrar e sair da casa do morador em paz, do jeito que nós achamos. Mas sempre ter cuidado na obrigação. A folia, estamos nela como parte da devoção, de nossa religião. Isso em primeiro lugar. Depois de terminada, nós temos a diversão. Vamos dançar catira, forró, cantar, contar piada... (1983, p. 30-1).

Outro pesquisador que tem produzido muito e de forma bem fundamentada sobre folias de reis em Goiás é Sebastião Rios. Em *Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual*, fez “o levantamento da variedade de toadas de reis em Inhumas e região, com a respectiva identificação da autoria dessas toadas, quando era o caso” (RIOS; VIANA, 2015, p. 13). Para estes autores,

> A toada compreende a estrutura dos versos e das respostas, a melodia e o ritmo dos cantos e das respostas, a melodia e o ritmo dos cantos de Reis.

> (...) As toadas costumam ser identificadas pelo nome do folião – contemporâneo ou antigo – que as criou e/ou repassou (João Baianinho, Geneci), da localidade em que foi ouvida (Cerradinho, Damolândia, Trindade), da estrutura de vozes na resposta ao cantorio do embaixador, de um trecho da resposta, da estrutura da estrofe etc.
> A estrutura mais freqüente da Folia de Reis na região[72] é a folia de seis vozes, também chamada de folia mineira. Nessa formação, o embaixador, às vezes com um ajudante, tira a toada cantando toda a estrofe, que pode ser uma quadra – o que é mais comum – ou um dístico, isto é, uma estrofe de apenas dois versos. Neste caso, a toada é chamada de meio verso porque é necessário um segundo dístico para fechar o sentido e a rima da estrofe. Apenas a toada Violinha apresentou estrofe distinta, de oito versos, denominada oitava. À embaixada segue-se a resposta que repete um ou dois dos versos tirados pelo embaixador. A resposta é entoada por três vozes – segunda, primeira e terceira. A seguir, entra a requinta, um segundo conjunto de três vozes – quarta, quinta e sexta –, que sustenta de forma prolongada as três notas do acorde de primeiro grau oitavado. Apenas nas toadas dobradas a requinta tem função diferente (2015, p. 95).

Dois estudiosos são referência importante para o estudo de folias de reis no Brasil. Primeiro, Jadir de Moraes Pessoa, pesquisador incansável. Em um de seus trabalhos, *Meu Senhor dono da casa: 50 anos da folia de reis das Lajes* (município de Itapuranga-GO), lembra da importância da Folia de Reis como espaço fundamental de construção e de comunicação de significados simbólicos e sociais. O outro é Brandão (BRANDÃO, 1981, p. 42-43), para quem a "A Folia de Reis ainda se expressa ou tem 'sua verdadeira face' na sequência de obrigações: dar, receber, retribuir". Na folia há a partilha por parte do fiel que, em contrapartida, recebe a proteção e bênçãos de Santos Reis. Mas, mais do que uma relação de troca simplesmente, deve haver entre o fiel (folião ou não) e o santo um pacto à base do respeito e da seriedade no cumprimento do estabelecido entre ambos.

> Entre os devotos e foliões há uma convicção de que Santos Reis é um santo poderoso, pródigo em graças e milagres, mas é exigente. Com a mesma mão ele dá em abundância mas pode também punir. Por isso, ser folião exige dedicação ininterrupta e andar em sua companhia é um ato de fé e de respeito. Não se pode quebrar esse pacto (PESSOA, 1993, p. 133).

O autor faz uma descrição minuciosa do ritual desse grupo de folia de reis, o das Lajes – do qual Jadir de Morais Pessoa é também um dos embaixadores –, lembrando que o ritual de folia de reis é caracteristicamente um ritual do mundo camponês, e que "A Folia de Reis é um movimento sócio-religioso cíclico e não um movimento messiânico..." (1993, p. 106). É "uma representação do cotidiano de trabalho, sofrimentos, inventividade e

[72] Diga-se: da região de Inhumas, que inclui Itaguari.

alegrias da gente do campo" (1993, p. 116). Além disso, diferentemente do mundo urbano, onde a lógica capitalista exige que "tudo tem que ser remunerado em moeda corrente", "a vida em uma comunidade camponesa é uma vida solidária" (1993, p. 111). Pessoa também descreve as funções específicas de cada um d*os componentes* do grupo de folia, tais como o alferes, o embaixador, o palhaço e os demais que compõem o grupo. Comenta sobre as regras que devem ser respeitadas, a complexidade dos limites entre o rural e o urbano, os "rituais e as relações sociais" e reflete sobre a "morte da festa" e sobre "folia e religião".

A folia de reis no Brasil passou por um processo importante: adentrou as terras brasileiras como parte de ritual religioso, católico e colonizador, e se tornou "movimento sócio-religioso cíclico", de "representação do cotidiano do camponês" – no caso das folias de reis de Goiás – realizada ela no campo ou na cidade.

Específico de Brandão e Pessoa são suas pesquisas referentes a folias de reis como espaços sociais que concretizam uma cultura própria. E valem-se, as folias, de uma narrativa mítica fundamental, símbolos e ritos que as sustentam e lhes dão sentido. Lacerda, que muito se dedicou à cultura popular em Goiás, destaca o valor moral do "respeito" que deve ter o folião e Pessoa, além deste, menciona o da "dedicação" que culmina em pacto com os santos. E compromisso de pactuação implica, necessariamente, em partilha simultânea de dons e benefícios: se de um lado foliões e devotos ritualizam seus sacrifícios, de outro os santos, poderosos como são, os protegerão das intempéries da vida, com milagres ou outras bênçãos. Grupo de folia divulga a devoção, propaga-a em sua cantoria, mas também pelo testemunho e presença dos foliões e seus seguidores, lembra Brandão. E Rios menciona seu caráter "popular", "religioso", a origem e o destino da viagem que os foliões representam na sua forma de "cortejo", que remete aos cortejos de procissões originárias da folia no período colonial.

Certo de que discutir conceitos colabora com a responsabilidade de produção de conhecimento que tem o pesquisador diante de um objeto específico, foi observando os conceitos acima que se chegou ao que ora se elabora, valendo-se das experiências desses autores e das próprias convicções até então produzidas. Entende-se aqui, logo, que folia de reis é uma representação mítica popular da viagem dos reis magos e do dia a dia da gente solidária do campo. Representação essa que se dá na forma de "movimento sócio-religioso cíclico", cujos santos vão representados na bandeira que serve de guia aos viajores que visitam casas rurais e urbanas em cantoria, pedindo donativos para a festa no seu dia.

Por fim, considerando o que já se encontra expresso, desenvolver-se-á as temáticas seguintes sobre memória, mito e suas relações com a história das folias de reis de Itaguari, sendo que, para isso, o ritual das folias será descrito detalhadamente.

2.2 História oral, memória e história

Para melhor se compreender os mitos, sua construção e suas implicações e adentrar suas raízes, far-se-á reflexão sobre a história oral, memória e história das folias de reis de Itaguari. A primeira na condição de instrumento utilizado para a construção de informações que formam os mitos; logo, para se trabalhar a história das folias de reis. Valer-se-á da história oral porque se entende que narrativas são fontes de conhecimento sócio-histórico e cultural. Também com ela se pretende buscar "versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais" (DELGADO, 2006, p.15). Assim a história oral vai cumprir papel muito importante: colaborar na reconstituição de situações individuais e coletivas e de gerações passadas, elevando-as a objetos de pesquisas.

A história das folias de reis de Itaguari é lembrada, contada e recontada por foliões e devotos nos dias de sua realização, com intenso entusiasmo e detalhes, mas também durante o ano, quando o assunto vem à tona. Basta que se inicie uma discussão sobre o assunto, em rodas de conversa, para que um ou outro comece a lembrar do fulano, do sicrano ou do beltrano como importante personagem histórico desta ou daquela folia. São personagens e feitos que marcaram época e que ocupam espaços na memória dos foliões e devotos. E estes personagens centrais das folias de reis buscam seus conteúdos no profundo da sua memória para, com diálogos compartilhados oralmente, exporem a história vivida por eles mesmos ou por outrem.

Foliões e devotos, sabedores da importância de sua fala ou com voz de quem sabe dar o devido peso às palavras, narram com riqueza de detalhes "os sistemas" dos embaixadores, festeiros ou fatos acontecidos. A impostação da voz, a gesticulação, os membros e a profundidade dos olhares são instrumentos utilizados na narrativa, por vezes tão importantes quanto o próprio conteúdo da fala. Aqui se considera, naturalmente, o conjunto de elementos ou mecanismos utilizados para exposição da narrativa, mas principalmente a fala, ora cantada, ora falada. Assim, pode-se dizer que a mola impulsionadora da narrativa e que a torna importante na memória dos foliões e devotos é o

seu conteúdo. Este sim, se faz singular, a ponto de ser contado e recontado para que sirva de exemplo.

Esse conteúdo pode ser, em muitos casos, mítico, ou estar intimamente ligado a alguma narrativa mítica básica, conforme se explicará adiante. Ele se propaga nas cantorias e narrativas contadas e é parte da vida real. É no palco da história vivida e partilhada de foliões e devotos que se dão fatos memoráveis, distintos dos corriqueiros, dignos de serem registrados e lembrados.

> Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória. Por história é preciso entender então não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto (HALBWACHS, 1990, p. 60).

A narrativa se torna importante quando contada, por isso é contada nas folias, tenha nexo, conexão lógica ou não; os detalhes do exemplo narrado impactam, por isso impressionam; a essência do seu conteúdo se torna exemplar, por isso se buscará repeti-lo. Em sua repetição há que se distinguir entre o passageiro, o episódico e o facilmente superável, do que se coloca como distintivamente exemplar, digno de ser seguido como princípio moral modelar.

Nessa linha é que seguem as pesquisas apresentadas adiante, com base em informações coletadas sobre a história das folias de Itaguari. As narrativas postas oralmente tratam de situações, fatos, personagens e rituais que construíram a história das folias e que fazem parte da memória de seus principais líderes, foliões e devotos do momento presente. São muito significativas para os foliões porque favorecem as relações solidárias e constituem seu viver histórico em um período curto de tempo, porém muito representativo.

Há historiadores tradicionais que são céticos em relação ao valor das fontes orais na construção do passado[73]. Mas em linha de discórdia de tal postura é que Albuquerque Júnior (2007), em *As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral*, diz da importância do silêncio para refletir sobre "a relação de complementaridade e distanciamento que há entre o texto, escritura e falar, voz, oralidade" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 229). E conclui o parágrafo: "Silêncio para falar da História, uma história que se diz oral, mas que se faz por escrito. Silêncio, pois, para falar talvez, de uma

[73] Acreditam que tais relatos não "edificam hipóteses históricas importantes sobre aqueles grandes acontecimentos" (PRINS, 1992, p. 163).

impossibilidade, desta impossibilidade, a de fazer história oral sob o império da sociedade escriturística" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 229).

Complementaridade porque não se pode dizer que a história oral não dá sua contribuição, de modo específico, para fazer lembrar das "vozes caladas do passado"; e distanciamento porque não substitui nem invalida a história escrita. Contudo, é bom lembrar que

> [...] ela surgiu nas sociedades antigas do Ocidente a partir da emergência da prosa, da narrativa escrita. A história se define como uma atividade escriturística (...). A primeira História escrita, aquela de Heródoto, nasceu de uma arrojada empresa de captura das oralidades, de escuta e registro de testemunhos, empreendida por um representante da pólis grega preocupado com o possível desaparecimento dos feitos maravilhosos e extraordinários realizados por gregos e persas durante as Guerras Médicas (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 229).

Longe de dar à oralidade múltipla função, como se ela fosse o supra-sumo da escrituração livre, sem lei ou regra no ofício da narração historiográfica, a oralidade ou

> o oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 230).

A história é uma representação do real, se refaz, se reformula, a partir da indagação do historiador ou confrontamento vindo da descoberta de outros documentos ou fontes. "A elaboração da história está sempre voltada para o que se expressou ou se manifestou de forma pública ou privada" (MONTENEGRO, 2007, 19). E é valendo-se da memória que se recorre a esse manifestado, ao fato ou acontecimento do passado. É no exercício da memória, que se vale da oralidade para transmissão do que foi lembrado.

Até meados do século passado folcloristas e etnólogos, preferencialmente, resguardavam a tarefa da produção oral com seus registros, classificação, análise e censura. Profissionais da saudade, românticos e contrários ao progresso, procuravam "resgatar vozes perdidas, deixadas no antanho, recuperar o passado visto e dito como idílico, puro ingênuo, autêntico, original, permanente, eterno" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 230). A partir dos anos 1950 foi se configurando um novo cenário da produção oral no Brasil.

> [...] emerge um novo populismo, aquele que busca na "cultura popular", no "povo", os rastros da revolução, do descontentamento, da resistência ao poder e ao capital. O povo deixa de ser visto como tradicionalista, como costumeiro, como passadista, como último reduto da alma nacional, do espírito regional, do caráter local, para ser visto como portador de falas dissidentes, de interpretações alternativas da cultura e da sociedade, como portador de uma inconsciente experiência libertária, contestatória, rebelde (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 230).

Buscou-se então dar ao profissional da escrita, o intelectual ("de vanguarda", "universal"), a missão de suscitar essas vozes perdidas, vencidas e submetidas ao silêncio da dominação de classe, silenciadas pela imposição do Estado e da ciência.

Mas uma questão importante aqui se colocava: essas vozes do povo chegavam até o historiador por meio dos registros escritos, tal como o herege por meio dos sermões da Igreja e o louco através dos dados de sua ficha de internação. E o historiador cria que estava recuperando duas vezes sem sua interferência pessoal, de seu método e de interesses pessoais.

A partir dos anos 1970 os historiadores passaram a utilizar um instrumento que os antropólogos já utilizavam muito antes, o gravador. Utiliza-se, com este, a voz propriamente da pessoa entrevistada.

> a fotografia e, posteriormente, o vídeo fazem com que estes sujeitos populares ganhem rostos, corpos, gestos, nomes[74]. Eles agora falam e o historiador escuta, numa atmosfera que beira ao ritual sagrado. Horas de entrevistas registradas, horas de escuta atenta, horas de emoções partilhadas, horas de trocas de experiências, e afinal chega o momento de se produzir o conhecimento histórico (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 230).

Aí surgem as dúvidas sobre o deixar perder ou não algumas coisas do falado, na escrita; sobre a suficiência de colocar "risos" e "lágrimas" apenas entre parênteses, após o texto da fala; ademais, o roteiro de perguntas não poderia ter influenciado o entrevistado em suas respostas? O que se pode dizer, por certo, é que a escrita não absorve toda riqueza comunicativa de sentido externada pelo sujeito de um testemunho ou narrativa oral. O que equivale dizer que, do ponto de vista do método adotado, quaisquer objetos ou depoimentos encontrados na forma material ou imaterial que tragam informações sobre o passado (fatos,

[74] Ferreira e Amado (1996) apresentam alguns desafios da História oral. São eles: o advindo da "rápida evolução das tecnologias de comunicação"; "a reflexão metodológica ligada aos debates com as disciplinas afins, sociologia, etnologia ou lingüística"; "como articular melhor e fazer dialogar os diversos projetos e produções de história oral"; "o 'descobrimento dos analfabetos' num mundo de civilização escrita"; e "as situações históricas extremas que acarretam um profundo traumatismo da memória" (p. 59).

acontecimentos, situações...) ou sobre o “presente”, na confecção da história do tempo presente; quaisquer documentos, sejam eles escritos, gravados, declamados, cantados ou simplesmente ditos, podem ser acolhidos como fonte recursal para se escriturar história.

Formam sustentáculos basilares da história oral a intenção de maior proximidade com os sujeitos que fazem a História a partir de baixo e a preocupação com a legitimidade política do texto do historiador que os tem como foco de pesquisa. É com esses caracteres que a história oral não se vê obrigada a ser ou imitar este ou aquele modo de fazer história, mas se apresenta com sua especificidade, como mais um modo que se complementa com outros, sem perder sua particularidade. Assim, entende-se aqui que a história oral não é e nem pretende, portanto, ser superior ou inferior a outro procedimento metodológico de produção historiográfica. É um modo, um caminho opcional que o historiador pode percorrer no exercício do seu ofício. Valer-se da história oral é trazer o passado para o presente através de narrativas individuais de pessoas que se inter-relacionam coletivamente, que são entes individuais e coletivos simultaneamente. Essa escolha metodológica aqui é feita à medida que se privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participam de processos históricos das folias de reis de Itaguari ou testemunharam acontecimentos no âmbito da sua realização. Mais do que puramente conhecimento, essas pessoas têm experiências de vida vividas e motivadas pela fé e devoção, em dias de orações cantadas, festas com fartura de alimentos e gratuidades explícitas. E a fala, a oralidade, são seus instrumentos únicos de partilha dessas experiências vividas com intensidade.

A oralidade transmite saberes por meio da repetição, que se dá passando de pai para filhos, de devotos para devotos, formando tradição. A tradição oral se dá com palavra e expressões que se tornam causos, conselhos e ensinamentos que são cantados e cantados novamente, contados e recontados. E o instrumento humano utilizado para gravar esses fatos e acontecimentos, possibilitando que sejam ditos e repetidos em um processo dinâmico de auto-reconstrução de si mesmo é a memória. Memória que faz lembrar, compartilhando, por exemplo, o fato mitológico.

Dessa forma vão-se moldando narrações que são construídas por pessoas históricas individuais que trazem os lapsos e os percalços da memória na forma de oralidades, espelhos do passado. Pessoas essas que são também coletivas, integradas no movimento dinâmico da sociedade e que são, simultaneamente, construtoras e reflexo desse mesmo movimento. Nessa linha de reflexão se pode dizer que os narradores dos mitos e de

narrativas míticas das folias de reis de Itaguari, conforme se verá, produzem história expondo o passado e, ao mesmo tempo, expõem-se no presente como agentes históricos. Constroem história lembrando, atiçando a memória, seu principal instrumento, submetendo-se aos seus riscos, valendo-se dos seus ganhos.

Maurice Halbwachsescreveu *Memória coletiva*, termo que ele criou a partir de estudos sobre a memória. Estudou filosofia com Henri Bergson, do qual teve muita influência. Encontrou-se com Émile Durkheim em 1905 e a partir daí trabalhou no campo da sociologia. *Memória coletiva* é sua obra mais conhecida. Para Halbwachs, mesmo que o indivíduo se lembre de algo estando materialmente só, terá sempre estruturas simbólicas e culturais de um grupo social como referência. Memória é construção social porque, fazendo sempre parte de um grupo, a pessoa se lembrará daquilo que é importante para o grupo. "É na sociedade que as pessoas adquirem normalmente a sua memória. É também na sociedade que recordam, reconhecem e localizam as suas memórias" (1990, p. 38). Daí se pode afirmar que a memória histórica se relaciona à história vivida, pois esta se baseia em experiências vivenciadas em grupo, que busca conservar a imagem do seu passado. Assim como a memória, a história também é produto dos grupos sociais, pois reconstroem o passado a partir de categorias de sua própria cultura. E por ser a memória seletiva, nem tudo que é vivido fica gravado na lembrança. Assim a história, ao tentar resgatar a memória coletiva e transformá-la em narrativa, constrói um relato aproximado do que ocorreu, dado o fato de o historiador encontrar-se em outro tempo e não ter vivido diretamente o fato sobre o qual escreve.

Depois de Halbwachs vários autores discutem sobre a memória e suas implicações nas relações sociais e no processo histórico. Memória é tida como instrumento essencial utilizado pelos narradores de mitos. A memória que lembra e conserva estados da consciência do passado e ao que está a ele relacionado. Memória que tem a capacidade de receber, conservar e restituir dados.

> A memória contém incomensuráveis potencialidades, destacando-se o fato de fazer consigo a forte marca dos elementos e mitos fundadores, além dos elos que conformam as identidades e as relações de poder. São as recordações – em suas dimensões mais profundas – que conformam as heranças e acumulam tradições, experiências e detritos (DELGADO, 2006, p. 39).

Memória não é o espaço das idéias fixas e necessariamente mensuráveis, voz absoluta do passado sem nexo com o presente ou sem conexão com o futuro. A memória

articula de modo dinâmico e objetivo os tempos da existência humana, vividos nas contradições e vaivens da vida. Por isso seu conceito é elementar.

> O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

A memória reina em todas as culturas, faz parte de todas as sociedades, de todos os povos, porque é constitutiva do ser humano. E é missão do historiador pesquisar e dizer como essa memória é construída ao longo do tempo. Ademais, histórias, lendas, mitos e tradições populares podem conter acontecimentos

> e conjunturas do passado histórico dessas populações, cuja ‘verdade’ e explicação podem vir à tona num trabalho de ‘arqueologia’ dos sentidos, significados e estruturas de pensamento, encontrados por trás do véu dos relatos, entre os ‘ossos’, no fundo dos ‘baús’ do patrimônio cultural, material e imaterial, que configuram a ‘herança’ cultural de um povo. Nas feiras populares, nos folhetos de cordel e nos repentes dos cantadores, nas histórias da ‘carochinha’ ou contadas à beira do fogão pelas avós de outros tempos, repetidas de geração em geração, com enriquecimentos, omissões e acréscimos (‘quem conta um conto, aumenta um ponto’) a tradição oral (ou o que se pode chamar de ‘História Oral’, nas pesquisas acadêmicas) perpetua memórias, valores e crenças coletivos (HORTA, 2015).

Memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subseqüente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002, p. 111). A memória é o que Pinto (1998) chama de “lugar de refúgio”, que não é simplesmente história ou ficção, mas um pouco de cada uma, um “universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado” (PINTO, 1998, p. 307). Está imbuída de vastas possibilidades, é infinitamente rica em suas manifestações, “que podem ser voluntárias, induzidas ou involuntárias. Todavia, seja como representação deliberada do passado, seja como ato de relembrar espontâneo, a memória possibilita voar, viajar através do tempo” (DELGADO, 2006, p. 38). Além de incomensurável, a memória “é mutante e plena de significados de vida, que algumas vezes

se confirmam e usualmente se renovam" (DELGADO, 2006, p. 38). Para Maia e Arruda (2003), a memória faz "um cruzamento importante entre o particular e o global, entre o indivíduo e o coletivo, entre a intimidade e a história" (p. 21).

E no exercício da memória, a produção do folclore: da sabedoria que vem e que vai, que vem dos avós e que vai para os filhos e netos; saber que é produzido ali mesmo, quando o contador de causos, no exercício natural da memória, conta. E o faz sentado à beira do fogão à lenha, na conversa depois do almoço ou na roda de amigos do grupo de folia de reis, expõe seu conhecimento histórico, produzindo história presencial no tempo presente. Não se vale, para isso, de livros ou fontes materiais, mas é ele mesmo o documento, construindo fonte imaterial de saber histórico. E conta

> [...] costumes do avô, responsos da avó, receitas de comida, crenças, canções, superstições familiares [que] duram e são passadas adiante nas palestras depois do jantar; nas das tardes de calor, nas varandas que escurecem; nas dos dias de batizado, de casamento, de velório. (Ah! as conversas vertiginosas e inimitáveis dos velórios esquentadas a café forte e vinho-do-porto – enquanto os defuntos se regelam e começam a ser esquecidos…) (NAVA, 1999, p. 19).

Com a memorização, a informação do passado não cai no esquecimento porque, à medida que é narrada, torna-se fonte histórica, valendo-se da "memória social que é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história" (LE GOFF, 1984, p. 426). É o esforço da coletividade que produz essa memória social, que possibilitará que as lembranças e ideias referentes ao passado não se percam. Para isso, materializam essa memória, tornando-as presentes no presente, permitindo que a própria vida seja influenciada por suas materializações.

Memória social, para Halwachs, a que se vale da lembrança ou recordação é sempre coletiva, construção social porque se dá dentro de uma cultura com seus símbolos e representações específicos. É desse instrumento que se valerá para construir um olhar histórico sobre as folias de reis de Itaguari. Informações e depoimentos de tempos passados serão pesquisados na condução de idéias dinâmicas, não fixas, e que se entrecruzam entre passado, presente e futuro, como escrevem Delgado e Neves, respectivamente. Nora chama a atenção sobre "estratos culturais" que escondem saberes, histórias vividas. Ferreira fala das "emoções", sentimento que pode trazer consigo representações de relações vividas anteriormente, atualizadas e reconstruídas pela memória, sempre mutante e plena de significados, diria Delgado. Depois de referenciar Halbwachs como pensador da memória

coletiva que serve de suporte para muitos outros da atualidade, dentre os quais alguns foram citados, a discussão se findará com apontamentos pertinentes de Le Goff sobre memória e atualidade.

Jacques Le Goff escreveu uma obra monumental sob o título *História e memória*, na qual trata da relação entre as duas dimensões da vida. Para ele "...a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimentos, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção" (LE GOFF, 1984, p. 475). Se Halbwachs apresentou a base de compreensão da memória coletiva, Le Goff estende sua crítica sobre a mesma. Para ele "O primeiro domínio onde se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, dos mitos de origem" (LE GOFF, 1984, p. 428). Esse parecer de Le Goff reforça a importância do mito de origem das folias de reis, o da viagem dos reis magos. Mito basilar, do qual descendem todos os outros, conforme se verá adiante. Os esquecimentos e os silêncios da história, continua, podem ser reveladores de mecanismos de manipulação da memória coletiva, porque esta é importante na luta das forças sociais pelo poder (LE GOFF, 1984). Ora, interessa aqui essa discussão porque as folias de reis são grupos que trabalham na organização de eventos, os pousos, e o grande evento final, a entrega da folia. Requer organização, divisão de tarefas e em sentido macro existem pessoas que há anos ocuparam – e ocupam – cargos de poder, de importante exposição social e cultural.

> Eu só queria saber por que é que alguns estão nessa folia [Goiana] há tanto anos e não sai. Deve que é bão, porque se fosse ruim, saía. Mas eu sei porque... porque é claro que dá status. Status e um dinheirinho. Por que uns aí não briga pra girar a noite lá na folia do Brejo Grande? Por que lá tem que ter fé. Mas aqui, não; aqui é poder e dinheiro mesmo. E aparecer. Porque tem uns que até que não trabalha mesmo, não. Só quer aparecer...[75]

Para Le Goff a memória coletiva é instrumento que pode ser manuseado para inclusive libertar as pessoas de servidões (LE GOFF, 1984). Contrariamente, pode manipular também essas pessoas. Na contemporaneidade o estudo da memória se desenvolveu e se observou

[75] Entrevista com José Antônio Cavalcanti, realizada por este pesquisador, em 28 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

> Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva, que se exprime desajeitadamente na *moda retro*, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem (LE GOFF, 1984, p. 472).

O desenvolvimento das sociedades passou a utilizar novos mecanismos para manuseio da memória. Nela "os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escapam à vigilância dos governantes, mesmo se podem controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória, nomeadamente a do rádio e a da televisão" (LE GOFF, 1984, p. 477).

Concretamente, entende-se que nas folias de reis de Itaguari a "libertação" e/ou a "manipulação" ocorrem de forma velada ou inconsciente, pouco planejada. Estão mais presentes na Folia Goiana, com maior evidência, por se tornar mais complexa à medida que envolve uma relação mais estreita com a poder público local, de cuja colaboração depende para montar toda estrutura para acolher os milhares de devotos, foliões e turistas. Tal assunto será tratado no capítulo 4. No momento, importa destacar as contribuições de Halbwachs e Le Goff, fundamentais para se entender os fundamentos das narrativas sobre as folias de reis que serão apresentadas ainda neste capítulo.

As lembranças, as idéias, os gestos, os rituais dos foliões e devotos estimulam a memória, que produz conhecimento histórico, valendo-se das narrativas orais como instrumentos utilizados na exposição dos enredos que retratarão essas diversas situações. Por meio dela, da memória, os embaixadores das folias e demais foliões vão exteriorizar suas cantorias apresentando seus símbolos, na execução dos rituais próprios de cada folia. A memória se faz instrumento principal na construção de material e dados. As cantorias, sejam as de repertórios ou colunas[76] reproduzidas, sejam as de improvisos, são o conteúdo primordial das folias em seu exercício, e são expostas por meio do exercício da memória. É dessa forma que a memória, fazendo da narrativa oral uma ferramenta de trabalho, torna-se meio construtor de conhecimento histórico; é dessa forma que pessoas envolvidas nas folias de reis de Itaguari constroem sua história, cantando ou contando seus mitos.

---

[76] São cantorias (letra e música) compostas previamente por embaixadores e utilizadas todo ano em momentos específicos do ritual da folia: saída, diante de presépio, de arcos e de devotos comuns e chegada.

2.3 Mito, história e mitos basilares

A memória, como se viu anteriormente, valendo-se da oralidade, é o que utilizam foliões e devotos para transmitir aos demais à sua volta, aos que vivem e convivem coletivamente, suas experiências e convicções tidas nas folias de reis de Itaguari. Suas experiências passam pela fala do mito[77]. Quando se pergunta a qualquer folião com anos de estrada sobre o porquê de sua participação no grupo, ele diz ser devido à influência de seus pais ou amigos, que foi contemplado com uma graça, que é porque gosta mesmo... E vai mencionar em algum lugar da sua fala Santos Reis, destacando seu sacrifício testemunhal quando da viagem difícil que fizeram; vai falar do poder milagreiro de curar, de proteção que os santos têm; mas também, se for o caso, de seu poder castigador, de punir com severidade quem desrespeitar ou desaforar sua honra; por fim, poderá citar algum fato ou situação que encerrará em dúvida, em mistério, em imprecisão de fatos que esbanjará mistério de poder brotado do desfecho final, do enredo contado.

Ao fazer isso estará falando de mito. Do mito fundador e sustentador da folia e dos demais que compõem o conjunto de mitos básicos que fazem parte da experiência coletiva de todos os foliões e devotos que participam das folias de reis de Itaguari. Esses mitos básicos são pilares que sustentam a unidade contínua dos seguidores dessa representação mítica popular chamada folia de reis. Esses mitos formam os sustentáculos da manutenção e continuidade das folias, causa de sua existência e movimento em toda sua história.

Para ampliar a compreensão dessa composição de mitos, de sua importância e influência nas folias de reis de Itaguari, se tratará em seguida de sua constituição. Para Rocha (1985)

> "o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações"; (...) [mito] pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de 'estar no mundo' ou as relações sociais (...). Por trás dessa palavra [mítica] pode estar contida toda uma constelação, uma gama diversificada de ideias. O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos" (p. 7).

[77]Mito, etimologicamente, vem do grego antigo *μυθος (lê-se mithós)*, significa narrativa, palavra poética ou sagrada de caráter simbólico-imagético.

O romeno naturalizado norte-americano, Mircea Eliade (2007), foi professor, filósofo, romancista e, na contemporaneidade, um dos mais renomados estudiosos das religiões e do mito. Escreveu várias obras que tratam dessas temáticas. Para ele,

> O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. (...) O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (...) [Mito é] narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que hoje, um ser mortal, sexuado e cultural (p. 11).

O mito é efetivamente um modo de ver e explicar fatos ou situações históricas, por isso sua principal função "consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria" (ELIADE, 2007, p. 13). Mitos são eventos que se passaram nos tempos míticos e constituem uma história sagrada porque seus personagens são Entes Sobrenaturais. Mitos são vividos e isso implica, necessariamente, "uma experiência verdadeiramente religiosa, pois ela se distingue da experiência ordinária da vida cotidiana" (ELIADE, 2007, p. 22). Viver os mitos significa a reiteração das pessoas com elas próprias: "o indivíduo evoca a presença dos personagens dos mitos e torna-se contemporâneo deles" (ELIADE, 2007, p. 22). O mito faz reviver uma realidade primeira e exemplar, uma realidade historicamente vivida. Ele já não é simplesmente uma expressão simbólica que explica a posição e o papel do homem no universo de forma fixa e de olho no passado. "...O mito de hoje é a expressão pretensamente racional de uma representação dinâmica do mundo; está voltado para o futuro e constitui um apelo à ação" (BIROU, 1982, p. 257).

Nas folias de reis de Itaguari, bem como em todas as folias de reis, o mito, a narrativa basilar, exemplo primeiro e ponto de partida, é a que conta a viagem dos magos

que deixaram o Oriente e percorreram longas distâncias a caminho de Belém. Fizeram essa viagem com intento de visitar e adorar o Menino Deus que já tinha nascido.

O documento mais importante dessa narrativa é o texto bíblico de Mt 2, 1-12:

> 1 - Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém,
> 2 - perguntando: 'Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no seu surgir e viemos homenageá-lo'.
> 3 - Ouvindo isso, o rei Herodes ficou alarmado e com ele toda Jerusalém.
> 4 - E, convocando todos os chefes dos sacerdotes e os escribas do povo, procurou saber deles onde havia de nascer o Cristo.
> 5 - Eles responderam: 'Em Belém da Judéia, pois é isto que foi escrito pelo profeta:
> 6 - *E tu, Belém,* terra de Judá, de modo algum *és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um chefe que apascentará Israel, o meu povo'.*
> 7 - Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e procurou certificar-se com eles a respeito do tempo em que a estrela tinha aparecido.
> 8 - E, enviando-os a Belém, disse-lhes: 'Ide e procurai obter informações exatas a respeito do menino e, ao encontrá-lo, avisai-me, para que também eu vá homenageá-lo'.
> 9 - A essas palavras do rei, eles partiram. E eis que a estrela que tinham visto no seu surgir ia à frente deles até que parou sobre o lugar onde se encontrava o menino.
> 10 - Eles, revendo a estrela, alegraram- se imensamente.
> 11 - Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: *ouro, incenso e mirra.*
> 12 - Avisados em sonho que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho para a sua região" (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002).

Pessoa (2007), em seu valioso trabalho sobre *As viagens dos Reis Magos,* fez um aprofundamento exegético neste texto bíblico escrito pelo evangelista Mateus, enumerando alguns destaques e comparando-o com o texto de outro evangelista, Lucas (2, 1-14). Este trata do nascimento, porém sem fazer referência à presença dos reis magos. O texto diz o seguinte:

> 1 - Naqueles dias, apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado.
> 2 - Esse recenseamento foi o primeiro enquanto Quirino era governador da Síria.
> 3 - E todos iam se alistar, cada um na própria cidade.
> 4 - Também José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, para a Judéia, na cidade de Davi, chamada Belém, por ser da casa e da família de Davi,
> 5 - para se inscrever com Maria, sua mulher, que estava grávida.
> 6 - Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto,

> 7 - e ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala.
> 8 - Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos e que durante as vigílias da noite montavam guarda a seu rebanho.
> 9 - O Anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor.
> 10 - O anjo, porém, disse-lhes: "Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo:
> 11 - Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de Davi.
> 12 - Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura".
> 13 - E de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste a louvar a Deus dizendo:
> 14 – "Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!" (BÍLIA DE JERUSALÉM, 2002).

Para Pessoa (1993), o evangelista Lucas se preocupa com apontamentos próprios de historiador, mesmo sem o devido aprofundamento. Já Mateus é mais abrangente, mencionando a viagem dos magos, o incômodo que provocaram ao rei Herodes. E ambos os textos mencionam personagens humanos em visitação. Para Mateus, os Magos foram os primeiros a visitar o Menino Deus na Manjedoura para adoração; saíram à procura do trajeto que deveriam seguir; foram guiados por uma estrela que os levou até a Lapinha, onde estava o recém-nascido; adentraram ali e ofereceram seus presentes; por fim, voltaram por outro caminho para não serem perseguidos. Para Lucas, os pastores foram os primeiros visitadores; foram orientados por anjos que os acalmam e, em seguida, cantam dando glória a Deus. Mateus, segue Pessoa, faz crítica às "elites judaicas (chefes dos sacerdotes, escribas) por não aceitarem Jesus como o Messias" (2007, p. 17). Mas tomando ambos os textos, evidencia-se com expressividade o "universalismo do messianismo de Jesus": "Ele nasceu (encarnou-se), quase ao ar livre, para todos e foi recebido por todos: anjos, animais, reis, pastores etc. E, no que concerne à questão teológica posta, foi imediatamente recebido por todos, judeus e não-judeus" (PESSOA, 2007, p. 17).

O mito basilar, que retrata a origem da folia de reis, se vê de fato nesses dois trechos supracitados e complementares. E se eles são fontes de múltiplas interpretações, a depender da referência teórica que se adota ou do método que se utiliza, a leitura que foliões cantadores de Itaguari fazem dessa fonte mítica tem suas particularidades. Menciona os aspectos da destreza dos magos, sua bravura e fidelidade; encontraram traição no caminho, mas foram fieis no cumprimento de sua viagem. Tendo que reprojetar sua rota por

causa da perseguição, tiveram a mediação celeste, da Estrela Guia que os reconduziu até chegarem definitivamente à manjedoura, onde estava o Menino. Ali fizeram a adoração e ofertaram seus presentes: ouro, incenso e mirra.

No exercício de suas cantorias, foliões cantadores se intercalam, às vezes, com palhaços que declamam versos afins[78] diante do altar com presépio, em vez de ali embaixadores desenvolverem a cantoria propriamente. É o momento de exposição do mito basitar, do fundamento da folia de reis. Em uma dessas cantorias, o embaixador convoca o palhaço que, diante do altar, declama o trecho representativo do texto bíblico, como este:

> Então os Reis, naquela hora muito fiel,
> Na cidade do Oriente...
> Os Três Reis foi avisado pelo anjo Gabriel.
>
> Fizeram uma combinação:
> "Vamos pra Belém que é tempo de adoração".
>
> Arriaram seus camelo, deu início na viagem.
> Cada um partiu prum lado.
> Lá na encruzilhada todos os três se encontrou;
> Seguiram sua viagem, um homem ele avistou.
>
> Nenhum dos três percebeu que aquele home era traidor.
> Encontrou aquele homem pra fazer umas perguntas,
> Se um banquete se ofertou.
> Sentou rei Brechó, assim rei Herodes procurou:
>
> "Da onde veio, pra onde vai?", respondeu Rei Brechó:
> "O senhor procura muito bem!
> Nós envém do nosso país com destino a Belém.
> Vamos adorar o Menino Jesus, que nasceu pro nosso bem".
>
> Respondeu o Rei Herodes:
> "Na volta do passado, quando vir de lá, passa por cá.
> Eu vou ver o menino, eu também quero adorar".
>
> Seguimos sua viagem com prazer e alegria.
> Olhou para o céu e uma estrela diferente os três viu.
> Arreparou aquela estrela.
> Todos três percebeu que era a Estrela da Guia.
> Acompanhou seus clarão pra ver aonde a estrela ia.
>
> Lá no alto de Belém, onde os Três Reis Magos parou,
> Assuntando aquela estrela aonde ela baixou.

[78] Essa situação se dá, comumente, para controle temporal. Ao deparar-se com muitas casas para cantar em um tempo mínimo, embaixadores costumam solicitar que algum outro folião – palhaço, no caso das folias de reis de Itaguari – declame trechos de versos que seriam cantados. Com desfecho rápido, o grupo segue seu cortejo, cumprindo seu compromisso em tempo mais breve.

Abaixou na porta da Lapinha,
Onde estava o Rei dos Reis lá, nos braços da rainha.

Na chegada da Estrela, São José se assustou.
Foi logo para frente, os cavaleiros ele avistou.
Coloque os três cavaleiros
Que nos seus camelo vem montado,
Era os Três Reis chegando de Viagem.
Chegando na lapinha, todos os três apiou.
A lapinha era pequena, não cabia todos os três.
Na porta da Lapinha, todos os Três ajoelhou.
Pra adorar o Menino Jesus, uma oração eles ofertou.
Vamos rezar o pai-nosso, gente[79].

Terminando a oração,
Todos os três alevantou,
Todos os três com alegria.
Pra acabar de completar,
Prossegue a cantoria![80]

Tal qual os textos bíblico (Lc 1, 26-38 e Mt 2, 1-12), os versos acima mostram que o ambiente pobre é acolhedor e se torna casa de oração e adoração dos reis que se prostram diante do Menino que, criam, era pessoa de Deus. José, anfitrião e hospitaleiro, acolhe os visitantes, assustado por receber pessoas tão ilustres em uma "lapinha" tão pequena onde nem cabiam os três reis de uma só vez. Mostra-se aí um cenário de contrastes impressionantes: local simples, porém receptivo que faz lembrar imediatamente os cenários comuns das folias de reis itaguarinas. Pessoas simples que, em suas casas pobres, acolhem a todos, ricos ou pobres vindos de todos os lugares para fazer de sua casa um ambiente de oração. E se, fisicamente, lá não se encontra uma multidão de anjos do exército celeste para cantar "Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama!" (Lc 2, 14), encontram-se foliões à sua porta cantando:

Embaixador:
Os Três Reis em vem girando
Nesta hora abençoada. (Bis)
Vem fazer uma visita
Pra dona desta morada.
Resposta:
Vem fazer uma visita
Pra dona desta morada. (Bis)

[79] Todos rezam a oração do Pai-nosso e, em seguida, uma Ave-maria. Depois, o palhaço passa o direito da palavra ao embaixador, valendo-se dos versos seguintes.
[80] Entrevista com Itamar Santiago Boaventura, realizada por este pesquisador em 05 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

Vem fazer uma visita
Pra dona desta morada. (Bis)
Vem fazer uma visita
Pra dona desta morada. (Bis)

Senhora dona da casa,
Com prazer e alegria, (Bis)
Na porta da sua casa,
Os três reis e a companhia. (Bis)

Senhora dona da casa,
Alevanta e acende a luz. (Bis)
Vem receber os três reis santos,
Também o Menino Jesus. (Bis)[81]

Por isso tudo repetir o mito da "origem" da folia, cantando ou declamando, é mais do que simplesmente "para lembrar". É para reviver aquele momento. Santos Reis não estão somente representados, estão ali de fato. Acompanham os foliões, a folia e prontos estão para proteger, abençoar e, havendo precisão, castigar seja quem quer que seja.

Figura 14 – Imagem do Mito da origem das folias de reis, conforme texto bíblico de Mateus 2, 1-12. Trata-se de uma das tantas produzidas que trazem as figuras dos magos Melquior, Gaspar e Baltazar, montados em seus dromedários, levando seus presentes (ouro, incenso e mirra) e guiados pela Estrela Guia. Ilustração: arquivopessoal do autor.

[81]Gravação de áudio com o embaixador da Folia do Brejo Grande Divino Ney Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

É por isso que a discussão sobre o mito é ampla e complexa, dado a sua importância não só para os grupos populares folclóricos, como é o caso das folias de reis, bem como para toda a sociedade de todo tempo. Dado a importância de dois outros elementos intimamente ligados ao mito, que o compõem e sem os quais o mito não se constitui mito – diga-se, o símbolo e o ritual –, se refletirá agora sobre eles. Até porque supor o valor do símbolo e do ritual possibilitará melhor visibilidade e entendimento do próprio mito em geral e, no caso específico, do mito na sua relação sócio-histórica.

Qualquer mito ritualizado – que é o caso em questão – está envolto de símbolos que o representam. O mito fundador das folias de reis tem como representação mais importante a bandeira, que traz em sua estampa os três reis magos, Melquior, Gaspar e Baltazar, ali figurados destacadamente. Segue adiante uma discussão sobre o símbolo, a partir de autores que refletiram sobre o tema.

De forma contundente, como é de sua pretensão, com presença de detalhe e profundidade, Cohen assim define os símbolos:

> são símbolos os objetos, atos, conceitos ou formas de linguagem que acumulam ambiguamente vários significados diferentes e que, simultaneamente, evocam emoções e sentimentos, impelindo os homens à ação. Eles aparecem usualmente em atividades formadas, tais como cerimônias, rituais, trocas de presentes, gracejos cuja forma é prescrita pela tradição, juramentos, comer e beber em grupo (COHEN, 1978, p. 9).

Bourdieu lembra que o símbolo exerce poder sobre as pessoas, sobre os que o ignoram como tal. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2005, p. 7-8). Os símbolos estão estruturados, diz o mesmo autor. Constituem-se de sistemas que dão sentido homogêneo à realidade, possibilitando a concordância dos indivíduos de/em uma mesma sociedade.

> Os ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e de comunicação só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica:* o sentido imediato do mundo (e, em particular, o mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, ‘uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências’ (BOURDIEU, 2005, p. 9).

O símbolo por excelência nas folias é a bandeira, representativa ou da adoração feita pelos Três Reis Magos ao Menino Jesus nascido, ou dos mesmos em viagem sobre seus dromedários rumo à lapa de Belém, onde se encontrava o Menino-Deus.[82]. Todos a seguem como se estivessem seguindo os próprios Três Reis, ou melhor, como se os imitassem pessoalmente. A bandeira simboliza, além de outros elementos, a gama condensada de significados que provocam a união, a solidariedade e a corresponsabilidade do grupo em vários aspectos. Mas fundamentalmente, elas representam os três reis santos em viagem. Onde a bandeira for, os santos se fazem presentes nela. É o que cantam dois dos embaixadores das Folias do Brejo Grande e Goiana, respectivamente:

> Põe o seu juei no chão
> Nessa hora verdadeir,
> Segurando os Três Reis santos
> Retratado da bandeira[83].
>
> Quem quiser dar uma oferta,
> Na bandeira vem pegar.
> Os três reis lá vai se embora
> Sem ter hora de vortá.
> Ai, sem ter hora de vortá, ai, ai, ai[84].

Depois do mito e do símbolo, o ritual. Um dos elementos que diferencia o mito de outras representações produzidas pela memória coletiva é o ritual. O mito supõe o ritual. Para Cazeneuve, que escreveu *Sociologia do Rito* (s/d), rituais valem-se de regras e o ser humano está para as regras assim como está para a vida em sociedade. E rituais são compostos de ritos, que são complexos litúrgicos menores que, juntos, formam a estrutura geral dos rituais das celebrações diversas. “Os ritos constituem um terreno de investigação privilegiado, mais ainda talvez que os mitos. (...) O rito é uma ação seguida de consequências reais; é talvez uma espécie de linguagem, mas é também algo mais” (CAZENEUVE, s/d, p. 8).

O ritual nas Folias de Reis corresponde a toda sua ação programática e objetivada. O próprio calendário, no sentido macro, porta-se como parte do ritual. É preciso

---

[82] As bandeiras das folias de Reis de das folias Itaguari trazem estampas comuns às bandeiras de muitas localidades: as da Folia Goiana e as da Folia do Brejo Grande têm estampada a imagem da adoração dos Três Reis ao Menino Jesus; já a da Folia Mineira traz a dos Três Reis montados em seus dromedários rumo à Lapa de Belém, em viagem.

[83] Gravação de áudio com Adão Reinaldo da Silva, embaixador da Folia do Brejo Grande, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

[84] Gravação de áudio com Bruno José Dutra, embaixador da Folia Goiana, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

chegar a tal data para se efetivar o que já está tradicionalmente programado. Em sentido micro, realizar a folia é seguir o ritual: projetar e executar nos mínimos detalhes, sua saída, seu giro, seu pouso e sua chegada.

> Nóis sabe as regra direitinho e todo mundo do grupo tem que seguir. No momento da saída, por exemplo, tem aqueles versos que tem que ser cantado só ali. Chegando na casa, se tem um santinho no altar, ocê tem que fazer um verso pra ele; se tem presépio, aí ocê tem que cantar; se tem uma pessoa doente que pega a bandeira, ocê tem que cantar pra ela... então o ritual tem essas regra e o embaixador tem que seguir. E as resposta segue o que o embaixador fazer ali...[85]

Dado as proximidades entre mito, símbolo e ritual, um entendimento básico sobre esses três elementos litúrgicos se faz necessário para se compreender as folias de reis de Itaguari: o ritual se materializa desde o apito das saídas dos grupos ou galhos vai até o apito final do embaixador, na sua chegada ou entrega. Grupo esse que tem seu símbolo fundamental, a bandeira, que simboliza a presença dos Santos Reis. Contudo, considerando o objeto deste trabalho, o mito, representação da viagem dos reis magos, esse sim, terá destaque no modo como é concebido e tornado tradição. Outros mitos, que logo se verá, completam o quadro dos mitos basilares incluídos neste trabalho.

Mito e rito têm sentido quando um está inserido no outro, construindo-se mutuamente. Para alguns autores, não existe mito sem rito[86] e nem rito sem símbolo. E todos são celebrados ritualmente, possibilitando aos participantes que cultivem e cativem valores do passado, que gratificam o presente e apontem perspectivas para o futuro. Mas há também *narrativas* de situações decorrentes dos mitos ritualizados, que são contadas, conduzidas no tempo pela tradição oral, respeitadas, sem ritos e sem símbolo definido. São narrativas sagradas com sua mensagem e que podem influenciar as pessoas à sua volta. Não são mitos basilares, mas narrativas que se enquadram nestes mitos. Fundamentam-se neles,

---

[85] Entrevista com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador em 03 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

[86] Mito sem rito não é mito, é lenda. Esta não se ritualiza e até conta uma história sagrada, contudo não traz a sua materialização, que se dá no rito, fundamental para exteriorizar o sentido do mito por meio ilustrativo. Lendas são narrativas que buscam explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais e são transmitidas oralmente. Misturam fatos da vida real com outros imaginados ou fantasias do cotidiano e são modificados após serem contadas e recontadas através do imaginário popular. O rito é que possibilita às comunidades que o praticam terem sentido de pertença ao seu grupo ou à sua nação, bem como ao seu tempo cósmico, do qual traz elementos identificadores que dão vida ao passado, ao presente e ao futuro (PARAFITA, 2006). Cabe frisar, porém, que muitas lendas tornaram-se mitos em muitas regiões do Brasil. É o caso das que se criou em torno do boi que, simbolizadas e ritualizadas, tornaram-se mitos.

fortalecem-nos e só tem sentido se vistos nesta ótica. Várias narrativas serão testemunhadas e narradas para compor a justificativa desta afirmação.

2.4 A densidade sócio-histórica do mito

É nesse espaço que se abre, o de ser o mito um modo de ver e narrar acontecimentos históricos, que surge a indagação sobre, de modo mais profundo e coerente, sua relação com a história. O ponto de partida seria já a afirmação de que História e mitos foram indistinguíveis durante milênios.

O mito nasce dentro de contextos sociais, históricos. Primeiro ele se faz necessário, depois ele nasce, valendo-se da comunicação que lhe é própria: a simbólica. Para existir, um mito deve responder a necessidades coletivas, expressando símbolos poderosos. A criação e permanência de um mito é socialmente determinada, não uma ação isolada. No mito o essencial é o essencial. Ele é que deve perdurar. Todo o demais que também se expõe na ação do narrador, não sendo essencial, poderá de boca em boca mudar, transfigurar-se nas modalidades de quem fala, de onde fala e de como fala. Sua função primordial, a do mito, não é a de comprovar pseudo verdades dos fatos, mas de exercer o que lhe é próprio, classicamente: reconciliar os opostos.

Mito é um gênero de narrativa, um modo de transmitir valores. Ele usa linguagem simbólica, geralmente complexa e seu significado é localizado. Mito é um discurso fragmentado que se articula sobre as práticas heterogêneas de uma sociedade e que as articula simbolicamente. É possibilidade ou modo para pessoas expressarem e compartilharem “emoções, esperanças, medos e sonhos coletivos, expor e resolver conflitos, fixar, transmitir e reelaborar experiências” (AMADO, 2012, p. 55).

Sob a ótica da psicologia, o mito contempla necessidades humanas intensas, responde a perguntas históricas e profundamente indagadoras, aponta caminhos norteadoras da conduta humana em sua construção civilizacional, por isso faz parte da civilização humana. Mito é realidade viva e orientadora dos que o cultuam.

> Satisfaz as profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas. (...) ele exprime, enaltece e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais, garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para orientação do homem. O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente (MALINOWSKI, 1955, p. 101).

Ao contar uma história sagrada, o mito se coloca como com poder sobre humano, rico em significado. Seus personagens tornam-se sagrados. Eliade (2007) apresenta essas características do mito, o que faz entender a importância dada aos três reis magos e sua viagem. Também faz entender que tudo que os cerca se torna importante. O texto bíblico, de um livro sagrado, conduz seu leitor para essa vista. Os magos, os pastores, os pais do Menino Deus, a estrela guia, os dromedários, o ambiente... tudo se torna sagrado, símbolos transmissores de mensagens. O mito nasce, cresce, permanece e um dia morre, conforme precisão ou não da sociedade. Tal qual o é para MALINOWSKI (1955), para Amado (2012), igualmente, mitos tocam às emoções e a sentimentos coletivos na tentativa de resolver algum problema. Mitos surgem de necessidades sociais e históricas [87], concordam esses teóricos; existem para resolver problemas e podem deixar de existir quando não corresponderem mais.

A socióloga e pesquisadora Myriam Raquel Mitjavila escreveu *A densidade social do mito. Notas para uma leitura sociológica do tema* (1994), onde analisa o mito nas sociedades contemporâneas. Identifica suas potencialidades como espaço analítico relevante para a análise na teoria sociológica. Trabalha as relações entre mito, história e espaço social e as construções míticas como um tipo de saber ou conhecimento. Para ela

> [...] a relação entre mito e história pode ser concebida em dois sentidos. Por uma parte, o mito é histórico, já que ele não é eterno e sua existência não pode ser derivada na natureza das coisas; na verdade, ele é um produto da história. Encontra-se sempre enraizado em alguma forma da realidade histórica, ainda que as construções legendárias nele contidas não se correspondam com a realidade objetiva. Mais ainda, a correspondência não necessariamente se estabelece entre a realidade fatual e os componentes semânticos da formulação mítica, e sim, necessariamente, entre esta e as circunstâncias históricas nas quais surge (MITJAVILA, 1994, p. 91).

Ademais, o pensamento e a narrativa mítica, para essa autora, nas sociedades complexas, desempenham papel na expressão, na produção e na reprodução do mundo simbólico de forma dinâmica, processual e sempre coletiva. Por isso a presença do mito não é imediata, mas complexa,

> [...] está historicamente construída; provém de uma experiência coletiva; configura um tipo de linguagem ou fala; representa uma classe de

[87] Necessidades de mudanças sociais, tensões anômicas, crises de legitimidades nos sistemas políticos, atitudes heróicas em defesa de bem fundamental, entre outras.

> conhecimento ou de saber; permeia as práticas sociais; tem uma dimensão institucional; enfim, possui um conjunto de traços que virtualmente fazem com que o mito possa desempenhar funções sociais significativas (MITJAVILA, 1994, p. 91).

A partir dessas reflexões teóricas se pode afirmar que o mito é, primordialmente, uma construção histórica, fundamenta-se aí, daí surge e aí se desenvolve coletiva e dialeticamente. Mas não se concebe a si próprio em termos históricos, podendo, às vezes, manifestar-se de maneira absolutamente oposta à condições históricas específicas. O mito tem, como se nota, uma função social e é constitutivo do processo histórico humano. Ele revela modelos significantes ao mundo e suas implicações diretas ao sujeito histórico. Este e mitos interagem em vista da coesão social, da integração e do controle. E os mitos se tornam necessários quando o oposto a isso se instala na sociedade. O mito se efetiva de fato no entremeio de sistemas de símbolos a ele interconectados e em ação, por meio de rituais. E as relações de dependência e cumplicidade existentes entre o mito, o símbolo e o rito e entre esses três elementos e a história só são compreendidas a fundo se se considerar sua localidade, seu lugar de realização, seu passado.

Em se tratando de folias de reis, das de Itaguari, produzir sua história é tarefa que agora se intensifica, dada a compreensão de que sua oralidade, no bojo das relações sociais cotidianas, passaram pelo crivo da memória. Esta, por sua vez, produz conhecimento histórico. E se Eliade (2007) alarga com amplitude de conhecimento a compreensão dos valores do mito, sua construção, estruturação e importância dele para a vida das coletividades, Mitjavila (1994) dá o norte central da base teórica que aqui se adota, no que tange às implicações do mito com a história.

Ao concluir parte importante da base teórica deste presente trabalho, cabe frisar a particular relação que existe entre mito, memória e história. Retomam-se aqui os dizeres de Mitjavila (1994) quando trata de mito e história. O mito é história, é seu produto, nasce das relações das pessoas em determinado tempo e espaço. É fruto e correspondente da coletividade, dos grupos. Ele não surge inerente à natureza das coisas, dos fatos e dos personagens sócio-históricos. O mito está sempre ligado a alguma factualidade, à realidade existencial de pessoas que se interrelacionam em torno de ideais comuns. E mesmo que suas narrativas não correspondam à objetividade das coisas, mito é componente intrínseco da história. O mito configura um tipo de linguagem, um saber específico, está inserido nas ações sociais e desempenha papeis importantes na sociedade.

Do tempo que se vai pela ordem lógica do relógio, fica o passado que, em sentido macro, é o mesmo que um conglomerado desconexo e nada compreensível de situações incontáveis e impossíveis de tudo historiar. Porque fazer história é investigar esse passado, o homem em seu tempo, os acontecimentos que se julgam importantes, tornando-os presentes. Mas a produção historiográfica não esgota toda realidade vivida historicamente. Aí entra a importância da memória. Sempre coletivamente, valer-se-á da lembrança, do importante que virá à tona, de parte do passado que deve adquirir permanência, ser revivido e continuado porque importante para a coletividade. Logo, deve se tornar objeto de pesquisa do historiador. O mito aqui se destaca, pois ele é que vai tornar esse passado significante, rico de sentido, digno de ser lembrado pela memória coletiva e tornado história, importante para o presente em vista do futuro, condensador de valores morais que vão assegurar a coesão e a perpetuação do grupo ou sociedade. O mito torna o passado importante de ser lembrado, memorizado e, conforme necessidades coletivas, historiado.

Os mitos que servem de base e que compõem o quadro de representações presente na memória dos foliões e devotos das folias de reis de Itaguari serão especificados. As *narrativas*que se verá remetem a esses mitos basilares. São construções típicas do universo simbólico do mito. E são sagradas porque evocam os fundamentos do ritual ou da devoção. Considerando esse universo simbólico presente nas oralidades e nas práticas celebrativas dos foliões e devotos itaguarinos é que se nomina aqui esses mitos basilares, a saber:

2.4.1 Mito de origem da folia

Refere-se à viagem feita pelos reis magos, do Oriente a Belém para visita de adoração do Menino Jesus nascido, o Filho de Deus encarnado que veio para salvar o mundo, conforme pré-anuncio dos profetas bíblicos antigos. Os magos Melquior, Gaspar e Baltazar se uniram e, sem trajeto definido, partiram sobre seus dromedários, guiados pela Estrela Guia. Ao chegarem ao local, adoraram o Menino, presentearam-lhe com ouro, incenso e mirra e retornaram por outro caminho. É sobre essa narrativa, a partir dela e fundamentando-se nela que as folias de reis se realizam. O grupo de folia representa essa viagem *sagrada*, nos seus primórdios conduzida pelos magos do Oriente, que para os foliões de hoje são também “três reis”, “santos” ou “monarcas”. E a partir deste mito os outros que seguem são construídos.

2.4.2 Mito do santo milagreiro

Santos reis são milagreiros. Por meio de seu poder sagrado pessoas são curadas de doenças diversas, são abençoadas nas conduções de seus negócios, protegidas em suas viagens, reconciliadas quando em desavenças familiares, etc. Comumente isso se dá mediante promessa feita pela própria pessoa que pediu alguma graça, parentes ou amigos. Faz-se o voto com o compromisso de que, se valido em sua necessidade, o devoto irá cumprir sua promessa fazendo um donativo, participando de giro ou durante anos dos festejos, fazendo um pouso ou mesmo sendo festeiro em ano próximo. Há uma infinidade de casos em que devotos participam por terem já recebidos alguma graça de Santos Reis.

Figura 15 – Grupo da Folia Mineira canta para pagador de promessa que segura bandeira frente ao altar, na saída da folia, em 25 de dezembro de 2016. Foto do autor (2016).

2.4.3 Mito do santo castigador

Entende-se que Santos Reis, de antemão, são justos: cura quem precisa de uma graça e pede com devoção e fé, mas também castiga com punição inflexível quem deles abusa. É fato em todos os três grupos de folias de reis de Itguari pessoas “abusarem” da bandeira, maldizerem dos santos na forma de brincadeira, enfim, quebrarem tabus ou evitações comuns às regras e rituais dos grupos. Ante a isso, crê-se que a mesma Divindade que protege, também castiga, pune, vinga, faz justiça, seja com quem for, ricos ou pobres, devotos ou não. Seu intento, castigando, é quebrar o orgulho de quem busca desafiar seu poder. Contudo, seu castigo não é movido por ódio, raiva ou desejo de maledicência

vingativa sem finalidade. Tanto é que, se se arrepende, o punido poderá cultuá-los, inclusive participando de seus festejos em pé de igualdade com os outros devotos.

2.4.4 Mito do santo misterioso

Nem tudo que se dá sob as graças de Santos Reis é visto e compreendido na sua amplitude ou nos seus detalhes. Como é próprio do mito não se revelar integralmente, o mistério paira sobre certas situações mediadas pelos santos e vividas por foliões e devotos. Caso emblemático da Folia Mineira é o do menino que teve a visita do grupo de folia, que cantou para recuperação de sua saúde. Depois daquela cantoria o grupo foi para o pouso e lá foi informado que aquela família e aquele lugar nunca existiram naquela região. Por que aquele fato se deu? O que Santos Reis queriam dizer com aquele acontecimento sagrado de cura, porém de mistério até hoje inexplicável? Além de fatos impressionantes como esse, há situações diversas presenciadas por foliões e devotos nos momentos corriqueiros da folia que suscitam dúvidas imediatamente. E sobre a dúvida diante de situações equivalentes, a única certeza é a de que Santos Reis querem dizer alguma coisa, mesmo o devoto não vendo ou compreendendo tal situação. Especulações até são criadas entre os que dialogam fatos assim, mas ao final, paira o mistério – sendo ele a melhor forma de explicação do inexplicável – e a sobreposição dos santos.

2.5 O Ritual das folias em execução: suas etapas ponto a ponto

2.5.1 Um ritual festivo do mundo camponês

Depois de tratar da presença da folia de reis no processo histórico do Brasil[88], ficando claro que sua formação foi concomitante às situações históricas ocorrentes, de tratar do mito, da memória e do espaço que estes ocupam na produção historiográfica, segue análise detalhada das partes que compõem o ritual das folias de reis itaguarinas. A cultura de Itaguari, em sua construção histórica e em suas relações sociais, foi se formando com valores próprios da cultura camponesa: o vínculo com a terra, com os ciclos do tempo e a convivência com a natureza. Tendo sua origem no mundo rural, organizando-se em comunidade solidária e fazendo desta sua centralidade, as folias de reis de Itaguari servem também como vínculo dos camponeses com os “ciclos do tempo”, tempo de celebrar a festa devocional da solidariedade, da partilha, da fartura. As relações dos camponeses entre si são mais transparentes e distintas:

[88]Ver capítulo 2, item 2.1.

> Não há anonimato na comunidade camponesa, todos se conhecem. As relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês. Nisto se distingue profundamente das culturas urbanas e suas mais variadas formas de expressão (GÖRGEN, 2004, p.13).

Para Pessoa (1993), para quem a origem das folias de reis no Brasil se deu nas regiões rurais, o ritual das folias é próprio do mundo camponês, dado suas particularidades: as dimensões comunitária, solidária e de partilha, por exemplo. Essas dimensões identificam as folias de reis, diferenciado-as das festas urbanas, mesmo das festas de padroeiros. Em vez de comunidade, nas festas urbanas destaca-se a indiferença; em vez solidariedade, há o individualismo; em vez de partilha, há a concentração. Na região rural havia, de modo mais intenso e contínuo antes do êxodo rural (e é o caso de Itaguari) as permutas solidárias entre camponeses (PESSOA, 1993). Eram trocas de bens materiais de consumo, trocas de dias de serviços, ou simplesmente doação de serviços nas várias formas de mutirões.

Destacam-se aqui as relações de vizinhança e de parentesco, que são como a mola mestra que dá impulso às realizações festivas nas regiões rurais. Quem for vizinho ou parente já se credencia para ajudar ou ser ajudado, confiar ou ser confiado, sem nota promissória ou avalista, mas valendo-se, em alguns casos, de um simples fio de bigode para garantia[89].

As folias de reis contemplam esses valores do campo; mais ainda, os instituem e os fazem permanecer à medida que são identificados por foliões e devotos. São também, esses valores, prolongados toda vez que se realiza outra folia e toda vez que se impedem que novas mudanças rituais sejam implantadas no grupo.

Mas Pessoa (2005) lembra que: “a vida no campo é exuberante não só na produção de bens materiais – a ‘fartura’ de que tanto se orgulha o camponês - mas é igualmente copiosa na produção de bens simbólicos” (p. 27). Estes serão tratados mais adiante, até porque ao tratá-los de modo genérico se corre o risco de cair em banal superficialidade, sendo conveniente descrevê-los no seu particular, a partir dos símbolos específicos de cada folia.

---

[89]Exemplo de prática existente nas relações de negócios do homem do campo. Quando devia, era o fio do bigode que deixava como garantia, ou seja: era um pedaço de si, o seu nome e a sua honra que estavam garantindo seu débito. Pagá-lo era algo certeiro, já que não deixaria nunca seu nome ser “desonrado” na praça.

As folias de reis de Itaguari, portanto, materializam-se como um ritual, mas um ritual camponês [90] porque são celebrações que trazem arraigados valores do campo, executados mesmo quando realizados na cidade. E um ritual festivo, porque contém os ingredientes próprios de uma festa, a saber, segundo Rios:

> Durante a festa, suspendem-se as atividades normais, os afazeres cotidianos. Os devotos deixam a lida habitual, a batalha pela sobrevivência, o trabalho voltado a produzir bens que garantem a vida para produzir bens voltados para a afirmação de um sentido para a vida, sentido que se perfaz na religação com o divino. Na festa, o trabalho tem outra natureza. Trabalha-se para Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, para os Santos Reis. Na festa e pela festa cuida-se de separar da azáfama do dia-a-dia o que realmente importa, de selecionar o que deve permanecer e, portanto, ser lembrado, celebrado. Quais os valores mais caros do grupo ou da comunidade? De quem foram aprendidos e para quem são deixados? Cultuar e comemorar implica lembrar, afirmar e transmitir. Todas essas operações são atualizadas nas festas, período especial em que os santos derramam sua bênção e o sagrado se faz presente na terra (RIOS, 2006, p. 66).

As folias de reis, portanto, se realizam participando de um ritual camponês, entremeados de valores que alimentam o corpo – a fartura alimentícia, por exemplo – e a alma, como as riquezas simbólicas. Esse ritual é festivo, impõe-se mediante calendário que interrompe a lida cotidiana de seus seguidores que buscam, na eficácia da prática ritual que celebram, dar sentido à sua existência. A presença, o trabalho, a doação, a oração, enfim, todas as gratuidades oferecidas ritualmente a Santos Reis são recompensadas pelas graças recebidas na forma de saúde e satisfação sentidas. Mas algo tem se mostrado instigante e questionador nos últimos anos: como um ritual camponês, caracterizado pela festa solidária e partilha tem se feito espetáculo, motivo de atração para milhares de pessoas? Isso depois de se urbanizar em alguns aspectos, encerrando anualmente seu festejo na cidade – no caso da Folia Goiana –, em espaço único, criando rito próprio para entrega, tendo apresentações artísticas e grande show na praça do centro da cidade como parte de sua programação? A constituição e o impacto dessas mudanças serão discutidas nos capítulos seguintes deste trabalho, porém cabe referir-se a elas desde já como elemento peculiar e importante a ser estudado.

---

[90] Rios (2011) mostra essa visibilidade maior da Folia de Reis nos meios campesinos e a dificuldade de ela se tornar conhecida no meio urbano, já que é uma festa popular tradicional: “ A Folia de Reis é uma das mais belas e tradicionais festividades populares, presente em grande parte do território nacional. Contudo, tem pouca visibilidade no meio urbano e escassa valorização pelos meios de comunicação e pelos círculos da educação formal, o que contribui para o desconhecimento da mesma por boa parte da população brasileira” (2011, p. 3).

Entretanto, convém explicitar que as descrições rituais que seguem são comuns às três folias de Reis de Itaguari: a do Brejo Grande, a Goiana e a Mineira. As particularidades de cada uma delas serão tratadas mais à frente, quando serão tematizadas em separado.

2.5.2 Preparação e roteiro do giro

A projeção de uma folia de reis para o ano vindouro se dá já na sua realização anterior. O que não é bem efetivado ou esquecido é comumente projetado "para o ano que vem", para a próxima folia, "Se Deus quiser e Santos Reis nos der vida e saúde". E enquanto esse "ano" não vem, os temas das folias de reis são comentados por foliões e devotos, mas com pouca expressão de sentido e co-responsabilidade. Esses valores, contudo, intensificam-se a partir de meados do ano, quando já se dão as ações preparativas para a realização das folias. Mas tal qual o ritmo que se dá com aproximação dos dias do ensaio e da saída dos grupos, foliões e devotos vão se desligando de seus afazeres comuns. E como os eventos das folias coincidem com os do calendário civil, num período de festas religiosas do Natal, paira por sobre muitos do município de Itaguari um espírito religioso e festivo incomum. Então as folias, cada qual com sua estrutura particular, montam seus roteiros de giros e pousos, antecedidos pela saída e concluídos pela entrega, no dia final da festa.

As folias de reis giram seguindo um roteiro previamente projetado. Não pode um mesmo galho passar no mesmo caminho, cruzando consigo mesmo ou com o outro galho do mesmo grupo ou mesmo com galho de outro grupo de folia. O roteiro de cada folia vai tendo características distintas. O da Folia do Brejo Grande, a mais rural dentre elas, segue em torno das fazendas situadas na região do mesmo nome. A região é montanhosa e a base central do grupo é a família Ribeiro, referenciada pelos irmãos Nativo e Divino Ribeiro. Muito raramente realizam pousos na cidade. A Folia Mineira se centraliza nas regiões João Neto, Limoeiro e Cachoeira, nas proximidades das chácaras dos senhores Emílio e Jair Florentino Dutra. Seu giro se dá na região rural e na cidade, mas encerrando prioritariamente em chácaras ou fazendas. Por fim, a Folia Goiana, a mais urbana delas. Seus pousos acontecem principalmente na cidade ou em suas proximidades, nas regiões do Sapezinho, São João, Bom Sucesso e Mondividiu. Sua entrega é celebrada, desde 1992, no atual Centro de Cultura e Eventos de Itaguari. Em seu controle estão várias famílias que se revezam como festeiras, pouseiros e coordenadores de galhos. Dessa forma o município

fica territorialmente contemplado. As três folias abrangem todo território, sem projeção prévia, mas respeitando os espaços que cada grupo construiu historicamente (Ver Anexo...). Fator curioso é o de como as três folias formaram seu calendário de maneira a não ser uma estorvo para outra. Ao contrário, o único dia em que há coincidência de encontro das três folias é o dia 06 de janeiro, mas mesmo assim em horários diferentes. A Folia Mineira tem início dia 25 de dezembro e vai até dia 30. Nos dias seguintes o grupo pára, só voltando dia 06. Dia 31 inicia a Folia do Brejo Grande, girando à noite e realizando seus pousos durante o dia. Sua entrega acontece dia 06 de manhã, seguindo o dia todo. Dia 01 dá-se início a Folia Goiana, que segue girando durante o dia até seu encerramento dia 06. Dessa forma, do dia 25 de dezembro até dia 06 de janeiro o devoto tem grupos girando no município todos os dias. E dia 06 a entrega das três folias é feita de maneira ordenada: de manhã, a do Brejo Grande; em torno do meio dia, a da Folia Mineira; e a partir das 14 horas, a Folia Goiana. Para finalizar, depois de suas cantorias de entrega, comilança do belo almoço seguido de doces como sobremesa e escolha dos novos festeiros, na cidade há show sertanejo promovido pela prefeitura Municipal como parte da programação da Folia Goiana. E é para lá que vai a maioria dos itaguarinos e a maior parte dos milhares de visitantes de outras cidades e até de outros Estados, ora se alimentando, ora próximo ao palco curtindo o show de encerramento.

2.5.3 Os ensaios das folias

De um a dois meses antes da saída dos grupos, os festeiros se preocupam em organizar os ensaios da folia. Foliões e alguns devotos do município se reúnem, juntamente com outros de outras localidades, geralmente na casa de um dos festeiros ou em lugar apropriado. Agrupam-se, afinam instrumentos, cantam, comentam sobre o trajeto a ser percorrido durante o giro, alimentam-se. Tomam refrigerante, vinho ou cachaça e reforçam a importância da fé, da partilha e da devoção respeitosa aos santos reis. Os festeiros se responsabilizam pelos gastos já no ensaio: buscam foliões em outras cidades, compram todas as bebidas e os víveres para o almoço ou o jantar do ensaio, que é comumente muito simples: arroz, feijão, salada e carne, ao contrário dos infindos pratos feitos nos pousos e principalmente no dia da entrega consecutiva das três folias, dia 06 de janeiro.

Sem portar a bandeira, foliões e instrumentistas se preparam e cantam, sem sair de onde se encontram, sem giro, sem presépio. Os embaixadores se revezam, bem como instrumentistas e cantadores, cada qual na sua respectiva voz. Não só para de fato

alinhar vozes, afinar instrumentos e reestruturar o grupo, foliões e devotos se encontram para se reverem, confraternizarem e remoerem expectativas positivas para a saída, giro e entrega das folias. É comum dançarem catira, cantarem músicas sertanejas e caipiras e discutirem temas afins. Os homens cantam, comem e bebem, mas também colaboram com as lidas da cozinha; as mulheres preparam a alimentação, mas também cantam ou tocam instrumentos.

2.5.4 A estrutura das cantorias

Todas as saídas, giros, pousos e chegadas dos grupos de folias de reis têm como narrativa basilar e exemplar o texto bíblico que trata da viagem dos magos orientais. Este texto é a referência mítica fundamental, seu mito de origem que norteia toda ação ritual de todos os grupos de folias de reis, como é o caso das três folias de reis de Itaguari. O texto trata, resumidamente, da saída dos magos, das dificuldades de seu giro e de sua chegada, apresentando significativos presentes ao menino-Deus, em gesto de adoração, conforme Mt 2, 1-2[91].

Mas diversas outras temáticas são cantadas em todo percurso das folias. Seguindo a ordem de cantoria, Gonzaga (2007) constrói dez cenas[92] com as temáticas do que é cantado nas folias de reis de Itaguari, a saber:

> 1ª Cena: Os profetas anunciaram; 2ª Cena: Os pais de Maria, Sant'Ana e São Joaquim; 3ª Cena: Anunciação do Arcanjo Gabriel à Virgem Maria; 4ª Cena: O encontro com José; 5ª Cena: Maria o Magnificat cantou; 6ª Cena: O encontro dos Reis Melquior Gaspar e Baltazar; 7ª Cena: O encontro com Herodes; 8ª Cena: Nascimento do Menino Jesus; 9ª Cena: Visita dos santos pastores; 10ª Cena: Viagem e adoração dos Reis Magos, seguindo a Estrela Guia (GONZAGA, 2007, p. 03).

O mesmo autor cita os seguintes temas que não fazem parte do seu texto teatral, mas que são parte das cantorias nas folias de reis de Itaguari: "retorno dos Três Reis" e "matança dos inocentes". Há grupos no Brasil que cantam também "O padecimento de Jesus (paixão e morte) e ressurreição de Jesus Cristo". Não é o caso das folias de Itaguari, que se atém tão somente aos temas supracitados.

---

[91] Ver capítulo 2, versículo 2.3.

[92]Todas essas cenas compõem a peça de teatro intitulada *Teatro de Santos Reis: visita dos três reis magos ao Menino Jesus na Lapa de Belém,* escrita por Gonzaga (2007). O texto condensa todas as temáticas bíblicas contempladas pelos grupos de folias de reis em suas cantorias.

Além dessas temáticas, todas elas bíblicas, o embaixador canta, em sua saída, giro, pouso e entrega inúmeras outras que se lhe apresentam, algumas mui espontaneamente, conforme diz Luiz Carlos Gomes Frazão[93]: "Nóis canta muito é pros dono da casa, porque é eis que acolhe a bandeira e nóis, né?! Depois tem os outros da família que geralmente tá ali também. E vem um, faz uma oferta; vem outro, pede uma benção pra Santos Reis...". Canta-se também para o devoto ou pagador de promessa que se ajoelha diante da bandeira, para o presépio durante o giro[94] e para os santos que constam no mesmo altar. Também ao devoto que prende na bandeira uma foto sua ou da família ou algum dinheiro, ou mesmo uma lembrancinha particular, como uma flor, uma fita, um tercinho ou uma oração de Santo Expedito. Se em alguma residência o grupo ganha um lanche ou merenda, canta-se logo após, próximo à mesa, agradecendo. Quando em lugar não residencial, tal como igreja ou comércio, o embaixador faz referência aos detalhes do local. Também quando alguma pessoa de destaque se aproxima da bandeira, do altar ou mesmo do grupo, é comum o embaixador referendá-la. Essas situações são particulares e espontâneas, e é de responsabilidade do embaixador ficar atento a esses detalhes. O condutor da cantoria é comumente auxiliado por pessoas próximas que lhe avisam, enquanto canta, de alguma autoridade presente ou de algum fato que precisa ser cantado. E assim o embaixador faz, cantando os acontecimentos à sua volta, sem preocupação rigorosa com o tempo. Há situações particulares em que o embaixador canta para corrigir o grupo quando em descompasso musical ou quando algum folião se indisciplina, por exemplo[95]. Caso raro é quando dois grupos se encontram e, intercalando, cantam juntos[96].

Em meio a essas situações – algumas corriqueiras e outras mais raras – o embaixador encontra conteúdo para montar seus versos, colunas ou repertórios. Alguns já construídos e outros montados repentinamente, mas sempre retratando os temas bíblicos ordinários e as circunstâncias do meio vivido, de sua história vivida e memorizada.

---

[93]Entrevista com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador em 03 de janeiro de 2016, Inhumas, Goiás. Luiz Carlos é um dos principais embaixadores da Folia Goiana, compositor de repertório que canta na folia.

[94] Durante o giro não é comum ter presépio montado. Este se faz necessário, sempre sobre altar montado, somente na saída da folia, nos seus pousos e na sua entrega.

[95] Em almoço de folia de reis acontecida em setembro de 2011, em Heitoraí, na residência do advogado Jaime Bonjardim, o embaixador canta para corrigir o folião brincalhão, após adverti-lo várias vezes: "Ó meu nobre folião,/ escuta o que eu vou falar:/ nós estamos em oração,/ não queira atrapalhar, ai, ai".

[96] É o caso da Folia do Brejo Grande que fez um pouso com a folia do Sertãozinho, município de Jaraguá, em Itaguari, na residência dos Maninhos, em pouso de folia de janeiro de 2014.

2.5.5 As saídas

A saída é início de uma extremidade do ritual. A chegada é a outra. Na folia, enquanto ritual e representação, a saída é o Oriente e a chegada é Belém: os reis saíram da região oriental até sua chegada, onde estava o menino Jesus, a quem os magos vieram adorar e dar presentes.

No início propriamente dito das saídas dos grupos de folias de reis de Itaguari dão-se a cantoria e/ou reza de terço, almoço e segue em giro, rumo ao primeiro pouso. A saída se dá na casa do festeiro do ano anterior, como é o caso das folias do Brejo Grande e da Mineira, ou num local público e definitivo, maior, como é o caso da Folia Goiana. Não é um momento de aglomeração de muitas pessoas, mas de muitas expectativas. Foliões, devotos e espectadores compartilham um clima de animação e boas projeções sobre os dias que virão. Antes, cumprimentam-se, perguntam sobre o ano que passou, desejando mutuamente um feliz ano novo. Perguntam sobre os pousos seguintes, sobre os companheiros que ainda não vieram, sobre a falta que fazem os que morreram. Antes e depois do almoço, fazem orações.

Figura 16–Galho esquerdo da Folia do Brejo grande canta se despedindo do altar, comunicando que vão sair em giro para visitar moradores até chegar ao primeiro pouso. Foto do autor (2015).

Em meio à comilança dos alimentos e cumprimentos dos amigos que se aproximam, emergem espontaneamente boas conversas sobre o sabor de cada prato. Para uns, a carne de lata; para outros, as almôndegas ou mesmo o macarrão com batatinha. Feita

a comilança, o embaixador, o gerente ou algum dos festeiros ou alferes convoca os foliões para fazerem a cantoria da saída. Feito isso, frente ao presépio, alferes – bandeiras em punho! – rumam em direção ao primeiro pouso. Antes, passando por várias casas durante o giro que agora segue com animação redobrada, já que o corpo ainda não padece do cansaço que virá depois de dias de caminhada, subindo ou descendo serras ou sobre a massa asfáltica ou chão batido que trançam as ruas e avenidas da cidade de Itaguari.

Tão logo concluem sua saída, após cantarem, almoçarem e agradecerem a mesa, os grupos de folias saem rumo ao giro. Os organizadores das folias ou os palhaços vão à frente, seguidos pelos alferes das bandeiras, embaixadores, cantadores, tocadores, ladeados pelos devotos, pagadores de promessas e espectadores. Pelas ruas e avenidas, à porta de casa ou sobre a soleira das janelas das residências, pessoas observam o grupo que sai rezando, cantando de casa em casa. Os grupos cantam, pedem ofertas, tomam lanches em algumas casas, agradecem, conversam sobre assuntos diversos, mas principalmente sobre folias.

2.5.6 O giro

O giro é o momento por excelência das folias de reis, sua espinha dorsal, seu ponto nevrálgico, do ponto de vista de todo ritual. Se as folias de reis são uma representação imitativa da viagem dos magos do oriente, essa representatividade se dá fundamentalmente no giro, que é como que uma “reencarnação” dos próprios magos refazendo sua viagem originária. Giro é um reviver da viagem e da visita dos magos, já que cada casa visitada é como se fosse a lapinha de Belém, onde estava o Menino Deus e os seus, visitada pelos próprios magos, ali representados na/s bandeira/s e pelos foliões.

Particular importante e identificador de cada uma das folias itaguarinas é o da sua ocupação espacial, o local onde acontece o giro das folias, que não se dá de forma espontânea, mas respeitando delimitações territoriais construídas no decorrer do tempo. Nota-se que a repetição das práticas tradicionais da realização das folias foi, ano após ano, criando vínculos, raízes que proporcionaram a fixação num determinado espaço. Isso se deu de maneira a cada qual ocupar o seu espaço de maior importância, e as três ocuparem todo espaço do município. Há, na sua lida, natural respeito de uma pela região da outra. A circularidade de cada uma em seu giro respeita os limites territoriais da outra, reciprocamente.

Quanto ao giro:

> [...] é a viagem a Belém, feita pelos reis magos e atualizada pela maioria das formas de reisados, particularmente pela Folia de Reis e pelo terno de Reis. Belém se concretiza em cada casa. É como se em cada casa já tivesse chegado ao final da viagem. Ali se dá plenamente o motivo da viagem, que é lembrar e repetir o gesto dos magos, saudando o Recém-Nascido. A viagem de casa em casa é densamente carregada da espiritualidade iniciada pelos Magos do Oriente, que todos os cantadores de Reis se põem à tarefa de atualizar a cada ano (PESSOA, 2007, p. 193).

Vigilato (2012) segue essa mesma reflexão, o que vem reforçar a ideia de que tal compreensão é comum a todos os grupos de folia de reis. E segue dizendo sobre o itinerário que fora percorrido pelos magos, logo, que deve ser imitado pelos foliões e devotos:

> A peregrinação segue sempre para frente, sem nunca voltar (cf. Mt 2, 12) nem cruzar o caminho já percorrido, mesmo que seja necessário traçar um itinerário em forma de espiral. Por isso é que a caminhada da folia é chamada de 'giro da folia'. Antes de iniciar a expedição é traçado o roteiro (VIGILATO, 2012, p. 216).

Contudo, diga-se, o giro não é o momento de maior impressão, aos olhos leigos, ou que aglomera o número maior de pessoas. Mas é nele que a folia se faz, se realiza e imita os que primeiro fizeram o percurso arriscado, muito difícil, porém dadivoso quando em sua execução. José de Oliveira Castro, assim se expressa sobre a importância do giro:

> Quando a gente canta "Os três reis aivém girando,/ guiando sua compania,/ pra visitá o Deus-Menino,/ são José e Santa Maria, ai, ai" é porque naquele momento está acontecendo a folia. (...) Quando a gente está saindo, moço, a gente não está andando, está parado; quando a gente está chegando, a gente não está andando, está parado. Então é desse jeito: quando a gente gira é que a gente está fazendo a folia, porque ali é que a gente encontra os desafios. É no giro que alguém pode prender a bandeira, abusar da bandeira, maltratar a bandeira; é no giro que a gente encontra os problemas de companheiros que arruma alguma encrenca ou faz baderna; (...) é no giro, moço, que vem a fome e às veiz algum morador da alguns agrados pra compania; é no giro que às veiz a gente se perde e não sabe para onde ir; é no giro que a gente acha que tá perto do pouso, e logo aparece mais duas ou três casas para cantar ou então envém uma casa que tem altar com presépio, e aí ocê demora muito mais tempo ainda... e tudo

> isso, moço, faz o giro atrasar pro pouso. (...) Então o pouso depende do giro[97].

Figura 17– Embaixador Luiz Carlos Gomes Frazão, do galho esquerdo, canta em momento de giro da Folia Goiana na região rural Soca, na morada de Udevan e Jacira. Foto do autor (2016).

Se a partir de um olhar, o da quantidade, se pode dizer que é nas entregas das folias que se registra o número maior de pessoas, é sob o prisma de outro, o do temporal, que se pode afirmar que o momento em que se gasta mais tempo é o do giro. Gasta-se mais tempo aqui do que nos outros momentos rituais juntos, ou seja: mais do que nas saídas e nas entregas. Poder-se-ia até incluir os pousos que, no trajeto ritual, fazem parte do giro. A análise desses outros parâmetros, o do temporal e o do significado, para além do quantitativo simplesmente, faz-se singular. É a partir dessa ótica que se pode afirmar que o significado de uma folia não se mede somente pela quantidade de pessoas que dela participam. E mais, que certos gestos rituais fazem-se importantes, mesmo que aparentemente inexpressivos, porque trazem sustentação que lhes dá fundamento e motivo. Nesse sentido, José de Oliveira Castro explica o porquê ser esse tempo maior e por que se faz significativo:

> Adespois soma o tempo procê ver: o maior tempo da folia é gastado no giro. E no pouso reza lá uma ou duas horas. Então, é conforme eu tô dizendo pro senhor: é no giro que a folia acontece... O senhor pode ler a Bíblia, no capítulo 2 de Mateus, que o senhor vai ver lá que a leitura fala

[97] Entrevista com José de Oliveira Castro, realizada por este pesquisador em 28 dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

> um eito de tempo da viagem do santo reis, e só no finalzinho fala da adoração e dos presentes que eles deixaram pro Menino Jesus. O santo reis saiu de suas casas, quase foi enganado por Herodes, pra fugir do Herodes teve que viajar a noite, por isso Deus mandou para eles a Estrela Guia, para guiar os três reis porque na escuridão ninguém enxerga nada. E é isso que acontece no nosso giro: a gente caminha do jeito que santo reis caminhou, passando dificuldades, mas com fé. A folia é uma semelhança da viagem de santo reis...[98].

O giro das folias Goiana e Mineira acontece durante o dia, como é comum à grande maioria dos grupos de folias de reis da região. Na folia Goiana os foliões e devotos concentram-se na casa do pouso anterior. Alimentam-se de comida esquentada, rezam o terço e cantam versos breves, saindo em seguida, visitando principalmente residências urbanas. Há ano em que os festeiros preferem levar o almoço. A folia Mineira segue o mesmo ritmo, porém visitando casas da região rural. Já a Folia do Brejo Grande gira à noite, saindo ao escurecer, chegando noutro dia de manhãzinha. Não se trata de uma diferença ritual simplesmente. Para foliões e devotos da Folia do Brejo Grande, trata-se de um ato de fidelidade ao evento original: os magos, conforme o relato bíblico, viajaram à noite. E essa fidelidade se torna mais elucidativa à medida em que tal ato é também testemunho sacrifical: girar a noite é enfrentar sacrifícios só válidos para quem tem fé. É enfrentar frio, chuva, escuridão, sono, dentre outros perigos e dificuldades.

2.5.7 O pouso

O pouso se dá nas noites e/ou nos dias de intervalo entre a saída e a chegada e é o momento que separa um giro do outro[99]. Ao findar das atividades de visitas aos moradores, de cantorias e orações que se dão casa por casa, o grupo vai se aproximando do pouso. Pessoa pontua as seguintes etapas:

> [...] chegada ao arco – a cantoria saúda o arco, que, via de regra, é instalado à porta da morada. Nas regiões onde há o costume, faz-se uma pausa para que os palhaços procurem as ‘surpresas’, algum dinheiro escondido no arco para que eles o encontrem; a cantoria chega ao interior da morada e, em geral, coloca a bandeira no altar; reza do terço; janta dos foliões e convidados; baile ou catira – que pode existir ou não, dependendo da região e do ‘regime’ da folia; descanso dos foliões (PESSOA, 2007, p. 204).

---

[98] Idem.

[99] Pessoa (2007) lembra que nem todas folias de reis fazem pouso, porque podem girar 24 horas, sem intervalo, revezando os foliões em dois grupos. É o que acontece com a Folia das Lajes, de Itapuranga-GO, da qual faz parte. Nesse caso, ela se divide em três momentos: saída, giro e chegada.

Figura 18–Chegada da Folia Mineira ao pouso na residência de Mané Jacaré e Naíde, na região rural Limoeiro. O embaixador que canta é Antônio Gabinense, morador dessa mesma região. Foto do autor (2016).

No caso específico das folias de Itaguari, a Goiana e a Mineira tem seus pousos à noite, com chegada, jantar, reza de terço, forró e, em algumas casas, dança de catira. Já a do Brejo Grande tem seu pouso durante o dia. O grupo chega de manhã, canta frente à casa do morador e diante do altar, com arcos ou não, colocando suas bandeiras sobre o altar. Assim cumpre, ritualmente, sua parte devocional.

Situação incomum, porém possível de acontecer é o chamado descanso (ou guarda) da bandeira. Não tendo local para fazer o pouso do dia, os festeiros pedem a algum morador para que a bandeira somente descanse ou pouse ali, em sua casa. Assim sendo, o morador não teria a obrigação de dar o jantar aos foliões, embora possa fazê-lo se as condições lhe permitirem.

2.5.8 A chegada

A chegada da folia de reis se dá no dia da festa, da conclusão festiva de todos os trabalhos realizados até então[100]. O fim da cantoria da chegada representa o encerramento

[100]Conforme o costume e entendimento de cada região, há grupos que também chamam esse momento de entrega ou recolhida. O final da cantoria indicaria o final do rito, seria uma recolhida, porque não indicaria "entrega" da folia para os próximos festeiros, que se dá com a passagem das coroas. Com essa compreensão, se faz a recolhida e depois a entrega (das coroas) para os próximos festeiros. A compreensão que aqui se adota é a vivenciada pelas folias de reis itaguarinas: o ritual da folia se divide em quatro partes (saída, giro, pouso e

do ritual da folia, embora ainda se fará, no mesmo dia, a passagem das coroas. Acontece dia 06 de janeiro, dia em que supostamente os três reis teriam visitado de fato o Menino Jesus em Belém. Por isso é a data em que a Igreja Católica celebra a Epifania do Senhor (Manifestação pessoal do Filho de Deus na pessoa de Jesus), a festa do encontro do Deus Menino com os reis magos, que representam ali toda humanidade. As folias de reis que seguem com mais rigor o calendário natalino ou da epifania fazem sua chegada dia 06 de janeiro ou em dias próximos, como dia 05, por exemplo. Outras, por variados motivos, realizam suas folias já no início de dezembro; outras também em janeiro, depois do dia 06. Em Itaguari mesmo há outra folia temporona, a Folia de Setembro, coordenado por Nego Borges e Bruno, ambos foliões da Folia Goiana.

FIGURA 19 – Foliões se ajoelham em momento de cantoria da Chegada da Folia do Brejo Grande à casa dos festeiros Zé Taboca e Inácia, na região do Brejo Grande, em 06 de janeiro de 2014.Foto do autor (2014).

Em qualquer data, porém, a celebração da chegada pelos foliões e devotos comumente é esperada com mais apreço por aglomerar mais gente e esbanjar fartura. Foliões capricham em seus ornamentos e uniformes, sejam as camisas ou camisetas, os bonés, os lenços... Adereços multicoloridos dos laços de fitas que misturam-se às pontas de cordas, embaraçados na mão da viola ou do violão. Foliões a postos esperam o sinal do

chegada) marcadoras de momentos diferenciados, sagrados. A entrega das coroas não é compreendida como parte, embora o seja para alguns grupos.

embaixador, que confere os detalhes antes de começar a cantoria final. Ou pelo silvo vibrante ou simplesmente pelo olhar positivo, o embaixador conduz seus comandados para o rito de chegada, sob idas e vindas da coreografia de instrumentos e cantos. Depois cantam próximo à casa do festeiro, que de prontidão segura a bandeira ao lado da família, à espera dos cantadores. Encontram-se, sob cantoria, no primeiro, no segundo e no terceiro arco enfeitados, até chegarem ao altar. Diante deste continuam a cantar os vários temas afins: os anúncios proféticos, a anunciação do arcanjo Gabriel, o nascimento, a visitação e a adoração. Feito isso, cantam pedindo bênçãos para os festeiros que concluem sua missão e para os próximos. Quando necessário e combinado, embaixadores se revezam na cantoria, dividindo entre si essa tarefa de condução do grupo cantador, de toda folia. Concluída a cantoria, preparam-se para o jantar, já à mesa e já disponibilizado para os presentes mesmo antes da chegada da folia. Prática incomum, já que o costume em muitos lugares é liberar a alimentação para os presentes somente após o término das cantorias. Os foliões cantam diante de sua mesa, montada em lugar reservado, alimentando-se em seguida. É comum depois do jantar da chegada haver no local forró, danças de catira e outras apresentações artísticas.

No total, incluindo todos, são cerca de 20.000 (vinte mil) pessoas entre foliões, devotos e visitantes que circulam pelas três folias do município no período de 25 de dezembro a 06 de janeiro. E este é o dia de maior concentração de pessoas, o momento final do cumprimento da missão por parte dos foliões e devotos. É o momento de aproveitar os instantes finais da grande festa com comida, incluindo doces à vontade, danças e entretenimento. E é o momento de despedidas seguidas de um “vai com Deus”, “Que Santos Reis te acompanhe”, e “até o ano que vem, se Deus quiser”.

2.5.9 A alimentação

A alimentação nas folias de reis talvez seja o principal assunto, depois das cantorias, dos foliões em seu ritual. Ao findar uma festa de folia, definem-se os festeiros de cada grupo. A partir de então, cada qual já começa a pedir e receber víveres ou ofertas em dinheiro para custear a próxima folia. Caderno à mão, começam a anotar doações do que vão recebendo ali, espontaneamente: vacas, leitoas, frangos, arroz, feijão, batatinha, óleo, pratos, talheres, copos descartáveis, dentre outras.

Próximo à realização da festa das folias, geralmente a partir de agosto, festeiros e pouseiros começam a se preparar para recolher o bastante para o preparo da alimentação.

Recolhem lenha em propriedades próximas, em clima de descontração e festa. Nos meses seguintes já recolhem víveres não perecíveis. A folia Goiana todo ano, e esporadicamente as outras, faz festas promocionais para arrecadação de óleo, alimentos não perecíveis ou dinheiro para custear as despesas da festa ou de algum pouso. Semanas antes da saída, convidam cozinheiros e ajudantes para o início dos trabalhos: montar fornalhas, barracas, descascar batatas e outros legumes, preparar milho verde, cozinhar carnes bovinas ou suínas e enlatá-las. Dias antes, adicionam-se aos colaboradores da cidade os vizinhos de outras. Alguns têm função definida de coordenadores, outros por cozer certos tipos de alimentos. Em espaços geralmente estreitos e construídos artesanalmente, homens e mulheres se entrecruzam num vaivém sem fim. Mexem alimentos em panelas e tachos, outros picam carnes, outros movimentam tições para fortalecer ou diminuir o fogo no cozimento dos alimentos. Pronta toda a alimentação, esta vai sendo posta sobre a mesa instalada. Pela *performance* no manejo dos alimentos com grandes colheres de madeira, a maioria dos cozinheiros demonstra estado nada incipiente; com habilidade advinda de uma motivação incomum. Em movimentos de azáfama aparentemente sem controle, tudo vai se ajeitando, segundo a lógica da solidariedade, até o almoço ou o jantar ficar pronto. Colocam-no à mesa, bem à frente dos olhos daqueles que já esperam famintos a dieta única que se lhes apresenta durante as festas de folias de reis. Na folia do Brejo Grande, na Mineira bem como na Goiana, acontece algo muito peculiar: antes mesmo dos galhos chegarem ao pouso ou à chegada, todos os presentes já vão se alimentando[101]. Os serventes abastecem as mesas e, a postos, distribuem os alimentos para foliões, devotos e visitantes que, enfileirados, comem uma, duas ou tantas vezes quanto a fome lhes impuser necessidade. De pé na grande maioria das vezes, os presentes se agrupam e vão, por conseguinte, comentar os sabores variados, causa principal dos assuntos compartilhados naquele momento.

Quando os foliões terminam o seu jantar, cantam em volta da mesa, mesmo sabendo que a comilança irá continuar para outros até horas incertas. Cantam o mesmo *Bendito da mesa*, sempre à capela, canto esse entoado pelas três folias de reis e neste exato momento.

[101] Em grande parte das folias da região, os foliões chegam do giro, cantam abençoando a mesa, só depois de terem iniciado a refeição é que os donos da casa liberam a mesa dos demais, permitindo-os que se alimentem também.

Licença dono da casa, licença dono da casa, o senhor e a família./ Pra louvar a santa mesa, pra louvar a santa mesa, nosso pão de cada dia./ Os três reis tá perguntando, os três reis tá perguntando, quem vai tratar dos folião./ Respondeu Nossa Senhora, respondeu Nossa Senhora, foi o filho da benção./ Deus vos pague a bela janta, Deus vos pague a bela janta que vós deu pra companhia./ É de ser recompensando, é de ser recompensado, dos três reis da nossa guia./ Lá do céu desceu um anjo, lá do céu desceu um anjo, no descer abriu as asas./ Vem dizendo viva, viva, vem dizendo viva, viva, viva os donos dessa casa./ Senhora dona da casa, senhora dona da casa, Deus vos pague os seus trabalhos./ Quando vós subiu ao céu, quando vós subiu ao céu, Deus lhe dê bom agasalho./ Ofereço esse bendito, ofereço esse bendito pra o Senhor daquela cruz./ Em intenção das cinco chagas, em intenção das cinco chagas, do coração de Jesus./ Bendito louvado seja, bendito louvado seja as três palavras de Deus./ Pai e Filho e Espírito Santo, Pai e Filho e Espírito Santo, seja pelo amor de Deus./ Esta festa não se acaba, esta festa não tem fim./ Ai se esta festa se acabar, ai se esta festa se acabar, ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai meu Deus, o que será de mim./ Viva o cravo e viva a rosa, viva a flor da maravilha (laranjeira)./ Viva o santo do altar, viva o santo do altar, viva o santo do altar, viva o santo da bandeira./ Viva o cravo e viva a rosa, viva a flor da maravilha./ Também viva Deus menino, também viva Deus menino./ Também viva Deus menino, filho da Virgem Maria./ Viva a sagrada mesa! Viva!/ Viva o nascimento sagrado! Viva!/ Viva a todos os convidados! Viva!/ Viva o dono da casa e sua família! Viva!/ Viva os festeiros! Viva!/ Viva todos os folião! Viva[102]!

Figura 20 – "Bela janta", na saída da Folia do Brejo Grande. Alimentação farta e gratuita é o resultado de doações e partilhas de foliões e devotos. Foto do autor (2015).

[102] Bendito da mesa, cantorio popular utilizado por inúmeros grupos de folias de reis na região, de autoria desconhecida.

Reflexão teórica importante sobre a alimentação é a de Candido (2001), quando trata da subsistência da sociedade caipira. Para o autor

> [...] os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente do conjunto das 'reações culturais', desenvolvidas sob o estímulo das 'necessidades básicas'. Em nenhuma outra parte vemos isto melhor que na alimentação, que é o recurso vital por excelência. (...) A alimentação ilustra o caráter de sequência ininterrupta, de continuidade, que há nas relações do grupo com o meio. Ela é de certo modo um vínculo entre ambos, um dos fatores da sua solidariedade profunda, e, na medida em que consiste numa incorporação ao homem de elementos extraídos da Natureza, é o seu primeiro e mais constante mediador... (CANDIDO, 2001, p. 36).

A cultura humana é uma construção, na relação do ser humano com seu meio. E nessa relação o homem transforma o que tem à sua volta em alimentação, que é seu pressuposto vital e para toda vida social igualmente. "O alimento pode assumir, assim, teoricamente, como elemento explicativo da vida social" (CANDIDO, 2001, p. 37). Toda labuta de um grupo ligada às ações relativas à alimentação, com o cultivo de vários alimentos – plantio, colheita, conservação e consumo – que formam os rituais agrários, estão na base dos desenvolvimentos culturais que mais impressionam. Também no caso da caça, para o exercício da qual "requer conhecimentos hauridos nos diferentes domínios da técnica, da magia, da religião, do direito, porque nos povos arcaicos não é uma atividade puramente técnica, como se tornou para o homem moderno. (...) Não é uma atividade de luxo, mas um problema vital..." (CANDIDO, 2001, p. 37).

Com as transformações advindas do processo civilizatório, a caça, por exemplo, tornou-se um esporte, e parece que sem nenhuma implicação na vida social como todo. Na verdade criou-se outra relação. Mas a alimentação continua importante como fulcro de sociabilidade.

> Hoje, quando oferecemos café às visitas ou damos um almoço de aniversário, prolongamos de certa forma práticas imemoriais, em que a ingestão de alimentos obtidos com esforço, e irregularmente, trazia uma poderosa carga afetiva, facilmente transformada em manifestações simbólicas. À medida que a civilização assegura a regularidade do abastecimento, esta carga diminui, para manifestar-se quase apenas nas ocasiões importantes da vida (CANDIDO, 2001, p. 39).

Para Candido (2001), nas populações arcaicas, povos ou grupos de processo técnico limitado e classes inferiores da população, a alimentação tem peso muito

importante, porque influi nas relações de seus membros e na própria personalidade de cada um.

> As pesquisas sobre sociedades primitivas e rústicas insistem sobretudo nas técnicas de sua obtenção, nos critérios da sua distribuição, destacando significativamente os vínculos sociais correlatos, as representações, o sistema simbólico. São casos em que a elaboração de uma dieta é problema cruciante, absorvendo os esforços do grupo e dando lugar a fenômenos de tensão psíquica (CANDIDO, 2001, p. 39).

Mas o olhar de quem faz essa análise não pode ser míope, no sentido de desvincular o estudo sobre a alimentação do conjunto dos elementos constitutivos do grupo social em questão. Deve-se considerar, aponta Candido (2001), "os pontos de vista estatístico (como parte do nível de vida), biológico (como qualidade nutritiva, exprimindo certa forma de exploração do meio), econômico (como tipo de participação nos recursos totais do grupo) e propriamente sócio-cultural (como fator de sociabilidade)" (CANDIDO, 2001, p. 40). Dessa forma é que se pode refletir sobre a alimentação de um grupo social em vista de se fazer uma análise criteriosa do seu comportamento e de suas implicações históricas.

A alimentação produzida e distribuída nas folias de reis itaguarinas pode ser analisada sob vários aspectos, sendo que em cada um deles o leque de discussão se alonga sobremaneira, dado sua importância. Primeiramente, é o elemento que dá vitalidade imprescindível aos foliões e devotos seguidores da bandeira para que cantem e executem o giro; depois, dá sustentação física aos demais devotos e turistas para que permaneçam horas no local, acompanhando ou não a cantoria no pouso ou na chegada. Aos primeiros, cabe lembrar que podem ser alimentados em vários momentos durante o giro (durante o dia, para os das folias Mineira e Goiana; e durante à noite, para os da Folia do Brejo Grande). Recebem *lanches*[103] após a cantoria. Agradecem e podem dançar catira atendendo a pedido dos moradores ou como forma de agradecimento dos foliões pela "boa acolhida" e "bom agrado".

Se a folia de reis é, naturalmente, espaço de sociabilidade fundada nos seus laços de solidariedade, envolvendo parentes, amigos, vizinhos e devotos em comum (RIOS; VIANA, 2015), a alimentação é seu momento predominante. Durante meses festeiros e

[103] Lanche, merenda ou agrado é o nome dado ao alimento que foliões e devotos recebem de morador em período do giro. Tão logo cantam fora e/ou dentro da casa, os donos dali oferecem o que geralmente fora preparado: refrigerantes, sucos, café, leite, chás com biscoitos, bolos, pudins, pães, doces etc. Depois de se alimentarem, os foliões cantam agradecendo a mesa e seguem em giro.

pouseiros fazem pedições envolvendo em ato caritativo pessoas das regiões municipais rurais e urbanas, incluindo as de todos os municípios vizinho, de outros Estados e até de pessoas que residem no exterior. Monta-se e se exercita um autêntico sistema de relações de troca, coordenado pelos representantes provisórios dos pousos e da festa do dia 06 próximos. Em um ambiente regido pelo comércio que expõe e vende produtos cujo valor é estabelecido pelo mercado de então, em estabelecimentos onde qualquer ação que representa trabalho tem um custo, em casas onde só se entra com a permissão do dono, e mesmo assim sem que se ocupe todo espaço dali, com a preparação e realização das folias de reis esses produtos, serviços e ambientes passam a ter outra dimensão: a do sagrado. Forma um sistema de relações de troca. Quem doa alimento, serviço ou espaço o faz na crença de que será retribuído em bênçãos de saúde, paz e felicidade. O momento de registro desse "contrato" é quando aquele que pede e recebe diz ao doador: "Santos Reis te dê vida e saúde", "só Santos reis pra dar o pago procêis", "santos reis há de abençoar muito o senhor e sua família", "o Menino Jesus que lhe dê em dobro"... E para além da sua relação com os santos, na comunidade o processo de socialização dos feitos dos doadores prossegue: serão lembrados e comentados entre os pedidores, parentes e amigos. Embora há quem diga o contrário, percebe-se que, no geral, quem mais doa é mais agradecido e comentados entre os que coordenam as doações. Tem-se, assim, o doador, duas satisfações: a que vem dos santos e a que vem da própria comunidade, quando reconhece a importância de seus atos.

A solidariedade se dá sobretudo na partilha de bens pessoais em vista da realização dos pousos e das festas, da alimentação, predominantemente. Já a gentileza está presente no trato, no relacionamento pessoal entre as pessoas que participam das festas, mas particularmente entre foliões e devotos itaguarinos no trato que dispensam aos foliões, devotos e turistas que visitam o município do dia 26 de dezembro a 06 de janeiro seguinte. Gentileza em geral, mas nada se iguala à gentileza em torno da alimentação: pouseiros e festeiros gentilmente agradecem aos doadores e aos que prestam serviços, foliões agradecem gentilmente aos donos das casas pelos agrados oferecidos durante o giro, foliões agradecem cantando gentilmente pela "boa janta" e devotos e turistas gentilmente agradecem aos donos das casas e festeiros pela alimentação oferecida a todos. Em cantoria, foliões, gentilmente, pedem licença ao dono da casa para saudar a mesa da alimentação, perguntando quem vai alimentar os foliões: "Licença dono da casa,/ (...) o senhor e a família./ Pra louvar a santa mesa,/ (...) nosso pão de cada dia.// Os três reis tá perguntando,/

(...) quem vai tratar dos folião". Maria responde: "Respondeu Nossa Senhora:/ foi o filho da benção" (o dono da casa). E cantam lembrando ao morador que Deus o pagará com recompensará trazida por Santos Reis: "Deus vos pague a bela janta, (...) que vós deu pra companhia./ É de ser recompensando, (...) dos três reis da nossa guia"[104].

A alimentação, como se vê, é elemento integrativo da vida social, do qual fala Candido (2001). Tem também caráter explicativo: indica o que ali se produz, a forma de cultivo empregada, o manejo dispensado em sua produção e distribuição. O alimento doado para a realização das folias de reis itaguarinas é praticamente todo ele produzido no município ou nas regiões circunvizinhas. Traz, dessa forma, o que Candido chama de "poderosa carga afetiva", podendo se transformar em manifestação simbólica. Diferentemente, o produto industrializado se separa do trabalhador que o produz, não tendo essa "carga afetiva" capaz de criar significações; contrariamente, a ele é adicionado valores do mercado cujo intento é torná-lo cobiçado e consumido o mais rapidamente, visando o lucro como retribuição. Seguindo a reflexão de Candido se pode dizer que o modo de produção, de distribuição e de consumo da alimentação de uma determinada cultura interfere na personalidade do homem que a constitui. Dessa forma, a alimentação itaguarina utilizada nas folias de reis – na forma como é produzida, adquirida e consumida –, prepondera no conjuntos de fatores socializantes, porque integra os participantes em vários aspectos, dentre eles: concilia o doador com o ente sagrado e possibilita criação e/ou intensificação dos vínculos sociais correlatos, criando representações que fortalecem o sistema simbólico de determinada cultura ou sociedade.

2.5.10 Escolha e função dos festeiros e dos pouseiros

Interessa aqui descrever como estão estruturadas as folias de reis em Itaguari, adentrando nas suas formas utilizadas em tempos passados. Sabe-se que qualquer grupo que lida com uma infraestrutura, alimentação e uma quantitativo de servidores, mesmo de pequena monta, se vale, necessariamente, de uma estrutura de poder mínima. Recebe e repassa responsabilidades, seja no desenvolvimento ou no término de quaisquer eventos. Supondo isso é que se tratará do processo de escolha e delimitação das funções dos festeiros e pouseiros das folias de reis de Itaguari.

Para se tornar festeiro é necessário um gesto simples, porém emblemático: receber sobre a cabeça uma coroa, que é o símbolo maior que representa o poder político-

[104] Do cantorio de agradecimento, Bendito da mesa, de autoria desconhecida.

administrativo de fazer acontecer a folia próxima. Ou seja: o poder de conversar, de pedir e, às vezes, ser atendido com hostilidade, de articular e conciliar situação de rivalidades, de resolver problemas financeiros e pessoais, de superar atritos entre foliões, pouseiros e cozinheiros. E poder de gerir todo custeio dos comes e bebes utilizados no dia da festa. A coroa é que dá legitimidade representativa aos festeiros. Dá-lhes visibilidade, consideração e respeito por parte dos presentes. São reverenciados como autoridades. Crentes, muita das vezes, que sua escolha foi um pedido advindo diretamente do santo, fruto de uma bênção, de um pedido cuja recusa lhe renderia malefícios ligados à saúde ou à finanças pessoais ou familiares.

> Ninguém pode negar um pedido de Santo Reis. Eu é que não sou bobo de fazer isso. Vai o cara nega o pedido e Santo Reis, vem ele [o santo] e castiga com uma doença aí, ou atrapalha os negócios... Pobre não é defeito, mas tem que ter amizade. E quer saber, quem faz a festa é o povo. Só peço a Santo Reis e a minha Nossa Senhora Aparecida que me ajude a fazer o meu pouso, se Deus quiser. E o meu compromisso com Santo Reis eu vou cumprir na maior honra" (tira o chapéu, olha para o céu e faz o sinal da cruz)[105].

Duas preocupações básicas afloram no pensamento dos festeiros, logo após sua posse: primeiro, começar a arrecadar alimentos e dinheiro; segundo, definir os locais e responsáveis pelos próximos pousos. Feito isso, com a coroa sobre a cabeça, os recém coroados passeiam por entre cozinheiros, devotos e demais presentes, convidando-os para o ano vindouro, pedindo-lhes apoio, prendas, presença e orações. Costumeiramente o novo festeiro retira a coroa de sua cabeça, colocando-a sobre a cabeça de quem cumprimentar. Compartilha, assim, a responsabilidade e o privilégio de ser festeiro, fazendo referência direta e constante a Santos Reis como santo protetor e ao povo como o dono da festa: "a festa é de Santo Reis, nóis só ajuda", "a festa é do povo, é o povo que faz a festa", "sem o povo não tem festa".

Alguns pousos do ano seguinte já são definidos antes mesmo do encerramento da festa em curso. Por sorteio, por interesse particular, por indicação dos festeiros em exercício ou para cumprimento de alguma promessa, pessoas "pegam" o pouso da folia. Desafio seguinte é definir o dia da realização desse pouso. O pouseiro quer "dar um bom pouso". Para tanto, o dia é importante: o primeiro dia será sempre o menos participado, dará menos volume de pessoas, a menos que caia numa sexta feira ou sábado. Em linhas gerais, quanto mais próximo do dia 06, mais participantes o pouso terá. Há pouseiros que

[105] Entrevista com Divino Aparecido da Silva, realizada por este pesquisador em 05 de novembro de 2016, Itaguari, Goiás.

deixam de dar pouso, se não for no seu dia de preferência. Sábado é o preferido, por ser final de semana e anteceder o domingo, dia de folga, que vale dizer: as pessoas que participarem da festa poderão ir até alta madrugada, já que não trabalharão no dia seguinte. Há entre os pouseiros e festeiros certa disputa em relação ao "melhor" pouso e festa oferecidos. Terá reconhecimento público e prestígio quem melhor acolher o maior número de pessoas, apresentar bons cantores para o *show* da noite, ter altar mais enfeitado, oferecer melhor estacionamento e alimentação farta até o dia seguinte. Quem oferecer o melhor pouso ou a melhor festa terá seu nome divulgado e elogiado até surgirem outros que o superarem. Quem oferecer melhor serviço terá visibilidade e reconhecimento por parte da comunidade. Ganhará *status* e respeito.

Na folia do Brejo Grande o casal ou pessoas festeiras são escolhidos por sorteio. Dia 06, após a entrega, são comunicados os candidatos, que são somente os membros da irmandade[106]. Participam casais ou pessoas que concorrem à coroa, sob a coordenação de Jurandir Ribeiro dos Santos[107]. Na metodologia usada há anos, papeis dobrados são colocados dentro de uma vasilha. Diante dos presentes e dos candidatos, Jurandir sacoleja a vasilha, misturando os papeis. Em seguida, vai-se tirando um de cada vez para cada um dos casais candidatos. O papel é desdobrado e mostrado a todos. Só quando tirar o papel com o escrito "festeiro" – todos os demais estarão em branco – é que se encerrará a escolha. E o festeiro será o casal para o qual o papel "premiado" foi tirado. Em seguida os novos festeiros são coroados e saem cumprimentando as pessoas, já anotando suas prendas e contando com suas presenças para o próximo ano. Junto com a coroa, recebem a bandeira e todo material de cozinha já adquirido: tachas, panelas, talheres.

Alguns pousos já são definidos ali; outros, não, precisarão do convite dos novos festeiros que farão isso no decorrer do ano. E mesmo com esse convite, acontece que não se

---

[106]Irmandade para escolha de festeiros aqui é formada por pessoas que querem concorrer à coroa, ao cargo de festeiros. A formação dessa irmandade e adoção dessa metodologia para o processo de escolha se deu para sobrepor ao método utilizado anteriormente, mediante o qual qualquer pessoas se apresentava espontaneamente como candidata. Acontecia, assim, de pessoas "irresponsáveis" pegarem a coroa e comprometerem a realização da festa. Agora, não. "Na irmandade só pessoa de responsabilidade pode participar, pessoas que a gente conhece e sabe que vai pela fé no Santos Reis. Então a gente não corre risco de escolher um mau festeiro. Porque isso já aconteceu no passado" (Entrevista com Sebastião Patrício de Oliveira, realizada por este pesquisador em 24 de outubro de 2015, Itaguari, Goiás). São membros da irmandade para escolha dos festeiros: Renato e Ricardo Cotinha, Nilza, João Margoso, Nativo Ribeiro e Jarbas.

[107] Jurandir Ribeiro dos Santos é o gerente da Folia do Brejo Grande e faz parte da irmandade geral da folia, juntamente com Nativo e Divino Ribeiro dos Santos, respectivamente seu pai e tio seu, Nélson, Sebastião Patrício e Zezinho, embaixador do galho direito. A responsabilidade dessa irmandade é: tratar das questões permanentes da folia: apoiar os festeiros e pouseiros, conduzir o processo de escolha dos novos festeiros, adquirir instrumentos ou algum material de uso dos festeiros ou pouseiros.

conseguir casas disponíveis para realização de todos os pousos e as bandeiras deverão, nesse caso, só descansar em alguma casa previamente solicitada.

Meses antes do início da folia, festeiros e pouseiros pedem suas prendas, convidam cozinheiros, ensaiam os foliões, preparam-se para o início dos festejos. Confirmam pousos, formulando o mapa final do roteiro a ser seguido pelos galhos direito e esquerdo da folia. Podem os festeiros recorrer aos membros da coordenação da folia em situações particulares.

Quanto à Associação dos Foliões e Catireiros da Região do Brejo Grande (ASFEC-BG)[108], "ela é importante porque tem feito alguns pousos e quase todos os foliões fazem parte dela e tem ajudado muito na realização das nossas folias"[109]. Sua função é promover ações culturais e educacionais junto aos foliões e catireiros da região do Brejo Grade, estando também à disposição da comunidade. Ela tem colaborado com a folia (do Brejo Grande) sendo pouseira e cedendo o espaço de sua sede e seus utensílios (freezer, cadeiras, panelas, talheres, fogão industrial, trempes móveis) quando solicitados. Embora composta de foliões e catireiros, ela não interfere no andamento e na estrutura organizacional da folia; existe para apoiar e promover ações que venha a incentivar, culturalmente, o grupo de folia e a catira na região.

A escolha dos festeiros da Folia Mineira se dava, há até cinco anos atrás, também por sorteio, tal qual se realiza na Folia do Brejo Grande.

> Aparecia muitos candidatos pra concorrer, e a gente foi percebendo que uns queria só mesmo se apresentar pra dizer que era festeiro. Aparecia festeiro muito ruim, e folia pra nóis é coisa séria. Festeiro tem que ser porque gosta e tem que ter fé. Senão... não dá certo. Uns chegava na hora de trabalhar e às vezes até dispensava a festa e a gente tinha que ser festeiro. Então nóis reunimo a associação[110] e decidimo fazer diferente. Agora a gente reúne a irmandade e discute: uns apresenta o nome de algum casal... e se todos concordar, a gente corre atrás e faz o convite pro casal. Às vezes já apresenta o nome ali mesmo nos pousos, fala com um,

[108] Fundada em 29 de maio de 2005, possui 28 membros e tem como fundador e atual presidente Sidcley Pereira da Silva. Sua sede foi adquirida em 24 de setembro de 2006.

[109]Entrevista com Sebastião Patrício de Oliveira, realizada por este pesquisador em 24 de outubro de 2015, Itaguari, Goiás.

[110] Essa Associação Tradicional da Folia Mineira (ATFM), criada recentemente, substituiu a Irmandade, que era um grupo de devotos que há anos se reúnem e coordenam os trabalhos da folia. Era formado por: Jair Florentino Dutra, Marcos Florentino Dutra, Altair, Luizão, Dema, Marquinhos do Gabinense, Ângelo, José Maria e Leandro. Essas mesmas pessoas da irmandade criaram a associação. Desses membros citados, somente o primeiro não faz parte da diretoria da associação, mas é sócio dela.

> com outro... e se todos concorda, nem faz reunião, não. Se todos concorda, já fica combinado deles ser os próximo festeiro[111].

Definidos, após a entrega da folia os novos festeiros são coroados, recebem aplausos, são cumprimentados e já começam a receber doações, enquanto também cumprimentam o povo. Ajudantes com caderno anotam nomes, endereços, prendas e telefone dos doadores. Terminada a festa, no primeiro semestre do ano os festeiros praticamente não têm atividades. Já na primeira metade do segundo, preocupam-se em providenciar as lenhas que serão utilizadas para cozer os alimentos, convidar os cozinheiros e definir os pousos. Encaminha-se também a estrutura básica utilizada: tendas e banheiros químicos, além de solicitar à prefeitura a recuperação das estradas que vão até os pousos e ao local da entrega no dia 06. A responsabilidade de todos os custos do pouso é dos pouseiros, mas há casos excepcionais em que os festeiros devem interceder a seu favor pedindo prendas e montagem da estrutura básica utilizada. Ainda antes do início da folia propriamente, o grupo marca encontro para realização do ensaio da folia. Já no decorrer da mesma, os festeiros dão assistência aos pouseiros e vão, ao mesmo tempo, pedindo prendas para o dia da festa, dia 06, que é de sua exclusiva responsabilidade.

Nos últimos anos a Folia Mineira tem conseguido alguns recursos públicos junto ao Governo do Estado por meio de uma associação que criou há poucos anos atrás. Com esse recurso a Associação da Tradicional Folia Mineira já conseguiu cobrir despesas de cartazes, adesivos, bonés, lenços, outdoors[112] e instrumentos musicais. Para o grupo está clara a função da associação, que não substitui os festeiros nem interfere em suas atividades. Festeiro é para fazer a festa e pouseiro é para fazer o pouso. É para pedir alimentos, fazer uma boa comida e acolher bem as pessoas no seu dia. Já a associação épara adquirir bens permanentes, moveis e imóveis, que são usados nos pousos e nas festas inclusive, tais como: vasilhas, instrumentos musicais, carro para transporte, tendas, banheiros químicos, local para reuniões e eventuais festas familiares. Ano após ano se vai tendo independência em relação ao poder público municipal. Este se responsabilizou, na última festa, por exemplo, somente pela recuperação das estradas dos pousos e da festa do dia seis.

---

[111] Entrevista com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 outubro de 2015, em Itaguari, Goiás.

[112] Esses são alguns dos materiais utilizados pelas três folias itaguarinas, principalmente pela Folia Goiana. Ver anexos 13, 14 e 15.

A responsabilidade do festeiro e do pouseiro, assim, foi sendo delimitada. Com a transformação da Irmandade em Associação, sendo esta instituição jurídica capaz de angariar recursos, os festeiros, pouseiros e os próprios foliões passaram a ter melhor amparo para algumas necessidades.

No início da Folia Goiana os festeiros do ano anterior, responsáveis que são também pela saída da folia do ano em curso, sentem-se realizados, tão logo findam sua missão. É comum a expressão "agora é com vocês, novos festeiros, a nossa parte a gente fez". A partir de então, os novos festeiros são os responsáveis pela folia, pelo seu ritual, infraestrutura e alimentação. Devem planejar antecipadamente, ao menos 6 (seis) meses antes da realização da festa, todas as atividades ligadas à folia. E conforme planejamento feito, encaminhar reunião com todos os pouseiros, deixando claro sobre a responsabilidade de cada um; disponibilizar para todos os pouseiros: tendas, palco, som e iluminação; pedir prendas e ofertas; convidar os cozinheiros e demais doadores de serviços; montar, confeccionar e distribuir cartazes, adesivos e convites da festa, distribuindo-os a autoridades locais, doutras cidades e a artistas; montar e confeccionar lenços e distribuí-los para os foliões e devotos, já na saída da folia; utilizar outros meios de comunicação para divulgar a folia, tais como rádios, TVs, jornais escritos, mensagens de celular, e-mails, facebook, dentre outros; realizar a festa para arrecadar óleo antes da folia; e contratar uma equipe de segurança para ajudar na organização e condução da festa.

Os pouseiros são responsáveis por pedir prendas para realizar a festa no seu dia; disponibilizar material de cozinha e mesmo alimentação para o pouso seguinte, se sobrar do seu.

O processo de escolha dos novos festeiros da Folia Goiana não é tão formal e prático como o são, hoje, o das outras folias itaguarinas. Não existe uma "regra" clara nem uma "irmandade" estabelecida e contínua para reger a escolha dos festeiros de cada ano, sobretudo nos últimos anos. José Divino de Oliveira, vulgo Zelão, foi coordenador da Folia Goiana por vinte anos, até 2012. Em seu período ele mesmo articulava a escolha dos festeiros, às vezes acatando sugestão de algum outro, principalmente nos últimos anos de seu comando. Ora ele mesmo convidava, ora apareciam interessados dispostos a pagar alguma promessa ou a usar o *status* de festeiro para concretizar interesses escusos, como promoção política, por exemplo. Zelão conduziu dessa forma o processo de escolha por todo o período de crescimento da Folia Goiana. Foi justamente no início dos anos 1990 que esta folia se avolumou, com visível influência da família Freitas, das duplas André e

Andrade e Irmãs Freitas, propriamente. Não se criaram regras para a escolha dos festeiros nem uma irmandade com membros definidos e orientações claras para direcionar de modo formal a escolha dos festeiros e o andamento de toda festa. Fazia-se o que se repetia anualmente e, ante a dúvidas, procurava-se o Zelão para orientação e encaminhamento. Nos últimos oito anos de seu comando, Zelão integrou o governo municipal. Tornou-se nítida e efetiva a influência e participação do poder público local na realização da festa, seja com ajuda gradativa no custeio da infraestrutura utilizada, seja com sugestão quando da escolha dos festeiros e pouseiros. Muito embora, diga-se, essas escolhas e a própria condução da festa tem sido feitas mediante constantes justificativas: "Nós trabalha sem interferência de política"; "aqui nóis não mistura política com folia, não!"; "política é uma coisa, folia é outra".

A partir de 2013, os festeiros de cada ano tem se responsabilizado pelas escolhas de seus substitutos. E essas escolhas seguem critérios diversos, sendo eles em alguns casos de cunho político, com influência direta do poder público local na escolha dos festeiros e definição dos dias dos pouseiros. Dessa forma aconteceu até a escolha dos últimos festeiros. Contudo, a partir da criação da Associação dos Foliões de Itaguari (ASFOITA)[113], pretende-se formalizar esse processo de escolha: "Quem quiser ser festeiro nas próximas festas, que se candidate. Aí os membros da associação – só os 60 membros! – vão votar neles. Quem tiver a metade dos votos mais um, esse vai ser o festeiro". Adotar-se-á, assim, a regra da votação, como acontecia na Folia Mineira e acontece na Folia do Brejo Grande, embora nesta os candidatos sejam pré-selecionados.

Após acompanhar a entrega da folia no presépio, após longa cantoria que se desdobra sobre o palco, no centro da praça, festeiros se preparam para, mais à noite, fazerem a transferência das coroas para os próximos festeiros. Logo após, seguem apresentações regionais e a principal da noite, até altas horas da manhã.

Na estruturação ou formação provisória do poder condutor de cada folia itaguarina é evidente a diferença substancial que existe ente a Folia Goiana e as demais. A Folia do Brejo

---

[113]Criada em novembro de 2016, sob a coordenação dos festeiros de 2016/7, Nildei dos Reis Flores e João Sargento. Há mais de dez anos se tem tentado criar essa associação. Para os que resistem, ela viria para burocratizar e atrapalhar os trabalhos dos festeiros. Quem ajuda na realização da folia doando prenda, dizem, não vai doar mais porque a associação vai conseguir essas doações. A associação extinguiria um fundamento básico da folia, a gratuidade. Mas para o seu co-fundador "ela foi criada para dar transparência aos trabalhos dos festeiros. Agora o festeiro vai ter que prestar contas para os membros da associação. E a associação vai cuidar dos bens da folia, como a camioneta e as vasilhas, por exemplo" (entrevista com Nildei dos Reis Flores, realizada por este pesquisador em 22 de novembro de 2016, Itaguari, Goiás).

Grande e a Folia Mineira criaram mecanismos para garantir a qualidade dos festeiros e podar o uso da folia para exposições de ordem pessoal, não condizentes com a tradicional prática solidária e participativa da folia. Na primeira, os candidatos devem fazer parte da "irmandade", após pedido de permissão, e depois concorrer ao lado dos demais; na segunda, são os próprios membros da associação que escolhem ou definem quem poderá ou não receber a coroa e a responsabilidade de fazer a festa. Na Folia Goiana, muito embora o discurso seja sempre o de escolher alguém do meio, que goste e se dedique de fato à realização da festa, sem interesse pessoal, as práticas desde o início de seu crescimento estrondoso tem sido outras: primeiro, uma pessoa só teve o total monopólio da escolha dos festeiros por vinte anos; depois, a escolha passou a ser feita pelos festeiros em exercício espontaneamente, sem nenhum critério quanto à quantidade de festeiros ou aos perfis que deveriam ter. Com a criação da associação foi já apresentada outra metodologia, a da escolha pelos sessenta membros da mesma, embora nem os criadores desta organização usaram esse método proposto na escolha dos seus substitutos.

Institucionalizar, formalizar grupo criando mecanismos de participação direta implica em, necessariamente, impedir imposições individuais, pessoais. Implica em exercitar a diplomacia por parte de seus líderes, conversar, articular ideias para que o decidido tenha no grupo o máximo de consenso e o mínimo de rejeição. Mas há de se convir que algo se impõe em todo esse processo. Por que há recusa dos coordenadores e festeiros em criar uma estrutura organizacional para, de fato e de forma imparcial e participativa, conduzir a maior festa estadual de folias de reis? O capítulo seguinte procurará adentrar mais nesta questão, sob a ótica do mito e do espetáculo.

2.5.11 A questão financeira

Segundo fontes utilizadas, nenhuma das três folias itaguarinas teve em algum momento de sua história a prática contínua de organizar as finanças, de modo a ter um registro de tudo que é arrecadado e de tudo que se gastou ou foi utilizado no determinado período de festa. Com isso, a prática de prestar contas à comunidade, publicando o resultado financeiro do festejo realizado foi feita só algumas vezes, e quando realizado não o fizeram de modo detalhado. O pequeno acúmulo de bens das folias se deu quando algum festeiro, espontaneamente, adquiriu objetos de uso, tais como tachos, talheres ou camionetas. Houve caso em que, se recusando a deixar com tais pessoas ou sem ter com quem deixar a sobra financeira, os festeiros adquiriram por conta própria algum bem móvel para a sua folia. É visível o costume de não se fazer "conta da conta". Aliás, o festeiro nem pode observar, comentar ou exigir quantidade de dinheiro ou o valor financeiro da prenda

que recebe. Afinal, "dá-se para Santos Reis"[114], não para quem coordena a festa, festeiros ou pouseiros. A festa não tem dono, e se há dono, o são o povo que a faz e os santos, para quem ela é feita.

O "valor sagrado" da prenda ou do dinheiro doado para a festa certamente facilita a participação das pessoas mais pobres financeiramente. Quem doa uma vaca gorda e quem doa um real devem ser considerados com igual dignidade, "tratados do mesmo jeito na festa; festeiro que trata quem doa uma vaca melhor do que quem doa um quilo de feijão, esse desagrada Santos Reis; aqui o rico, o pobre, todos tem que ser tratado igual"[115]. Diferentemente do que acontece no dia a dia, onde todas as doações têm o seu preço de mercado – e aqui, sim, uma vaca gorda vale por dois mil reais –, entrou no âmbito do evento religioso, cada doação passa a ter outro valor, o simbólico. Conta-se mais o gesto de doar, e menos o que se doa. E os que nem podem doar um quilo de batata ou algum dinheiro, doam trabalho. Apresentam-se a diversas frentes para montar barracas, matar e preparar vacas, porcos e galinhas, descascar batatas, mandioca, milho, outras verduras e legumes, lavar vasilhas, cozinhar, servir as mesas e os devotos, recolher lixos.

Assim, a gratuidade é a expressão maior da solidariedade dos foliões e devotos que fazem as folias de reis itaguarinas acontecer, no âmbito da materialidade da festa. Sem essa gratuidade seria impossível realizá-la, utilizando-se de tantos alimentos e serviços e doando-os sem nenhuma paga, como se tem feito anualmente. E sem alimentação gratuita não existe folia de reis em Itaguari. A efetivação do ritual e a doação dos alimentos constituem-se a espinha dorsal dos pousos e da festa.

Notam-se também os excessos ou as carências. Excesso quando o pouseiro ou o festeiro tem "lucro", carência quando ele tem "prejuízo". Como existe o custo de mercado das doações, por mais que tenham valor simbólico de igualdade, ao final de um pouso ou de uma festa, financeiramente, há ou excesso ou carência, a sobra ou a falta. "Tem festa que dá 'prejuízo' pro festeiro, e tem pouso que dá muito 'lucro' pro pouseiro". "Ao final de 2016, quando da escolha dos próximos, os festeiros de então negaram a indicação de um ex-festeiro porque o mesmo teria tido boa arrecadação em seu tempo e não devolveu o

---

[114] Ademar e João Sargento, respectivamente pouseiro e festeiro da Folia Goiana de 2016/7, foram pedir doação de farinha de mandioca em Americano do Brasil, ao empresário Taché, mediado por Daniel José. Ao perceber que a farinha doada não supriria toda necessidade dos dois eventos, Ademar solicitou ao proprietário que vendesse mais um saco. Taché imediatamente respondeu: "Ocês pode pegar o tanto de farinha que precisar, não tô doando procês, tô doando pra Santos Reis".

[115] Entrevista com José Lino de Almeida Filho, realizada por este pesquisador 28 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

dinheiro arrecadado”[116], da Folia Goiana. Ele até anunciou de público que faria um investimento com aquele recurso, comprando uma camioneta, mas nunca o fez. Em condição inversamente proporcional, há casos em que os festeiros tiveram que “tirar [dinheiro] do bolso” para quitar débitos advindos de compras feitas para a realização de pouso ou de festa.

Esmiuçando o dia a dia financeiro de cada grupo de folia, descreve-se o seguinte: na folia do Brejo Grande, bem como na Goiana e na Mineira, a arrecadação principal se inicia meses antes de cada saída. Visita-se pessoas que já tradicionalmente doam e outras comuns do município e de outras regiões[117]. Os alimentos são armazenados em local adequado. Na casa do festeiro ou, no caso da Folia Goiana, no Centro de Cultura e Eventos. O dinheiro arrecadado fica com o pouseiro ou o festeiro e será usado para comprar pratos, talheres, pagar algum frete... quando isso não é também doado. Até no dia de realização do festejo se recebe alimentos ou dinheiro. Uma das atividades importantes dos grupos de folias em seu giro é a arrecadação. Todo embaixador deve em sua cantoria, necessariamente, pedir uma oferta ao dono da casa ou aos que passarem pela bandeira. Raramente algum morador não oferta algum dinheiro ou algum tipo de alimento, todo ele utilizado para a realização da festa do dia seis. Quando dinheiro, os alferes – no casa da folia Goiana e da do Brejo Grade – ou o gerente – no caso da Folia Mineira – recolhem o dinheiro logo após finda a cantoria ou no momento exato em que se canta para isso. Há aqueles que preferem, por intuição de momento ou por voto, colocar algum dinheiro na bandeira, afixado ali com alfinete, ao lado de fotografias, orações ou fitinhas. Neste caso, o dinheiro dali só será tirado e utilizado no último dia, depois da entrega. Há também o costume de se colocar algum dinheiro no altar do pouso ou da festa do dia seis, por entre as imagens. Nos altares dos pousos, só no dia do pouso; nos altares da entrega, só no dia – no caso das folias do Brejo Grande e da Mineira – ou durante vários dias, em um cofre sobre o presépio – no caso da Folia Goiana. O que se arrecada durante o giro deve ser entregue ao festeiro e toda arrecadação deve ser gasta no dia da festa, dia seis. Ao final da entrega, ainda no dia seis ou no dia seguinte, alguns devotos, cozinheiros ou outros, levam alimentos salgados e doces para suas casas. No caso da Folia Goiana, tal prática se dá com mais intensidade, com doação de latas de carnes e de doces a pessoas que antecipadamente

[116] Entrevista com Daniel Antônio Flores, realizada por este pesquisador em 04 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

[117] Então é marcado o dia de pegar a vaca (inteira ou parte dela), o porco, a galinha, o saco de arroz, feijão, a guariroba, o saco de batata, o balaio de milho, o dinheiro... ou já se leva dali mesmo.

pedem – geralmente doadores de prendas –, a cozinheiros e a outros doadores de serviços. Por fim, pouseiros e festeiros, dias já passados, fazem o balanço geral e financeiro da festa: se teve que custear algo com recurso do próprio bolso, o “fez foi pra Santo Reis mesmo, então tá bão demais”; se sobrou algum dinheiro, “fica pra cobrir os gastos que às vezes a gente nem sabe que teve”, com exceção das poucas vezes em que se faz essa prestação de contas, sempre a grosso modo, devido ao não controle pormenorizado das receitas e das despesas da festa.

Visualizar o cenário sócio-histórico onde as folias de reis se formaram e se estabeleceram, acrescido de seus pressupostos teóricos básicos e de toda sua composição ritualística e funcional se resume o trabalho feito até então. O empenho seguinte, do próximo capítulo, no primeiro momento, se concentrará no detalhamento de mitos que já fazem parte do imaginário do povo brasileiro, logo de sua memória, e no das narrativas de cada uma das folias de reis itaguarinas. No segundo, uma análise sobre músicas folclórica, música caipira e cantorias de folias de reis.

O POUSO

Capítulo 3 – Eficácia dos mitos do sertão em contos e cantorias

Diferentes cantos, ritmos e sons.
Vemos, assim, porque a música
é um dos mais eficientes instrumentos
de preservação da nossa memória coletiva...

Charles Murray, A música como objeto de memória

Nossa música é chorosa, dilurida (dolorida)
e aprendemos isso nas cantorias das folias de reis de Itaguari,
que foram os alicerces do nosso estilo musical
que nasceu dali, das respostas que a gente cantava
na folia de reis e nas cantorias das rezas de terços.

André e Andrade, dupla sertaneja goiana

Os mitos basilares que compõem as folias de reis de Itaguari [118] são contemplados em espaços do sertão, no meio rural do município; e, na grande maioria dos casos, por pessoas que moram ou já tiveram lida nesse meio. Por isso e por também serem as folias de reis grupos populares que se recriaram no meio rural basicamente, os mitos das folias de reis de Itaguari podem ser considerados mitos do sertão, dos sertanejos, de valores ligados ao homem do campo e ao próprio campo. Sua força inovadora, presente na realização das folias de reis, tem se mostrado heterogênea no que tange à capacidade de expansão, de fazer-se espetáculo, atraindo para si multidões de devotos e turistas, abrindo-se a uma nova gama de nuances e valores vindos de novas relações sócio-históricas, sob influência dos mitos.

3.1 – Mitos do sertão, contos e cantorias

Os grupos de folias de reis itaguarinas são parte da cultura de sua região, não por se firmarem como grande acontecimento, quantitativamente falando, mas por serem depositários de sentido próprio e significação. São eles formados por foliões e devotos, pessoas que recebem e transmitem saberes produzidos ali mesmo. É na lida cotidiana, nos ensaios, saídas, giros, pouso e entregas que foliões e devotos compartilham saberes. Relacionam-se espontaneamente, longe da agenda objetiva e estafante do mundo urbano.

[118] Ver capítulo 2, itens 2.4.1, 2.4.2, 2.4.3 e 2.4.4.

Saberes que estão nos gestos, nos olhares, na presença, nos versos cantados e nos causos contados; também na alimentação: no como é conseguida, preparada e degustada; nas peripécias das idas e vindas dos foliões e devotos, no desrespeito contra foliões ou contra as bandeiras; ou quando o folião mesmo, deixando escapar maldades do coração indomável e ambicioso, fala mal do morador pobre que só pode oferecer um "bolinho" simples aos seus "nobres" foliões visitadores.

Em situações assim, causos, lendas e mitos são contados no Brasil, em Goiás. Tudo se passa no cotidiano simples da vida. Os mitos estão aí, em histórias do cotidiano, como depositários de situações utópicas, mas também como fontes delas; mitos são frutos das ações humanas, mas também promotores delas; mitos interferem na realidade à medida que, vindos da própria realidade, podem apontar caminhos práticos para a sociedade[119].

A título de informação, visando melhor compreender o ambiente onde os mitos itaguarinos têm representatividade, sem o objetivo de traçar a história dos mitos na história do Brasil[120], é que se diz que sobre terras brasileiras se criaram sonhos míticos de encontrar ouro e esmeraldas em abundância, jamais dantes vistos. Então colonizadores organizaram incursões diversas e adentraram o sertão do Brasil, escravizaram índios, ocuparam novas regiões, construíram caminhos, fundaram vilas que se tornaram cidades. Ajudaram a construir a história do país. Do cenário inóspito, novo, que causava admiração e medo ao mesmo tempo, surgiram lendas e mitos, muitos dos quais sobrevivem até hoje. Motivados por sonhos míticos de conquistas, o contato do desbravador com nativos e novas regiões – adicionam-se a isso seus próprios conflitos – geram muitas histórias sagradas. Todas ligadas às práticas concretas: seja do ouro, das esmeraldas, ao trabalho agro-pastoril, seja na sua relação com a própria natureza, água, matas e animais.

Basicamente, dois mitos foram produzidos pela inserção de conquistadores e desbravadores que adentraram o sertão do Brasil, segundo Amado (2012): o do sertão e o da Amazônia. No sertão mitos foram gerados do embate muitas vezes inglório entre sertanejos e os perigos presentes nele. "Uma área remota, isolada, árida e fracassada, sem lei ou ordem, uma terra de ninguém, um fim de mundo" (AMADO, 2012, p. 64), eis a imagem do sertão que persistia. Nele "o sertanejo é concebido como pobre, ignorante e submisso ao poderoso coronel, mal capaz de sobreviver do próprio trabalho" (AMADO,

---

[119] Ver análise teórica do mito no capítulo 2, item 2.3.

[120] Análise minuciosa do mito, de sua formação e representatividade no sertão do Brasil fizeram Cascudo (1954), Lima (1999) e Amado (2012), tratando-o com propriedade, mencionando sua importância para a cultura e a história do povo brasileiro.

2012, p. 64). O sertão da região do nordeste do país, por exemplo, é marcado por secas e, por conseguinte, dificuldade de produção agropastoril. O sertão goiano, outrora ocupado pelos que davam a vida pelo metal brilhante, representava ao mesmo tempo perigo devido às grandes distâncias e ausência de recursos básicos.

Quanto à Amazônia, foi vista como local rico, exuberante e fértil. Nos tempos coloniais conquistadores rumaram até ela "em busca do reino fabuloso das amazonas e do *El Dourado*, onde riquezas abundantes poderiam ser encontradas" (AMADO, 2012, p. 64). Se o século XVIII foi marcado pela mineração que possibilitou acúmulo de riqueza e criação de cidades em muitas regiões do país, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX a Amazônia presenciou um movimento frenético da atividade econômica em torno da borracha que atraiu altos investimentos financeiros e diversas empresas.

Assim, se o sertão representava o atraso e a Amazônia a exuberância e a luxúria, o litoral foi imaginado como o centro onde estão e acontecem a civilização, a cultura, o refinamento da sociedade e o poder. Dessa forma, "sertão, Amazônia e litoral, esses três espaços imaginários, constituíram e constituem o mais expressivo grupo de mitos de identidades brasileiros" (AMADO, 2012, p. 64).

Sertão e Amazônia expressam contrastes, pobreza e plenitude. Contém símbolos próprios e evidenciam semelhante ambigüidade. O mito-sertão é habitado por povos nativos, animais ferozes e entidades (personagens míticos ou lendários) indomáveis como mula-sem-cabeça, lobisomem, caipora, saci, mãe-da-lua. Ele, o sertão, guarda ouro e é habitado por índios capazes de dar a própria vida para defender seu espaço; é habitado por bandidos que, se não forem devorados por feras ou doenças, poderão fazer do sertão um refúgio privilegiado. No sertão as coisas e os sertanejos transformam-se em opostos: em Canudos[121], o povo pacífico se fez revoltoso e dizimado pela força da lei; Lampião[122] era o

---

[121] Tendo surgido no século XVIII, Canudos foi inicialmente uma pequena aldeia nos arredores da Fazenda Canudos, hoje município que traz o mesmo nome, no Estado da Bahia. Passou a se chamar Belo Monte com a chegada de Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, e seus seguidores em 1893. Chamado por si mesmo de "o peregrino", Antônio Conselheiro foi um líder religioso, carismático, que, de forma messiânica liderou o arraial de Canudos. Em seu auge, no local viveram cerca de 25.000 habitantes, entre sertanejos, camponeses, índios e escravos recém-libertos. Todo o lugar foi destruído pelo Exército da República, em 1897, na chamada Guerra de Canudos (MENEZES; ARRUDA, 1995).

[122]Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, nasceu na fazenda Vila Bela, município de Serra Talhada, Estado de Pernambuco, em julho de 1897. Ainda jovem tornou-se bandido com mais dois irmão depois de rixas com vizinho. Perdeu os pais em fuga e tiroteios (seu pai foi morto por policiais). Foi quando jurou vingança, montou seu bando com primos e amigos, além dos irmãos. Por vinte anos atacou e saqueou fazendas e pequenas cidades em cinco estados brasileiros. Como distribuía muito do que saqueava aos pobres, criou-se sobre ele uma áurea de "justiceiro". Mas foi por muitos crimes de morte que conquistou a alcunha de rei do cangaço;. Foi morto em uma emboscada militar em Grota de Angicos, sertão sergipano. Sua cabeça e as

justiceiro, mas que matava sem razão; João Maria[123], que se dizia enviado por Deus, foi visto também como mensageiro do Diabo; Padre Cícero[124], o protetor dos pobres do sertão e político foi suspenso de ordem pela Igreja, acusado de "manipulação da fé". Já quanto ao mito-Amazônia, a floresta fértil e exuberante é a mesma capaz de engolir ou provocar desgraças contra os que a querem dominar. Um exemplo breve e claro, lembra Amado (2012): os peixes que servem de alimento são os mesmos presentes em mitos da fertilidade, capazes de engravidar mulheres, como os botos, e seduzir os homens, como as sereias.

Esses mitos próprios da ocupação do país continuam fazendo parte do imaginário brasileiro nos tempos hodiernos. Sertão e Amazônia são contraditórios, opõem-se: encantam e decepcionam, alegram e entristecem. São fontes de mitos, isto é, "o lugar dos contrários, onde a natureza é ao mesmo tempo fértil e seca e os seres humanos, miseráveis e grandiosos" (AMADO, 2012, p. 66).

Mitos do sertão se inserem no conjunto de valores que compõem o imaginário das sociedades, dos grupos de várias regiões do Brasil. São resultado das relações de seus integrantes e podem influenciar esses mesmos grupos – de acordo com cada região e cultura local – a ações significativas e até determinantes seja em sua organização, seja na sua condução. Em Goiás, Ortencio, em seu mais recente trabalho, *Conversando com os mitos do folclore brasileiro,* diz que "os mitos geraram os contos populares, as fábulas e as lendas (...). Fábulas são estórias com finalidades morais (...). Lendas são narrações maravilhosas, contos, estórias fantásticas..."[125] (2017, p. 07). Destacam-se, em Goiás, as do

---

de alguns de seus companheiros foram expostas ao público em várias cidades como prêmio e para intimidação (MARTINS, 2017).

[123] João Maria de Agostinho, italiano, inicialmente seminarista católico, tornou-se depois monge milenarista, eremita, peregrino, curandeiro e profeta. Tornou-se lendário no sul do Brasil, na segunda metade do século XIX. Percorreu a região do Contestado e influenciaram caboclos da região do Meio-Oeste catarinense. João Maria é considerado "santo caboclo" pelo povo da região por ter pregado a palavra de Deus, aconselhado, orientado e curado muitas pessoas dali. Mas para opositores que discordavam de suas ações e se sentiam incomodados, ele era mesmo enviado do Diabo (ALVES, 2017).

[124] Cícero Romão Batista, Padre Cícero (ou Padim Ciço), nasceu em março de 1844, no Crato, e morreu em Juazeiro do Norte, em 1934, no Estado do Ceará. Sacerdote carismático, tornou-se líder de grande influência sobre a vida social, política e religiosa do povo cearense e de toda Região Nordeste. Ordenou-se sacerdote em 1870, foi o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte em 1911, eleito deputado federal e vice governador do Estado anos depois. Ligado aos coronéis da região, era admirado por Lampião, que o tinha como padrinho. Conhecido pelo zelo pastoral e proteção que dava aos mais pobres, foi pelo seu bispo prelado Dom Joaquim José Vieira proibido de atender confissões, pregar e orientar fiéis. E em 1886 foi suspenso de poder celebrar missas. Embora tenha ido pessoalmente a Roma para que fosse revista sua suspensão, a Igreja até hoje não reconsiderou a decisão que tomou. reafirmando, oficialmente, a acusação de ter ele manipulado a fé de seus fieis (TEMPESTA, 2016).

[125] Para Ortencio, a única lenda indígena propriamente goiana é a do Romãozinho: filho de negros trabalhadores e dedicados às atividades domésticas e do campo, Romãozinho foi filho maldoso, autor de inúmeras peraltices e mazelas. O mal que lhe custou ser espraguejado foi que, solicitado por sua mãe para levar comida para seu pai na roça, no meio do caminho alimentou-se de refeição e entregou o resto para seu

Lobisomem[126] e a do Caipora[127]. Outros entes sobrenaturais, usando a expressão de Mircea Eliade, compõem o imaginário dos habitantes goianos e do Centro-Oeste, que fazem parte do cotidiano, da cultura goiana, como estes mais populares: Boto; Mãe-da-lua; Mãe-do-ouro; Mula-sem-cabeça; Negro-d'água; Pai-do-mato e Pé-de-garrafa; e os mais regionais no estado: Caminhão fantasma; Cari; Come língua; Feiticeiros do Crixás; Figueira; Filão-de-ouro; Gameleira; Goyase; Homem encantado; Homem negro; João-de-barro; Martinha Pereira; Menina-do-surrão; Minhocão; Morro encantado; Nicácia; Procissão-das-almas; Rio-do-sal; Tereza Bicuda; e Urutau (ORTENCIO, 2009)[128].

Faz jus ressaltar que existem aproximações entre lendas e mitos e são significativamente tênues as suas diferenças. Ambos são frutos da imaginação coletiva de pessoas inseridas em determinados contextos. E são as mesmas mentes das mesmas pessoas que, frente a situações culturalmente particulares, interpretam fatos e acontecimentos dando a eles o significado que lhes cabe. É do desejo de sua permanência, da continuidade de sua influência que as lendas e os mitos se expandem e permanecem na memória do grupo (ou grupos) que os cultiva. E em volta desses mitos surgem narrativas (sagradas, lendas ou que podem se tornar lendas) que são extensão dos próprios mitos ou fundamentam-se neles.

A depender da importância simbólica e representativa que tiver para o próprio grupo em meio a uma situação concreta, opositiva e conflitiva, o pequeno ou o grande fato ou acontecimento pode se tornar narrativa (lembrada e propagada pela memória), mito, e se

---

pai. E disse-lhe que sua mãe lhe mandara assim porque toda comida tinha sido dada ao amante dela, com quem trocava gracejos. Enraivecido, seu pai foi até sua casa e a matou. Antes de morrer, porém, a mãe espraguejou Romãozinho, condenando-o a viver vagando, atentando as pessoas, eternamente e sem sossego. O pai morreu de desgosto e a partir daquele dia Romãozinho saiu de casa e vive vagando ao léu, porque filho que levanta falso testemunho contra sua mãe não merece sossego. Às vezes, dizem, Romãozinho é bonzinho: "dá recados sem ninguém pedir e acha objetos perdidos para os outros" (2017, p. 58).

[126] É um monstro protéico, de várias formas, comumente aparecendo como um lobo grande (lobisomem: lobo e homem), preto, orelhas enormes de jumento, que batem como um cachorro andejo, que agride as pessoas e as estraçalha. Para quebrar o encanto é preciso lhe tirar sangue. Mas ai daquele que o Lobisomem descobrir que o fez. Lobisomem (lobisono) é o sétimo filho de um casal que só tinha homens. (quando só de mulheres, vira bruxa). Para livrar o filho de cumprir esta sina, o pai deve dá-lo ao filho mais velho para batizar. Quem vira lobisomem é pálido, magro, sorumbático e tristonho. Quando vira bicho, os dentes aumentam, os pêlos crescem e o corpo toma formas monstruosas (ORTENCIO, 2009, p. 250).

[127] É um molequinho preto de um pé só. Espírito de índio tapuio que toma conta dos bichos. Faz visagens e assombra a gente. Grita, assobia e pinta os canecos. Anda montado num caitetu e traz na mão um cipó. Quem vai ao mato caçar é bom levar fumo. Basta jogar na encruzilhada e nada acontecerá (ORTENCIO, 2009, p. 144).

[128] Para Ortencio esses entes são tidos como mitos. Discorda-se aqui, desse conceito, porque se vale do entendimento de Parafita (2006), para quem o mito compreende, necessariamente, o rito. Se não há rito, não é mito, é lenda. Esses entes, portanto, citados por Ortencio, são lendas porque trazem consigo narrativas condizentes com o imaginário, com a realidade sócio-histórica do povo goiano, mas não são mitos porque não são ritualizados, não têm símbolo que os represente e nem são celebrados periodicamente. Assim sendo, eventos religiosos ou sagrados que são ritualizados em Goiás podem ser discutidos sob a ótica do mito, tais como a festa do Divino Pai Eterno de Trindade, as cavalhadas de Jaraguá, a procissão do fogaréu da cidade de Goiás e as congadas de Catalão, dentre outros.

poderá celebrá-lo de tempo em tempo, dependendo de sua importância simbólico-ritual.

Nessa perspectiva é que serão apresentadas a seguir narrativas das três folias de reis de Itaguari. Das ações dos foliões em celebração de seu mito (viagem dos Três Reis) surgem, em uma realidade de contrastes, situações sagradas, dignas de serem memorizadas, conservadas e propagadas: as narrativas míticas.

3.1.1 Narrativas das folias de reis de Itaguari (o conto)

As narrativas aqui descritas se enquadram no conjunto dos mitos do sertão, do ritual camponês que, juntamente com tantos outros, formam a história dos povos do sertão: do camponês, do indígena. Tratam-se de situações vividas no campo, resultado da lida do camponês com as pessoas à sua volta e o seu meio. São construídas a partir da cotidianidade, dos relacionamentos, do trabalho. Originam-se, para ser mais específico, das crenças vividas nas folias de reis, no exercício do seu ritual, e se desenvolvem, estruturam-se durante o giro da folia ou no decorrer do ano. São animais que morrem, foliões que se perdem em meio a giro, devoto que é beneficiado com saúde em meio a doença. Situações ou fatos sagrados podem surgir por acaso e serem visíveis a olho nu; outros têm áurea mistérica, sem explicação lógica, deixam mais dúvidas do que certezas, como mostrarão as descrições adiante.

Para os três grupos de folia de reis desse município, narrativas que contam algo sagrado são uma constante, contadas ou pelos foliões mais antigos do grupo ou por devotos, simplesmente. Muitos destes tiveram experiência exemplar (agraciados por milagres, pessoalmente) e empolgam-se ao narrar sua história e experiência diante dos Três Reis. Experiência essa que os tem levado a participar todos os anos de uma das folias, gratuita e respeitosamente, doando serviços, alimentos ou dinheiro.

Narrativas são contadas e tem grande importância para foliões e devotos: chamam atenção, causam comoção por parte dos presentes, tem sempre uma mensagem a passar. E muitas surgem por acaso, em momentos inesperados: o embaixador está cantando em uma casa qualquer e, de repente, alguém lhe diz ao pé do ouvido, enquanto canta, que a pessoa de joelho frente à bandeira foi agraciada por um milagre ou pede perdão por ter ofendido Santos Reis. Sabendo disso, o embaixador deve, necessariamente, interferir na ordem de sua cantoria e fazer menção ao ocorrido, sem interrupção da toada, do rito em execução.

Assim, por meio das cantorias, na lida efetiva e ritual do grupo, é que foliões expressam o fundamental e o trivial de toda sua ação: por meio delas o embaixador saúda os donos da casa, comunicando-lhes o momento exato de pegar a bandeira, de virá-la e de colocá-la sobre o altar; por meio das cantorias, os foliões agradecem o devoto que fez uma oferta, pedem para que se ajoelhe ou se levante, dizem o momento em que o grupo deve continuar ou parar o giro; por meio delas, o embaixador chama atenção de algum folião ou devoto que venha a atrapalhar o rito ou do que pratica algum gesto merecedor de menção, seja ele digno de advertência ou elogio.

3.1.1.1 Narrativas da Folia do Brejo Grande

Dona Maria Rodrigues dos Santos conta que o pai do seu esposo, Nativo Ribeiro dos Santos, ouviu alguém falando mal de Santos Reis. Sua mãe (do Nativo) passou próximo e alertou o filho sobre aquela ofensa, dizendo que "ofender o Santo Reis é perigoso, que ele poderia ser castigado". E conta a *narrativa do castigo das vacas*:

> E [ela] pediu para que Nativo falasse com o moço, para que ele não falasse mal do santo. Num deu outra: noutro dia suas vacas começou a morrer. E não tinha nada que dava jeito para que suas vacas não morresse. Então a esposa do moço mal fazejo falou pra ele ir até os pés de Santos Reis e beijar a bandeira dele e pedir perdão, para que suas vaca não morresse mais. E ele fez isto: foi até onde tava acontecendo a folia, ajoelhou, beijou os pés de Santo Reis, e nunca mais suas vaca morreu"[129].

Narrativa dos foliões que se perderam. Para o entrevistado Sebastião Patrício de Oliveira, sair de casa para acompanhar a folia de reis é compromisso sério, uma espécie de contrato que, não cumprindo sua parte, o folião ou devoto se expõe às punições consequentes: "Quem sai para girar, tem que girar com respeito. Senão, ele (Santos Reis) castiga mesmo". Mais: diz que receber em casa a bandeira, foliões e devotos, é também compromisso que implica em responsabilidades, como estas:

> Amarrar bandeira, entrar com bandeira dentro de casa e fazer qualquer coisa, como prender ela lá... Santo Reis não gosta disso não, e ele responde, se o camarada fizer maldade. Um dia, girando no meu galho direito, indo no rumo do Jesus Amadeus Rosa, saímos do Nego Cotia. Logo perdemos o trieiro. Todo lugar que a gente ia tinha cerca... Batia a lanterna noutro lado, tinha cerca. Nesse dia tínhamos que ir até o Sr. Marcelo, e era cerca para todo lado. Todo jeito que fazia naquele pasto,

[129] Entrevista com Maria Rodrigues dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

> não encontrava... foi indo, a gente descrençou. E a gente sentou na ponta de um pau, debaixo de uma árvore e esperamos o dia chegar. "Esse negócio de brincar com santos reis... não pode brincar, não. Ele é bom demais, mas é vingativo", disse alguém ali. Noutro dia, saindo o sol, veio a surpresa pra todo mundo: o colchete onde a gente devia passar estava a uns 20 metros dali. Mas por que isso aconteceu? Porque na casa de dona Isabel do Tide Moreira, lá é que alguém criticou que tinha pouco pão e rosca pra gente comer, quando a gente passou lá e cantou. Eu acho que a pessoa oferece o que tem na hora... e quem ganha tem é que agradecer. Falar o que falou é brincar com Santos Reis. Alguém falou que o lanche era pouco, então Santo Reis castigou.[130]

Narrativa do milagre da participação. Maria Rodrigues dos Santos disse que iria sair da irmandade (deixar de participar da folia) porque Iraci Ribeiro dos Santos, sua filha, estava doente. Seu esposo insistiu que não fizesse isso. Indecisa diante de atitude que deveria tomar, ouviu uma voz que lhe fez decidir radicalmente, conta Maria Rodrigues dos Santos:

> Eu falava que ia sair da irmandade, isso em 2003, e o Nativo, meu marido, dizia que não, que não era para sair. E um dia eu ouvi uma voz, na porta da cozinha de minha casa, que dizia: 'Maria, não saia da irmandade que a Iraci vai sarar!' Respondi imediatamente: 'Eu não saio não, se a Iraci sarar, se ela sarar eu não saio mais nunca, senhor', respondi imediatamente. Naquela hora eu chorei tanto... e falei para a comadre Ceni e ela me respondeu: 'Deus mandou outra pessoa falar à senhora, que foi o seu marido, mas a senhora não ouviu; então Ele mesmo veio e falou'. Aí, foi na época que o Padre Daniel esteve aqui. Quando eu vi ele eu perguntei sobre o porquê daquilo, se era uma voz de Deus mesmo ou se era alguma outra coisa. Ele me disse a mesma coisa que disse a comadre Ceni: que 'era Deus que tinha me falado pra eu não sair, que Ele ia curar a minha filha' – quando eu falo isso eu me arrepio todinha, olha aqui. Aí, depois desse dia eu disse: 'Eu não saio mais da irmandade'. Nunca deixei de participar nem vou deixar. Naquele dia eu chorei tanto, mas eu chorei tanto... e de lá para cá nunca pensei em deixar a irmandade.[131]

Narrativa do cruzamento das bandeiras. Conta Nélson Rodrigues Rios[132], em entrevista, que Benedito Ribeiro, irmão de Nativo Ribeiro dos Santos, na saída de um giro, lá pelos idos de 1985, mais ou menos, depois de uns quilômetros andados, parou todos os andantes e disse, abraçando a bandeira:

---

[130] Entrevista com Sebastião Patrício de Oliveira, realizada por este pesquisador em 03 Agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[131] Entrevista com Maria Rodrigues dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[132]Entrevista com Nélson Rodrigues Rios, realizada por este pesquisador em 05 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

> Meus Santos Reis, o senhor me perdoa. Eu, na condição de Alferes, devia saber que não podia cruzar as bandeiras. É que na hora de pegar as bandeiras eu peguei a nossa trocada. O senhor me perdoa, meu Santos Reis". Aí o Sr. Benedito Ribeiro pegou aquela bandeira, nos deixou ali, e foi, sozinho, até a casa do pouso trocar a bandeira. Depois de um tempo o Sr. Benedito Ribeiro chegou ali, ajuntou ao grupo e ficou ajoelhado uns quarenta minutos, rezando e pedindo perdão pra Santos Reis. (É que, como fica as duas bandeira no altar, quando ele foi pegar a nossa, ele se atrapalhou ali e acabou pegando a bandeira do outro galho. Nisso elas ficaram trocadas. E cê sabe que as bandeiras não pode ficar trocadas. E isso é tipo uma ofensa a Santos Reis.) Só sei que nesse dia o Sr. Benedito Ribeiro parou na hora, pediu perdão de joelho e foi lá e destrocou as bandeiras que tinha se cruzado. E só depois de uns quarenta minutos, depois de rezar ajoelhado, que ele nos permitiu seguir viagem. Naquele dia todo mundo ficou assim... admirado com aquele gesto, sabe?![133]

3.1.1.2 Narrativas da Folia Mineira

Jair Florentino Dutra, atualmente gerente da Folia Mineira, narrou inúmeros fatos e situações que experienciou ou ouviu de seus colegas foliões ou devotos. Com 54 anos, lembra-se de quando tinha seis e acompanhou o milagre do Tião Rodrigues: este padecia moribundo em sua casa, incapaz de se mover, tão enfraquecido que estava. "A folia foi lá, cantou pro Tião Rodrigues, e depois que o grupo foi embora ele já se levantou e foi trabalhar. Sua mulher ficou preocupada, se assustou com aquilo e ele só disse pra ela: 'é a fé que tenho nos Três Reis que me curou, mulher!'"[134].

Ademais, para Jair Florentino Dutra, foram Santos Reis que salvaram seu filho, Marcos, quando vítima de grave acidente motociclístico: "Tenho fé demais em Santos Reis, viu. Peço a Deus por meus filhos todo santo dia, pros Santos Reis proteger eles de todos os perigos"[135]. Antes do falecimento do mais comentado embaixador da Folia Mineira, Antônio Camilo, em giro da folia, Jair Florentino Dutra conta que ele e Tião Raimundo, também embaixador, cantaram trocando versos. Em um desses, Tião Raimundo cantara: "Nóis vai se separar". E não tardou para que o previsto se fizesse fato: Antônio Camilo faleceu e Tião Raimundo passou a ser o embaixador principal do grupo. E previsão semelhante se deu com o próprio Tião Raimundo, feita pelo próprio embaixador:

---

[133] Entrevista com Nélson Rodrigues Rios, realizada por este pesquisador em 03 agosto de 2015, Itaguari, Goiás. Um dia após ter feito uma pesquisa em casa de Nativo Ribeiro dos Santos, que aconteceu em 04 de Agosto de 2015, Nélson Rodrigues Rios disse que não partilhou nesse dia o relato ora narrado porque acredita que muitos poderiam não achar ser tão importante o quanto o é para ele. Por isso procurou o pesquisador no dia seguinte para apresentar a narrativa mítica do cruzamento das bandeiras.

[134] Entrevista com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 outubro de 2015, Itaguari, Goiás.

[135] Idem.

> Depois de cantar num morador, teria falado: "Marção, eu não vou estar aqui ano que vem pra te ajudar a cumprir seu voto, mas o Tõe Gordo vai te ajudar, porque não vou estar aqui ano que vem". Meses depois o Tião Raimundo veio a falecer. Foi coisa que... parece que ele já estava adivinhando que iria morrer.[136]

Figura 21 – Sebastião Raimundo, à esquerda, e Sebastião Camilo, à direita (filho de Antônio Camilo): dois importantes embaixadores da Folia Mineira, que faleceram em 2011. Foto do autor (1998).

Narrativa do Caminhoneiro. Jair Florentino Dutra conta que certa vez um caminhão passou pelo grupo comandado por Antônio Camilo, então embaixador, e o motorista "abusou" deles. Logo o caminhão parou. Antônio Camilo se aproximou e ministrou seu rito. Ali se deu o que aqui se intitula *narrativa do caminhoneiro*, dentre todos a mais conhecida e compartilhada:

> O grupo da nossa folia estava em giro e passou por uma estrada. Nisso um caminhão passou por eles. No caminhão estava o motorista e o ajudante. E ali eles tava conversando e, passando pelo grupo de folia, logo o ajudante do motorista, que estava ali de lado, comentou: "É, Santos Reis é muito poderoso, faz muito milagre e dizem que a gente não pode brincar com ele, não". Aí diz que o motorista falou: "Poderoso? Poderoso é meu caminhão, que tem tantos cavalos de força". Dizem que foi só ele terminar de falar, o caminhão foi parando devagarim, devagarim. Aí eles se assustaram demais com aquilo, né. E logo chamaram os folião que estava

[136] Ibidem.

> ali perto pra cantar pro caminhão. E Antônio Camilo foi lá e cantou, com os folião girando em volta do caminhão. Então o palhaço foi à frente do caminhão e olhando pro motorista, foi acenando com a mão pedindo para ele, o motorista, ir conduzindo o caminhão. E o caminhão foi saindo devagarim, começando a andar. Aí o motorista desceu do caminhão, beijou a bandeira e agradeceu os folião. E ele ficou tão agradecido com aquele milagre que a partir daquela hora ele acompanhou o grupo durante todo dia, a tarde toda, até o pouso.[137]

Narrativa do menino que nunca existiu. Novamente liderado pelo embaixador Antônio Camilo, continua Jair Florentino Dutra, o grupo girava na região chamada Entroncamento, onde se cruzam as GOs 070 com a 154, ponto limítrofe dos municípios de Itauçu e Taquaral de Goiás, a 23 km de Itaguari. A primeira rodovia liga Goiânia a Itaberaí e a segunda Itaguari à Taquaral de Goiás. Chegando até o referido cruzamento, nessa região procedeu a *narrativa do menino doente que nunca existiu*.

> E já era tarde e o grupo não tinha chegado no pouso ainda, e caminhava para o pouso. Nisso um moço parou o grupo e pediu para o Antônio Camilo, o embaixador da época, que fosse até a casa dele para cantar pro seu filho que estava muito doente. Logo ali alguém falou pro Antônio Camilo que achava que não, que não deveria ir lá naquela hora, porque estava muito tarde e tinha muito ainda pra andar até chegar no pouso, e que o pessoal do pouso já devia estar esperando. Mas um embaixador não pode recusar um pedido de uma pessoa, ainda mais pra cantar pra alguém que tá doente. Não se recusa um pedido um de doente, ainda mais sendo um inocente, indefeso. Então Antônio Camilo chamou os folião e seguiu aquele moço até a casa onde estava o menino doente. Mas só que eles andava, andava, andava e não chegava na casa do moço. Subia e descia serra e não chegava. Foi indo até que chegou. Então lá cantaram pra Santos Reis curar o menino, se despediram e voltaram pra trás. E só chegaram no pouso quando já era meia noite. E lá falaram que tinham ido cantar prum doente, mas perguntaram pro pessoal do pouso se eles conhecia aquela família do menino doente... mas ninguém conhecia. Eles ficaram abismado com aquilo: diziam que não tinha morador daquele jeito ali, não. E aquele mistério está até hoje sem explicar.[138]

Narrativa do nó na bandeira. Sebastião de Oliveira Castro, vulgo Tião Raimundo, depois de Antônio Camilo foi o embaixador mais comentado e místico da Folia Mineira. Com ele se deu o fato da *narrativa do nó da bandeira*, tido como exemplar para foliões e devotos.

---

[137] Entrevista com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 outubro de 2015, Itaguari, Goiás.
[138] Idem.

> Tem coisas que acontece na folia e a gente não entende. Outras a gente sabe que é por maldade ou inveja, às vezes até de companheiro nosso mesmo. Tem gente que não acredita, mas eu acredito, porque comigo já aconteceu, e eu nem sou de contar isso pra muita gente, senão alguns faz é abusar da gente ainda. Há alguns anos atrás, na saída de um pouso de folia, a turma foi se arreunindo e cada qual foi pegando seu instrumento. Aí eu fui afinar minha viola e acertar os outros instrumentos, coisa que a gente costuma fazer todo dia. E primeiro eu acerto a minha viola pra depois acertar os outros instrumentos. Por ela eu afino os outros. Mas quem disse que eu conseguia acertar ela? Tentava, tentava e não conseguia afinação. E não havia Cristo que fazia eu afinar aquela viola. E até pensei: mas gente, o que está acontecendo. Santos Reis não pode deixar isso acontecer! Eu tentava daqui, tentava dali, e nada de conseguir afinação. E depois de tentar um eito de tempo eu disse: "só eu fazendo minhas orações e pegando com Santos Reis pra ele me ajudar a afinar esses instrumentos, senão a folia não vai sair hoje daqui, não". Aí eu fui pra diante do altar e peguei com meu Santos Reis. Foi quando eu vi um nó na bandeira. E foi como se Santos Reis tivesse me dizendo: "É aquilo ali que está te atrapalhando a afinar a viola". Então na hora eu levantei e desatei aquele nó. Depois agradeci Santos Reis por ter me mostrado aquela maldade que alguém tinha feito. Aí eu terminei ali minha oração, peguei a viola e não deu outra. Consegui afinar aquele instrumento e os outros também. Iniciemos a cantoria, agradecemos Santos Reis e seguimos viagem.[139]

Narrativa do castigo das vacas mortas. Relato antigo, ocorrido há dezenas de anos atrás, antes da participação efetiva de Jair Florentino Dutra na Folia Mineira. Diz este que José de Oliveira Castro contava que certa feita o grupo passou à fazenda do Sebastião Caldas, filho do finado Sílvio Caldas.

> Então o grupo chegou no morador e pediu licença pra cantar. O dono da fazenda, Sebastião Caldas, aceitou, mas abusando da bandeira e dos folião: "Ah, esse Santos Reis docês tá peidando fedido demais, viu. Esse Santo Reis docês não tá com nada, não!". E foi dizendo isso com deboche. Aquilo foi pra todo mundo uma ofensa grande. Porque abusar dos Três Reis é abusar dos próprio folião. Mas o grupo cantou, agradeceu e saiu meio triste, por causa da desfeita daquele fazendeiro. Aí o grupo seguiu viagem, terminou os giro e fez a entrega da folia. E aconteceu que durante o ano, em certa época, as vaca do Sebastião Caldas foi entrando no curral e uma por uma foi caindo e morrendo. Assim... do nada ia caindo e morrendo. Aquilo deixou o Sebastião Caldas muito triste e preocupado. E veio o tempo da folia, ela foi girando e o fazendeiro ficou sabendo que o grupo não ia passar na fazenda dele. E ele saiu, foi até onde estava o grupo de folia, ajoelhou diante da bandeira e pediu perdão: 'O meu Santos Reis, o senhor me perdoa, meu Santos Reis. Me perdoa pela desfeita que te fiz...' E pediu aos folião que não deixasse de passar em sua fazenda, para cantar pedindo pra Santos Reis que protegesse suas terra e seu gado.

[139] Entrevista com Sebastião de Oliveira Castro, realizada por este pesquisador em 28 de dezembro de 2011, Itaguari, Goiás.

> O grupo foi lá, cantou pra ele, e todo ano passava lá. E nunca mais aconteceu aquilo com o gado dele.

Narrativa da batida a mais é, por fim, outra que envolve Antônio Camilo que, depois de anos a fio tirando folia, foi criando seu sistema. E dessa forma era respeitado por todos. Camilo era muito amigo de Ditim do Couto, o caixeiro da folia, com quem tinha uma prática incomum, mas que sempre dava certo: quando alguma coisa atrapalhava o grupo, Ditim, ocupando posição de melhor visibilidade no grupo, dava uma batida a mais em sua caixa e logo Antônio Camilo observava o que estava em desacordo com a almejada harmonia do grupo. A *narrativa da batida a mais* é o que se segue, segundo conta Jair Florentino Dutra:

> E teve um dia, numa cantoria de giro, que o grupo tava cantando na casa de um morador. Ditim deu uma batida a mais, mostrando que tinha algo de errado, mas Antônio Camilo não se atinou pra aquilo. Ditim bateu de novo, mas ele não sentiu aquela batida. Mas teve uma hora que ele viu aquilo. Antônio Camilo olhou pro Ditim, que apontou seu olhar para alguém que estava encostado na porta, pondo mal olhado no grupo. Então era aquele moço que agorava a cantoria. Por isso que os instrumento estava tudo desafinado. Era isso que o Ditim tava querendo mostrar pro Antônio Camilo. Mas aí Antônio Camilo parou de cantar imediatamente, saiu sozinho e foi lá pra beira do rio fazer suas orações. Ele rezou, rezou lá, veio e pediu pra todo mundo continuar cantando. Olha, digo pra você: os instrumentos tocou que foi uma beleza: estava tudo afinadinho, afinadinho. Então Antônio Camilo pediu pra Santos Reis e ele espantou aquela maldição dali.[140]

Por fim, para o gerente da Folia Mineira, Jair Florentino Dutra, "Tem gente que não acredita, mas isso tudo aconteceu porque a gente viu ou porque ouviu dizer. E ninguém ia inventar história falando pra contar vantagem, porque com Santos Reis não se brinca: ele cura, mas também castiga se for preciso"[141].

3.1.1.3 Narrativas da Folia Goiana

Narrativa da cura de epilepsia. Maria Adélia Prado acompanhou a Folia Goiana em 1976, quando cumpriu uma promessa que fez a Santos Reis. Seu filho Nílson, repentinamente, passou a ter desmaios. Procurou o Hospital de Itaguaru, depois o de

---

[140] Entrevista com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 Outubro de 2015, Itaguari, Goiás.
[141] Idem.

Inhumas e, por fim, de Goiânia. Neste último o médico disse que poderia ser crise de epilepsia. Maria Adélia do Prado então disse o que aqui relatou em entrevista:

> Santos Reis podia curar meu filho. Estava dando desmaios, ficando pretinho, pretinho. Fui em todo quanto é lugar e ninguém falava o que meu filho tinha. 'Ôh, meus Santos Reis, tenha pena de mim, cure meu filho'. E fiz meu voto a Santos Reis: se ele curasse meu filho, eu giraria durante uma folia inteira, aqui em Itaguari. Eu já não estava aguentando mais: todo final de mês nós tinha que levar o Nílson pra Goiânia. E assim foi dois anos. E sempre a mesma coisa. E o médico ainda falou que poderia sarar, mas depois, quando ele tivesse sete anos, a doença podia voltar de novo. Aí é que eu caí em desespero. Então lembrei de Santos Reis, das folias que o Zezimzabel e o Crioulo embaixava. E fiz uma promessa que se Santos Reis curasse meu filho, eu ia girar a folia do próximo ano todinha. E a partir daí nunca mais meu filho teve uma crise. Santos Reis curou meu filho, graças a Deus. E eu cumpri minha promessa naquele ano. Fiquei tão feliz que desde aquela época nunca mais deixei de girar na folia, e vou todo ano. Não tem nada que me tira da folia: nem filho, nem marido, nem casa. E falo pra todo mundo: não vou festar, vou cumprir minha devoção. Tenho uma fé grande demais em Santos Reis, Nossa Senhora![142]

Narrativa dos cruzamentos das bandeiras (da morte do Cizinho, do Tião do Carro...). Foliões e devotos do galho direito caminhavam asfalto adentro, rumando à casa do Tião Matuto e sua esposa Rosa Matuto, em 2012, em uma chácara a 4km da cidade.

> A gente estava caminhando sempre do lado direito, tomando cuidado para não atravessar a estrada do outro lado, porque o galho esquerdo tinha passado por ali, à nossa frente. Mas a pouco mais de um quilômetro da cidade, o grupo decide passar na casa da Dona Santa, numa chacarazinha que ficava justamente do lado esquerdo. Se a gente atravessasse lá, a gente estaria cruzando as bandeiras. Eu avisei eles, mas eles não quiseram. Uns falavam assim: "Ah, não tem disso não, Santo Reis não castiga ninguém. É Deus que protege nós todo mundo". Eu não queria, mas o grupo decidiu, então passamos. Acorreu tudo bem, só que naquele ano o Cizinho morreu. Começou a passar mal e nada curou ele. Eu pensei: o povo não fala que se cruzar as bandeira, na próxima folia falta um? E é isso mesmo: nós abusou da bandeira, e o Cizinho morreu.[143]

O segundo cruzamento das bandeiras da Folia Goiana aconteceu no ano seguinte e o resultado, segundo a crença da mesma narradora, foi o mesmo. E preocupa-lhe o ano vindouro já que as bandeiras cruzaram novamente.

---

[142] Entrevista com Maria Adélia Prado, realizada por este pesquisador em 25 agosto de 2015, Itaguari, Goiás.
[143] Idem.

> No ano seguinte aconteceu a mesma coisa: as bandeiras cruzou, lá na chácara da Dona Dirce, a caminho pro pouso na casa do João Hélio. Cruzou e morreu outra pessoa, o Tião do Carro. A Dona Divina errou, deixando cruzar as bandeiras; eu falei com ela, mas ela apelou, dizendo: "nun tô nem aí, não, pra essa desgraça. Quando vocês precisa de mim, vocês sai atrás. Num vou participar mais desta desgraça, não". E foi embora. A notícia foi passada para o Sr. Zelão, que lamentou profundamente pelo desrespeito à bandeira e pelo erro. E naquele ano o esperado aconteceu: Tião do Carro morreu.E a minha maior preocupação é que na última folia as bandeira cruzou de novo e a gente fica assim... preocupada. Tem muita gente que não acredita, eu sei, mas essa é uma tradição dos antigos. Hoje os mais novo não acredita. Parece que os antigos tinha mais fé. Neste ano, quando a gente estava saindo do pouso na casa do Mané da Judite, nosso coordenador queria passar num lugar de qualquer jeito, cruzando as bandeiras, mas eu disse: não! Se você quiser passar por aí, pode passar. Mas eu não, vou cortar volta porque não cruzo as bandeiras.[144]

Essas narrativas contam histórias sagradas, são compartilhadas por foliões e devotos durante a realização das folias ou fora desse período. Crianças, adultos e pessoas idosas ouvem-nas atentos, memorizam-nas e as divulgam, certos de seus ensinamentos e representatividade, mais do que se de fato aconteceram ou não. E enquanto narrativas, estão ligadas e se fundamentam nos mitos basilares[145]. O *Mito da origem da folia* é o fundamental, que justifica a existência da própria folia de reis, e os outros três justificam todas essas narrativas acima detalhadas, contadas por devotos que tem participação ativa nas três folias de reis itaguarinas.

Depois do conto, o canto. Uma análise sobre música e memória social, discutindo, para chegar a tal termo, a aproximação entre música folclórica, música caipira e cantorias das folias de reis.

3.1.2 Música e memória social (a cantoria)

Música é sonoridade articulada, feito representação produzida pelas emoções humanas para tocar nelas mesmas. Por isso, o toque do berimbau leva seus ouvintes à capoeira, o som da banda de pífaros leva muitos ao Nordeste Brasileiro e o da guitarra atrai para si um público específico, apreciadores do rock ou outros gêneros que a utilizam. Dessa mesma forma o som da sanfona, o repique da caixa, do ponteio e da viola fazem ouvintes se lembrar de folia de reis ou perceber que ela, "naquela tão hora sagrada", já começou. "Tudo é parte da manifestação musical, esta arte atemporal e plural que atua no consciente e no

---

[144] Ibidem.
[145] Ver capítulo 2, itens 2.4.1, 2.4.2, 2.4.3 e 2.4.4.

inconsciente de cada um, mas que sempre e em qualquer situação é objeto de memória" (MURRAY, 2008, p. 110). No caso brasileiro, pode-se dizer que a diversidade rítmica, harmônica e sonora caracterizam a cultura musical brasileira e é resultado de um processo histórico de formação intercultural e étnica. Entrecruzam-se, diz Murray, "diferentes cantos, ritmos e sons. Vemos, assim, porque a música popular brasileira é um dos mais eficientes instrumentos de preservação da nossa memória coletiva..." (2008, p. 106).

Destaca-se, nesse processo de produção de musicalidades, enfatiza Murray (2008), a contribuição dos mais diretamente ligados à produção musical: compositores e arranjadores que, valendo-se de diferentes técnicas musicais e determinadas escalas, acordes, padrões rítmicos, tipos de instrumentos e estilos, produziram trabalhos de importante valor estético e conteúdos significativos.

Existe uma relação dinâmica e parcial entre memória e música. Ambas possibilitam "registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais" (DELGADO, 2006, p. 15).

A música ocupa espaço importante na memória social e o espaço ou momento folclórico é o ambiente natural das cantorias das folias de reis. A construção desta memória social se dá por meio de mitos fundadores, registros, relatos, depoimentos e testemunhos sobre fatos reais da vida ou acontecimentos que marcam a história de uma determinada comunidade. Os diversos tipos de registros, tais como livros, narrativas, fotografias, filmes e músicas, dentre outros, diria Delgado (2006), formam as "vozes da memória". Por isso a música tem seu valor singular enquanto fonte histórica porque serve para registrar conteúdos selecionados pela memória social antes da criação e/ou execução da música. Isso porque a sociedade criou tipos diversos de registros de memória e, dessa forma, a música folclórica é um deles. Logo, a música da folia de reis, a cantoria, é também um registro de memória. A música folclórica (na forma e modos de criação, por exemplo), é presença extra-ritual nos giros, pousos e no dia da entrega. Por isso se pode dizer que música caipira e cantorias de folias de reis se complementam e interagem nas três folias de reis de Itaguari, sendo ambas portadoras e transmissoras de valores sócio-culturais da comunidade itaguarina.

A música é, portanto, um dos vários tipos de registros de memória social e histórica. Ela e outros instrumentos de registros são produtores de uma nova memória

coletiva que, por seu turno, objetiva-se sob a forma de imagens, discos (CDs) e filmes (DVDs) acessíveis a um público específico, consumidor desse tipo de produto.

3.1.2.1 Música folclórica, folia de reis e música sertaneja raiz

Elementos do que foi discutido até o momento sobre música servem, de modo geral, de parâmetro para refletir sobre as cantorias das folias de reis de Itaguari, a partir do seguinte viés: o campo específico e natural dessas cantorias é o da música folclórica. Já para o musicólogo Mário de Andrade, afirma Araújo, a música folclórica "é conservada no escrínio da alma do povo. Foi aceita por este porque se afinou espontaneamente com o seu sentir, pensar, agir e reagir. Nasceu do povo e é para o povo, e este a utiliza porque ela tem uma destinação certa" (2007, p. 126).

> Música folclórica é a música que, sendo usada anônima e coletivamente pelas classes incultas das nações civilizadas, provém de criação também anônima e coletiva delas mesmas ou da adoção e acomodação de obras populares ou culturas que perderam o uso vital nos meios onde se originaram (ARAÚJO, 2007, p. 127).

A música folclórica abraça variadas temáticas que correspondem ao um campo singular do complexo universo humano. Abrange canções de dança, cantigas de roda ou jogos infantis, cantigas de ninar, canções lendárias. E trata também, em seus enredos, das tramas que envolvem a música, seu instrumento e seu tocador. Ou, como diz Corrêa (2002), fala

> [...] sobre a lida do homem com o instrumento; a ancestralidade transmitida pelos toques; a força da tradição nos versos; os jeitos de entoar a voz, as clarezas e as sombras da alma do violeiro; e, principalmente, sobre os diferentes jeitos de o violeiro lidar com sua sina (CORRÊA, 2002, p. 46).

A música folclórica nasce do meio do povo, dos interesses sociais, e a ele está ligada intrinsecamente. Reflete estilo, local e preserva herança cultural regional. E, ao contrário do que parece, muda com o tempo, devido, dentre outros fatores, às mudanças constantes de intérpretes que provocam o que se chama de "recriação coletiva". "Condiciona-se às tendências mais gerais e profundas da sensibilidade, inteligência e índole coletivas, o que lhe confere um elevado grau de representatividade nacional" (ARAÚJO, 2007, p. 127).

A música folclórica fascina e encanta, mas também é depositária do sofrimento e dramaticidade humanos. Pode conduzir seu ouvinte a um sentimento próprio de quem contempla, cultua ou medita, em sua memória, o mito. No caso particular de folia de reis, a música pode, diretamente na sua narrativa, referir-se a mitos. É o caso da narrativa que conta a visita dos reis magos, mas também quando trata de alguma história de realidade atemporal e de origem fantástica. Neste último sentido, são muitos os fatos ou situações que podem ser cantados. Mas existe uma situação particular, a do *Mito dos 25 versos*. Não se refere nem à narrativa nem à sonoridade da melodia, em primeiro plano. Mito nesse caso é o texto propriamente e sua representatividade. Ele representa

> [...] a fórmula precisa para se sair bem em um presépio. Normalmente, referem-se a ela para enaltecer algum embaixador de grandes capacidades na função e com bagagem de versos e soluções para qualquer situação que aparecer – o mito do grande embaixador. O começo da história era sempre emblemático: 'Lá onde eu morava tinha um embaixador...'. 'Meu tio também era tirador de folia...'. 'Uma ocasião, em tal lugar, o dono da casa amarrou a Folia, porque exigiu que cantasse os 25 versos' (PESSOA, 2007, p. 210).

A seguir, *O mito dos 25 versos*[146], literalmente, aqui tido como exemplo de narrativa mítica cantada, própria da música folclórica brasileira e uma das cantorias utilizadas por foliões em seus giros de folias de reis. Trata dos sonhos dos reis magos, da profecia antiga que anunciara o nascimento do menino, do galo que cantou, da profecia do Arcanjo Gabriel que anunciou o nascimento do Menino-Deus. Depois segue referindo-se ao nascimento, à visita dos magos e, à conclusão da cantoria, pedindo aos presentes que se ajoelhem ante o presépio.

[146] Verso para a teoria da literatura corresponde a cada linha de um poema ou letra musical. Para o folião de reis corresponde a cada estrofe (conjunto de versos que rimam) cantada ou declamada no decorrer da folia de reis.

Os três Reis do Oriente
Tiveram um sonho profundo:
Sonharam que era nascido
Jesus Cristo, Rei do mundo.

Dia vinte e cinco de março,
Anunciou a profecia;
Vinte e cinco de dezembro,
Clamou a luz do dia.

Louvemos o dia do ano,
Louvemos com alegria,
Pra rezar o nascimento
De Jesus, Filho de Maria.

Era meia-noite em ponto,
O galo santo cantou;
Nasceu o Menino Jesus,
Em Belém entre os pastor.

O galo, crista de rosa,
Foi um páss'o advertido:
Foi ele que anunciou
Que Jesus tinha nascido.

Louvemos o nascimento,
Louvemos com muita fé!
Quem anunciou a Maria
Foi o Anjo Gabrié!

Menino Jesus nasceu
Num ranchinho de capim;
Pra dar exemplo ao mundo,
Ele quis nascer assim.

Ao redor da manjedoura,
Pastorinha quem servia,
Menino Jesus chorava
Pelo frio que fazia.

Oh! que abençoada luz,
Que alumeia noite e dia,
Alumeia o Deus-Menino
Jesus, Filho de Maria.

Bendito, louvado seja
Menino de Deus nascido;
No ventre da Virgem Maria
Nove mês andou escondido.

Ajuntaram as 3 Marias,
Numa noite de luar,
À procura do Menino
Nunca que podia achar.

Acharam na rocha da lapa
Por uma estrela manuar;
Ali tinha os 3 irmãos,
Que tiveram sonho iguar.

Sairemos, então, à procura
De Jesus, Filho de Maria;
Eles foram avisados
Por uma divina guia.

Eles eram três pastor:
Gaspar, Belchior e Baltazar,
Menino Jesus nasceu,
Precisamos procurar!

Oh! que abençoada estrela,
Que vem nos iluminar;
Nós somos os três Reis,
Que veio lhe visitar.

Os três Reis foram guiados
Por uma estrela reluzente;
Nós somos aqueles três,
Que veio do Oriente.

Caminhamos, caminhamos,
Pra capela de Belém.
Vamos visitar Jesus,
Que nasceu pro nosso bem.

Os três Reis, quando chegaram;
Óh! De dentro, Óh! De fora!
Ali está o Deus-Menino,
São José e Nossa Senhora.

Tanto tem o Céu de alto,
Quanto tem o mar de fundo!
Encontramos nosso Pai:
É o Salvador do mundo.

Saímos, dia primeiro,
Marchando pro dia 6;
É a Virgem soberana,
É a saudação de Reis.

Descobre nossa cortina,
Pra ver o que nela está:
Encontramos Deus-Menino,
Que nasceu pra nos salvá.

Entre, pastor, entre!
Por esse portal sagrado,
Visitar o Deus-Menino,

Que está no presépio deitado.

Bate asa e canta o galo:
O Menino Jesus nasceu.
Cantaram os anjos nas alturas
E o sino do Céu bateu.

Ajoelha, meus irmãos,
Meus irmãos pecador!
Ajoelha no presépio,
Pra beijar Nosso Senhor!

Oh! que abençoada estrela,
Com sua divina luz!
Deus te salve, Menino-Deus,
Para sempre. Amém, Jesus! (PESSOA, 2007, p. 211).

A música folclórica, como se nota, traz particularidades que contemplam valores da cultura rural, campesina, como os das folias de reis itaguarinas. E a música caipira (ou sertaneja raiz) também acompanha a história dessas folias, sendo em momentos diversos motivo de diversão e entretenimento entre foliões e devotos, além de muito apreciada pelos turistas.

Há que se afirmar, de início, que além das cantorias, a música cantada nas folias de reis é, quase que exclusivamente, música sertaneja raiz. Ela é a que melhor trata, dentre todas, do espaço e dos valores culturais tradicionais dos foliões e devotos. É cantada nos intervalos de uma casa a outra, nos giros; depois de findado o rito de entrega em cada pouso; e, no caso da Folia Goiana, antes e depois da entrega, no dia 06 de janeiro. Seja nos grupos informais de foliões que se criam, espontaneamente, só para cantar determinada música num tempo breve e circunstancial, seja na hora de dançar o catira, sob som da viola e do violão – somente, ou no entremeio de animado forró –, cantar músicas sertanejas é comum em praticamente todos os pousos das três folias itaguarinas.

A aproximação da música sertaneja raiz com o ambiente de realização das folias de reis não se dá por acaso. Em um país onde a diversidade cultural é visível em vários aspectos e regiões, o termo caipira designa um sujeito histórico, um modo particular de vida, uma cultura que se diferencia das demais[147]. E música é expressão dos valores culturais de onde ela mesma nasce, cresce e passa a fazer parte da memória social do grupo. Neste, pode se fazer representação do passado: do trabalho, das paixões, dos contrastes, da religiosidade[148]. Ela diferencia valores, sendo registro e divulgadora dos feitos e desejos do

[147] Ver capítulo 1, ítem 1.3.

[148]Para Brandão, a música sertaneja raiz é objeto importante para se saber dos fundamentos da ética da religiosidade do camponês. Mesmo tendo perdido muito de seu poder de narrativas longas das modas de violas antigas, "recolhe um repertório de situações humanas e de acontecimentos infinitamente mais amplo do que o das músicas urbanas e eruditas. Casos, 'acontecimentos', milagres, tragédias, modos pessoais de ser, sentimentos, conflitos, situações corriqueiras ou extraordinárias de contatos com a natureza, com os outros ou com a divindade, são os assuntos das músicas do sertão" (1986, p. 171).

homem rural, no caso aqui tratado, e da sua ruralidade.

Hoje, contudo, diante da multiplicidade conceitual a despeito do que vem a ser música caipira (ou sertaneja raiz) e música sertaneja (urbana ou romântica), convém primeiro valer-se de referências teóricas afins consistentes e, seguidamente, tratar da sua importância para a presente reflexão. No cotidiano, para muitos, parece que os termos se equivalem; para outros, a música sertaneja veio da música caipira, muito naturalmente, em decorrência do processo da mudança na ordem social. Há também os que vêem aí dois gêneros distintos tanto na sua produção quanto na execução, divulgação e consumo.

Importa aqui saber o básico necessário para compreender a importância das músicas sertanejas nas realizações das folias de reis em Itaguari, sua aproximação com a cantoria e a sua implicação na análise que ora se faz sobre mito e memória nessas folias de reis[149]. A denominação social do homem rural, que mora, trabalha e compartilha os valores culturais rurais, se dá, no Brasil, mediante uso de vários termos, afirma Vilela (2017): "rural sertanejo", "rural caipira", "rural dos pampas", "rural seringueiro". São termos regionais dentro do universo cultural brasileiro que correspondem, cada um, a uma configuração musical própria. O sertanejo refere-se diretamente ao vaqueiro nordestino que em meio à Caatinga enfrenta a sequidão do lugar para realizar seu trabalho. É o mesmo sertanejo que, nas vaquejadas e noutros eventos, celebra com entusiasmo sua cultura, sua história. É daí, do seu trabalho e convivência que suas músicas sertanejas tratam. Nos estados onde a música caipira se construiu, utiliza-se também o termo sertanejo para designação musical.

Diversos estudiosos tratam da música produzida sobre o sertão, o meio rural, o campo ou sobre ele, sob diversos matizes e nuances sonoros e conceituais[150]. Historicamente, sua gênesetem raízes já no início da colonização brasileira. José Hamilton Ribeiro, que escreveu "*Música caipira:* as 270 maiores modas de todos os tempos", diz de pressupostos sócio-culturais que foram construídos e formaram a base que possibilitou que esta música tivesse os traços que tem: "A música caipira começa, então, com o português e

---

[149] Análise minuciosa do caminho percorrido pela música caipira, inicialmente, sertaneja raiz e a sertaneja romântica em seguida fazem Nepomuceno (1999) e Ulhôa (1996 e 1993).

[150]Para Alonso (2011), as produções bibliográficas especializadas sobre música sertaneja se alinham em quatro correntes básicas de análise: a) "relatos jornalísticos", sem a preocupação de adentrar nas questões mais complexas como as das disputas culturais na música rural; b) compreende "a música sertaneja como parte integrante do desenvolvimento da música caipira", tratando da "problematização das disputas estéticas" com "tom saudosista em relação ao passado perdido"; c) sob influência marxista, vê a música sertaneja como deturpação da música caipira tradicional; e d) faz uma "genealogia da música sertaneja, sem buscar culpados ou inocentes, mas compreendendo o significado das transformações em torno das categorias e palavras usadas para nomear e delimitar esse tipo de arte" (ALONSO, 2011, p. 24).

o índio. O índio a gente conhece: é o mesmo que hoje (desses poucos que ainda vivem como índio). Mas qual foi o português que veio para cá, no começo da colonização?" (RIBEIRO, 2006, p. 18). Além de padres e funcionários da coroa, tripulantes, soldados e burocratas, na expedição do primeiro governador-geral, Tomé de Souza, vieram para o Brasil 1.500 pessoas, dos quais 400 eram condenados à pena de degredo. Eram pessoas desgarradas, sem família, pobres, totalmente desprovidas da possibilidade de aprender a ler e a escrever. Juntaram-se a eles, ao índio e ao português, o negro africano com sua musicalidade, dando mais qualidade à mistura luso-indígena aprimorando a melodia e impondo mais ritmo. Assim, "a música caipira, portanto, se apóia no inconsciente coletivo apenas verbalizado. Não por coincidência, alguns dos maiores criadores desse gênero são gente simples, humilde, semi-alfabetizada ou analfabeta de vez" (RIBEIRO, 2006, p. 18).

A música caipira, como se evidencia, tem influências sócio-culturais das três raças que formaram a cultura brasileira desde sua origem. Para Sant'ana (2003), "nossa moda de raízes é branca nas formas e rimas, e africana, indígena e portuguesa no pensamento e afeto. Com uma alegria que não esconde certa tristeza, o cantar caipira possui um fundo nostálgico, como se alguma coisa se estivesse perdido ao longo do tempo" (2006, p. 19). Estas "são as marcas do exílio: o português degredado e saudoso; o indígena humilhado e desterrado em sua terra; o africano de pele escura, amargurado pela escravidão" (2006, p. 19).Caracterizando o caipira, Pires (s/d) é mais específico: no Brasil há vários caipiras: "o caipira preto" (ex-escravo, descendente africano); "o caipira branco" (mestiço vindo de fora do Brasil); "o caboclo (descendente de índios catequizados)"; "o mulato (descendente de preto com branco e com caboclo)"; e o "caipira imigrante", italianos, principalmente, como José Fortuna e Mário Zan, sendo este último autor das duas músicas mais tocadas no Mato Grosso: Chalana e Ciriema (RIBEIRO, 2006).

As músicas produzidas no sertão ou sobre ele se moldaram com determinada forma artística, se instituindo em gênero musical brasileiro. Agora, dizer o que é música caipira (de raiz, do campo ou sobre ele) e o que é música sertaneja (urbana, romântica) torna-se um desafio para os tantos críticos ligados às mais diversas áreas da música, tais como produtores, jornalistas, literatos, cantores e compositores. Enquadrando-se dentro de uma das "correntes básicas de análise" citadas, Carvalho (1993) estabelece fases e divisões dentro da história da música brasileira: de 1929 até 1944 se pode falar em música caipira ou sertaneja de raiz; do pós-guerra até os anos de 1960 seria uma fase de transição que levaria a formação do gênero atual, o sertanejo romântico e, por fim, o sertanejo universitário. Já os

que consideram música caipira e música sertaneja gêneros independentes, dizem que a caipira seria a que trata do homem rural e da sua cultura autêntica (MARTINS, 1975), é cantada por duplas, seus ritmos são a moda de viola, o cururu, o cateretê... a viola e o violão são os instrumentos. Ademais,

> A música caipira nunca aparece só, enquanto música. Não apenas porque tem sempre um acompanhamento vocal, mas porque é sempre *acompanha-mento de algum ritual* de religião, de trabalho ou de lazer. Mesmo a chamada moda-de-viola, denominação genérica de canto rural profano, não aparece senão acoplada a algum rito (MARTINS, 1975, p. 105).

Destaca-se do parecer de Martins (1975) a ideia de que a música caipira faz parte do ritual camponês, é parte essencial de momentos de lida do homem do campo, compõe o seu ser, o seu modo de viver, a sua cultura. Em ambiente festivo, cantavam-se longos romances por duplas caipiras usando apenas violão e viola. Forma, conteúdo e tempo das músicas caipiras eram condizentes com o tempo que se tinha para ouvir e cantar, com o conteúdo que era sobre a própria vida e com a forma utilizada: simples, objetiva e atrativa. Mas o processo de mudanças sócio-históricas impôs mudanças na estrutura da música caipira, mesmo antes dos anos 1960, quando surgiu a música sertaneja romântica.

Exemplo emblemático é o de "Jorginho do Sertão", romance que teve a adaptação de Cornélio Pires[151] para ser gravada em 1929. É a primeira música caipira brasileira (uma moda de viola), produzida em estúdio, em disco. Teve que ser diminuída para caber no disco da época, de 78 rotações. Interpretada por Caçula e Mariano, antes da música propriamente, no disco, o próprio Cornélio Pires narra: "Jorginho do Sertão. Moda de Viola Paulista. Folclore Paulista." E segue cantando a letra abaixo:

[151] Paulista de Tietê-SP, desde 1910 Cornélio Pires já abraçara e defendia do dialeto caipira. A partir desse ano e dos seguintes, publicou um total de 24 livros, dentre eles: "Musa caipira", "Quem conta um conto", "Cenas e paisagens de minha terra" e "Conversas ao pé do fogo". Morando em Piracicaba, lugar de muitos e autênticos cantadores e violeiros, bancou a gravação do referido primeiro disco de música caipira e organizou a sua "Turma caipira Cornélio Pires", com a qual viajou o interior paulista para divulgar suas músicas caipiras, anedotas e livros que ele mesmo escrevia. Todas produções sobre a cultura caipira, sobre o folclore paulista (NEPOMUCENO, 1999, p. 102).

Ajudai meu companheiro
Ai, ai, ai, ai…
No meio desse salão
Ai, ai, ai, ai…
Que nóis dois cantando junto
Faz chorar dois coração…

O Jorginho do Sertão
Rapazinho inteligente
Numa carpa de café
Ele enjeitou três casamento.

Ele acabou seu serviço
Tão alegre tão contente
Veio dizer pro seu patrão:
"Quero a minha conta corrente"

"Jorge: a conta eu não lhe dou
Pro vosso procedimento.
Tenho três filha solteira,
Eu lhe ofereço em casamento"

Logo veio a mais velha
Por sê a mais interesseira:
"Jorginho case comigo
Que eu sou a mais trabalhadeira"

Logo veio a do meio
Cheia de tope e de fita:
"Jorginho case comigo
Que eu das três sou a mais bonita"

Logo veio a mais nova
Vestidinho amarelo:
"Jorginho case comigo
Que das três sou a flor da terra"

O Jorginho do Sertão:
É rapaz de pouca luma;
"Não posso casar co' as três,
Ai, eu não caso com nenhuma"

Na hora da despedida:
Ai, ai, ai, ai…
É que a moreninha chora:
"Ai, ai, ai, ai"…

Jorge pegou seu cavalo
Encilhou na mesma hora,
Veio dizer prá morenada:
"Ai, adeus que já vou me embora"

Martha Tupinambá Ulhôa, musicóloga e pesquisadora, após fazer referência a Cornélio Pires e seu tempo, diz da caracterização da música sertaneja:

> Na época conhecido como música caipira, hoje denominado música sertaneja raiz, o gênero caracteriza-se pelas letras com ênfase no cotidiano e maneira de cantar. Tradicionalmente a música sertaneja é interpretada por um duo, geralmente de tenores, com voz nasal e uso acentuado de um falsete típico, com alta impedância e tensão vocais mesmo nos agudos que alcançam às vezes a extensão de soprano. O estilo vocal se manteve relativamente estável, enquanto a instrumentação, ritmos e contorno melódico gradualmente incorporaram elementos estilísticos de gêneros disseminados pela indústria musical. Estas modificações de roupagem e adaptações no conteúdo temático – anteriormente rural e agora urbano – consolidaram o estilo moderno da música sertaneja romântica, que nos anos 80 se torna o primeiro gênero de massa produzido e consumido no Brasil(ULHÔA, 1996, p. 1).

Por volta de 1960 começa a ser produzida industrialmente e em vista do consumo urbano, conforme Caldas (1979), a música sertaneja romântica. São incorporados a ela novos ritmos, outros instrumentos (dos antigos, conserva o violão, exclui a viola). Hoje ocupa espaços privilegiados no rádio e na televisão, apresenta-se nas feiras e festas

agropecuárias e de rodeios, fazendo até turnês em outras países do mundo; duplas sertanejas (românticas) lotam espaços com centenas e até milhares de pessoas, principalmente nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná. Apresentações são feitas na forma de imponentes shows, cantores são tratados como ídolos e tudo isso forma um grande espetáculo, uma representação montada para impressionar grandes públicos, formar legiões de fãs e gerar grandes rendimentos financeiros.

Ao fazer uma análise histórica e estética da música sertaneja, seja ela "raiz", seja "romântica", Ulhôa diz dos "elementos sonoros extra-musicias"que lhe são específicos. Lembra que "a unidade estilística e coerência interna da música sertaneja é conseguida pelo uso consistente do estilo vocal tenso e nasal pelas duplas e pela referência ao cotidiano nas letras, seja rural e épico na música sertaneja raiz, seja urbano e individualista na música sertaneja romântica"(ULHÔA, 1996, p. 2).Sertanejo vem da palavra sertão, lembra esta autora, e se refere aos habitantes do sertão nordestino, mas também àqueles que moram longe da cidade e foram com o passar do tempo adquirindo hábitos e costumes em comum. A adesão ao uso desse conceito na música foi conforme o processo de mudança que se deu na cultura musical brasileira, sobretudo nos estados onde ele foi tendo maior representatividade. O temo sertanejo passou a também nominar a música caipira a partir de 1959, sendo usado primeiramente por Palmeira, da dupla Palmeira e Biá, criando ele o selo "Sertanejo" (NEPOMUCENO, 1999).

Ulhôa adota os termos música "sertaneja raiz", referindo-se à "música caipira tradicional e alguns de seus desenvolvimentos posteriores" e música "sertaneja romântica" para indicar "canções gravadas principalmente na década de 1980, que usam uma temática romântica e arranjos instrumentais brilhantes" (ULHÔA, 1996, p. 04). Esses termos serão utilizados neste trabalho.

Quanto aos temas propriamente, se os das músicas sertanejas raiz têm a ver com sua cultura, com a vida e ambiente rural (trabalho, pescaria, mortes, paixões, mistérios, religiosidade, fauna, flora, lendas, mitos, dentre vários outros), os da música sertaneja romântica são ligados às situações amorosas (paixões, desilusões, conquistas, fracassos) em ambientes urbanos.

Os tempos hodiernos corroboram no fortalecimento da ideia de que as músicas "raiz" e "romântica" formam dois gêneros musicais brasileiros, sendo que cada um destes compõe um padrão estético musical. Porém, entende-se que, na sua gênese, a música

sertaneja romântica é uma variante da sertaneja raiz, sendo esta digna do status de autóctone, original na retratação da cultura rural do homem do campo. Fruto de um momento de inovação, fortemente influenciado pelo processo de modernização, a música sertaneja romântica é projetada e tem objetivo mercadológico, traz uma temática só e se vale dos mais variados instrumentos tecnológicos e sonoros para sua produção e divulgação. A música sertaneja raiz, por se instituir em gênero musical, ao mesmo tempo em que dela surgia a música sertaneja romântica e tornar-se-ia gênero independente, não deixou de ocupar o seu espaço, procurando conservar o essencial, como a tratativa das diversas temáticas próprias da cultura rural (ou a partir dela, sob sua ótica, quando, por exemplo, se fala da vida urbana), a composição de duetos e o uso da viola caipira. De um lado, algumas duplas se tornaram precursoras da música sertaneja romântica: Léo Canhoto e Robertinho, Milionário e José Rico e Chitãozinho e Xororó; de outro, os que deram início e asseguraram a continuidade da música sertaneja raiz, procurando conservar suas peculiaridades, como: Nhô Pai e Nhô Fio, Xerém e Tapuia, Palmeira e Piraci, Alvarenga e Ranchinho, Rajaraca e Ratinho, Caçula e Mariano, Zé Carreiro e Carreirinho, Vieira e Vieirinha, Tião Carreiro e Pardinho (ALONSO, 2011). Por último, Ulhôa defende a tese de que "a música sertaneja (de raiz e romântica) tem se transformado num agente de mudança ao apresentar modelos de sociabilidade modernos, facilitando a absorção de novos valores culturais – ela se torna mediadora da adaptação de pessoas a uma nova realidade" (1996, p. 2).

Nos três grupos de folias de reis itaguarinos a música sertaneja raiz é cantada, apresentando-se como parte complementar do ritual de cada uma delas, das folias, assim como o é a dança do catira, sempre conduzida por uma dupla de cantores que entoa moda de viola com coreografia de sapateado e palmeado ritmada por violão e viola tão somente. O conteúdo traz elementos da vida, envolvendo a relação do violeiro com o instrumento que utiliza, a criação familiar, as façanhas experimentadas no decorrer da vida e levadas pelo tempo, o trabalho. Por fim, no recortado (segundo momento do catira), outro ritmo, os cantores tratam de conteúdo que geralmente desperta atenção ou risos, finalizando a apresentação. A seguir, um exemplo de uma das músicas sertanejas raiz cantadas nas folias de Itaguari[152]:

[152] "Galo preto" é interpretada por Divino Oliveira e Oripinho, moda de viola composta por Gérson Cantadô e Divino Oliveira, apresentada no giro da Folia Mineira durante apresentação de catira dançado pelo grupo Tradição Sertaneja, atendendo pedido do morador, Sr. Euclides, em 27 de dezembro de 2015.

(Coreografia da catira)

Esse meu viver alegre
Foi Deus que me presentiô.
Eu tenho minha devoção
Em todas festa que eu vô,
E levo a minha viola,
Meus dedos pontiadô,
Pra cantar moda inventada
Que nunca ninguém cantô.

(Coreografia da catira)

O meu pai é o meu mestre,
Minha mãe não me ensinô.
Na hora que eu fui nascer,
Um galo preto cantô.
Minha mãe arespondeu:
Muito satisfeito eu tô,
Galo preto está cantando,
O meu fio sai cantadô.

(Coreografia da catira)

Idade de quinze anos
Eu era namoradô;
Eu casei com vinte e quatro,
Veja só que idade eu tô.
Até hoje eu ainda me lembro
Dos tempo bão que passo:
As menina me estimava
Igual um botão de flô.

(Coreografia da catira)

No tempo da mocidade, ei, ai, ei ai, ai.
No tempo da mocidade ,
Foi um fogo que se apagou.
A chama ainda estava quente,
Onde a cinza esparramô.
Fumaça sumiu nos ares,
Veio o vento e carregô.
Assim foi a mocidade:
Tão depressa me deixou.

(Coreografia da catira)

(Recortado:)
A mulher veve brigando,
Diz que eu não sô trabalhadô:
Diz que cedo não vô na roça,
A tarde também não vô.
Cedo faz muito frio
E de tarde muito calô.

(Coreografia da catira)

Pra fazer exame da prósta
Ta difícil, né, seu moço:
Tem doutor do dedo fino,
Tem doutor do dedo grosso.
Coitado do meu amigo
Levou um dedo tão profundo:
Já saiu do consultório,
Só pela porta do fundo.

(Coreografia da catira)

Aproveita, moça,
Aproveita me namorar,
Eu tô aqui, a mulher tá lá.
Aproveita, moça,
Proveita que eu tô quereno,
Eu tô aqui, a mulher tá lá,
Ela não tá veno.

Figura 22 – João do Pulo, embaixador e violonista da Folia do Brejo Grande, após cantoria de chegada no Pouso, na Fazenda Brejo Grande, canta músicas sertanejas raiz. Foto do autor (1998).

Figura 23 – Casal de foliões canta música sertaneja raiz em momento de desconcentração, em giro à noite da Folia do Brejo Grande. Foto do autor (1998).

Figura 24 – André (de costas) e Andrade (de chapéu azul) cantam com Paulino (da dupla Di Paulo e Paulino), na residência de Tião Matuto e Rosa, casal que todo ano acolhe em sua casa duplas sertanejas que cantam gratuitamente no dia 06 de janeiro.Foto do autor (1998).

A música sertaneja raiz e a música folclóricareferenciada (a cantoria das folias de reis), pelas características aqui definidas, compõem o ritual camponês das folias de reis de Itaguari, sendo as próprias folias – na sua totalidade – folclóricas. As cantorias expõem aspectos peculiares. Rítmica e harmonicamente são de muitíssimo valor e variações. Suasharmonias, mesmo que valendo-se de uma tonalidade nem tão diversificada, ocupam o espaço ambiental, criando uma aura sonora de lenta suavidade e acolhedora que vai do mais grave ao mais agudo das potencialidades vocais utilizadas. Vista no conjunto, pode-se dizer que ao final, a cantoria resulta em uma música de altíssima qualidade. Sua transmissão é eficaz, remetendo os ouvintes próximos a um sentimento único, por meio dos sons vindos dos cantadores e instrumentos: som religioso, sagrado, que faz lembrar experiências passadas profundas e significativas.

Isso se dá porque seus agentes principais, os foliões, são geralmente pessoas já inseridas no universo do folclore local e quando cantam tratam de assuntos dali que interessam a todos. No caso das cantorias das folias de reis, alguns foliões até compõem, antes das saídas, versos e estrofes – chamados por eles de repertórios ou colunas – que vão cantar de acordo com cada momento do ritual; outros não conseguem compor previamente. Mas todo embaixador é, indubitavelmente, um compositor do improviso, do repente, do presente. O embaixador deve formar o seu verso para cada momento vivido durante a condução do seu grupo em cantoria, nas diversas etapas do ritual. Dessa forma, pode-se dizer que o embaixador, por meio do exercício de suas criações, reescreve a história sagrada que se passou e a do momento presente. Há também versos cantados que são anônimos, que foram criados, utilizados por vários foliões anos após anos e se desconhece sua autoria.

A particularidade das músicas das folias de reis, sua semântica própria, depende de um conjunto de fatores, além dos já supracitados: as métricas dos versos, o toque do acordeão, tambores,violões, violas e pandeiros, das toadas preferidas – e são dezenas delas à disposição. Sua feitura, formato e afinação lhes são singulares, dando à música final um poder de representação único. Para Tremura, os versos da cantoria são poesia popular rimada e têm função de fortalecer “as relações pessoais, expressam devoção e cumprem promessas feitas pelos participantes aos Reis Magos com o intuito de ajudar ou favorecer familiares com problemas financeiros ou de saúde” (2017, p. 3-4). E finaliza: “Os versos das toadas articulam as aspirações pessoais e interpretam a visão do mundo aos olhos de seus participantes, os quais fazem referências aos

Reis Magos como intermediadores da relação com Deus, transformando-os em verdadeiros santos" (2017, p. 4).

Pode-se dizer que existe uma cumplicidade entre a música sertaneja raiz e a cantoria das folias de reis. Para Téo Azevedo, no trabalho de Nepomuceno, "a folia de reis [é] a maior escola da música caipira" (1999, p. 43). Tremura (2017) já diz que o caráter melancólico das cantorias, as progressões harmônicas, a maneira e a forma de cantar e tocar os instrumentos musicais são características comuns às cantorias da folia de reis e à música caipira. E Saenger lembra que "alguns violeiros e cantadores de folia de reis atuais têm influência das duplas caipiras que ouviram nas rádios: utilizam seu estilo nos duetos das cantorias, reproduzem trechos de ponteados nas folias que giram pagando promessas em devoção a Santos Reis." (2002, p. 40). Tremura enumera outras características das cantorias das folias de reis que se confundem com a música caipira:

> (1) uso de tonalidades maiores, também comum em outros gêneros folclóricos; (2) preferência por afinações abertas nos instrumentos de cordas, tais como Mi Maior para a viola caipira, e Sol Maior para o cavaquinho; (3) deslize melódico dos cantores dentro da mesma oitava; (4) preferência por tempos binários; (5) liberdade de adaptar o ritmo da toada de acordo com a composição dos versos; (6) atenuação rítmica (lenta e de caráter de cortejo); (7) pequeno trêmulo vocal no final da frase, produzindo uma ligeira oscilação na altura do som a fim de reforçar o valor expressivo das notas (TREMURA, 2017, p. 3)

3.1.2.2 As cantorias das folias de reis

A cantoria de grupos de folias de reis pode ser pesquisada sob diversos ângulos ou aspectos, desde a sua sonoridade até o conteúdo de suas letras, podendo ser um independente do outro. A partir deste momento de reflexão, priorizam-se a mensagem e o sentido dos versos, independentemente da harmonia utilizada pelo embaixador e a dada pela resposta. E o foco é analisá-los com mostras de versos das três folias de reis que são cantados em todos os momentos pontuais da folia de reis: saídas, giros (com e sem presépio), pousos e chegada.

Cada folia tem seu ritual, podendo diferenciar-se um do outro em particularidades, e isso se percebe de imediato nas cantorias das saídas. Sobre o que se canta, seguem os textos das cantorias de acordo com a ordem cronológica temporal. A folia Mineira, em 25 de dezembro, no início da tarde, canta diante da mesa agradecendo o "belo almoço", depois diante do altar e segue em "viagem"; a do Brejo Grande se inicia diante do

altar, à noite, sai daí em procissão até a mesa com alimentos, diante da qual se canta o "Bendito da mesa", voltando em seguida para o mesmo lugar e concluir a cantoria; e a Folia Goiana, que sai desde 1992 do Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato, no início da tarde, após almoçar, cantando diante do altar e rezando o terço.

Figura 25 – Foliões da Folia Mineira cantam o "Bendito da Mesa", agradecendo a Deus pelo "belo almoço", na saída da folia. Foto do autor (2016). Ver CD em anexo, faixa 1.

Figura 26 – Embaixador Bruno José Dutra conduz a cantoria de saída da Folia Goiana, no Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato. Foto do autor (2016). Ver CD em anexo, faixa 2.

Para a análise das cantorias se incluem poemas declamados por foliões, às vezes recitados para substituir as cantorias. Para isso, usar-se-á o quadro abaixo separando as

"temáticas" e "o que os versos cantam", bem como subtematizações internas, necessárias para melhor visualizar a estrutura e configuração de cada cantoria e, em seguida, produzir uma reflexão sistemática em vista do objetivo proposto.

Cantoria do Bendito da mesa da saída da Folia Mineira[153]

Temáticas	O que os versos cantam
Agradecimento pelo alimento, louvores e reconhecimento	**1.** Agradecimento pelo alimento**:** "Deus vos pague o bão almoço,/ Deus vos pague o bão almoço,// Que vós deu pros folião, ai./ Lá no céu vós acho outro,/ Lá no céu vóis acho outro,/ Na mesa da salvação, ai." **2.** Louva-se e bendize ao Santíssimo Sacramento, à "puríssima Conceição". Pede bênção à mesa com seus alimentos ("vinho e pão"), a Jesus, José e Maria. **3.** Do "céu desceu um anjinho" com seu "livrinho na mão" e rezando, trazendo "vida e saúde" para os "donos da casa". **4.** Os Três Reis desceram do céu e estão retratados na bandeira. Dá-se viva para os serventes e para as cozinheiras. **5.** Vinte cinco de dezembro acendeu a divina luz: Jesus, "para sempre. Amém". **6.** Gesto de empolgação: "Viva os Três Reis do Oriente./ Viva a todos os folião.// Viva todos que estão presente./ Viva as cozinheiras./ Viva os festeiro e as festeiras."

Cantoria da saída da Folia Mineira[154]

Temáticas	O que os versos cantam
Invocação e pedido de bênção	**-** "Pai e Filho, Espírito Santo,/ nas horas de Deus. Amém.//Começa as oração,/pra cumprir vossa promessa.//No dia de Santos Reis,/Pai, Filho e Espírito Santo.//Que abençoa a companhia,/em versos que eu canto."
Fundamentação bíblica	1. "Existia em muitos anos,/na cidade Nazaré.//lá morava uma virgem,/bonita e de muita fé.///.tão devota e dedicada,/igual ela não havia.//vivia na humildade,/ o seu nome era Maria. 2. Segue com o anúncio do anjo [arcanjo Gabriel] a Maria, dizendo que do seu ventre nascerá o Messias. Maria dá graças e louvores ao Senhor, aceita o pedido de ser a mãe do salvador, colocando-se como escrava do Senhor. Por fim, conforme as profecias (que anunciaram a vida do Emanuel, Deus conosco), em 25 de dezembro nasceu o Messias (Salvador).
Situações do tempo presente	1. Benzimento dos foliões. Para tanto, solicita aos companheiros o levantamento da bandeira que deve ser passada sobre todos os foliões, benzendo-os. 2. Menção a devoto. Ao que paga promessa ou pede bênção segurando

[153] Realizada em 25 de dezembro de 2016, às 13:30h, na residência de Renivaldo Paixoto (Fazenda Sapezinho), cantada à capela por Coral 1 (Antônio Carrijo) e Coral 2 (Renivaldo Paixoto). Texto integral: ver anexo 1; áudio: ver anexo em CD, faixa 1.

[154] Realizada em 25 de dezembro de 2016, às 14:30h, na residência de Renivaldo Paixoto (Fazenda Sapezinho), embaixada por Antônio da Cruz Carrijo (Tõe Gordo). Texto integral: ver anexo 2; áudio: ver anexo em CD, faixa 2.

	na bandeira. diz o embaixador: “Se curado, saiba que Santos Reis o curou fez gratuitamente. Cumprindo sua promessa, “pode entregar a bandeira”. Aos penitentes, saúde e proteção. Pede bênção para o casal que segura a bandeira. Pede-lhe oferta: a quem der, será abençoado por Santos Reis. 3. Agradecimento aos festeiros: pelo alimento que matou a fome dos foliões. “Há de ser recompensado” participando do banquete celeste, com os anjos. 4. Agradecimento ao folião. Que Deus lhe dê em dobro pelo que faz. 5. Pedido de oferta: quem doa está doando para Santos Reis e receberá a recompensa por isso. 6. Solicita permissão e convite: ao dono casa, para viajar, seguir o giro visitando os moradores. Para isso, se despede de todos, convidando-os para a festa do dia 06, lá, na casa do festeiro.

As cantorias de saída das três folias de reis itaguarinas têm uma organização relativamente parecida. Iniciam com “invocação e pedido de bênçãos”, seguidas de “fundamentação bíblica” e no terceiro momento tratam do que se chama aqui de “situações do presente”.

Cantoria da saída da Folia do Brejo Grande (parte 1 e 2)[155]

Temáticas	O que os versos cantam
Invocação e pedido de bênção	- “Pra cantar pra Santos Reis,/A Deus eu peço licença.//Pra me dar sabedoria/E também inteligência.///Vou pedir pra Santos Reis/Pra guiar os nossos passos.//Pra livrar a companhia/De todos os embaraços.///Pelo sinal da Santa Cruz,/É princípio em oração.//Começo de cantoria,/De uma linda invocação.”
Fundamentação bíblica	- “Na cidade de Nazaré um fato aconteceu”: um anjo [arcanjo Gabriel] apareceu nunha casa humilde, e diz para Maria ser a mãe de Jesus. Ela diz sim, se pondo como “escrava do Senhor”. Concebe em 25 de março e em 25 de dezembro nasce o Deus-Menino. Os Santos Reis, Baltazar, Gaspar e Brechó, cada um vindo de lugar deferente, se encontraram e, guiados pela Estrela Guia, seguem a caminho de Belém. Chegaram na lapinha, onde o menino dormia, ajoelharam-se, ofereceram seus presentes, ouro, incenso e mirra. Prostrados, adoraram-no; “receberam suas coroas”, levantaram-se, “despediram-se do Deus-Menino, São José e Santa Maria”.
Situações do tempo presente	1. Referência ao altar-presépio: bem preparado, com a Bíblia, toalha, velas, imagens de São José, “Nossa Senhora e o filho dela”. 2. Agradecimento: os Três Reis, “nessa hora abençoada”, agradecem os donos da morada e seus trabalhos. Para isso, os Três Reis estão “à sua frente”, agradecendo também “a cozinheira e os serventes”. 3. Advertência ao morador. Solicitação ao dono da casa que chamem seus filhos para quem também segurem a bandeira. Pelo que fez com amor no coração, “vóis vai ter a recompensa dos Três Reis...”.

[155] Realizada em 30 de dezembro de 2016, às 20h, na residência de Sebastião Pereira de Abreu, o “Tião do Cotinha” (Fazenda Brejo Grande), embaixada por Marcos Maninho. Texto integral: ver anexo 3 e anexo 5; áudio: ver anexo em CD, faixas 3 e 5.

	4. Convite. Convida a todos para a entrega da folia, dia 06 de janeiro. 5. Anuncia os componentes do altar: a Bíblia Sagrada, imagem de Nossa Senhora, velas, a família sagrada e Deus-Menino. 6. Solicita permissão: Anuncia a despedida de Santos Reis, que se despede de todos. Pede a bandeira para os donos da casa para seguir viagem. - Convida os alferes para pegar a bandeira, porque os Três Reis vai viajar "do Oriente pra Belém". Mas eles vão voltar para a entrega (dia 06), acompanhado de "Jesus", "Deus" e "Nossa Senhora". 7. A bandeira como guia. Agora, vão contentes, sendo Santos Reis "os olhos" da bandeira. Sairão, percorrerão o "mundo", visitando os pouseiros e sua família até o dia 06, quando estarão de volta. 8. Seguindo viagem. O embaixador canta convocando os foliões para seguirem viagem. E que Deus lhes pague, os festeiros, os primeiros a seres agradecidos por Santos Reis. 9. Pedido de desculpas: se a cantoria não saiu de gosto, que desculpe os foliões.

Cantoria do Bendito da mesa da saída da Folia do Brejo Grande[156]

Temáticas	O que os versos cantam
Louvores e agradecimento pelo alimento	1. "Bendito, louvado seja, (bis)/ Oh, meu Senhor Jesus Cristo.// Para louvar esta mesa, (bis)/ Seja louvado o Bendito." 2. "Deus vos pague a boa janta, (bis)/ Deus seja a sua defesa.// É os Três Reis do Oriente, (bis)/ Que abençoe a vossa mesa." 3. Será recompensado o dono da casa ("filho da benção") pelos Três Reis pelo alimento dado aos foliões, à companhia. 4. Do céu, um anjo alado vem trazer "vida e saúde", os bens mais desejáveis da vida humana, para os donos desta casa; depois mais outro anjo e um terceiro para trazer "vida e saúde" também para "todos que aqui estão". 5. Depois de cantar e louvar, faz o sinal da cruz, diz: "Pai, Filho e Espírito Santo, (bis) para sempre. Amém, Jesus."

Agradecimento da mesa é momento de ter gratidão para com aos "donos da casa" pelo "belo almoço dado de bom coração" aos foliões e "a todos que aqui estão". Por isso, serão considerados "filhos da benção", recompensados com "vida e saúde", – os bens mais preciosos da vida humana – e participarão um dia da mesa da salvação. É momento de louvar a Deus, a Jesus, reconhecendo o lugar de Maria e evidenciar a ordem celeste na qual os foliões acreditam: Deus que "paga", anjos alados que descem do céu para trazer bênçãos e Santos Reis que de lá descem também para ser representados na bandeira e viajar como

[156] Realizada em 30 de dezembro de 2016, 8:30h, na residência de Sebastião Cotinha (Fazenda Brejo Grande), cantada à capela por Coral 1 (Jurandir Ribeiro dos Santos) e Coral 2 (Marcos Maninho). Texto integral: ver anexo 4; áudio: ver anexo em CD, faixa 4.

guia da folia de reis. Por fim, depois de cantar e louvar, nesta terra, em sintonia com entes sagrados que cantam no céu, encerra-se fazendo sinal da cruz. Evocam-se aqui as três pessoas da Santíssima Trindade, dão-se vivas às pessoas presentes e colaboradores de destaque, fazendo público o clima de alegria, grande entusiasmo e fé do momento.

Cantoria da saída da Folia Goiana[157]

Invocação e pedido de bênção	- "Pai e filho, Espírito Santo,/É hora de começá.//Oh meu nobre fulião,/Vai fazer o pelo siná.///Nas horas que Deus começa/Neste hora tão sagrada//Completamos mais um ano/Neste bonita fornada.///Ó que hora abençoada/Vamos todos começar//Deus vos salve o santo altar/E o rosário de rezar.///Deus vos salve o santo altar/Nesta hora concebida,//Foi feito pra Santo Reis,/Pra essa bonita saída.
Fundamentação bíblica[158]	- Não cantada.
Situações do tempo presente	1. Saudação do altar: "Deus vos salve o santo altar/ Nesta hora concebida,// Foi feito pra santo reis,/ Pra essa bonita saída." 2. Levantamento da bandeira e saudação. A pedido de Santos Reis, convoca o festeiro para levantamento da bandeira. pede uma salva de palmas para os festeiros. Saúda o altar com as bandeiras, e nelas, Santos Reis. 3. Benzimento dos foliões. Solicita os festeiros que levantem a bandeira e benza os foliões. Assim, louva o altar e a Bíblia Sagrada. 4. Bênção dos Três Reis aos festeiros. os Três Reis vão abençoar os festeiros, pelo "belo almoço" dado aos foliões. Serão recompensados: "Deus vos pague o belo almoço/ Que vós deu pros folião.// Há de ser recompensado/ Nos pés de São Sebastião." 5. Descida do céu: os Três Reis desceram do céu e pedem palmas "pro pessoal de Itaguari", desejando-lhe a vitória. Com Deus e Nossa Senhora, dá "vida e saúde" a todos. 6. Convida à oferta: Convida a quem quiser dar uma oferta, porque os Três Reis vão embora, mas voltarão. Despede-se, até o dia 06. 7. Abençoadas são as mãos que enfeitaram o altar e fizeram o almoço: "Deus vos pague o seu almoço/Que matou a nossa fome.//Lá no céu vóis acha outro/Na mesa que os anjos come." 8. Pedido de perdão: Deus dá "vida e saúde" aos festeiros e a sua família inteira. E se não ficou do gosto, que perdoem os foliões. 9. Comunicação: comunica com os foliões dizendo-lhes que a feira está pronta, que podem trabalhar nela, em vista da festa do dia 06. Que trabalhem com fé e devoção, fazendo a festa acontecer, de coração, por amor.

[157] Realizada em 31 de dezembro de 2016, às 13h, no Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato (Freira Coberta) (Centro da cidade), embaixada por Bruno José Dutra. Texto integral: ver anexo 6; áudio: ver anexo em CD, faixa 6.

[158] O embaixador da Folia Goiana, nessa cantoria de saída, em 31 de dezembro de 2016, como se nota no quadro acima, por algum motivo não cantou a "fundamentação bíblica", já que, via de regra, deveria porque à sua frente tinha um presépio – ela é, entretanto, cantada por outros embaixadores desta folia nas saídas, como o fora noutros anos.

	10. Despedida. Diz aos festeiros que os Três Reis vão embora (foliões caminham, deixando o altar), seguindo as bandeiras na forma de procissão, com fé e Nossa Senhora, porque há muitas casas para visitar, mas também ficarão em seu coração. 11. Representatividade: que seja de fato uma representação: "Vamos todo acompanhar/Como se fosse aquela vez.//Os tresi reis lá vai se embora/Até chegar o dia seis". 12. Aviso de Santos Reis: "Santos Reis mandou falar" para que acompanhem a bandeira, visitando os moradores." 13. Findando a cantoria. Em nome dos Três Reis Santos, Belquior, Gaspar e Baltazar, os foliões vão parar a cantoria e ir embora.

A saída das folias de reis é início de um momento sagrado, é "hora de Deus", ("tão sagrada" e "abençoada"), que se dá com a uma oração na forma de cantoria frente ao "santo altar" "feito para Santos Reis", para a saída da folia de reis. É preciso, então, preparar-se para isso, invocando a divindade maior, fazendo o sinal da cruz, pedindo a ele licença, sabedoria e inteligência. E em seguida, pedir licença para Santos Reis para que "abençoe" a companhia por meio dos versos dos foliões, guiando seus passos, livrando a companhia dos "embaraços" (inveja, maus olhares, espíritos malfazejos e intempéries da natureza).

Fundamentar o cantorio com os textos bíblicos que tratam do "mito de origem" da folia de reis é regra implícita e de conhecimento de todos, obrigatório, sobretudo, frente a qualquer presépio. Fazê-lo é dizer que a folia de reis não existe por si só, profanamente, mas que tem origem, fundamento e explicação em textos sagrados, assegurando-se, por isso, da proteção e bênçãos divinas. Os dois embaixadores, da Folia Mineira e da Folia do Brejo Grande, que fazem essa fundamentação bíblica, começam mencionando Maria de Nazaré, jovem bonita, humilde, devota e que ouviu e aceitou o anuncio de Deus levado a ela pelo arcanjo Gabriel. Ambos cantam o trecho que está em Lc 1,26-38:

> Naquele tempo, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José. Ele era descendente de Davi e o nome da Virgem era Maria. O anjo entrou onde ela estava e disse: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!" Maria ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse-lhe: "Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi. Ele reinará para sempre sobre os descendentes de Jacó, e o seu reino não terá fim". Maria perguntou ao anjo: "Como acontecerá isso, se eu não conheço homem algum?" O anjo

> respondeu: "O Espírito virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, o menino que vai nascer será chamado Santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice. Este já é o sexto mês daquela que era considerada estéril, porque para Deus nada é impossível". Maria, então, disse: "Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!" E o anjo retirou-se (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002).

O embaixador da Folia do Brejo Grande vai mais além, referenciando parte do texto de Mateus (2, 1-12), mencionando o encontro dos "magos do Oriente", sua viagem até a lapa de Belém, a adoração ao Menino Deus nascido, a oferta de seus presentes, ouro, incenso e mirra. Por fim, retornam.

O terceiro momento envolve "situações do presente". O embaixador faz o benzimento dos foliões, pede permissão e licença aos festeiros para o levantamento da bandeira e retirada dos foliões, agradece aos presentes pela acolhida e o alimento, faz menção a devoto ou promesseiro que pega na bandeira para "pagar" alguma promessa ou obter bênçãos, pede oferta. Faz referência ao altar-presépio e a todas as peças que o compõem, apresenta a bandeira como guia e representativa dos Três Reis que desceram do céu para "repetir" a viagem originária que um dia fizeram. Faz as comunicações necessárias (solicita a presença do palhaço, adverte algum folião, orienta o penitente ou morador que segura a bandeira, cumprimenta alguma autoridade presente, etc.), pede bênçãos aos festeiros, pouseiros, cozinheiros e serventes, canta para que os Três Reis dêem "vida e saúde" a todos e, por fim, convida-os para a entrega da folia de reis no dia 06 de janeiro.

Feitos esses procedimentos rituais da saída, as folias seguem em giro, em viagem, para visitação às casas dos moradores até o pouso e saída, noutro dia. Há giros sem e com presépio e a cantoria se diferencia nessas condições, como se pode observar, acompanhando as próximas cantorias da Folia do Brejo Grande e da Folia Goiana. Abaixo, o resumo de suas temáticas e do conteúdo dos versos cantados.

Cantoria do giro, sem presépio, da Folia do Brejo Grande[159]

Temáticas	O que os versos cantam
Apresentação e função do grupo	- "Os Três Reis envém girando/ Do Oriente pra Belém.// Ele vem fazer visita/ Andando camim do bem."
Situações do tempo	- Cumprimentos aos donos da casa: convida o dono da casa a receber a bandeira, os Três Reis Santos, que vêm lhes visitar com "prazer e alegria".

[159] Realizada em 30 de dezembro de 2016, às 22:30h, na residência de Nilton e Rosângela (Fazenda Brejo Grande), embaixada por Adão Caetano de Souza . Texto integral: ver anexo 7; áudio: ver anexo em CD, faixa 7.

presente	Que venha ouvir a cantoria. - Já dentro da casa, cumprimenta seus donos, descreve suas atitudes, canta para sua família: "Oh meu nobre, meu devoto,/ Também é um folião.// Recebeu nossa bandeira,/ É a sua tradição."
	- Pedido de bênção: pede para que os donos da casa benzem seu lar com a bandeira, por meio da qual os Três Reis vão abençoá-los, bem como sua casa e toda sua família.
	- Comunicação com o dono da casa. Orienta os donos da casa e demais sobre o manuseio da bandeira. Comenta sobre seu pai, seu filho e canta para eles. Fala como seu pai faleceu, que hoje está no céu levado por Deus, junto dos os Três Reis, os mesmos que deixam lembranças para o filhinho seu que dorme naquela hora. Com o choro da moradora, diz: "Vós vai ser abençoada,/ Nesta hora ela chorou.// Vós vai ser aconsolada/ Pros monarca, o rei senhor."
	- Pedido oferta ao dono da casa: se doar, não importa a quantia, será recompensado pelos Três Reis do Oriente. - Agradecimento pela oferta: há de ser recompensado no céu, junto de Deus.

Cantoria do giro, com presépio, da Folia Goiana[160]

Temáticas	O que os versos cantam
Representação (canta-se em nome do santo)	- "Em nome de Santos Reis,/ Pai e Filho e Espírito Santo.// Pra iniciar a cantoria,/ primeiro verso que eu canto.
Fundamentação bíblica	1. Valendo-se do texto bíblico, explica o significado do presépio: "Que presépio tão bonito,/ Que altar tão enfeitado. //Para o nobre morador, /vou contar o significado." Cita Maria e seus pais, o anjo que desceu do céu e anunciou a Maria, conforme Lc 1, 26-38: "O anjo disse: - 'Maria,/ Faça o sinal da cruz.// Por obra do Espírito Santo,/ há de ser mãe de Jesus'. Maria, ao final, dirá: 'Sou a serva do Senhor,/ faça de mim sua vontade'. E se deu o anunciado: 'No dia 8 de março/ Foi que a Virgem concebeu.// 25 de dezembro,/ que o Menino Deus nasceu'". 2. Narrando na forma de declamação, sem acompanhamento de nenhum instrumento, o embaixador Sr. Lourenço diz: Eis como nasceu Jesus Cristo: estava Maria e sua mãe desposada com José, e antes de acovitá, aconteceu que ela concebeu em virtude do Espírito Santo. E José, seu esposo, que era homem de bem, não queria difamar. Atentou rejeitar secretamente. Mas, enquanto assim pensava, eis que o anjo do Senhor apareceu em sonho, a José, e disse: 'José, filho de Davi, não teme. Recebe Maria por sua esposa, porque ela foi concebida em virtude do Espírito Santo. E ela dará luz ao seu Filho que receberá o nome de Jesus. Que salvará seu povo dos seus pecados'. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta. Eis que a Virgem concebeu à luz seu filho que recebeu o nome de Emanuel, que significa 'Deus conosco'. Despertando do sono, José fez como havia lhe mandado: recebeu em sua casa como se a tivesse conhecido. E ela deu à luz ao

[160] Realizada em 05 de janeiro de 2017, às 18:10h, na residência de Lino do Hospital (Centro da cidade), embaixada por Lourenço (de Inhumas). Texto integral: ver anexo 8; áudio: ver anexo em CD, faixa 8.

	seu filho, que recebeu o nome de Jesus. 3. Após terminar a narração, o embaixador intima o palhaço para que, imediatamente, declame a parte que lhe cabe, a narrativa da fundamentação bíblica que trata do encontro dos magos, da visita e da adoração que estes fizeram ao Menino Jesus[161].
Situações do tempo presente	1. Despedida da casa do morador. ”Vai buscar nossa bandeira,/ Filhos da virgem Maria.// À frente deste presépio,/ filhos da Virgem Maria, ai.” 2. Comunicação com os promesseiros e devotos. Conduz o penitente a pagar sua promessa: “Santos Reis aqui chegou,/ Ele veio na hora certa.// Ta na mão desta senhora,/ Vem pagar sua promessa./// Vem pagar sua promessa,/ Pôs o seu joelho no chão.// Os Três Reis do Oriente,/ Vai lhe dar santa benção.” 3. O embaixador pede a Santos Reis e estes a Deus: “Vou pedir pra Santos Reis/ Pra receber o voto seu.// Pra receber vossa promessa,/ Seja pelo amor de Deus.// A promessa que vós fez,/ Rei Gaspar que vai levar.// Vai pro céus e entrega a Deus,/ Volta pra te abençoar, ai.” 4. Santos Reis à disposição para “abençoar”: “Os pedido dessa bandeira,/ Quem quiser pode pegar.// Glorioso Santos Reis,/ Acaba de te abençoar, ai.” 5. Pedido e agradecimento de oferta: “Deus vos pague o seu agrado/ Que vós deu pra companhia.// Santos Reis lhe a protege,/ O senhor e sua família, ai.” 6. Pedido de desculpa: “Entrega a nossa bandeira,/ Santo Reis lhe agradeceu.// Eu peço sua desculpa,/ Se não fiz o gosto seu.” 7. Convite para a entrega da folia: “Em nome de Santos Reis,/ Vou parar a cantoria.// Santos Reis ta convidando,/ Para a entrega da folia.” 8. Gesto de empolgação: Embaixador: “Viva os Três Reis do Oriente!/ Viva o dono da casa e sua família!/ Viva a nossa companhia!/ Viva todos os que estão presente!”

Cantoria dechegada ao pouso da Folia Goiana[162]

Temáticas	O que os versos cantam
Acolhida, agradecimentos, ambientação e apresentação dos foliões	- O animador e locutor de palco anuncia a chegada da Folia de Reis Goiana ao último pouso. Antes, porém, intercalando sua fala com músicas sertanejas, faz agradecimentos aos festeiros, pouseiros, cozinheiros, serventes, colaboradores, cita e agradece a presença de turistas, autoridades políticas, religiosas, etc. O som é distribuído do placo montado ao lado, sobre o qual, depois do encerramento da cantoria, artistas se apresentam cantando e tocando forró até à 04 horas da manhã do dia seguinte. Neste pouso (do dia 05 de janeiro), o mais volumoso antes do dia da entrega, milhares de pessoas colocam-se à porta da casa da moradora Dona Felícia para assistir à chegada da folia. Em clima festivo, em ambiente colorido e alegre, animado pelo locutor Daniel Flores, depois de acolher e cumprimentar a todos, passa a

[161] Ver o poema recitado no capítulo 2, item 2.3.
[162] Realizada em 05 de janeiro de 2016, às 19:30h, na residência de (Dona Felícia), embaixada por Luiz Carlos Gomes Frazão e Hélio Mendes. Texto integral: ver anexo 9; áudio: ver anexo em CD, faixa 9.

	“palavra” (microfone) para o embaixador dar início à cantoria, declamando estes versos como o faz um locutor de rodeio: “Os Três Reis em vem girando./ Oh, que grande satisfação!// Encerro minhas palavras agora,/ Porque ela é do nosso capitão.// Seguuuuura, capitão!”
Representação (canta-se em nome do santo) e sinal da cruz	- “Eu canto em nome de Santo Reis,/ e de toda santidade.// Pai nosso, que estais no céu,/ Seja feita a vossa vontade./// Ai, vamos fazer o sinal da cruz: /Pai, Filho Espírito Santo;// Em louvor a Santo Reis,/ Primeiro verso que eu canto, ai, ai.”
Apresentação do objetivo do giro (“viagem”) e cumprimentos	- “Aqui chegou o Santos Reis/ E vem trazendo esta mensagem.// Agora vou explicar/ O motivo desta viagem./// E nós saiu com estas bandeira,/ Com respeito e devoção,// Da cidade de Itaguari./ Ela é uma tradição./// E nós saímos com essas bandeiras,/ Com respeito e muito sincério.// Para todos nossos irmãos/ Nós pregando o Evangelho, ai, ai./// E logo a noite nossos pouseiros,/ No momento mais sagrado// Boa noite a vossa família/ E também seus convidado.”
Fundamentação bíblica 1	1. Canta-se sobre o profeta Isaías que, há muito tempo atrás, anunciara o nascimento. “Ele falava só a verdade,/ Era inspirado por Deus.// Quando foi no dia certo,/ O nascimento aconteceu” 2. Com o nascimento de Jesus, nasceu também a Estrela Guia, que guiou os Reis Santos “até o Filho de Maria”, até o encontro com Jesus. Sábios como eram, os Três Reis sabiam, pela estrela que Jesus tinha nascido.
Situações do tempo presente 1	1. Saudação do primeiro arco e donos da casa. Pede licença aos pouseiros para saudar o arco, que ali representa Belém. Saúda também a corrente. Pede que a família pouseira que segura a bandeira desate a fita que impede a passagem dos foliões sob o arco. Saúda as velas, que representam a “luz do mundo”, que iluminou o nascimento e o mundo inteiro. Saúda as imagens de “Bom Jesus”, “Santa Luzia” (que abençoa “nossa visão”). Saúda “Os filhos da Dona Lia”, Dona Lia, “que há tempos faleceu”, mas deixou neste mundo muita “recordação” e seus filhos para continuarem a “missão”. 2. Presentes para os palhaços. Pergunta “se nesse arco tem presente para os nossos bastião”. 3. Benzimento da companhia. Pede licença para usar as imagens do altar para, com elas, benzer o grupo de folia de reis. Que seja benzidos “nossos corpos” e toda caminhada. 4. Passagem pelo arco. Pede licença para a Companhia passar pelo arco. Às bandeiras, que representam os próprios Santos Reis, vão à frente, como “na primeira vez” rumo ao “Filho de Maria”. Passa pelo segundo arco. 5. Anúncio da participação do segundo embaixador. “E nesta hora aqui presentes/ chamo outro embaixador”. 6. Dona Felícia e família. Pede licença para retira a corrente do arco e cumprimenta a dona da casa, Dona Felícia. Depois: “Ao retirar esta corrente,/ Representou uma claridade.// Lá eu via a dona Felícia/ Com noventa anos de idade.” Faz referência ao seu filho falecido, Donizete, 7. À procura dos presentes. O embaixador pára de cantar e os palhaços se aproximam procurando presentes escondidos no arco ou próximos a ele. Um deles recita, depois o outro:

	Palhaço 1: Boa noite do lado de dentro, Boa noite do lado de fora. Aqui está os Três Reis Santos, São José e Nossa Senhora. Os Três Reis aqui chegou Nas hora de Deus amém. Os convidados dá boa noite; Pros donos da casa, parabéns. Os Três Reis em vem girando Por uma longa estrada, E chegou no seu terreiro Com o arco enfeitado. Lá no céu veio um aviso Dos Três Reis do Oriente, Dizendo que Jesus Cristo Está aqui junto, presente. Quem falou essas palavras Foi mesmo bela senhora, Dizendo que os folião Vieram numa boa hora. No sermão do dia, Deus dá boa esperança. Confortai os pobrezinhos, Os vehinhos e as crianças. Palhaço 2: Senhores dono da casa, Como vós tem passado? Tem passado muito bem Porque Deus tem ajudado. Senhores donos da casa, Que bonito que vós fez: Convidou os seus amigos Pra chegada dos Três Reis. Aqui estão os Três Reis Santos E a companhia também. Sua festa está bonita, Aceita meus parabéns. Os Três Reis em vem girando, Cansado de viajar, Procurou sua morada Pra poder se descansar. Os Três Reis em vem girando, Vem girando passo a passo.

	Eu pergunto pra vocês: Tem presente pros palhaço? (“Sim!”, diz a dona da casa) Em vem girando os Três Reis, Neste hora parou aqui. Viva o dono da casa E o pessoal de Itaguari. Senhores dono da casa, Os Três Reis aqui chegou Com prazer e alegria. Eu peço uma licença: Posso caçar presente pros vigia? (“Sim!”, responde a dona da casa) Aqui, em minha chegada, Eu peguei em várias mãos. Eu pergunto se os presente Está no meio ou está no chão... (Durante alguns minutos os três palhaços dos dois galhos da folia de reis procuram no segundo arco os “presentes dos palhaço”. Atentos, os donos da casa os incentivam dizendo: “tá quente”, quando o palhaço está próximo do presente escondido; “ta morno”, quando nem próximo e nem distante; e “tá frio”, quando vai se distanciando do mesmo. O momento é de descontração e alegria, sendo ele conduzido pelos palhaços, em diálogo com os donos da casa, até encontrarem os presentes. Feito isso, o palhaço passa a condução do ritual para o embaixador, dizendo:) Palhaço 2: Lá do céu desceu, Foi os anjos quem mandou. Pra acabar de completar, Toma conta, embaixador. 8. Retorno da cantoria. Embaixador pede licença para continuar, solicitando à Dona Felícia que vá à frente: “Vou pedir pra dona Felícia,/ Que é a chefe da família:// Para ela seguir na frente,/ Ela vai ser a nossa guia.” 9. Terceiro arco e chegada ao altar-presépio. Após passar pelo terceiro arco, chegam ao altar, onde se encontro o presépio montado.
Fundamentação bíblica 2	“Pra saudar este presépio, Com amor e devoção; Pra falar do nascimento, Começo com a anunciação. Vou saudar Ana e Joaquim, Que são os pais da alegria. Porque foi deste casal Que nasceu Virgem Maria.

	Já era o sexto mês Da gravidez de Isabel. Maria foi visitada Pelo anjo Gabriel. O anjo saudou Maria Com gesto doce e amigo: - “Ô salve, cheia de graça, O senhor está contigo. Maria não entendeu Aquela nobre saudação. Procurou São Gabriel, Ele deu a explicação: “Sou enviado do senhor Pra anunciar do destino teu. Tu és bendita entre as mulheres Pra ser a mãe do Filho de Deus”. Ainda avisou Maria Da sua prima isabel. Falava que era estéril, Mas recebeu graças do céu. Maria se assustou Por ser virgem prometida. Procurou São Gabriel Como ia ser concebida. O anjo então respondeu: - “Vai ser mãe do Salvador, Com o Divino Espírito Santo O Senhor te preparou.” Maria então respondeu: - “Eis a serva do senhor, Faça em mim a sua Palavra.” E o anjo se arretirou. Repleta do Espírito Santo, Que Deus confiou em vós, O verbo então se fez carne Para abitar entre nós. Nove meses se passaram E ia tudo normal. Quando foi no dia certo, O Menino deu o sinal. Na cidade de Belém, Maria sentia dor. Hospedaria, na cidade,

	São José não encontrou. Então ele pegou Maria, A linda mãe protetora. Retirou-se da cidade, Para aquela manjedoura. Foi naquela manjedoura, Junto com os animais, Que Maria deu a luz Ao soberano da paz. No momento veio um anjo, E a glória do Senhor. Reluzindo em volta deles, A família assustou. Aí, só havia um anjo Com a família a conversar. No momento veio mais anjos, E desse jeito foi saudar. Glória a Deus nas alturas, Desse jeito foi falado. Paz na terra a todos homens, A todos do teu agrado. Quando os anjos voltou pro céu, Os pastores ali chegou, Admiraram o nascimento. Eles também adorou. Foi aí que a santa estrela, Tão linda e tão diferente, Avisou os Três Reis Santos Que morava no Oriente. E fizeram a viagem Com amor e confiança. Hoje aqui nós chegou, Fazendo essa semelhança.

Situações do tempo presente 2	**1.** Pagamento de promessa. O embaixador faz lembrar que quem segura o microfone tem uma promessa para pagar. O mesmo segura a bandeira e ouve a cantoria. Ao final, o embaixador diz: “A promessa que vós feliz/ Com certeza foi valida.// Vós cumpre ela aqui na terra,/ Lá no céu ela é recebida.” E recomenda ao penitente: “Vós rezar uma Padre-nosso,/ Junto com Ave-maria,// E oferece ao Três Reis Santos/ Segurando esta guia.”
	2. Pedido de pouso: “Santos Reis pede um descanso/ Desta noite até outro dia,// Um descanso pras bandeiras/ E pra toda companhia./// Um lugar pra os folião,/ Guardar esses instrumentos;// E também para os Bastião,/ Retirar os fardamento.”
	3. Pedido de “refeição”: “Em nome das duas bandeiras/ Que está em

	vossas mãos.// Para nós alimentar,/ Também peço a refeição./// Se os pedidos foram aceitos,/ Põe as bandeiras no altar;// E as imagens com as auferia/ Também pode acompanhar.”
	4. Pedido de perdão: “Se não ficou do seu gosto,/ Peço vós nos perdoar,// Em nome dos Três Reis Santos/ Que acabou de chegar.”
	5. Licença para terminar: “Agora peço licença/ Pra cantoria parar.// Nós já estamos cansado,/ Precisamos descansar.”

Cantoria de saída do pouso da Folia Mineira[163]

Temáticas	O que cantam os versos
Missão comprida	- Depois de benzer a morada, seguirá viagem: “Os três reis do Oriente,/ Já benzeu esta morada.// Pra seguir nossa viagem,/ Nesta hora abençoada.”
Solicitação da bandeira	- “Senhor dono da casa,/ Santos Reis mandou pedir, ai, ai:// Dá licenda da bendeira/ Pra uma promessa cumprir.”
Santos Reis cumpriu sua missão	- “Se você estava doente,/ Com certeza te curou.// Santos Reis é verdadeiro/ E entende o seu amor./// Santos Reis te atendeu,/ Agora vai te consolar.// Pra pedir sempre pra ele/ Pra nunca mais precisar.”
Pedido de oferta	- “Eles estão te perguntando/ Se tem oferta pra dar.// Sua promessa está/ entregue,/ Eles vai te abençoar./// Deus vos pague a boa oferta/ Pro querido folião.// Pra você e pra família,/ Santos Reis pôs a benção.”
Despedida e agradecimento	- “Santos Reis lá vai embora,/ Você vai acompanhar.// Eles, te agradecendo,/ A cantoria vai parar.”

Depois de dias de giro com pousos em dezenas de casas, passando por diversos lugares, enfrentando dificuldades e convivendo com inúmeras pessoas, chega o dia da entrega, da recolhida, da finalização do ritual em que foliões e devotos “assemelharam-se” aos próprios Três Reis no cumprimento de sua viagem. O quadro que se verá adiante traz a cantoria de entrega da Folia Goiana, cantada frente ao altar-presépio. Logo depois foliões continuam sobre o palco montado no centro da cidade de Itaguari. Em meio a uma multidão de milhares de pessoas, sobre um tablado onde são apresentados espetáculos, a folia de reis se apresenta, recebendo em momentos propícios calorosos aplausos, de alguns dos muitos que acompanham atentamente os versos cantados pelo embaixador e respondidos pelos foliões acompanhantes na forma de resposta. A cantoria seguinte, de encerramento, se dá nesse momento espetacular.

[163] Realizada em 31 de dezembro de 2015, às 11h, na residência de José Vigilato e (Fazenda Limoeiro), embaixada por Abeni. Texto integral: ver anexo 10; áudio: ver anexo em CD, faixa 10.

Cantoria da chegada da Folia Goiana[164]

Temáticas	O que cantam os versos
Invocação e pedido de bênção	- "Pai, Filho, Espírito Santo,/ Oi, na hora de começar// Em nome de Rei Brechó,/ Rei Gaspar e Baltazar."/// Ai, hoje agradeço a Deus/ Nesta hora tão sagrada// Para benzer os nossos corpo/ E também a caminhada."
Situações do tempo presente	- Apresentação aos festeiros e presentes: "Mas aqui chegou estas guia/ Neste hora tão sagrada,// Enfrentou sol, chuva e sereno/ E os barros nas estradas." Diz ser uma tradição, a folia de reis em Itaguari. Para chegar até à chegada, passou por vários lugares.
	- Cumprimento as outras folias: "E nós saudamos a outra folia,/ Nessa hora verdadeira.// Nós saudamos a do Brejo Grande/ E a Folia Mineira."/// Eu sei que Deus tá nos ouvindo,/ Ele está abençoando// A Folia do Brejo Grande/ E a Mineira tá chegando."
	- Relato de viagem e chegada das bandeiras: "Os Três Reis em vem girando,/ Vem trazendo esta mensagem.// Aqui chegou estas bandeiras,/ Que vem chegando de viagem,/// Meus nobre, meus festeiros,/ Bem satisfeito deve estar// Com a chegada das bandeiras./ Que acabou de chegar."
	- Agradecimentos: ao padroeiro da cidade, "São Sebastião", "os devotos", os "artistas" que já cantaram e os que estão chegando, os pouseiros pela "boa janta", os acompanhantes, ao pessoal do primeiro pouso, mesmo ele não tendo acontecido devido ao acidente que ocorreu, ao "João Neto", jovem que faleceu vítima de acidente dia 31 de dezembro de 2015 ("E nóis cantamos pra o João Neto,/ Poucos dias faleceu."), ao Pedro Tobias, falecido vítima de câncer ("Ele também era um folião/ Que essas bandeira acompanhou."). E conclui essa parte: "E esses nobre falecidos/ Que desse mundo foi se embora,// Mas deixando suas família,/ Hoje mora lá na glória."
	- Saudação ao arco e a Nossa Senhora: "Agora peço a licença/ Pra esse arco nós chegar,/ Porque a chuva tá chegando,/ O instrumento não pode molhar.// E Deus vos salve o belo arco/ Com os enfeites que tem,// Representando a cidade,/ A cidade de Belém." Saúda Nossa Senhora, padroeira do Brasil, pede para acender as velas do altar e solicita aos festeiros que desatem a fita para receberem a bandeira.
	- Presentes para os "Bastião" (palhaços): "Agora faço uma pergunta,/ Porque é minha obrigação:/ Se nesse arco tem presente/ Para os nossos Bastião."
	- Caminhando até o altar: cantando, passam por mais um arco: "Vai seguindo com as bandeira,/ E nóis vamos acompanhando." (...) "As Bandeira vai na frente,/ Porque ela é nossa guia,// Que nos leva até Belém/ Até o Filho de Maria."
	- Anúncio de troca de embaixador: "Aqui fica minha despedida,/ Pros festeiros e os folião.// E se Deus nos permitir,/ Tô pedindo o meu perdão.// Oh, meu nobre embaixador,/ Aceita meus parabéns.// Pra chegar até aqui,/ Vem cantando muito bem."
	- Louvores aos que vêm do céu, os Três Reis: "Louvemos quem lá

[164] Realizada em 06 de janeiro de 2016, às 16:30h, na Praça São Sebastião (Centro da cidade), embaixada por Hélio Mendes, Jovenor Nogueira e Luiz Gomes Frazão. Texto integral: ver anexo 11; áudio: ver anexo em CD, faixa 11.

	envém,/ Retratado neste veu.// É o Três Reis do Oriente/ Que vem descendo do céu.”/// Louvemos quem lá vem,/ Com luz resplandescendo.// É o Três Reis do Oriente/ Que do céu envém descendo.”/// Os Três Reis envém girnado,/ Do Oriente pra Belém.// A procura de um Menino/ Que Nossa Senhora tem.”
Fundamentação bíblica	Tudo está acontecendo, ai, ai, Porque Deus anunciou, ai, ai, Pelo anjo Gabriel Que da terra ele mandou, ai, ai. Ai, ai, ai, que da terra ele mandou, ai, ai, ai. Foi procurar Maria, ai, ai, Namorada de José, ai, ai. Mulher humildezinha Mas era de muita fé, ai, ai. Ai, ai, ai, mas era de muita fé, ai, ai, ai. Foi pelo Espirto Santo, ai, ai, Pois a virgem concebou, ai, ai. Em vinte e cinco de dezembro Nasceu o Filho de Deus, ai, ai. Ai, ai, ai, nasceu o Filho de Deus, ai, ai, ai. Regulava meia noite, ai, ai, Os anjos bateu os sino, ai, ai, Acordando os seus profeta, Todos os três tava dormindo, ai, ai. Ai, ai, ai, todos os três tava dormindo, ai, ai, ai. Acordou o Rei Brechó, ai, ai, Rei Gaspar e Baltazar, ai, ai. Arrearam os seus camelos, Começaram a viajar, ai, ai. Ai, ai, ai, começaram a viajar, ai, ai, ai. Quando dava pela noite, ai, ai, Uma estrela resplendor, ai, ai, Viajava pela noite, Pelo dia descansou, ai, ai. Ai, ai, ai, pelo dia descansou, ai, ai, ai. A lapinha em Belém, ai, ai, Onde a estrela baixou, ai, ai, Estava Nossa Senhora, Jesus Cristo Salvador, ai, ai. Ai, ai, ai, Jesus Cristo Salvador, ai, ai, ai. A viagem em seus camelos, ai, ai, Na lapinha eles chegou, ai, ai. Não cabia todos os três, Foi chegando ajoelhou, ai, ai. Ai, ai, ai, foi chegando ajoelhou, ai, ai, ai. Pela entrega dos presentes, ai, ai,

	Presenteou o Salvador, ai, ai. Foram mirra e incensso, Incensou o Salvador, ai, ai. Ai, ai, ai, incensou o Salvador, ai, ai, ai. Enquanto o menino dormia, ai, ai, São José tava de lado, ai, ai. Ali tava Nossa Senhora, Levantaram o coroado, ai, ai. Ai, ai, ai, levantaram o coroado, ai, ai, ai. Vinte e cinco de dezembro, ai, ai, Não se dorme em colchão, ai, ai. Jesus Cristo foi nascido Entre as palhinha do chão, ai, ai. Ai, ai, ai, entre as palhinha do chão, ai, ai, ai. Bateu asas e cantou o galo, ai, ai, Com sua crista de serra, ai, ai, Dizendo que Cristo nasceu: Jesus, Salvador da terra, ai, ai. Ai, ai, ai, Jesus, Salvador da terra, ai, ai, ai. Jesus, salvador da terra, ai, ai, No dia que ele nasceu, ai, ai, Cheio de graça divina O mundo todo se encheu, ai, ai. Ai, ai, ai, o mundo todo se encheu, ai, ai, ai. A viagem dos Três Reis, ai, ai, Pra eles andá sorrindo, ai, ai. Eles eram grande profeta, Não sabia que era o menino, ai, ai. Ai, ai, ai, não sabia que era o menino, ai, ai, ai. Jesus Cristo que nasceu, ai, ai, Da Virgem Nossa Senhora, ai, ai, Onde veio a camelinha, Pra tratar do Rei da Glória, ai, ai. Ai, ai, ai, pra tratar do Rei da Glória, ai, ai, ai. Do leite que mamou, ai, ai, Nosso Cristo Salvador, ai, ai. Nossa Senhora era virgem, Mas com leite alimentou, ai, ai. Ai, ai, ai, mas com leite alimentou, ai, ai, ai. Pelo nosso São José, ai, ai, Camelinha alimentou, ai, ai. Chegando o fim dos tempos, Jesus Cristo abençoou, ai, ai. Ai, ai, ai, Jesus cristo Abençoou, ai, ai, ai. O Menino de Jesus, ai, ai,

	Quem pegou foi Santos Reis, ai, ai. Tá na glória para sempre, Pela doração que fez, ai, ai. Ai, ai, ai, pela doração que fez, ai, ai, ai.
Cantoria no palco	1. Anúncio: "Oh, meu nobre festeiro,/ Agora que eu vou falar.// A cantoria de vocês/ Lá no palco vai encerrar.// A bandeira lá no palco,/ Pros Três Reis, os três senhor.// Pra fazer o encerramento,/ Chamo outro embaixador." 2. Invocação: "Meus nobres Três Reis Santo,/ Neste momento sagrado,// Pai, Filho e Espírito Santo/ Para todos convidados.// Meus devotos, meus festeiros,/ É para vocês que eu canto.// A todos quero agradecer/ Em nome do Espírito Santo." 3. Bênção de Santos Reis: "Nesta hora tão sagrada/ Os queridos santos Reis// Está abençoando a todos/ Entre nós, e todos vocês." 4. São Sebastião, o padroeiro da cidade: "O mártir São Sebastião/ É o protetor da cidade.// Hoje recebe os Três Reis Santos/ Em sua comunidade." Aos que estão no palco: "Aos senhores daqui, do palco,/ Nesta apresentação,// E pra todos os convidados,/ Muito amor no coração."
	Menção às duas outras folias de reis: "Nós que fala dos Três Reis/ Com a sagrada bandeira;// Tem a do Brejo Grande/ E a Folia Mineira." Lembra que a Folia Goiana é de Itaguari porque muitos dos foliões são "daqui".
	- Agradecimentos 1: Agradecimentos aos festeiros, pouseiros, cozinheiras, às autoridades que trabalham "noite e dia", aos visitantes de outra cidade, às três folias de reis de Itaguari: "Aqui tem mais de uma folia,/ Todas elas são umas três.// Mas todas elas é só uma:/ Todas é de Santos Reis." Agradece ao coordenador da Folia de Reis Goiana, Nego Borges,
	- O caso de Dona Isabel: "Agora desceu a voz/ E já veio do céu.// Agora quero falar/ Com a devota Isabel.// Oh, devota Isabel,/ Sua filha é festeira,// Pede desculpa pra senhora:/ Na sua casa não foi bandeira.// A bandeira não passou lá./ Mas não precisa preocupar.// Santos Reis é milagroso,/ Ele vai te abençoar."
	- Convite para ano que vem: "Os Três Reis do Oriente,/ Que chegou até Belém,// Tá convidado a todos/ Pra festa o ano que vém."
	- Agradecimentos 2: O embaixador, em nome dos festeiros, agradece aos doadores; para fazer essa grade festa é preciso de "todo mundo". "Estes nobres, os festeiros,/ Está agora agradecendo// Toda prenda que ganharam./ Do céu bênção está descendo."
	- Comunicados: Aos motoristas, para terem cuidados ao volante; Tem duas bandeiras sobre o palco, mas a folia é uma só; A folia tem mais de 80 anos; Canta-se para o turista voltar porque a festa "não pode parar"; Que a Santíssima Trindade abençoe a todos que vieram de outra cidade; Diz o embaixador que, sendo de fora, foram bem recebidos: "Nós foi muito bem recebido/ Quando chegamos aqui// Também fica o nosso abraço/ Pros folião de Itaguari."
	- Parabenização aos festeiros: Aos festeiros, pela festa, Santos Reis lhes dará a recompensa. Em nome dos Três Reis, o embaixador agradece a eles e sua família. Pela entrega da promessa: "Oh, meus nobre, meus festeiros,/ Agora estão contente:// Tá entregando a promessa/ Aos Três

	Reis do Oriente.”
	- Às casas não visitadas: “Sabemos que esta folia/ Teve casa que não passou,// Mas os nossos Três Reis santos/ A vocês todos abençoou.”
Despedida e finalização da cantoria	1. Despedida: “Fica a nossa despedida/ Até o ano que vem,// Em nome de santos Reis,/ Agora, pra sempre. Amém.” 2. Finalizar a cantoria: “Vou parar a cantoria/ No momento verdadeiro,// Porque daqui um pouquinho/ Vão procurar novos festeiros.” 3. Que fiquem até o amanhecer do novo dia: “Com licença de vocês/ Pra parar a cantoria.// Vocês fica aqui com Deus/ Até amanhecer o dia.” 4. Que fiquem para o show artístico: “Eu peço pra vocês agora,/ Pra todos ficar comigo.// Aqui vai ter show artístico/ Com quem é nossos amigo.” Todos vêem pela fé e amizade, sem cobrar nenhum “tostão”. 5. Agradecimentos: aos serventes e cozinheiros. 6. Fim da cantoria: “Agora chegou a hora/ Da cantoria parar.// Pai, Filho, Espírito Santo,/ É quem vai nos abençoar.”

Os versos das cantorias e das recitações das folias de reis de Itaguari são expressão autêntica do folclore regional, goiano, da cultura caipira – expressivamente presente na forma de música sertaneja raiz, são elementos registradores e divulgadores de memória social do passado e do presente itaguarinos. Por isso, são instrumentos elementares na descrição dos mitos do sertão que, depois de dias de giro, tornam-se eficazes na celebração das folias de reis do último dia, o dia 06: promovem uma grande espetacularização do “santo”, de si mesmos, inovando a identidade sócio-histórica do povo itaguarino. Por tão importante ser este último dia, o próximo capítulo o descreve, naquilo que interessa à linha de reflexão do presente trabalho.

A CHEGADA (a Belém)

Capítulo 4 – celebração popular "do santo" e identidade sócio-histórica

A ética do Catolicismo do povo
dirige-se à salvação da pessoa e também à realização
de sua felicidade terrena. (...)
Ela é mais uma "ética do bem viver" a vida de todos os dias
do que um tipo de ética sectária da expectação
próxima de um fim do mundo,
com todas as suas conseqüências.

(Carlos Rodrigues Brandão, Catolicismo popular: história, cultura, teologia)

...a produção da sobrevivência é sempre conflituosa,
crivada de interesses divergentes, por vezes comprometendo a coesão social.
Aí é hora de se lançar mão de algum recurso religioso,
imaginário, festivo, artístico etc. –
para que a relação entre as pessoas, até mesmo de classes diferentes,
possa ser restabelecida e mantida.

(Jadir de Morais Pessoa, As viagens dos reis magos)

No dia 06 de janeiro, todo ano, em Itaguari, milhares de pessoas se agrupam na praça central para festejar os Três Reis com alimentação farta e gratuita, em um ambiente simples e acolhedor. As três folias de reis do município celebram suas entregas a partir das regiões rurais. Na cidade, o espírito festivo se expande: Santos Reis, representados nas duas bandeiras enfeitadas da Folia Goiana, chamam a atenção, prendem os olhares de milhares de pessoas. O mito representado na bandeira e na forma de rito final atrai multidões, sobre grande palco bem iluminado e sob constantes vivas e aplausos calorosos. Conduzem o rito final embaixadores experientes que cantam para milhares de devotos e turistas, feito artistas em grandes shows. Os mesmos foliões que em dias comuns participam da lida da comunidade sem destaque ou privilégios. Num segundo momento, atuais festeiros passam suas coroas para os novos em um dos momentos mais esperados do dia. Acontece o *show*, algo sem densidade de sentido sagrado, profano, porém parte do ambiente, que é rico de significados, chegando ao clímax da festividade, com som estrondoso e artistas que cantam músicas de sucesso.

A festa do dia 06 se submete a infindos olhares. Os considerados aqui são os de foliões, embaixadores e "artistas de espetáculo", sob a ótica, neste último caso, da "espetacularização", conceito discutido por Guy Debord. O evento folia de reis, em Itaguari, entre milagres e castigos impostos pelas circunstâncias, é fator inevitável de construção sócio-histórica do seu povo e se formaliza numa prática de uma ética de um

evento aberto a todos para uma relação de felicidade concreta, partilhada. Efetivamente, essa prática ética se materializa em traços identitários evidentes no passado histórico e nas relações sociais dos itaguarinos.

4.1 A festa do dia 06 de janeiro e exaltação do mito (da bandeira)

A Folia Goiana possibilita a ocupação da Praça São Sebastião e as ruas à sua volta por comerciantes, ambulantes e uma multidão de devotos e turistas. Em local de destaque, um grande palco com som e iluminação é montado para acolher foliões, festeiros e artistas que, respectivamente, efetivam ali o rito de chegada da folia, a passagem das coroas para os novos festeiros e o *show* de encerramento.

O ritual das folias de reis de Itaguari se finda com a sua chegada. Muito embora as três folias de reis aconteçam a partir de 25 de dezembro, somente dia 06 de janeiro é que as três têm atividades comuns, no mesmo dia, porém em horários diferenciados[165]. Logo de manhã, às vezes antes de clarear o dia, a Folia do Brejo Grande faz sua entrega frente ao altar montado dentro da casa dos festeiros, sempre nas imediações da grande região Brejo Grande, jamais na cidade. Foliões com seus instrumentos e galhos se encontram à porta do festeiro. Soltam-se fogos, diferenciando esse dia dos demais. Com foliões e donos da casa, sem a participação do grande público, faz-se a chegada da folia num ambiente já preparado para esse dia com barracas, laços de fitas e luzes. Após o silvo final do embaixador, foliões procuram seus alojamentos, onde vão dormir algumas horas e, seguidamente, se preparar para a festa que acontecerá durante todo dia e depois irem à cidade.

> "A festa do dia 6 [na cidade]... a festa é muito boa! A nossa folia [do Brejo Grande] entrega de manhã, aí nós passa o dia comendo, bebendo e dançando. Durante o dia a irmandade faz a passagem das coroa, apresenta os novos festeiros e segue até de noite. Lá pra depois das nove horas da noite é que o pessoal vai raliando. Aí muita gente vai pra festa de Itaguari. Vai lá ver o show.[166]"

A Folia do Brejo Grande recebe devotos e turistas que, na sua grande maioria, participam dela há anos e são pessoas que nasceram na região ou estão ligadas por laços familiares ou amizades de há tempos. A folia de reis torna-se momento único para rever entes próximos, relembrar o passado, rememorar histórias vividas, contar vantagens, rotinas

---

[165] Sobre detalhes do que acontece na chegada das folias, ver capítulo 2, item 2.5.8.

[166]Entrevista com José Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 08 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

de trabalho, situações de sacrifícios e sucessos. Tudo isso em ambiente animado e acolhedor, regado a comida farta sem exigência nenhuma de colaboração financeira para custear o que durante o dia se gastará. Ao final do dia, muitos vão à cidade assistir ao show de encerramento da Folia Goiana.

Foliões da Folia Mineira se reagrupam na casa dos festeiros para a chegada, que é feita na região rural, de forma alguma na cidade. À casa do festeiro já logo de manhã vão chegando cozinheiros e serventes para o preparo da alimentação. Foliões, igualmente, aproximam-se e bons papos afloram. Depois de dias de descanso (desde o dia 31 último), com a presença do embaixador surge o silvo convocando a todos para ajeitamento dos instrumentos, afinação e alinhamento das vozes. Após definir quem fará cada uma das vozes que compõem o grupo de cantoria (a orquestra do sertão), foliões soltam a voz em rápido ensaio antes da entrega. Esse grupo exige uma quantidade exata de cantadores para efetivar o cantorio proposto, diferentemente do da Folia do Brejo Grande que, em situação de carência de membros, consegue cantar com até três foliões: o embaixador e duas respostas. Se o público dessa outra folia está ligado, efetivamente, aos laços de parentesco e às tradições familiares, o da Folia Mineira tem um pouco dessa característica; contudo, nota-se uma quantidade significativa de turistas presentes. No início da tarde o alimento é colocado à mesa, em volta da qual se canta o "Bendito da mesa", alimentando-se em seguida. Momentos depois, faz-se a entrega, cantando frente ao altar montado na área da casa dos festeiros ou sob as tendas instaladas no terreiro, onde melhor se acolhem foliões, devotos e turistas. A mesa com almoço e doces fica posta para todos durante o dia. Ao findar da tarde, muitos voltam para a cidade para também assistir ao show de encerramento da Folia Goiana.

Na cidade, de manhã, a movimentação não dá tempo para separar a noite do dia: não se vê a noite que se foi nem o dia que, de repente, já clareou, no Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato, onde,há dias dezenas de pessoas trabalham preparando a alimentação. Na festa de 2016 prepararam, só para o dia 06: 25 vacas, 20 porcos, 800kg de frango, 200kg de feijão, 700kg de arroz, só para citar algumas das dezenas de ingredientes que compõem a dieta da Folia Goiana[167]. Todo alimento é doado pela Prefeitura, pela comunidade local e por centenas de devotos e simpatizantes (pessoas físicas e jurídicas) da região e de outros estados. O município recebe anualmente cerca de 20.000 pessoas,

[167]Entrevista com Vanda Rodrigues Santos, realizada por este pesquisador em 21 de novembro de 2015, Itaguari, Goiás.

somando também os que freqüentam as duas outras folias, a do Brejo Grande e a Mineira. É mais do que quatro vezes o número da população do município.

Na véspera do dia 06, vendedores ambulantes montam suas barracas de comes e bebes, brinquedos, utensílios domésticos e outras nas ruas e avenidas próximas ao local de entrega. Na Praça São Sebastião, ambulantes montam suas mesas improvisadas para exporem produtos. Próximo dali, ao lado da praça, um grande palco montado para apresentações diversas.

Figura 27 –Vendedores ambulantes ocupam a praça central, ruas e avenidas da cidade, na véspera do dia 06. O comércio tem crescido a cada ano, de acordo com o crescimento da festa. Foto do autor (2016).

Desde 2006 se tem celebrado missa às 10h da manhã deste dia para foliões, devotos e turistas presentes – presidida pelo bispo, em anos anteriores, e ultimamente pelo pároco local. Nos três primeiros anos foi celebrada sobre o palco e destinada às três folias do município que participavam com a presença dos foliões, dos festeiros e das bandeiras que, no rito de entrada da missa, eram conduzidas e colocadas sobre o altar. Todos os cantos da missa foram escritos para esta celebração utilizando ritmos diversos e cantados por um coral formado por foliões das três folias do município[168]. Ao final da missa, festeiros pegavam as bandeiras e voltavam para suas folias. Durante dois anos (2007 e 2008), a Companhia Arte e Fé de Teatro apresentou, após a missa e sobre o palco, a peça *Teatro de Santos Reis: visita dos três reis magos ao Menino Jesus na lapa de Belém*(GONZAGA, 2007). O elenco, cenário e figurino eram compostos e montados por jovens da paróquia local e outras pessoas da comunidade. O objetivo da encenação era

[168] Ver todos os cantos da Missa das Folias de Reis de Itaguari, em Anexo 12.

apresentar, na forma de teatro, todos os temas bíblicos cantados nas folias de reis, em um espaço e tempo sem atividade das folias, já que a paróquia local se impunha a condição de não interferir na ordem ritual de nenhuma folia, em nenhum momento[169].

Figura 28–Encenação teatral da viagem dos Reis Magos, acontecimento cantado pelas folias de reis, conforme Mt 2, 1-12, na Praça Central de Itaguari. Foto do autor (2007).

À tarde há apresentações artísticas no palco, entrega da folia de reis, coroação dos novos festeiros e show artístico. E a partir do final da tarde até depois do término do show os visitantes das três folias voltam para seus lares.

Figura 29 – Grupo de Catira Orgulho Caipira, de Itaguari, se apresenta para milhares de devotos e turistas. Foto do autor (2016).

[169] Com exceção de alguns anos que festeiros convidaram a Banda Marcial da Polícia Militar da Cidade de Goiás para tocar músicas no início da manhã, as atividades ordinárias do dia se iniciam a partir das 11:30h, com a distribuição da alimentação.

Até o momento tudo parece comum e próprio de muitas festas massivas que acontecem durante o ano no interior do Brasil, não fosse vista sob a ótica do mito e da memória. Por esse olhar é que se analisa o porquê da força motivadora que impulsiona todos que fazem a festa acontecer e, nesse contexto, a importância vital que têm os mitos basilares sustentadores dessa força. Mitos esses que são representações lembradas e rememoradas por cada folião e devoto em gesto celebrativo que compõe todo ritual das folias de reis de Itaguari. Desde o silvo primeiro do embaixador "Tõe Gordo", na Folia Mineira, em 25 de dezembro, passando pelo do Marcos Maninho, da Folia do Brejo Grande a até o último dado por Luizinho sobre o grande palco no centro de Itaguari, entregando a Folia Goiana, tudo isso é evento sagrado, motivado e sustentado pela crença nesses mitos basilares. Estes que se originam em entes sobrenaturais, motivo de existência das folias e que correspondem a necessidades existenciais dos seus seguidores durante toda a vida, em quaisquer circunstâncias.

As milhares de pessoas que seguem as cinco bandeiras das três folias de reis itaguarinas o fazem porque elas são símbolos que representam Santos Reis, os mesmos que fizeram a viagem originária de todas as folias de reis e que atendem ao devoto com curas, bênçãos, castigam quem abusar de seu poder sagrado e colocam o devoto em estado de deslumbramento diante do mistério de sua forma sobrenatural, sagrada. Essa multidão que se reúne dia 06 de janeiro participa de uma celebração popular voltada para o sagrado, para os santos peregrinos e milagreiros que proporcionaram toda essa festa sem custo obrigatório de participação, feito a partir de gratuidades somente. Sobre este dia, foliões, embaixadores e artistas que há tempos vem participando da construção da história das folias itaguarinas, constroem seus pareceres sobre a singularidade da festa do dia 06 da Folia Goiana[170]. Seus olhares, particularmente, servirão também de parâmetros para, a partir deles, analisar os acontecimentos do dia 06.

4.1.1 Foliões, embaixadores e a festa do dia 06

A partir das 11:30h a alimentação já está à mesa, dentro do Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato. Filas se formam. Qualquer pessoa pode se alimentar quantas

[170] Por questão de método e de praticidade, a discussão que segue priorizará a Folia Goiana por ela se diferenciar das outras duas em dois pontos fundamentais, considerando também o objetivo da presente tese: a) é uma folia que se urbanizou mais do que as demais, a ponto de sua saída e sua chegada só serem realizadas na cidade, utilizando-se dos dois maiores espaços públicos municipais: a Praça São Sebastião e o Centro de Cultura e Eventos Sebastião Vigilato; b) ela tomou dimensões de espetáculo, devido: à multidão de devotos e turistas, ao comércio que se instala na praça e arredores para a festa do dia 06 e ao *show* de encerramento.

vezes quiser durante todo o restante do dia e até às 02h do dia seguinte. No início da tarde, artistas goianos e até de outros estados se apresentam no palco. Uma multidão se reúne para assistir às apresentações diversas. Trata-se de um momento espetacular com som estrondoso, luzes com seus flashes reluzentes e multicolores, palco enfeitado com cortina de led, pisca-piscas e sequência de fogos que pontilham o céu no início do *show* de encerramento. O locutor prepara a multidão com vivas, agradecimentos principalmente aos festeiros e pouseiros, pedindo as bênçãos de Santos Reis sobre eles e todos os doadores e serviçais que fazem a festa acontecer.

Três momentos no palco exigem do locutor maior dedicação e são, ao mesmo tempo, atenciosamente acompanhados pela multidão de espectadores, porque de fato são os pontos centrais do espetáculo, da festa: quando da entrega da Folia Goiana no palco, após as cantorias diante do presépio a partir das 14h; a passagem das coroas, no início da noite, quando estão presentes autoridades políticas, civis e eclesiásticas; e a apresentação do *show* artístico da noite, que tem início em torno das 23horas. O *show* dura cerca de duas horas; depois, grupos dançantes se apresentam até às 04 horas da manhã do dia seguinte.

Em se tratando de momento comum do qual foliões e devotos das três folias itaguarinas participam, esse último é o único, além de ter a presença maciça de milhares de devotos e turistas que vêm de outros município goianos vizinhos e de várias regiões do Brasil.

Existe um dizer entre foliões e devotos que é decorrente do impacto que causou o rápido crescimento da Folia Goiana: “A Folia Goiana se transformou numa grande festa de folia”. O fato se dá porque grande parte do público vai a Itaguari no dia 06 de Janeiro para se alimentar e assistir ao *show* na praça pública, sem se dar o compromisso de exercitar qualquer ato devocional indo ao presépio, pelo menos, para beijar o altar e/ou fazer alguma oferta a Santos Reis. Para um dos embaixadores da Folia do Brejo Grande, Divino Ney Ribeiro dos Santos, a Folia Goiana perdeu muito de sua religiosidade, cedendo espaço para atividade profana que, diz, “tem o seu valor”:

> Olha, da Folia Goiana... tive lá umas duas vezes. Tem muita festa e pouca cantoria. Muita festa, dança, mas pouca devoção. Na Folia de Itaguari [Goiana] se canta muito pouco. Faz mais é festa. Uma vez fui ver André e Andrade, de quem eu gosto muito. Ali já passou a parte religiosa, já

> entregou a folia... depois vem o *show*... Mas [o *show*] traz um pouco de felicidade pro povo também, tem o seu valor.[171]

O embaixador inverte seu parecer quando reforça a autenticidade da folia de reis à qual pertence. Para ele folia de reis tem que girar a noite, como ele e seus foliões fazem. Por um motivo óbvio:

> Santos Reis foram guiados pela Estrela Guia. Estrela brilha em que momento do dia? À noite! Então folia que quiser seguir a tradição bíblica verdadeira mesmo, representar os Três Reis do Oriente, tem que girar à noite, viajando como eles viajaram. Nesse ponto, a gente segue a tradição verdadeira. E nunca vamos mudar. Tentaram até mudar uma vez[172], mas a maioria dos folião foi contra e isso nunca vai acontecer.[173]

Luiz Carlos Gomes Frazão, embaixador e morador de Inhumas, lembra de quando se introduziu no quadro de embaixadores da Folia Goiana. Para ele o quantitativo pode ser o causador dessa perda de religiosidade.

Figura 30 – Multidão de devotos participa da festa do dia 06 de janeiro, se alimenta, acompanha a entrega da Folia Goiana, assiste a apresentações artísticas e ao show de encerramento da festa. Foto do autor (2014).

---

[171] Entrevista com Divino Ney Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador, em 31 de fevereiro de 2017, Anápolis, Goiás.

[172] Divino Ney Ribeiro dos Santos comenta que anos atrás Orlando da Candinha, Dito Pimenta e Chiquito do Martins *(in memoriam)* até propuseram que o giro fosse feito durante o dia, alegando mais facilidade para realização e participação dos devotos. A proposta foi negada, veementemente.

[173] Entrevista com Divino Ney Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador, em 31 de fevereiro de 2017, Anápolis, Goiás.

Figura 31 – Para alimentar milhares de devotos e turistas, equipes de cozinheiros e serventes trabalham no preparo das refeições, que no dia 06 tem início às 11h e vai até às 2h do dia seguinte. Foto do autor (2015).

> Há uns 20 anos atrás o velho João de Freitas era festeiro em Itaguari [da Folia Goiana] e faltou folião. Aí o Buruzim citou meu nome pro João de Freitas e já foi me levando pra lá, eu, o Tião Guará, João Guará e o Zé Jacaré. Então começamos na folia de Itaguari. Naquela época era mais pouca gente, então a religiosidade parece que era mais. Parece que o povo fazia as coisa com mais carinho, com mais amor.[174]

O aumento de devotos e turistas parece desfigurar a autenticidade da Folia Goiana, tirando-a de sua religiosidade própria, levando-a a negar o que lhe é essencial, a prática da devoção e da fé, sem relaxamento no comportamento moral. Antônio da Cruz Carrijo, o Tõe Gordo, embaixador da Folia Mineira, é totalmente contrário ao uso de bebida alcoólica na folia. "Folia que é folia não tem 'pingaiada'. Lá [na Folia Goiana] tem demais. Na Folia Mineira não tem. Esse ano mesmo acho que não teve de jeito nenhum. Toma lá uma cervejinha de vez em quando. No tempo do Antônio Camilo já era rigoroso. Tomava lá um pouquinho."[175]

---

[174] Entrevista com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador, em 03 de janeiro de 2016, Inhumas, Goiás.

[175] Entrevista com Antônio da Cruz Carrijo, realizada por este pesquisador, em 25 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

"O mundo já está contaminado por tantas coisas que levam à imoralidade. E coisas que acontecem nas famílias podem acontecer também na folia de reis", adverte Luiz Carlos Gomes Frazão, lembrando que a folia pode proporcionar momento para esse tipo de atividade ilícita.

> Falo de uma forma geral: acontece na Folia [Goiana] coisas que têm acontecido nas famílias também. É um monte de coisa que leva a isso: drogas, televisão... e de repente você vê filhos que não respeitam os pais. O *show* acaba interferindo na espiritualidade se levar a isso, porque folia não é farra, é religião. É momento de oração. E muitos jovens acaba indo lá pra ver os artistas. Antes, eles falava: "vou pra Folia [Goiana] de Itaguari"; hoje, já fala: "vou pra festa de Itaguari". [O *show*] atrapalhou numas coisas, mas sem ele é pior porque a folia cresceu muito.[176]

Mesmo afirmando com veemência que as apresentações e o *show* não têm a sacralidade que têm os dois eventos anteriores, do dia, para foliões esses momentos podem ser de importante valia, porque expõem valores culturais, artísticos de grande apreço para foliões e devotos. "Já fui ver Zé Mulato e Cassiano, André e Andrade, Irmãs Freitas. Dessas duplas eu gosto. Onde tem viola, eu sou apaixonado pelas modas. De Gean e Geovani, por exemplo, eu não gosto não. É umas músicas sem história, não tem fim."[177] Essa afirmação é sintomática: para Tõe Gordo o palco estaria bem ocupado com as presenças de duplas sertanejas raiz, conforme já descreveu. Cantores sertanejos românticos já não o contemplariam. Hélio Mendes, também embaixador da Folia Goiana, adverte que os foliões mesmo não participam do *show* e reforça o gênero sertanejo raiz como o preferível para as apresentações de palco.

> Pega bem, pra quem gosta de festar. Os folião mesmo... tá todo mundo pregado [cansado]. Termina a folia, vai pra casa descansar. Certa vez colocaram lá aquela banda Tora Saia [banda de forró com dançarinas semi-nuas], muita gente não gostou, principalmente o pessoal mais antigo. Agora coloca lá um André e Andrade, Mozart e Mozair... porque o forte da folia é catira, moda sertaneja e viola.[178]

Reconhece-se também a importância da localidade e o fato de ser a Folia Goiana, no que tange à parte do *show*, ponto de encontro de entretenimento favorável às

---

[176] Entrevista com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador, em 03 de janeiro de 2016, Inhumas, Goiás.
[177] Entrevista com Antônio da Cruz Carrijo, realizada por este pesquisador, em 25 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás, Itaguari, Goiás.
[178] Entrevista com Hélio Mendes, realizada por este pesquisador em 26 de fevereiro de 2017, Inhumas, Goiás.

outras folias de reis do município. Pelas declarações acima, as apresentações de palco têm sua importância, desde que seu conteúdo condiga com a expectativa dos presentes. Há também o reconhecimento de que esse momento possibilita o encontro de pessoas em geral e das outras folias, até pela facilidade de locomoção: "o lugar é importante. Tanto é que quando o local da entrega é distante, tem menos participante. Então por a Folia de Itaguari (Goiana) ser na cidade, eu acho que isso favorece muito a participação do povo nela, inclusive pra nós quando vamos assistir o *show* da noite"[179]

Luiz Carlos Gomes Frazão, principal embaixador da cantoria no palco, enumera algumas das vantagens de cantar nesse local: primeiro acha que na cidade não há outro local mais adequado, que "tem que ser ali mesmo, no centro da cidade"; o uso de bons equipamentos de som tem favorecido a escuta de quem está distante do grupo; a visibilidade é fundamental, porque "tem pessoas simples que vêm de longe pra ver a folia cantar e com a multidão de gente, não consegue, "porque também a folia virou um espetáculo: o povo quer ver o grupo cantar, quer tocar na bandeira..." O folião ali,

> no palco... a diferença é que o artista é um profissional e é pago pelo trabalho que ele faz no dia da festa. O folião, não: é um dom de Deus que ele recebe. Não pode cobrar. Eu não cobro nada. Se vem o festeiro e oferece alguma coisa, posso até pegar. Mas cobrar, eu não cobro. Deus é que paga nós dando vida e saúde pra gente. Porque aquilo ali é uma missão que Deus dá, então a gente não pode cobrar de jeito nenhum. Agora, quando é artista e devoto, que nem o André e Andrade, aí acho que também não deve cobrar, como eles nunca cobrou.[180]

Figura 32 – Depois de fazer a cantoria da chegada da folia, no presépio, grupo da Folia Goiana canta sobre o palco, ao lado dos festeiros, palhaços e alferes com bandeiras. Foto do autor (2014).

---

[179]Entrevista com José Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 08 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[180] Entrevista com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador, em 03 de janeiro de 2016, Inhumas, Goiás.

Observações importantes são referentes à liturgia do primeiro momento, ao rito de chegada da folia de reis incluindo a grande exposição de palco. A entrega no palco possibilita melhor visibilidade e audição, ao contrário do que acontece quando os foliões cantam em meio à multidão que se contorce para vê-los e ouvi-los de perto. Porém, há também deficiências: a entrega está sendo feita em dois lugares, diante do presépio e no palco, sendo que neste não tem nem altar, nem presépio, nem bandeira.

> Quando você sai com a folia, aonde tá a bandeira? No altar. Hoje no palco não tem nada. Tinha de fazer pelo menos um altarzinho em cima no palco, pra folia entregar no altar. O certo é entregar no presépio. E lá não tem presépio. Faz a cantoria no presépio e depois entrega no palco? A gente sai com a folia do altar e entrega no palco. Tá errado! Então pelo menos monta um altarzim no palco, só pra simbolizar. Porque tem que entregar com a bandeira no altar e lá não tem nada. Ali, no palco, tá fazendo uma representação da folia. Não é uma entrega. Como é que faz uma entrega sem o altar pelo menos?[181]

O segundo momento importante de palco é o da passagem das coroas. No início da noite o locutor convida os festeiros de então e os novos para conduzir a passagem. À chegada de cada um que é chamado por nome, uma calorosa salva de palmas vem do grande público presente e atento. Depois que se aproximam e colocam-se um ao lado do outro e frente ao público, o comunicador faz agradecimentos e referências a autoridades presentes. É comum a presença de lideranças políticas e certa a presença do prefeito local, da primeira dama, deputado e alguns vereadores. O prefeito tem o seu momento de fala. Se o padre estiver presente, pode ser solicitado para dar uma bênção.

Ao dar início à passagem das coroas, o locutor convida alguma autoridade ou pessoas que tenham expressividade na sociedade ou na folia de reis para, seguindo sua orientação, retirar a coroa do festeiro de então para colocá-la sobre a cabeça do próximo festeiro. Feito isso, cada um dos festeiros – ou alguns deles – falam ao microfone agradecendo a todos pela presença, convidando-os "para o ano que vem" e já pedindo doações. Tendo recebido as coroas, saem no meio do povo para convidar pessoalmente a todos a participarem da folia do próximo ano. Convite especial é feito aos cozinheiros e serventes que trabalham ou trabalharam durante a festa. Ao convidar, o novo festeiro coloca a coroa sobre a cabeça do convidado, dizendo que ele "também é festeiro", que "todos são festeiros", porque "a festa é de todos" e "os festeiros sem o povo não é nada". Depois desse momento cada novo festeiro leva sua coroa para casa e deve cuidar dela até a próxima festa.

[181] Entrevista com Hélio Mendes, realizada por este pesquisador em 26 de fevereiro de 2017, Inhumas, Goiás.

Enquanto isso, se dá a participação do poder público municipal, com fala do prefeito local e de alguma outra liderança política. Também se agradece à Prefeitura Municipal pela sua participação com toda parte de infra-estrutura.

Luiz Carlos Gomes Frazão associa as atividades da Folia Goiana a práticas do catolicismo popular, referenciando a romaria e a sala de milagres como instrumentos que poderiam ser reconhecidos e proporcionados em vista do cuidado para com a fé dos devotos de Santos Reis:

> Traz o nome da folia, de festa... Aquilo ali [festa do dia 06) na verdade é uma romaria! Aqueles artistas faz muito bem. Tem pessoas que vêm e não têm pra onde ir. Então assiste o artista ali... Eles atrai os romeiro que vai pra ver a folia, comer... aí tem o *show* pra assistir... Já disse várias vezes que lá tinha que ter um local, tipo sala dos milagres. Tinha que ter um local assim: fulano teve um milagre, colocava lá uma carta de testemunho, um objeto. É um memorial pra falar disso, colocar lá uma foto... pro povo ver, visitar e aumentar a fé do povo. Defendo também que tem que ter uma escolinha pros adolescentes, pra formar novos foliões.[182]

A gestão das folias de reis no dia 06 de janeiro é responsabilidade dos festeiros. Tão logo finda, estes não têm nenhum compromisso e nem são obrigados a prestar contas do movimento financeiro a ninguém. Alguns até o fazem, mas não existe uma regra que impõe esse dever a todos. Os novos festeiros se preocupam somente com a festa seguinte, organizando-se para isso. Mas se torna cada vez mais evidente a necessidade de uma organização para gerir a Folia Goiana em todos os seus aspectos – mais do que as outras, certamente – pelo fato de lidar com uma multidão de pessoas, de ser o maior evento no município e de gerar problemas que, não solucionados, repetem-se anualmente. Um deles é o da prestação pública de contas por parte dos festeiros. A criação recente de uma associação é a esperança de que esse problema passa ser solucionado.

> Já ouvi dizer de gente que se aproveita de dinheiro que sobra de pouso ou de festa. O combinado não é caro. Tem que combinar antes o que vai fazer com o dinheiro: dar uma cesta pra alguém... coisa assim. Agora, se fizer coisa errada, depois vem a sentença pra ele [castigo de Santos Reis]. Ah... isso vem mesmo. Em Itaguari sei que às vezes sobra dinheiro, mas não sei como é a combina deles, não. Esse ano eles me chamaram pruma reunião... mas não falei nada. Só cantei lá. Aí falaram do registro da folia, parece que ia criar uma associação lá. Então acho que ano que vem vai mudar muita coisa lá.[183]

---

[182] Entrevista com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador, em 03 de janeiro de 2016, Inhumas, Goiás.
[183] Idem.

As presenças e experiências desses foliões e embaixadores das três folias itaguarinas enriquecem de conteúdo a análise sobre a espetacularização do santo, que se dá no dia da festa. No ponto seguinte, a contribuição de André e Andrade, dupla sertaneja, filhos de Itaguari que tiveram nas cantorias da Folia Goiana e nas rezas de terços a influência na construção da sua identidade musical.

4.1.2 Os artistas, a cantoria e a exposição do "santo"

José de Freitas Machado (o André) e Sebastião de Freitas Machado (o Andrade), membros da Família Freitas, formam a dupla sertaneja mais bem relacionada com a Folia Goiana. Ela tem participação efetiva todo ano devido ao vínculo que, historicamente, passou a ter com esse evento folclórico que tem, na festa do dia 06, dimensões de espetáculo. Os irmãos André e Andrade são artistas que se apresentam para multidões em seus *shows*, também em Itaguari, no período de realização da Folia Goiana. Contudo, com esta diferença: cantam para Santos Reis, sem nenhum custo, na folia que os ensinou a cantar.

A Família Freitas tem uma participação diferenciada na Folia Goiana. Como já moraram no município, os patriarcas João de Freitas Machado (*in memoriam*) e a esposa Maria José Pereira, com seus filhos participavam ativamente da folia: João de Freitas tocava cavaquinho, José e Sebastião, seus filhos, começaram logo cedo a responder os versos cantados pelo embaixador. E logo "Tião Moreno e Zé Pretinho", primeiro nome artístico da dupla, com suas irmãs Ana Lúcia e Luciana (as Irmãs Freitas), tornaram-se os representantes da família na Folia Goiana. Mais tarde: os representantes da Folia Goiana para quase todos que moram noutras localidades fora do município. Foliões e moradores de Itaguari reconhecem a importância dos artistas no crescimento rápido da folia, pela sua história, presença nos pousos, chegadas e divulgação da festa no mundo artístico sertanejo e na grande mídia.

O particular que interessa aqui, contudo, é que a história da Folia Goiana que André e Andrade e sua família ajudaram a construir é a mesma que construiu sua identidade musical, tornando-os uma das duplas sertanejas mais expressivas do estado de Goiás. Por tão importante ser tal fato, torna-se importante, igualmente, sua compreensão sobre a história da Folia Goiana e os acontecimentos do dia 06. A história da Folia Goiana passa pela influência de André e Andrade, a dupla que faz questão de destacar o gênero musical que adotou ("o caipira, o sertanejo"), e a identidade musical que construíram a partir de

influência das cantorias da Folia Goiana e das rezas de terço dessa mesma folia. O registro e exposição dessa história André e Andrade o fazem recorrendo a lembranças vivas guardadas na memória que têm dos acontecimentos que viveram e presenciaram em tempos de giros da Folia Goiana, há dezenas de anos atrás. Empolgam-se e se emocionam quando o assunto é Santos Reis e sua história na Folia Goiana. Citam detalhes da origem, de quando começaram a cantar no grupo, de seus iniciadores.

> Olha, sobre Santos Reis, a gente não tem nem palavras. Debaixo de Deus, a Folia (Goiana) significa nossa vivência: o que conseguimos até hoje, conseguimos de lá. Começamos a cantar lá, nas respostas das cantorias. O senhor Nequinha dizia pra gente: "Ocêis é caipira!, Ocêis é caipira!"[184] Aprendemos a cantar com Zezim Zabel; depois veio Antônio da Luz, Daniel, João Nequim, Nezinho Nogueira [pai do Jovenor, hoje também embaixador], Crioulo, Caetano Bueno e Zé do Buteco.[185]

A participação da dupla Tião Moreno e Zé Pretinho era efetiva, quando jovens e moradores de Itaguari. Mesmo em meio a dificuldades básicas, o ritual existente trazia mais atividades devocionais e de entretenimento, mais do que os existentes nos dias atuais, como parte da Folia Goiana propriamente.

> Antigamente a gente acompanhava a bandeira: aonde a bandeira estava, André e Andrade estava ali, acompanhando os seis dias. A gente ficava ali, pousava ali, acompanhando a bandeira até o pouso. Às vezes, tinha só um par de roupa. A noite, no pouso, a gente chegava com aquela roupa – porque era noite e dia com ela – mas tinha que chegar com aquela roupa para a recolhida [chegada]. No dia 6 de janeiro era a festa. Aí, como que a gente fazia? No último pouso a gente ia embora pra lavar aquela roupa que já estava toda suja de barro... porque eram seis dias com um par de roupa só [calça e camisa]. Era o que tinha, não tinha outro. Hoje mudou muita coisa. Antigamente, pouso era no paiol, no bacheiro, ficava até às 3h da manhã cantando em pouso. Dormia é na casinha de bezerro; a devoção inocente, pura. Todo pouso tinha catira, terço e forró, mesmo só com uma sanfoninha. Neste ano não vi catira. A mudança é muito brusca. Antigamente todo pouso tinha terço. Era janta, terço e catira. Agora a gente vê pouco terço e catira. A tradição do passado era muito bonita. Não tinha foguete não, tinha revólver. Era tiro pra todo lado. Até hoje só vi uma tragédia, a da recolhida no bom sucesso, início dos anos 1960: Jovêncio Batista se enraiveceu porque a folia não passou na sua casa para pegar a oferta. Embriagado, ele pensou que foi o festeiro Omelândio que era o culpado de não ter passado lá. Pois ele foi lá, no pouso, e matou o Omelândio. Mas na hora o Belino, irmão do Omelândio, deu uma paulada

[184] A expressão se refere, nesse contexto, à dupla que canta música caipira.
[185] Entrevista com José de Freitas Machado (André) e Sebastião de Freitas Machado (Andrade), realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

> na cabeça dele e disse: "Olha, gente, ta ai: agora ocêis acaba de matar". Depois veio outro e acabou de matar o Jovêncio[186].

Em meio a esses desafios, comuns às famílias circundantes da época, os irmãos "Zé" e "Bastião" começaram a cantar respondendo os versos entoados pelo embaixador, participando das respostas na cantoria. Depois, quando vinha a hora de rezar o "Bendito da Mesa",

> logo alguém dizia: "Oh... cadê os filhos do João de Freitas... traz, lá! Oh Zé, cadê o Bastião... Chama os meninos do João de Freitas pra ajudá nóis cantá..." Ali a gente colocava a terceira voz, a quarta voz... e todo mundo gostava de nos ouvir cantar. Por exemplo, quando a gente cantava na hora de pedir oferta: "Os Três Reis envai girando,/ Nessa hora que chegou. (Bis)// Ele está pedindo oferta/ Prêce nobre morador". (Bis)// [Outra forma estrófica:] "Santo Reis lhe pede oferta, // Mas não é por percisão[187], (bis) /Ele quer só esprementá// Quem tem o bom coração."[188]

Dessa forma, na vivência espontânea dos valores culturais de sua época, André e Andrade participavam das cantorias da Folia Goiana, inclusive dos "Benditos da mesa":

> Deus vos pague a boa janta, (Bis)
> Deus seja sua defesa.
>
> Os Três Reis do Oriente (Bis)
> Que abençoe a sua mesa.
>
> Deus vos pague o bom almoço, (Bis)
> Que vós deu pros folião, ai.
>
> Do outro lada da mesa, foliões respondiam:
>
> Lá no céu vóis acha outro, (bis)
> Na mesa de São Simão, ai.

Andrade lembra saudoso do que acontecia depois que faziam a chegada da folia: "Naquele tempo[189], quando terminava a folia, todo mundo ia embora. Lá na porta da fazenda, frente à casa, ficavam os cavaleiros emparelhados, fazendo um arco com a

---

[186] Idem.
[187] André interrompe a cantoria para explicar que naquele tempo não se falava precisão, como cantado agora, mas "percisão".
[188] "Essa música, destacam André e Andrade, era a música primeira que nós conhecemos, cantada pelos embaixadores que conhecemos. Essa foi a música que nós aprendemos a cantar nas respostas da folia. Onde nós começamos a cantar, lá em Itaguari. Era a música padrão cantada nos pousos e na recolhida, naquele período em que a gente morava lá (1962-1973). E a origem dela, a autoria, não sabemos de onde veio".
[189] De 1962 a 1973, período em que moraram em Itaguari e frequentaram assiduamente a Folia Goiana.

bandeira do galho esquerdo de um lado e a bandeira do galho direito de outro. Então a gente cantava[190]:

> Lá vai a bandeira embora,
> Nessa hora pega vôou. (Bis)
> Se deixamo algum agravo,
> Santo Reis que nos perdoooa...[191]

No decorrer da folia, como parte do ritual ou para atender o dono da casa, geralmente em decorrência do pagamento de algum voto, se rezava o terço com algumas partes cantadas. Os filhos de João de Freitas também participavam dessa reza, das cantorias, como esta, o "Bendito e louvado seja":

> Bendito, louvado seja.
> É o santíssimo sacramento. (bis)
>
> Os anjos, todos os anjos.
> Louvem a Deus, para sempre. Amém. (bis)

Foi a partir daí, da participação nas cantorias das folias e das rezas de terços da Folia Goiana que "Tião" e o "Zé", filhos de João de Freitas, começaram a despertar para a música. No decorrer do ano, nos momentos de trabalhos exaustivos da roça, passaram a cantar, os dois, músicas do cancioneiro caipira nacional, procurando impregnar nessas músicas "mais sentimento" para que ficassem ainda "mais bonitas". A mudança se deu mui naturalmente, transformando Sebastião e José em Tião Moreno e Zé Pretinho: "A Folia de Reis Goiana marcou na nossa vida. A gente estava cantando folia. Então, aí, de repente... começamos a cantar modas de viola, ali, nos catiras, no meio das folias, como esta, por exemplo, de Vieira e Vieirinha, que foi uma das primeiras:

> Oi, minha viola já foi arve,
> Deu pinheiro e deu pinhão.
> Ai to com ela nos meus braços,
> Defronte o meu coração.
>
> Oi, lá no bairro onde eu moro,
> Assim o pessoal suspeita:

---

[190] Os versos seguintes foram cantados por Sebastião de Freitas Machado (Andrade), em entrevista realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

[191] Cantados compassadamente, esses versos, ao seu término, têm a "matadinha" (ou arremate): a voz é alongada a partir da sílaba oxítona ou diminuindo lentamente, tal qual se faz em cantorias de folias de reis e em cantos de rezas de terço.

> Eu sou inventor de modas,
> Peço as dúzias por empreita.
> Sento na beira da mesa
> Oi tiro os bloco da gaveta.
>
> No prazo de duas horas
> Fica quatro moda feita.
> De dia eu faço de ideia,
> Confio na caderneta.
> Moda de verso dobrado,
> Conforme vem na receita.
>
> Nós só trabalha nesse artigo,
> Na ocasião de muito aperto.
> Tenho fome, mas não como;
> Tenho sono, mas não deito".

O ambiente, a cultura local com todas suas significações proporcionaram a Tião Moreno e Zé Pretinho condições para que se tornassem uma dupla sertaneja raiz, inicialmente:

> [...] a nossa essência musical nasceu dessas melodias, desse folclore, lá, das nossas raízes. Rancando toco, lá nas roças, a gente cantava essas melodias o dia inteiro. E elas foram nos despertando para um estilo diferenciado, para ir formulando o nosso próprio estilo, cantando músicas caipiras mesmo[192].

Depois, tornando-se profissionais, a dupla se tornou André e Andrade, cuja musicalidade – como eles mesmos dizem – teve influência direta da Folia Goiana, deu um sentimento muito particular às músicas que compuseram e/ou cantaram.

> [...] deu malícia, aquele "dilurimento", como dizia Geraldinho Nogueira. Com Zezim Zabel, cantamos músicas de Praião e Prainha, Silveira e Barrinha, Silveira e Silveirinha, Os filhos de Goiás, Tião Carreiro e Pardinho, Tibaji e Miltinho, Jacó e Jacozinho, Pedro Bento e Zé da Estrada, Creone e Barrerito. Terminada as cantorias, nos intervalos, a gente cantava essas músicas. Depois, Deus nos deu a luz e a gente foi se preocupando com a nossa identidade musical[193].

As músicas de André e Andrade são "chorosas", têm aqueles "arremates" ou "matadinhas", que são conclusões dos versos de forma alongada e diminuindo o volume gradativamente, às vezes com um "*ai, ai, ai!"* dolorido, melancólico, à semelhança do que

---

[192] Entrevista com José de Freitas Machado, realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.
[193] Idem.

há em cantorias e "Bendito da Mesa" das folias de reis e rezas de terços das quais participavam. Com sua "identidade musical" construída a partir desses valores e da qual não abrem mão porque são artisticamente a sua identificação, procuram produzir e cantar músicas voltadas para suas raízes, que falam do modo de vida, dos sentimentos, da cultura sertaneja.

Essas características são evidentes em suas músicas. É o caso de "Flor do Ipê", de autoria de Djalma[194], mas que teve a participação de André e Andrade naquilo que lhe é característico: a chorosidade, o arremate do verso com o "ai, ai, ai!".

> Eu nasci no mês de agosto,
> O mês do flor do ipê.
> Os campos ficam floridos
> Que dá gosto a gente ver.
>
> Mas para mim é tristeza,
> Não posso me compreender:
> Eu nasci no mês de agosto,
> Mas foi só para sofrer, ai, ai, ai[195].

Várias outras composições, suas ou de outrem, passaram a ter esses traços quando interpretadas pela dupla, sendo que em algumas delas tiveram que fazer mudanças ou adaptações[196].

A família Freitas participou, efetivamente, da festa que marcou o início das apresentações em palco. Aliás, foram membros de sua família que primeiro tiveram a ideia de montar (e montaram) o palco na Praça São Sebastião, diante da justificada necessidade.

> Foram os meninos[197] que colocaram na cabeça que tinha que colocar um palco[198] ali pra levar o som pra todas as pessoas, e que ao final nós e as

---

[194] Folião, "roceirão de Taquaral de Goiás que nem nóis mesmo", diz André, que chegou a formar a dupla Djalma e Dinei.

[195] André lembra que esta música foi cantada inicialmente pelo seu compositor, Djalma, quando lha apresentaram, mas que ele e seu parceiro, Andrade, a moldaram à sua maneira. Dessa forma, tornaram-na chorosa, com as características identitárias de André e Andrade, fazendo-se por isso co-autores da música. Tal processo aconteceu também com Estrela de ouro, de Tião Carreiro e Ronaldo Adriano. "Criamos uma identificação da dupla André e Andrade", diz José de Freitas Machado, o André.

[196] É o caso de: "Índio sertanejo", "Estrela de Ouro", "Pássaro sem ninho", "Cama fria", "Mataria", "Só por telefone", "Devagar, devagar" e "Deixe as águas rolar".

[197] Seus irmãos Ronam, Divino e Pedro que atuam no mundo artístico como empresários, promotores de duplas sertanejas e eventos.

[198] A instalação do palco e do som foi também para divulgação da cantoria para o grande público. O microfone sem fio é usado para captação da voz do embaixador e dos demais do grupo e distribuída a partir do palco para todos os presentes.

> Irmãs Freitas[199], fizéssemos um show para o povo presente, pra acabar de respaldar aquele acompanhamento da devoção. Nesse ato, eu e o Andrade fomos contra. Houve até uma grande discussão ali. Porque não se pode tirar a essência da folia, porque folia de Santos Reis não tem isso: ela não é simplesmente um símbolo, um [evento] histórico. Eles disseram: "não, mas tem que ter uma coisa maior pro povo ver vocês e lá de longe participar. Porque senão, só faz aquela rodinha em volta do altar e muitas pessoas ficam "derrubando" um aqui, outro ali, pra chegar e ver, mas não vê. Aí vão dizer: 'ah, eu queria ver e ouvir a cantoria, mas o povo não deixou'.[200]

Embora reconheçam a necessidade da instalação do palco, os artistas continuam achando que ele pode tirar a "essência" e a "tradicionalidade" da Folia Goiana, diminuindo a sua densidade religiosa. O que aconteceu foi que, com suas participações, amigos artistas foram convidados ou ficaram sabendo do palco e grande público presente na "folia do André e Andrade". E com sua influência direta e indireta, somam-se inúmeros artistas que já passaram por lá, cantaram ou tocaram sem nenhum custo para o pouseiro ou para o festeiro, conforme diz um dos artistas:

> Galvan e Galvãozinho, Zé Mulato e Cassiano, Mozar e Mozair, Gino (da dupla Gino e Geno), Zico e Zeca, Paulino (da dupla Di Paulo e Paulino), sanfoneiros: Nhozinho, Tostão, Elis Filho, Voninho (com Mayda e Marcelo), Chodó (da dupla Gino e Geno), Floreaninho e Mirandinha, Juliana Andrade, Marcos Violeiro e Clayton Torres, Kleiton e Kárem, Dalmi (da dupla Sinval e Dalmi); irmãs Barbosa; Marrequinho (da dupla Marreco e Marrequinho), Luiz Rocha (apresentador do programa da TV Câmara, Brasil Caipira), Wolmir Batista e Aparício, Mozar e Moacir, Mozair e Luiz Mulato, Samuel (da dupla Ed Brito e Samuel), Renato e Rafael, Lázaro Santos, Rei Gaspar e Baltazar, Jairo Cesar e Rafael (gaúchos), Israel e Rodolfo.[201]

E a Folia Goiana foi crescendo em número de participantes. Anualmente tem crescido sistematicamente, ficando a impressão para muitos de que a dupla sertaneja e familiares, além terem contribuído enormemente para isso, deixaram no município uma história de simplicidade e participação.

> André e Andrade... pra Folia de Itaguari (Goiana) eles é peça muito importante. Teve uma época que ela parou, e quem aprumou ela foi os Andrade. Tem gente que parece que se não vê eles na festa, parece que fica

---

[199] Na época, Ana Lúcia e Luciana que formaram dupla sertaneja Irmãs Freitas. São irmãs de André e Andrade, gravaram vários discos do mesmo gênero e também participam ativamente da Folia Goiana.
[200] Entrevista com José de Feitas Machado, realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.
[201] Idem.

> faltando alguma coisa. André e Andrade já giraram até na Folia do Brejo Grande. Pra nóis eles era 'Tião Moreno e Zé Pretinho', era o nome da dupla. Eles parecia dois bois de carro: bem entoados, de voz afinadinha. Eles são simples demais. Antigamente eles tocavam na Rádio Bandeirantes de Itaberaí com a viola do Zezim Zabel, embaixador da Folia Goiana na época, porque nem viola eles tinha.Eles vieram em muita festa nossa. Chegou a cantar com a gente. Mas cantava na folia mesmo, nos giro.[202]

Com cautela, André a Andrade concordam de serem uns dos responsáveis pelo crescimento da Folia Goiana, hipotecando ao mesmo tempo essa responsabilidade a inúmeros outros foliões ou colaboradores do município ligados à Folia Goiana.

> Nós nos sentimos em parte responsáveis por este crescimento, sim. Mas ali tem os *Irmãos Oliveira*[203], que têm suas raízes; a família Maturo, o avô dos Irmãos Oliveira, senhor Cândido Vidal e família, que é um dos fundadores da folia; a família Moreira (do Té Moreira, Ângelo Moreira), família Procópio, família do Zezim Zabel, família Inhanbu... Todo o povo da região onde tinha pouso: tinha pouso no Joaquim Temóteo, Dito da Silva, Bastião Teodoro, Joaquim da Barbita. Então essas pessoas citadas – e as não citadas que não lembramos –, todas, são também responsáveis e fizeram com que a Folia de Santos Reis Goiana crescesse e permanecesse. Agora o André e Andrade, talvez por sermos mais entrosados na mídia, nos sentimos na incumbência de participarmos todos os anos na Folia de Reis de Itaguari (Goiana), porque foi lá que nascemos. Então acho que a gente não pode virar as costas pras pessoas que nos viram nascer, crescer e continuar a nossa luta, abaixo de Deus, com o apoio deles também. (Tio Braz de Souza Moreira foi quem me deu a primeira viola profissional. O Zezim Zabel foi quem nos levou pela primeira vez em programa de rádio[204], a primeira vez [que fomos] à televisão foi ele que nos trouxe, em 18 de janeiro de 1970). Então tantas coisas que nos fazem responsáveis pela folia de reis de Itaguari (Goiana). Porque se André e Andrade estão aqui, temos que agradecer primeiro a Deus, a Santos Reis e aquelas pessoas que nos rodeavam antes e nos davam incentivo. Dessa forma é que nos sentimos responsáveis pela Folia de Reis de Itaguari (Goiana), que tomou uma dimensão muito grande, e nos sentimos muito felizes por isso e em participar todo ano de pelo menos um dia[205].

---

[202]Entrevista com José Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 08 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

[203] Irmãos Oliveira é de família tradicional na região e tornaram-se conhecidos por formar um importante grupo de catira que traz o mesmo nome. O grupo é formado por: Zelão, Divininho, Amarilho, Ludmila, Jesus e Amadeu.

[204] Programa à época conduzido por Irondes José de Morais, ex-prefeito de Inhumas.

[205] Entrevista com José de Feitas Machado, realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

André e Andrade construíram uma carreira de sucesso. Até o momento gravaram 20 CDs e 2 DVDs. Tião Moreno e Zé Pretinho cantam e tocam para multidões no estado de Goiás e de outros estados do Brasil. Sentem-se em família quando participam da folia. hoje, conhecidos e admirados como são, quando vão à Folia Goiana temem não poder atender a todos. Por isso e pelo cansaço só vão à folia em momentos centrais e que tem certeza que podem, mesmo em curto tempo, atender a todos carinhosamente. Lá, no meio dos devotos, sentem-se Tião Moreno e Zé Pretinho, em casa. Igual sentimento tem demais foliões e embaixadores pesquisados, da Folia do Brejo Grande[206], da Folia Mineira[207] e outros da Folia Goiana[208].

Figura 33 – A dupla Tião Moreno e Zé Pretinho, que aprendeu a cantar nas respostas das cantorias e rezas de terços da Folia Goiana, tornou-se André e Andrade, de fama nacional, cujas músicas tiveram influência direta da folia de reis itaguarina. Foto: site da dupla (www.andreeandrade.com).

---

[206] Para Divino Ney Ribeiro dos Santos, "A Fé, a devoção, a amizade e a família. A folia traz uma união que a gente não vê na cidade. Na cidade é um querendo fazer escada do outro. Então é um presente de Deus aquilo ali [a Folia do Brejo Grande]. Parece que o peso que carreguei durante um ano, descarrego lá em sete dias. Eu volto renovado. Chego na fazenda [Brejo Grade]... lá encontro pessoas que não troco por dinheiro nesse mundo, pessoas que nem o Zezinho [José Sobrinho de Oliveira], meus primos, muita gente. Quando eu casei, eu disse a minha esposa: me peça qualquer coisa, mas não me peça pra deixar de ir folia [do Brejo Grande], não" (entrevista realizada por este pesquisador, em 31 de fevereiro de 2017, Anápolis, Goiás.

[207]Para Antônio da Cruz Carrijo, o Tõe Gordo, da Folia Mineira, a "fé", os "companheiros" e a "amizade" são a "coisa melhor que tem". Em Itaguari "uma [folia] ajuda a outra: o Divininho Oliveira, o Bruno [da Folia Goiana]... todos nos ajuda. E se precisar de alguma coisa, eles arruma na hora. É o Leandro (da Marlene), o Sr. Emílio, o Jair, o Baltazar... tudo ali é bão demais" (entrevista realizada por este pesquisador, em 25 de dezembro de 2016, Itaberaí, Goiás).

[208]Luiz Carlos Gomes Frazão diz também se sentir "em casa", estando em Itaguari. O povo o trata muito bem. Os sacrifícios que enfrenta são logo superados com o apoio dos companheiros. E se há algo de errado, talvez seja fruto do destino, não da maldade de alguém. Diz ser a "união em Itaguari" algo muito bonito. E nessa mesma linha de reflexão é que se lembra do padre local: "O padre está sempre rente com a gente. Tem a missa todo ano, abençoa os folião... Então é uma união muito bonita que envolve todo mundo".

Por fim, André e Andrade destacam os valores que trazem consigo, a humildade e a simplicidade: "Deus tem nos dado esta luz: nós nunca nos sentimos superiores a ninguém. Pode ser a pessoa mais simples, nunca nos sentimos melhor do que qualquer pessoa"[209]. E atribuem a Deus e a Santos Reis, bem como à própria vida todo sucesso que conquistaram até então. Sebastião de Freitas Machado é enfático, quando perguntado se já foi agraciado com algum milagre:

> Pra te falar a realidade, eu sou de Santos Reis. Quando tinha 6 anos saiu uns negócios na minha cabeça e no pescoço e papai fez uma promessa que se eu ficasse curado, se Deus me desse cura, meu pai me daria para Santos Reis. E que enquanto vida eu tivesse, era para eu cantar para Santos Reis. E Santos Reis é tão bendito na nossa vida, é tão presente[210]... que me reestabeleceu. E nós nos unimos, formamos dupla e estamos aí, em 2017. Então... Santos Reis é milagroso e não queira ninguém desfazer desse prodígio que é Santos Reis. A visita de Santos Reis ao Menino Jesus, para nós, é muito importante. Levamos isso muito a sério: parece [diante do presépio] que eu estou vendo, ali, o Menino Jesus na Lapinha de Belém. A gente vai lá, e vai com tanta fé!.[211]

José de Freitas Machado conclui:

> A gente reconhece esses milagres, porque a nossa existência, da dupla André e Andrade, é um milagre que nós não sabemos expressar em palavras. É muito grande, é muito profundo saber de onde saímos, de onde começamos e aonde nós estamos. Nós só temos que agradecer ao Nosso Senhor e aos nossos Santos Reis. E além disso, eu não tenho mais palavras.[212]

Foliões, embaixadores e os artistas pesquisados, como se pode notar, possuem lugares de fala e experiências diferenciados. E essas experiências e convicções se dão inseridas numa sociedade em processo de espetacularização. Compõem o arcabouço que serve de base para reflexões em vista da construção do passado sócio-histórico itaguarino por meio da descrição do passado de suas folias de reis.

Espetáculo aqui está para além de uma grande atração pública destinada a impressionar e a entreter. Guy Debord (1997), em *A Sociedade do espetáculo*, é referência

---

[209] Entrevista com José de Freitas Machado e Sebastião de Freitas Machado, realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.
[210] Neste momento os olhos de Sebastião de Freitas Machado lacrimejaram e ele chora de emoção, ao falar do porquê é devoto e canta para Santos Reis.
[211] Entrevista com Sebastião de Freitas Machado, realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.
[212] Entrevista com José de Freitas Machado, realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

teórica importante para pesquisadores que quiserem tratar da temática “espetáculo” na sociedade moderna porque aprofunda o sentido desse termo que aqui se adota.*ASociedade do espetáculo* se caracteriza por ser mediada por imagens, por meio das quais a lógica do intercâmbio da mercadoria atingiu toda a vida cotidiana. Debord tem um ponto de partida, formulado na primeira tese de seu livro: “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos.* Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (1997, p. 13). Espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagem” (1997, p. 14). Ademais, “o espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão maciça das imagens. Ele é uma *Weltanschauung* (cosmovisão ou mundividência) que se tornou efetiva, materialmente traduzida. É uma visão de mundo que se objetivou” (DEBORD, 1997, p. 14). Espetáculo no geral é, simultaneamente, “o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha jáfeita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a *presença permanente* dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna” (DEBORD, 1997, p. 14/5).

A sociedade itaguarina participa do processo de espetacularização à medida que traz aspectos comuns à sociedade da qual trata Debord. É mediada por imagens produzidas pelo mercado que atende o modo de produção capitalista, cria nas pessoas necessidades e procura atendê-las com produtos, buscando alimentar essa produção e seuconsumo num processo permanente de exploração e acumulação. De princípio, as folias de reis têm práticas contrárias a essa sociedade e representa uma oposição a ela por vários motivos. Basicamente, porque são estímulo à partilha(não à acumulação), tanto de bens materiais como de serviços que são doados para a realização das folias de reis; e estão abertas a todos – sem custo que não seja pela doação espontânea –, para uma convivência fraterna e farta de alimentação. É evidente, entretanto, que na festa do dia 06 de janeiro, da Folia Goiana, algumas situações surgidas nos últimos anos levam à afirmação de quea espetacularização está presente. Há um grande público quevai a esse evento para assistir ao *show* de

encerramento, sem nenhuma obrigação devocional; há um número significativo de comerciantes que participam da festa para vender seus produtos; e a própria folia, em parte do seu rito, se faz imagem espetacularizada quando se apresenta ao palco para atender às expectativas da multidão, fazendo ali uma "representação", já que a folia é entregue antes, no presépio, e o local não é preparado adequadamente para concluir o rito de chegada da folia.

4.2 Entre milagres e castigos, a construção sócio-histórica

As folias de reis itaguarinas representam uma prática cultural, folclórica. São originadas e sustentadas por uma mesma base mítica e diferenciam-se uma das outras pela formação e desenvoltura adquiridas no decorrer da história. Como já se evidencia, sua eficácia depende de sua sustentação: os mitos basilares. E suas ações, repetidas no curso da história, tornaram-se costumes, formaram tradições, proporcionando sociabilidade fraterna por meio de sua solidariedade histórica. Estruturou-se em valores que se cristalizaram na forma de paradigmas, tornando-se referências para as folias de reis, em meio aos conflitos internos a cada uma e a mudanças ocorridas no passar dos anos. As folias de reis constroem, assim, uma ética que espelha, ao mesmo tempo, características identitárias das folias itaguarinas.

4.2.1 Folias de reis: uma prática da *ética do bem viver*

No tempo de realização das folias de reis se procura viver com intensidade enquanto o tempo durar. Vive-se para o aqui e o agora. As coisas não têm valor de mercado, nem para vender, nem para consumir. A elas são impregnados outros valores, signos sagrados. Por isso quem doa apenas seu serviço ou um litro de óleo deve ser tratado com a mesma dignidade dirigida àquele que doa uma vaca ou mais. Diferentemente do mercado que, sob a ordem do sistema econômico estabelecido, impregna determinados valores aos serviços e produtos, as prestações de serviços e doações encaminhadas às folias são igualadas na dignidade e significação. Consequentemente, a alimentação que surge daí é distribuída gratuitamente a todos, consumida no ambiente sagrado, onde há, além de alimentação, acolhimento, espaço para dança e qualquer pessoa pode participar sem se submeter a nenhuma ordem de pagamento. Quanto aos serviços, acontece uma inversão de funções: "na folia de reis o empregado vira patrão e o patrão vira empregado". Pessoas de baixa renda, aposentadas ou desempregadas, comandam cozinhas, pousos, festas e

embaixam folias. Estas mesmas dão “ordem” a quem no dia a dia é “patrão” e ali, na condição de doadores, festeiros ou pouseiros, descascam alimentos, montam barracas, catam lixo e se ajoelham diante da bandeira, levantando só quando o embaixador (outrora empregado) determinar. E tudo é feito com humildade e explícita submissão.

Percebe-se em situações como essas, de doação, partilhas e inversão de posições sociais, orientações paradigmáticas, construídas no decorrer da história e que orientaram (e orientam) foliões e devotos a se conduzirem nessas mesmas práticas dando, num determinado tempo do ano, outro sentido às coisas e às suas relações sociais. São fundamentos que formam a ética das folias de reis de Itaguari. Para Brandão (1992), são fundamentos próprios do Catolicismo Popular, assemelhando-se em muitos aspectos aos do Catolicismo latino-americano. Brandão (1992) trata de valores específicos que formam o que ele chama de a *ética do bemviver,* que é uma construção centenária não só das folias de reis, mas de demais grupos populares religiosos que formam o “Catolicismo Popular Brasileiro”. Acrescenta que no Brasil se formou, com o afastamento das folias de reis das liturgias solenes celebradas dentro das igrejas e em procissões fora delas, o “Sistema do Catolicismo Popular”.

Brandão diz que o “Catolicismo popular brasileiro” tem algo peculiar, comparado à lógica de outros sistemas continentais. Primeiro, sua abertura: “supõe-se, como um princípio evidente, que suas crenças, suas práticas devocionais, sua mensagem e sua esperança de salvação estão abertas a todos” (BRANDÃO, 1992, p. 105). Segundo, sua ética é relacional, dirigida a pessoas do dia a dia, “familiares, parentes, vizinhos e amigos, companheiros de vida e de trabalho; dirige-se a feixes de relações entre pessoas terrenas e pessoas sagradas...” (BRANDÃO, 1992, p. 105). O exercício da virtude se dá numa relação de qualidade com o outro, mais de que numa atitude espiritual em busca de santificação ou de submissão institucional. E terceiro, a salvação e a felicidade da pessoa. “A ética do Catolicismo do povo dirige-se à salvação da pessoa e também à realização de sua felicidade terrena. (...) Ela é mais uma *ética do bem viver* a vida de todos os dias do que um tipo de ética sectária da expectação próxima de um fim do mundo, com todas as suas conseqüências” (BRANDÃO, 1992, p. 106).

Essa *ética do bem viver*, para Brandão, enfatiza “principalmente o exercício da justiça e da generosidade” social, do dia a dia vivido pelo cristão. O homem virtuoso é aquele que cumpre o mínimo de seus deveres religiosos, que vive do seu trabalho e pratica, por conseguinte, gestos concretos de amor: “a hospitalidade, a generosidade, a disposição à

ajuda mútua e, em síntese, a ‘bondade’ não interesseira” (BRANDÃO, 1992, p. 121). Essas práticas concretas que se dão no tempo presente e nas relações espontâneas e solidárias do cristão é que vão dizer se ele é um “homem do bem” ou não. O “homem do bem” que participa das folias itaguarinas na condição de folião ou devoto faz sua oração de modo “simples”, rezando, cantando, e sobre essa simplicidade é que a festa dever ser erigida. Certa de sua capacidade de evangelizar e, ao mesmo tempo, de sua necessidade do Evangelho, a Igreja local inclui em sua atividade pastoral a aproximação aos grupos de folias de reis da diocese, incluindo as de Itaguari.

4.2.1.1 “Nossa reza é simples” e “a festa é do povo”

O cantorio das folias de reis para foliões e devotos, além de ser o condutor principal do ritual sagrado que celebra Santos Reis, é uma forma de oração, de reza. Sob a ótica de princípios, ela preserva valores fundamentais que servem de motivação para todos os que se dedicam à realização desses festejos. Brandão (1992) comenta sobre o que mais importa para o cristão popular, o seu parecer e visão de mundo a partir de sua experiência e envolvimento com os ritos sagrados. Humildade, honestidade e paciência são algumas das marcas do cristão que participa dos grupos religiosos populares.

> [...] se entre os cristão populares uma vida virtuosa sugere a todos serem *bons* sem serem necessariamente *santos*, no sentido formal e individualista da ideia, entre cristãos de elite ou sectários, uma fé ativa e exclusiva de “escolhidos” e/ou de “separados” exige de todos serem*santos* sem serem obrigatoriamente *bons*. “Bons” no sentido popularmente católico do preceito: tolerantes, humildes, honestos, não opressores, hospitaleiros, abertos ao perdão e generosos” (BRANDÃO, 1992, p. 121).

Se portadores desses valores, o cristão saberá interpretar os fatos diários e reconhecer que tudo que acontece à sua volta, incluindo a “dor” e o “sofrimento”, tem a “vontade divina”. Entende que Deus é “sábio” e “bom” e tudo que acontece de “positivo” passa por sua vontade. Contrariamente, os malefícios humanos partem da maldade humana, cabendo à pessoa se dedicar à prática do bem para *bem viver* neste mundo e no mundo vindouro, eterno, no pós-morte. “A prática humilde e paciente do ‘bem entre todos’, para que todos vivam em harmonia, poderia ser a síntese do imaginário da ética do Catolicismo Popular” (BRANDÃO, 1992, p. 121). E o “amor” e o “respeito” são o sentimento e a intenção que melhor expressam “a vontade de Deus e tornam possível o *bem viver* entre todos, quando vividos entre todas as categorias de pessoas e segundo os seus termos, de

acordo com cada tipo de relacionamento" (BRANDÃO, 1992, p. 121). Essa prática se dá na família, passa para o nível do parentesco e se estende ao da comunidade, ao das corporações de trabalho até ao que rege as regras entre "empregado" e "patrão". Brandão ainda lembra que nesse processo as regras do afeto familiar são substituídas pelas "da amizade, do companheirismo, ou da deferência respeitosa, como no caso dos compromissos entre senhores de terra e seus empregados ou parceiros, ainda que da parte destes últimos a lógica de tais compromissos possa ser vivida e sentida como desigual e injusta" (1992, p. 122).

Na religião popular, parte-se da crença de que "a Deus cabe julgar a fé e as obras de cada um" e que Ele é repleto de misericórdia, de perdão, enquanto que o homem é fraco e de natureza pecadora. Demais, mais do que para as virtudes fé, importa a "qualidade das relações entre o homem e Deus", medidas pelo relacionamento com "o outro". Jesus Cristo, acredita-se, não priorizou em sua vida a compreensão do que diziam os escribas e fariseus, mas as virtudes do coração, acolhendo os que viviam à margem da sociedade de seu tempo. "Uma 'ética do coração' condena, como se lê em Cristo, aqueles que antecipadamente se consideram justos, santos e sábios, e convida à virtude e à salvação os que se reconhecem 'perdidos', pecadores e foram, e são, a razão próxima da própria vinda de Cristo" (BRANDÃO, 1992, p. 110).

A reza, a oração cantada pelos grupos de folias se sustentam nessa compreensão do sagrado e nesses valores que se consideram éticos, ao mesmo tempo em que os fazem permanecer e propagar na memória coletiva, para a coletividade afim. Essa afirmação se sustenta no fato de que a música, como diz Murray (2008), é objeto de memória, e um dos mais eficientes. Memória e música se relacionam dinamicamente, reforça Delgado (2006), possibilitando registrar por meio de narrativas "testemunhos", olhares sobre a história em suas várias facetas: "factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais". Portanto, a cantoria, oração rezada, canta os valores de sua memória social, fortalecendo a coesão do grupo, possibilitando-o permanecer não só no seu aspecto ideal, utópico. Ou seja, a organização material das folias de reis se ordena em conformidade com esses ideais cantados, rezados. Para Brandão, que também trata dessa questão, o "grupo doméstico camponês" está na gênese do modelo mais fiel da unidade representativa do Catolicismo Popular.

> O modelo mais fiel da unidade cristã, a sua pequena estrutura viva e visível não é o indivíduo isolado, absorto no desespero de sua própria

> salvação, nem é a Igreja, tal como a própria Igreja tridentina se representava. Ele seria, antes, a família católica tradicional do qual o grupo doméstico camponês é a melhor imagem. O pai, a esposa e seus filhos, membros de uma rede de parentesco fortalecida por vínculos também religiosos, onde não é pequena a importância do compadrio (BRANDÃO, 1992, p. 110).

A família, o vizinho, o parente, o compadre, o companheiro... formam com mais coesão a união que faz permanecer e continuar os grupos de folias de reis itaguarinos. Seu fundamento está no tempo passado, na experiência vivida nas práticas campesinas tradicionais, no mutirão, na "traição", nas partilhas de bens e serviços em horas de necessidades e nas próprias folias, quando em giro. Cá, tal como lá, foliões e devotos voltavam-se para o ente sagrado para verem contempladas suas necessidades básicas: para agradecer pela vida, pela produção de alimentos e para pedir saúde e proteção. Em retribuição, o crente cumpriria fielmente o compromisso feito no ato da súplica[213]. Assim, os valores modelam as práticas de foliões e devotos que, por sua vez, na execução do ritual[214], os fazem permanecer por meio das cantorias orantes, das memórias sociais rezadas.

Numa vivência religiosa simples ligada às necessidades básicas, para foliões e devotos suas estruturas não têm poder centralizado e centralizador. Esse poder é próprio do Catolicismo Popular, enfatiza Brandão: não é absoluto, como na Igreja Católica; não é relativo, como entre os evangélicos; não é associado, como entre os mediúnicos. Também lembra que na religião popular, como é o caso da folia de reis, pode haver "confrarias" ou "chefias", responsáveis por conduzir seus ritos sagrados (1986).

A expressão "a festa é do povo" significa muito: festeiros e pouseiros são tirados do meio da comunidade, o que se recolhe do povo como doação é colocado à disposição de todos (qualquer pessoa pode doar, participar e usufruir, mesmo que não tenha doado) e foliões são pessoas comuns, simples, não trazendo, comumente, títulos e não ocupando espaços expressivos na sociedade. As folias de reis se realizam com participação e doações espontâneas. São pessoas do povo que param para, em determinado tempo do

---

[213] É próprio do Catolicismo Popular, lembra Irarrázaval, realizar festejos rituais em torno de necessidades básicas, tais como: "alimentação, enfermidade/saúde, sexualidade, comunidade, processo social. Nestas atividades há uma relativa autonomia com respeito a autoridades religiosas (que costumam combater o 'ritualismo' e 'excessos' festivos)..." (1992, p. 138).

[214] A execução de ritos tradicionais se dá em vista de dias melhores, busca da integridade pessoal e comunitária. "Geralmente são ritos complementares com uma responsabilidade social (como a pessoa que invoca uma imagem sagrada para obter saúde e ao mesmo tempo toma iniciativas que estão ao seu alcance)" (IRARRÁZAVAL, 1999, p. 139).

ano, celebrar a divindade de um modo bem peculiar: se na religião oficial o fiel tem que se deslocar até a igreja para o encontro com a divindade, pedir sua graça ou fazer algum compromisso com ela, na religião popular a folia de reis, por exemplo, vai até o fiel (à sua casa) levar a ele a divindade, sendo essa sua missão primeira, o motivo de sua existência. Ir até a casa do fiel tem significação ampla e profunda: a sua casa é o espaço de individualidade, da intimidade familiar[215].

Folias de reis são, partindo daí, uma prática do povo que acolhe a todos para uma felicidade comum do agora. É sinônimo de: Venham todos, alegrem-se juntos e comam sem nenhuma paga. Mas embora acolham a todos, as folias são geridas pelo popular, incomum, seja na parte ritual, seja na material (estrutural, financeira...). Nesse caso último, como já frisado, padece de deficiências, ficando a gerência dos bens materiais sem controle e transparência. Ao contrário do que acontece com milagre e castigo – quando há um, não há outro –, nas folias de reis, devido à inexistência de fiscalização externa, há casos de desvio de recursos e/ou apropriação indébita por parte do pouseiro e do festeiro, já que, sendo pessoas de fé, deveriam ser os primeiros a dar testemunho no trato com os bens do povo. Acredita-se que a fé que têm no "santo" por si só se impõe, exigindo deles o controle e a transparência dos bens materiais geridos durante a realização das folias de reis, até porque se errarem, o castigo de Santos Reis sobre eles não tardará. Contudo, essa "crença" que poderia evitar excessos é, de fato, por muitos ignorada.

A simplicidade da "reza" de foliões e devotos se confirma no seu conteúdo, não na sua forma. Ela está no pedido direto feito pelo "cristão popular" a Santos Reis, nas cantorias e rezas de terços, mas é feita dentro de um complexo cultural mediado por símbolos, marcados por sentimentos e gestos rituais próprios do Catolicismo Popular. A oração cantada e rezada dá continuidade a uma sequência de valores éticos que norteiam não só atitudes pessoais de alguns, mas as da própria coletividade e influencia na forma como seus gestores, pouseiros e festeiros, conduzem suas folias. Marcada pela simplicidade, a "reza" popular populariza e torna do povo uma festa que só se faz com ele.

E sendo uma festa aberta a todos, voltada ao convívio social e preocupada com a felicidade terrena do participante, é compreensível que esses rituais do Catolicismo

[215]Mais: "seu núcleo é constituído de pessoas que possuem a mesmo substância – a mesma carne, o mesmo sangue e, consequentemente, as mesmas tendências" (DAMATTA, 1991, p. 24). A casa acolhe famílias que formam tradições por meio de um conjunto de objetos, relações e valores que se interligam por meio de "símbolos coletivos". A casa, lembra DaMatta (1991), não é um simples espaço geográfico, ela demarca um espaço definitivamente amoroso onde a harmonia deve reinar sobre a confusão, a competição e a desordem.

Popular, das folias de reis itaguarinas, sejam discutidas pela Igreja local, a Diocese de Goiás, na perspectiva de delas participar, de com elas conviver.

4.2.1.2 Folias de reis e Catolicismo Popular

No Brasil existem centenas de grupos de folias de reis. É certo que nem todos os foliões e devotos são católicos praticantes, mas sua devoção forma o Catolicismo Popular, autônomo, independente; mas também aberto a todos, desde que o outro que vier se enquadre nas práticas, costumes e organização existentes. Muitos têm respeito pela Igreja local, fazendo questão de quase sempre visitar e cantar lá na capelinha ou na igreja matriz da cidade. Em vários estados já houve a tentativa de doutrinar os grupos de folia por parte da Igreja Católica, com insucesso em praticamente todos os casos (BRANDÃO, 1985).

Valer-se-á aqui do próprio Brandão para enumerar alguns pontos importantes que, sob o ponto de vista da ética (do Catolicismo Popular), se fazem necessários para localizar as folias de reis no âmbito da cultura, da religiosidade popular. O Catolicismo Popular brasileiro tem algo peculiar, comparado à lógica de outros sistemas continentais. Está aberto para todos, sua ética é relacional e se preocupa com a felicidade das pessoas[216].

Nessa perspectiva é que se deve acompanhar a leitura seguinte da igreja de Itaguari na sua relação com os grupos de folias de reis itaguarinas. No período de 2006 a 2008 houve importante aproximação da paróquia junto a esses grupos de folias,

> [...] respeitando sua estrutura de poder, sua organização financeira, seus símbolos e seus ritos. Na igreja, no domingo antes da saída dos grupos, fazia a Entrega das Bandeiras, no salão paroquial com reza do terço, almoço e apresentações culturais sertanejas: música, catira e poesia. Durante o giro da folia o padre visitava os grupos e rezava o terço com os foliões, quando solicitado. Fazia-se presente, colocava-se à disposição do grupo, sugerindo quando pedido. No dia 6 de janeiro, de manhã, foi celebrada a Missa Campal das Folias de Reis e encenado o Teatro de Santos Reis pela Cia. Art & Fé de Teatro da Paróquia. Dias após o encerramento das folias era celebrada uma Missa de Guarda das Bandeiras[217]. Trata-se de uma celebração cantada pelos três grupos de

[216] Ver capítulo 4 item 4.3.1, deste capítulo.

[217] Guardar as bandeiras na igreja foi um pedido de alguns foliões que a paróquia acatou devido a dificuldade que se tinha de encontrar um local adequado para guardá-las com a visibilidade e o zelo merecidos. Cabe frisar com clareza, contudo, que nem a paróquia nem seu pároco tinham controle sobre as bandeiras. Conforme combinação do líder religioso e os responsáveis pelas bandeiras (alferes e gerentes das três folias), eles poderiam fazer uso delas em qualquer momento, cabendo aos mesmos só irem à igreja matriz e retirá-las. Ademais, elas estariam ali somente até a primeira semana de dezembro, data da sua entrega aos grupos com envio dos foliões, no encontro promovido pela paróquia. E só seriam reintroduzidas ao local na celebração do

> folia da cidade. Ao final, os grupos deixavam as bandeiras guardadas na igreja matriz, retirando-as dali somente para alguma folia temporã ou no encontro de Entrega das Bandeiras para a folia seguinte. (GONZAGA, 2008, p. 3).

Após a Missa de Guarda da Bandeira, celebrada na semana seguinte à entrega das três folias, todas as suas bandeiras eram colocadas fixas na parede, atrás do altar. De lá seriam retiradas só com a permissão dos responsáveis, para colocá-las sobre algum caixão de folião falecido, para o giro de alguma folia temporã ou já na preparação para as próximas. Essas práticas foram implementadas na paróquia de Itaguari, em 2007 e repetidas nos 2 anos seguintes.

As experiências da paróquia itaguarina geraram reflexão pastoral na Diocese de Goiás que discutiu o tema na Assembleia Diocesana de 2010. O resultado do trabalho foi a criação do capítulo VII do documento final intitulado Diretório 2010, que traz reflexão e orientações pastorais sobre *Religiosidade e devoção popular* na diocese.

Em *Orientações práticas*, o texto diz da importância da aproximação que a igreja deve ter com todos os grupos culturais porque eles precisam do evangelho e ensinam evangelho também. Grupos de folias de reis são também religiosos, mas não estão sob a custódia da paróquia; por tal motivo esta deve fazer com eles parcerias, não criando uma relação de submissão e subserviência.

> É importante que aconteça aproximação da paróquia com seus grupos de religiosidade e devoção popular, considerando que todos são grupos culturais, precisam ser evangelizados e têm algo do Evangelho a ensinar. Também porque, enquanto Cebs, a Diocese de Goiás deve assumir "os valores evangélicos na cultura e na fé do povo" e "viver e alimentar a fé nas expressões religiosas do nosso povo. Através das festas e das manifestações culturais da nossa região, descobrir e aprofundar os elementos evangélicos e comunitários". Cabe lembrar que muitos deles, como grupos de folias, por exemplo, foram e às vezes são desconsiderados como parte da Igreja, considerados somente como grupos folclóricos. (Aliás, cabe lembrar que a própria Igreja no Brasil, em nome do Evangelho, não raras vezes, por ação ou por omissão, possibilitou que grupos religiosos populares se acabassem, perdendo-se com eles no tempo riquezas culturais recheadas de valores Evangélicos). Mas são religiosos, porque foliões e devotos relacionam-se com Deus, valem-se de santos católicos, refletem textos bíblicos, rezam o terço e, mesmo com ritual e organização próprios, levam mensagem de fé, de esperança e de caridade. Como não estão submetidos à estrutura da Paróquia, não se deve relacionar-se com eles como se faz com as pastorais, movimentos e serviços da comunidade. (...) No caso das romarias e missas sertanejas, a

---

último domingo de janeiro, na Missa da Entrega das bandeiras. Sua guarda, como se vê, se daria fora do período de execução do rito, não interferindo, assim, na execução das folias de reis.

> paróquia pode ter participação e controle mais direto, podendo criar práticas devocionais inclusive. (DIOCESE DE GOIÁS, 2010, p. 60).

Em *Folias*, diz das folias de reis como próprias da cultura brasileira, goiana portanto, portadoras de pessoas humildes e valores evangélicos, mui dignos de atenção e acolhimento por parte da Igreja.

> Folias existem em praticamente todos os municípios da Diocese e do Estado de Goiás, em muitos dos Estados do Brasil e são compostas principalmente por pessoas mais simples da comunidade. Momentos fortes são o das cantorias, o do almoço e o do jantar, porque expressam a fé, a gratuidade, a solidariedade e a partilha entre todos (DIOCESE DE GOIÁS, 2010, p. 60-1).

O documento dá dicas para suas paróquias, no relacionamento com os grupos de folias de Reis: "É importante que a paróquia não interfira em sua organização de poder, em suas finanças, em seus símbolos e seus ritos" (DIOCESE DE GOIÁS, 2010, p. 61). E respeite os seus mitos com toda sua significação. Praticamente, a paróquia pode criar condições de relacionamentos e parcerias com os grupos de folias de reis, tais como:

> a) próximo à realização das folias, promover um momento de encontro dos grupos para rezar o terço, cantar folias e outras modas, dançar catira etc., e fazer a entrega das bandeiras para os grupos, caso sejam guardadas na igreja, b) durante a saída, o giro, o pouso na entrega da folia, estar presente, convidando-os para que passem na igreja, c) celebrar a Missa da Folia de Reis no dia 06 de janeiro, cantada pelos foliões em ritmo de folia, d) organizar peça teatral sobre "A viagem dos reis magos", que poderá ser apresentada também no dia 06 de janeiro, e) celebrar a Missa de Guarda das Bandeiras dos grupos de folias – caso os foliões queiram que a bandeira seja guardada na igreja -, com missa celebrada com participação da folia, f) Incentivar e ajudar – caso queiram e seja conveniente – grupos de folias a criar associações, em vista de se organizar juridicamente e obter recursos para construção de instalações que favoreçam a realizações de encontros do próprio grupo ou eventos afins, g) (Se não for possível realizar nenhum desses momentos, pelo menos que se faça algo muito significativo: enviar todos os foliões como discípulos missionários para viver e anunciar o Evangelho, em celebração da comunidade.) (DIOCESE DE GOIÁS, 2010, p. 61).

E finaliza o texto do documento, abrindo possibilidade para que cada comunidade local – com diálogo e respeito ao modo que cada grupo tem de viver sua devoção – crie suas condições próprias de celebrar o encontro fraterno entre paróquia e grupo de folia de reis.

4.2.2 Memória e identidade sócio-histórica das folias itaguarinas

A memória e a identidade das folias itaguarinas se apóiam na experiência de fato de seus participantes, na sua "história vivida", como diz Halbwachs (1990). As construções do passado (história, ficção...) vão formando a memória, que se torna "representação do passado". Ela muda constantemente, é repleta de significados ligados à vida, também mutante, conforme já refletiu Delgado[218]. O papel da memória nas folias itaguarinas é este: ser instrumento da vida vivida de seus membros, sendo formada e formadora do passado histórico e ficcional o qual representa, em um processo permanente de mudanças. É nesse exercício que a memória (re)produz o saber popular, vindo das atividades vividas ali, no cotidiano, no concreto das relações sócio-históricas itaguarinas. O saber popular memorizado se espalha, sendo salvo, conservado e propagado pelas redes coletivas formadas por unidades sociais específicas:

> O saber da religião popular é uma memória salva pelas redes sociais de trocas entre agentes e usuários, e uma memória viva, enquanto as unidades locais de sua reprodução preservam ativas as condições do trabalho coletivo dos especialistas do sagrado. As unidades de que falo são *grupos de consenso* (...) ou são equipes corporadas, com estrutura de valor político para dentro e de valor simbólico para fora, entre os agentes que trabalham em grupos – os chefes católicos de ternos de congos, de turmas de Santos Reis ou São Gonçalo, o pai-de-santo de terreiro e o dirigente pentecostal com 'igreja' formada.(BRANDÃO, 1986, p. 160).

Mas Brandão adverte: "a estrutura de garantia da memória e do saber do religioso popular é frágil, porque ela depende inteiramente da atividade contínua de suas redes sociais especializadas de controle e de docência" (1986, p. 165). E esse controle e docência, como se sabe, nas folias de reis não se fixam porque geridos por voluntários, feitos coletivamente e são expressão de seus valores fundamentais: a abertura, a participação e oatendimento de necessidades vitais. Nesse processo de uso da memória, mesmo em meio à instabilidade com mudanças permanentes, há práticas que persistem, há valores que se estruturam, se tornando identificadores do grupo. Constroem-se aí identidades.

Por isso a identidade de um grupo, de um povo, éuma construção permanente, no presente, sendo resultado do passado. Não é predestinada ou dada, naturalmente, pela ordem das coisas. Por isso se fez mister tratar de identidades das folias de reis depois de se ter falado sobre seu ambiente histórico, suas implicações dentro da referência teórica adotada, suas particularidades sociais, culturais e rituais. Considerando isso, se fará alguns

[218] Ver capítulo 2, item 2.2, página 100.

apontamentos concernentes à inovações a que é submetida a Folia Goiana, particularmente, e os caminhos construídos.

Identidades são valores culturais, construídos no cotidiano de pessoas ou grupos locais. E é num complexo sistema de símbolos, cujos significados são construídos e reconstruídos em um processo de mutação sócio-cultural constante, que a identidade encontra seu campo para se formar e se manter, sendo registrada e propagada coletivamente pela/na memória. Mas para ela se configurar de fato, precisa de particularidade, de especificações materiais ou sociais, precisa diferenciar-se, necessita da diferença. Como já visto até então, as folias de reis itaguarinas são amparadas por riquezas diferenciadas que compõem a cultura local. E mesmo inseridos nesta, diferenciam-se uma das outras.

Woodward (2000) sugere que as identidades são construídas tendo como parâmetro outras identidades, ou seja, serão a partir daquilo que elas não são, do que representa a sua diferença. A teoria linguística saussuriana fala das "oposições binárias", da marcação da diferença pela forma mais extrema possível. Em outras palavras, diz-se que no processo de construção cultural das identidades a diferença é fundamental porque abre dois caminhos que se pode percorrer: o positivo aponta para a diversidade, para a heterogeneidade, para o hibridismo; o segundo para a exclusão e a marginalização, concebendo o diferente como "outro" ou "forasteiro". Alguns exemplos dessas oposições: natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão. Essa oposição é também de poder, gerando divisões sociais, de modo especial daquelas entre homens e mulheres.

> A diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos. (...) Os sistemas sociais e simbólicos produzem as estruturas classificatórias que dão um certo sentido e uma certa ordem à vida social e as distinções fundamentais – entre nós e eles, entre o fora e o dentro, entre o sagrado e o profano, entre o masculino e o feminino – que estão no centro dos sistemas de significação da cultura (WOODWARD, 2000, p. 67-8).

Identidade e diferença estão intrinsecamente ligadas. São interdependentes e compartilham algo importante: são resultados do ato da criação lingüística.

> A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social, somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (WOODWARD, 2000, p. 76).

Identidade e diferença são marcadas pela indeterminação e pela instabilidade, à medida que são definidas. Ao dizer "sou brasileiro", não há nada que *a priori* explique essa condição. Só tem sentido quando emparelhado à "cadeia de significação formada por outras identidades nacionais que, por sua vez tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas. Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem" (SILVA, 2000, p, 80).

Assim, pode-se dizer que o processo sócio-histórico se faz num desenrolar de ações humanas significadas culturalmente, reconhecidas e diferenciadas por seus traços identitários. Alguns traços aqui foram sintetizados e pontuados de forma a refletir a cultura itaguarina representada nas folias de reis. São o resultado desta pesquisa e reflexão, construídos sócio-historicamente. São conservados e propagados pela memória coletiva, em contos e cantos das três folias pesquisadas e compõem o complexo da sociedade itaguarina. Todos evidenciam a eficácia dos mitos basilares presentes nessas folias de reis e também são identificados como sabedoria rural, sertaneja, folclórica. São identificações que se apresentam no processo de conservação e mudança vivido no presente, ante a necessidade de continuidade e inovação imposta pela sociedade do espetáculo, com suas promessas de modernidade e melhoramentos. Próprios da dinâmica social, elas não deixam de existir ante às mudanças impostas pelo tempo, tais como o êxodo rural e, por conseguinte, a urbanização (daí, a necessidade de tirar folia de reis pensando no grande público), a mudança ou inovação no quadro de foliões cantadores de cada grupo, etc. Toda vez que essas identificações são compartilhadas, são memorizadas – não são esquecidas! E quanto mais socializadas em cada folia de reis, mais reforça a coesão do grupo, assegurando, assim, sua continuidade. Assim, as folias de reis – uma mais, outras menos –, se inovaram, mas mesmo incluindo elementos advindos dessas mudanças, não perderam sua essencialidade.

Concretamente, esses os traços identitários se configuram como "cultura sertaneja, folclórica", "solidariedade rural/urbana", "gratuidade no tanto que basta", "inovação e resistência" e "ética da gentileza, da fidelidade e do cuidado".

Cultura sertaneja, festa folclórica. Trata-se de uma vivência específica, voltada para valorização de práticas e costumes tradicionais, tais como a da música sertaneja (sertaneja raiz para alguns, sertaneja romântica para outros), de ter aptidão e desenvoltura para festa que deriva do seu próprio saber, saber do povo (*folk lore*), surgido e desenvolvido a partir de suas crenças e experiências populares, folclóricas. As folias de reis têm sido,

para o povo itaguarino que dela participa, a expressão mais importante de festa com essa formatura. Além das cantorias cantadas na execução do ritual das folias de reis, incluindo nas rezas de terços, as músicas sertanejas são expressão identificadora da cultura itaguarina, registradas e propagadas pela memória coletiva de foliões, devotos e turistas. Resistentes à institucionalização, a organização e a manutenção dessas folias de reis têm sido feitas por pessoas do povo, sem nenhum vínculo institucional que tenha domínio absoluto e permanente sobre elas.

Ética da gentileza, da fidelidade e do cuidado. É o paradigma decorrente da crença nos mitos basilares, que rege a ética de todos os foliões e devotos. Vale-se, esse paradigma, de três fundamentos: a gentileza no trato com as pessoas, a fidelidade na execução do ritual e o cuidado para com foliões, devotos e turistas. As folias de reis só se realizam na forma que estão postas porque são eventos coletivos, de pessoas que têm uma crença e uma prática em comum. Ademais, só se fazem na gratuidade porque também têm em comum valores que proporcionam a partilha, tais como a bondade, a simplicidade e a disposição para trabalhar, seja no exercício do poder temporário (como pouseiros ou festeiros), seja para cozinhar, montar altares e presépios ou fazer a alimentação.

Solidariedade rural/urbana. Refere-se a expressão de bondade e apreço para com pessoas do mesmo grupo ou que se unem para finalidade solidária específica, com repetição de práticas comuns ao meio rural e nas imediações urbanas. Nas folias de reis, isso se dá principalmente na receptividade agradável feita pela população que acolhe foliões, devotos e turistas e na disposição para o trabalho sem remuneração nas várias frentes de serviços, à semelhança dos mutirões que se realizavam antigamente. Nestes, o trabalho era gratuito, dava-se em clima festivo e, mesmo que em tempo breve, o sucesso do evento dependia daquela solidariedade. O trabalho tinha uma função solidária e se reforçava na participação diferenciada dos presentes. Com essas características, o trabalho solidário doado nas folias de reis pode ser tido como ato de bondade que fortalece os laços de união do grupo de forma festiva, com uma exposição bem mais expressiva do que a dos mutirões. Hoje isso se dá de forma grandiosa, fazendo-se parte de uma festa que serve a milhares de pessoas de forma única.

Gratuidade no tanto que basta. Tem a ver com a disposição para doar, ofertar ou partilhar dinheiro, alimento, serviço ou qualquer outro bem material, feito de modo espontâneo, a favor da realização das folias de reis. Doa-se o fruto do trabalho ou ele

próprio [219] . Todas essas gratuidades compartilhadas são consumidas ou usadas, exclusivamente, durante o período de realização das folias de reis. Diz-se "no tanto que basta", "no suficiente", porque doa-se o possível para ser todo consumido num determinado momento e nada sobrar. O que é gratuito é intensamente vivido com fartura, sem sobras, sem acúmulos.

Inovação e resistência. Existe um processo de mudança imposto pela sociedade moderna, a sociedade do espetáculo, que é irreversível e em alguns aspectos absolutamente incontrolável. Mas as folias de reis são eventos diferentes desse modo de vida. Elas proporcionam outros valores concretos, feitos de fato, de doações e estão disponíveis a todos. O espírito que paira e reina é o da conservação. Mas a cultura itaguarina tem resistido à implantação de tecnologias. Percebe-se uma resistência velada que sobretudo sertanejos têm de aderirem ao urbano, ao industrioso, justificando quase sempre pelo gosto que têm pelas práticas e costumes tradicionais, tais como folia de reis, catiras e mutirões. Mas mudanças se apresentam às folias itaguarinas, e seu impacto é diferente nas três folias. Na Folia do Brejo Grande a resistência é quase absoluta, mesmo que às custas de sacrifícios cada vez maiores, insistindo em sua ruralidade; na Folia Mineira, ela pouco repercute, porque vem conservando sua tradição, procurando atender pedidos de pousos rurais e urbanos; na Folia Goiana, para manter o espírito festivo de um grande público não projetado e não esperado por ela, em último caso, resiste, mas se tem procurado reduzir essa resistência à formalidade: pode até montar um grande palco, mas então a folia passará a ser entregue sobre ele. Pode-se até sair com a folia e faze sua chegada num lugar só, como no Centro de Cultura e Eventos, mas todo ano se construirão lá dentro fornalhas a lenha para cozinhar alimentos, assim como se faz na roça hoje e fazia há 60 anos atrás.

A celebração popular do "santo", da Folia Goiana, no dia 06, particularmente, se faz com a sua exaltação quando representado nas bandeiras, símbolos sagrados que servem de guias para os grupos de folias de reis. Foliões, embaixadores e artistas sustentam o poder dos santos, da bandeira, em torno da qual uma multidão de devotos e turistas se

---

[219]Trabalho é compreendido, nesse contexto, "como um sentido de vida, e aqui o *processo* quase vale mais que o *produto*" (BRANDÃO, 1992, p. 111). Não se trabalha para enriquecer, nem se vive às custas do trabalho do outro. Brandão segue dizendo que em algumas culturas o trabalho movido por ambição em vista da riqueza se aproxima do pecado porque, tanto no "Evangelho quanto na vida cotidiana são associados a ricos e opressores" (1992, p. 111). "O homem de bem dignifica a si e à sua família pelo seu trabalho. E se ele deve ser honrado e trabalhador *com* e *entre* outras pessoas do trabalho, especialmente quando de sua mesmo classe, deve ser também e antes de mais nada generoso e solidário com os seus frutos. A hospitalidade e partilha dos frutos da terra, tão tradicionais na América Latina, são o melhor espelho disto" (BRANDÃO, 1992, p. 111).

aglomera. Sem compreender ou ver solução para os problemas novos que surgiram em decorrência de seu agigantamento (como a espetacularização da festa também projetada para quem vai só como turista, a perda da fiel devoção aos santos e a mudança abrupta do ritual da chegada), encantam-se com a capacidade milagreira de Santos Reis, ao mesmo tempo em que se subordinam com rigor ante o seu poder castigador. O poder dos Três Reis não se reduz à prática promessa-milagre. Se faz mediante as influências culturais, folclóricas, musicais, como aconteceu com a dupla André e Andrade, que aprendeu a cantar nas respostas das cantorias da Folia Goiana e das rezas de terços. Crente no poder dos santos, foliões e devotos cultivam oração simples com modo rico em detalhes simbólicos e rituais. Realizam uma festa do povo que dela participa, a partir do povo que com ela contribui e para o povo que dela usufrui diretamente. Com essas práticas próprias do Catolicismo Popular, de grupos religiosos do Brasil, a igreja local constrói caminhos de aproximação dessa devoção que construiu sua ética no decorrer de sua história, e seus traços identitários no desenrolar de suas relações sócio-culturais. Com isso as folias de reis itaguarinas, no seu todo e na celebração do dia 06, são fonte de “cultura sertaneja” e “festa folclórica”; possuem uma “ética da gentileza, da fidelidade e do cuidado”; são de “solidariedade” no meio rural e/ou urbano; se fazem na “gratuidade no tanto que basta” e com “inovação e resistência” permanentes.

Considerações finais

As relações sócio-históricas do cotidiano podem levar a indagações que só a vivência e compreensão densa de práticas culturais podem nos responder a contento. Uma importante dúvida que acompanhou o autor desta tese anos a fio, agora se faz respondida, mesmo que criando outras não menos importantes. O pequeno município de Itaguari foi o escolhido para colaborar com esta pesquisa que procurou, em detalhes, compreender seu mais importante evento cultural: a festa das folias das Folias do Brejo Grande, da Folia Mineira e da Folia Goiana. Embora pequena em número de habitantes e grande produtora de moda íntima, Itaguari é composta de um povo sertanejo, intimamente ligado à terra, seja pelas inúmeras atividades que também exerce no meio rural, seja nas práticas temporais de festas de rodeios e cavalgadas e realizando suas folias de reis, conforme mostra o primeiro capítulo desta tese.

Pesquisar essas três folias, sob a ótica do mito e da memória, foi um desafio que se impôs gradativamente a mim. O ponto de partida foi compreender as etapas do ritual de cada uma dessas folias, as ações do grupo: na saída, mostrando o porquê de sua presença ali e sua função (seguimento dos Três Reis que, representados na bandeira, "desceram do céu" para ser "guias": protetores, abençoadores e castigadores de pessoas do grupo, devotos, de quem os seguir, enfrentar ou lhes prestar devoção); no giro, relatando as viagens, visitas às casas de moradores, bênçãos aos precisados, recebimento de promessas, pedidos de ofertas para a festa do último dia; nos pousos, solicitando ao dono da casa "agasalho" e alimentação para os foliões poderem, no dia seguinte, seguir viagem; e na chegada, no grande dia preparado e esperado por todos, dia da entrega, do cumprimento da função, de agradecer a todos os envolvidos, de apresentar os novos festeiros ao público, de assistir ao espetáculo de encerramento.

Ora, se o que levou à realização deste trabalho foram dúvidas, o que se apresenta como resultado se faz pertinente e proveitoso, mesmo considerando, diga-se, as tantas interrogações a mais que sugiram, seja no momento da pesquisa, seja caminhando para o seu término. É importante, portanto, frisar que os momentos centrais das folias, seus pontos nevrálgicos, são as cantorias. É por meio delas que as folias se realizam. E entende-se aqui que elas, por si só, transmitem de forma clara e objetiva o que se considera seus ensinamentos centrais, já anteriormente objetivados: que Santos Reis deram a origem às folias de reis, fato esse fundamentado em sua viagem bíblica e peregrina rumo à adoração

que fizeram ao Menino Deus; que são milagreiros, que resolvem problemas diversos e curam, como já curaram infindas enfermidades de foliões e devotos, cujos testemunhos são memorizados e publicados coletivamente; que castigam devoto (ou seja quem for), se abusar de seu poder sagrado de fazer ou desfazer; e que agem proporcionando situação de mistério, deixando os envolvidos pensativos, tendendo ao respeito e à submissão a eles, os santos.

Esses mitos são também compartilhados – por vezes na forma de bons enredos – nos bate-papos dos próprios foliões e/ou devotos e até populares que, durante a cantoria ou nos seus intervalos, atenciosamente dão vida a esses assuntos. O exercício da memória coletiva se faz nessa partilha de saberes compartilhados oralmente em um ambiente totalmente propício para tal. Ora, no cotidiano da vida, dos trabalhos estafantes, das idas e vindas cronometradas pelos mínimos segundos, tudo custa dinheiro contado em centavos, a partir da alimentação, e esse dinheiro é resultado do que se produz na forma de trabalho. No ambiente da folia, diferentemente, o trabalho é gratuito e cansativo, porém satisfatório; as idas e vindas desde a preparação da folia, de giro em giro até sua entrega, são cronometradas pelo "relógio" que está à mercê da compreensão, da solidariedade que, segundo Pessoa (1993) é "a alma da festa popular"; o alimento é de graça, porque advindo das mais diversas formas de doações para as quais o valor monetário nada significa. O próprio Pessoa, no mesmo trabalho, enumera a "folga" e a "gratuidade" como sendo as características centrais da folia de reis, sem as quais sua sobrevivência estaria ameaçada.

As folias de reis de Itaguari são momento de sacrifício, porque em doação de tempo e serviço, caminhadas, presenças; momento de reconhecimento, de ser visto como incluso e partícipe desse evento sagrado, rico de sentidos, de valores coletivamente aceitos e reconhecidos; e momento de satisfação, porque se ouvem enredos – cantados ou partilhados – de valores vitais que são diretamente influenciadores da vida, e porque se fez, o participante, agente útil de algo significativo que lhe custou dinheiro, serviço ou presença.

Se história é uma representação do passado, do real que se reformula, a partir de indagações surgidas, lembrando Montenegro (2007), pode-se dizer que as folias de reis de Itaguari, hoje, são um fenômeno histórico; logo, representação do passado, fenômeno sócio-cultural. Mas cultural popular porque é um todo complexo que traz consigo conhecimento, crença, moral e costumes adquiridos e conservados pelos homens no exercício de suas relações sociais. Essas folias acontecem seguindo uma tradição que vem de há décadas, estão entrelaçadas de um sistema simbólico do qual dependem e ajudam a

construir e proporcionam interação, influenciando nas lidas comuns de quem delas participa. Fazem história no presente, valendo-se da historia do passado; constroem significados no agora, valendo-se de representações do tempo que se foi. E mais: inserem-se na realidade cultural, de forma festiva e integradora, opõem-se a essa realidade à medida que comela contrasta e, dialeticamente, (re)constrói a identidade de seus seguidores e do meio em que vivem.

Essa sabedoria existente na cultura popular, folclórica, trata do "conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social" (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995). Logo, o conjunto de valores constitutivos das folias de reis de Itaguari, construídos a partir das experiências tradicionais e coletivas representam a sua identidade social. Identidade essa que é conservada e, de forma dinâmica e necessária, construída e reconstruída conforme as mudanças que as próprias relações sociais produzem.

As três folias de reis em questão são grupos que possibilitam memória e identidade itaguarinas. Os que se encarnam nas folias mergulham num ambiente diferente, visto e experimentado somente uma vez ao ano, que quebra todo ritual social vivido na urbe de ritmos frenéticos, de tempos e espaços diminutos e pobres de significados, um contrário-diferente do vivido nas folias de reis. Onde há identificação há aproximação, há vínculo afetivo e efetivo e por isso as pessoas, contrariando o que fazem fora desse período, superam-se em muitos aspectos: em vez de se darem às disputas por dinheiro, doam-no; em vez de exigir folga ou ócio, trabalham sem cessar; em vez de se submeterem à disciplina do tempo, trabalham ou se divertem horas a fio, não se preocupando com o tempo limite, mas doando-se até para além dele. Tudo isso e mais caracteriza diferença extrema entre as atividades do cotidiano e as experimentadas nos dias das folias de reis itaguarinos.

Assim, as folias quebram o ritmo do cotidiano de seus partícipes, mesmo o dos que vivem no campo, quando lá são ritualizadas. Elas são eventos da diferença e a identificação tem sentido porque provoca satisfação pessoal no diferente, mesmo com sacrifícios, às vezes, sem algum reconhecimento de pessoas do grupo. Essa satisfação pessoal-identificação, portanto, acontece, seja na partilhado tempo, trabalhando; do recurso financeiro, doando; partilhando a presença, participando; ou tudo isso junto, o que certamente torna mais prazeroso para os foliões e devotos quando o fazem. Prazeroso pela alimentação, em momento singular de prazer vital sem custo para o "eu", fruto da partilha do "nós". E compreender tudo isso, encarnar-se nisso, sintonizar-se com toda essa gama de

atividades, cada qual com seu sentido e representação, é construir-se num sistema de significados, sendo seu sujeito e, ao mesmo tempo, seu objeto. Daí se pôde concluir que as folias de reis estão inseridas dentro de um processo histórico dinâmico, singular, correlacional: cultural.

A identificação acontece porque há representação. Há um conjunto de signos que estimulam foliões e devotos a se tornarem fiéis e solidários, participando ativa e anualmente dos rituais, compartilhando seus bens, seus espaços e tempo, seu próprio sentido de vida. E há um momento central de celebração que os identifica socialmente pela fé e devoção em Santos Reis: a celebração do dia 06 de janeiro. Este é o momento de coroação de toda festa, da chegada, dos festeiros, dos embaixadores e dos foliões entregarem concluída a responsabilidade que Santos Reis lhes confiaram. Moral e socialmente, é momento de mostrar aos circundantes que são responsáveis com seus compromissos, dignos de crédito cá, nesta terra, já que são, comprovadamente, honestos com os santos de lá, do céu.

Os mitos basilares se desmembram nas narrativas contadas por foliões, devotos e outros que se vêem ali, que se identificam com aqueles enredos, conforme analisado no capítulo três desta tese. Narrativas são, dessa forma, representações identitárias, alegorias (re)inventadas pelos grupos para perpetuarem suas verdades e seus conteúdos. Expressam e justificam princípios, referências históricas e geográficas, conceitos morais, filosóficos ou teológicos.

A função social fundamental dos mitos nas folias de reis itaguarinas é se construir em proposta diferenciada à da sociedade do cotidiano, consumista e exploradora, que se nutre de outras motivações. Mitos desta sociedade, valendo-se de Debord (1997), são construídos e impostos mediante propaganda sem contestação, para a qualquer custo tornar o cidadão dependente a todo tempo: sem vínculos históricos, porque focado no presente perpétuo de gosto insaciável pelas novas tecnologias; à mercê de um Estado e de uma economia controlados por uma sociedade capitalista (que vive do lucro, da exploração), dominada por poucos que detêm o poder político-econômico; expostos a informações inverídicas sem nada poder contrariar; e sendo enganado com promessas que jamais se efetivarão.

As folias de reis são uma proposta diferenciada dessa sociedade. E o fazem mudando suas relações substancialmente: o cidadão se torna folião, devoto ou turista; a estes é contada e cantada sua origem sagrada, quando tudo começou; durante os dias da

saída, do giro, do pouso e da chegada, o básico e vital lhes são dados com fartura, sem nenhum pagamento, gentilmente, além de seus males físicos e espirituais poderem ser curados; intencionalmente, nenhuma mentira lhe será imposta, mas se surgir, quem o fizer poderá ser castigado exemplarmente; a promessa que lhes será apresentada será a da fidelidade dos Santos Reis – podendo a eles fazer também sua promessa –, de sua eficiência e eficácia já comprovadas nas narrativas de seus feitos e na própria existência das folias de reis, já que são fruto do poder sagrado dos santos.

As festas do dia 06 de janeiro são o momento clímax de celebração, de exposição da bandeira, o símbolo mais destacado e acompanhado por foliões e devotos, peça sagrada e guia de todo ritual. Sob essas condições, nota-se que é instrumento de integração social, porque possibilita a conformidade, o *consensus,* conforme diz Bourdieu (2005).

Ora, se para Le Goff (1984) a memória é um elemento essencial da identidade individual ou coletiva, para Dosse torná-la

> [...] enredo pode estar a serviço da memória-repetição, sob as formas ritualizadas das comemorações. O jogo das comemorações tende à dialética da ausência tornada presente por uma cenografia, uma teatralização e uma estetização do relato. O rito permite entreter a memória reativando a parte criativa do acontecimento fundador, de identidade coletiva. (2003, p. 295).

O rito, valendo-se do símbolo, confirma, atualiza e perpetua o mito. As chegadas das folias de reis do dia 06, ritualizadas, são um “marcador de identidade”, valendo-se de Dosse (2003), porque estruturam a memória, “da qual ela representa a cristalização de camadas sucessivas, sedimentadas” (p. 295/6). Se na saída, no giro e nos pousos as folias de reis se apresentam como eventos de vivência de identidade específica, possibilitando identificação com o que representa oposição à sociedade do cotidiano, do espetáculo, na festa do dia 06 há uma concentração de sentido dos dias anteriores. O rito efetivado exercita a memória, porque repete valores que devem persistir, porque representam valores indispensáveis à vida. Celebrar a festa, nesse sentido, é atualizar, memorizando, a presença do mito basilar, em comemoração encenada por foliões de reis com seus símbolos (bandeiras) e sua expressão condutora de todo rito, a cantoria. Por meio desta, sim, expõe sua saga na forma de enredo, que busca fundamentação no passado dos tempos míticos, sagrados, bíblicos, e volta-se para o presente, para o aqui e agora do rito, para os detalhes do ambiente e dos presentes.

A sociedade do presente, com seu modo de produção típico da sociedade espetacularizada – por meio das inovações tecnológicas, por exemplo –, impõe mudanças constantemente a todas as camadas sociais. E essa inovação muda comportamentos, porque muda as relações de trabalho; logo, as relações sociais, podendo também mudar atividades culturais. A aplicação de mudanças nas práticas das folias de reis itaguarinas tem encontrado resistências; porém, mais em uma que em outra, essas mudanças têm se realizado. A Folia do Brejo Grande, a mais rural, se entrega mais ao sacrifício no que tange ao seu meio, ao modo como é feito o giro e a quantidade de casas em que cantam; apresenta-se como a mais resistente a mudanças impostas pela sociedade moderna: mantém seu giro à noite – e essa é a sua mais importante defesa, justificadora de sua autenticidade –, mesmo tendo a presença mínima de foliões e devotos, se se considerar o que foi no passado; não tem palhaços; raramente realiza algum pouso na cidade e de forma alguma realiza, ali, a chegada. A Folia Mineira tem acentuado cuidado pela conservação da tradição, "trazida de Minas", "conservada" pelo benzedor, embaixador e venerado Antônio Camilo e seu sucessor Sebastião Raimundo (quando vivos), dois "místicos" – venerados como não há nas outras folias. Faz questão de dizer que canta o "ritmo mineiro"; circula entre o rural e o urbano, mas também não realiza a entrega da folia na cidade. Tem inovado significativamente seu quadro de foliões, acolhendo jovens para o cantorio e tocarem instrumentação. A história mostra que a Folia Goiana seguiu um curso diverso, deixando certa época quase de existir, para tornar-se a maior delas em quantidade. Mais do que as outras, mudou: tornou-se a mais urbana; determinou lugar único para a saída e para a chegada devido ao agigantamento de seu público; montou palco criando, com isso, outro evento pós-chegada da folia para entreter a multidão de devotos e turistas; faz a chegada diante do presépio e em seguida também sobre o grande palco, apresentando-se, o grupo de folia, à multidão presente. Com o *show* de encerramento, a chegada deixou de ser o momento finalizador da festa, uma vez que o espetáculo com cantores no palco tornou-se o grande evento esperado por milhares de pessoas.

O fato de aos poucos se instalar na cidade deixou a Folia Goiana mais exposta às probabilidades de mudanças porque é lá que a mudança vem e acontece primeiro. É na cidade que, aos poucos, comerciantes e ambulantes foram se instalando em vista do grande público, desobrigando-se de quaisquer compromissos rituais. Essencial, contudo, éa vocação que o povo itaguarino teve desde antes mesmo do início do povoado à cultura sertaneja, expressa nas formas de relações sociais focadas no trabalho solidário, nas festas

participativas e na devoção voltada para necessidades vitais do aqui e do agora. Por último, a presença atrativa dos artistas André e Andrade (e Irmãs Freitas, suas irmãs) com suas influências na arregimentação de outros artistas para participarem da Folia Goiana, apresentando-se no show. Entendemos que esses são os principais fatores que levaram ao agigantamento da Folia Goiana. E tal acontecimento possibilitou, sob essas condições e simultaneamente, o surgimento do turista sem compromisso com o sagrado, a criação de um evento espetacular (*o show*) que se sobrepõem à chegada da folia como evento principal para a grande maioria do público presente. Ante a isso, surge a necessidade de o grupo de folia se reinventar, ritualisticamente,já que é evidente a sensação de "perda da devoção" por parte do grande público.

AFolia Goiana tornou-se, assim,a mais complexa, em certos aspectos. É a que mais se depara com atrativos e demandas da sociedade moderna, como a produção de áudio-visuais sobre cantorias e catiras, a necessidade de criação de uma instituição para proteger seu patrimônio, gerir suas atividades e encaminhar projetos há anos cobrados por muitos. A Folia Goiana é também a que mais resiste a certas mudanças: não utiliza amplamente de instrumentos da comunicação para sua divulgação[220], foi a última das três folias a criar e registrar uma associação[221]. Só por esse caminho, no entanto, a Folia Goiana poderá construir uma estrutura apropriada e concordante com o público de milhares de pessoas que anualmente procuram por ela. É o que visualiza José Reinaldo Flores, um de seus colaboradores de longa data.

> Tenho o desejo, e espero tornar realidade, a construção de um Parque de Folias de Santos Reis de Itaguari, com toda estrutura necessária para a realização da nossa Folia Goiana e para acolher os devotos de Santos Reis das outras folias. Esse parque terá estacionamento, cozinha, espaço para show e uma capela de Santos Reis, com lugar para o devoto fazer a sua oferta, deixar a sua foto... Ele será gerido por uma associação da Folia Goiana, já criada, que terá o compromisso de fazer parcerias com o poder público municipal, buscando também recursos no Governo do Estado e no Governo Federal para ajudar na realização da festa. A associação é que vai gerir a folia, não permitindo, por exemplo, ingerências do poder público municipal em assuntos que cabe a ela decidir. Tem também a ideia de fazer na entrada da cidade um portal – parecido com o de Natal-

[220] A divulgação prévia e durante a realização das folias de reis se dá por meio de cartazes, adesivos e camisetas, lenços e bonés para durante a realização das folias. Todos são custeados por patrocinadores. Ver anexos 13, 14 e 15.

[221] A Associação da Folia de Reis Goiana de Itaguari só foi juridicamente criada em dezembro de 2016, depois de anos de tentativas por parte de festeiros e pouseiros. A justificativa dos que resistiam era que ela iria "substituir" o devoto doador, podendo a festa se acabar, não tendo condições de fazer alimentação pra aquela multidão de pessoas.

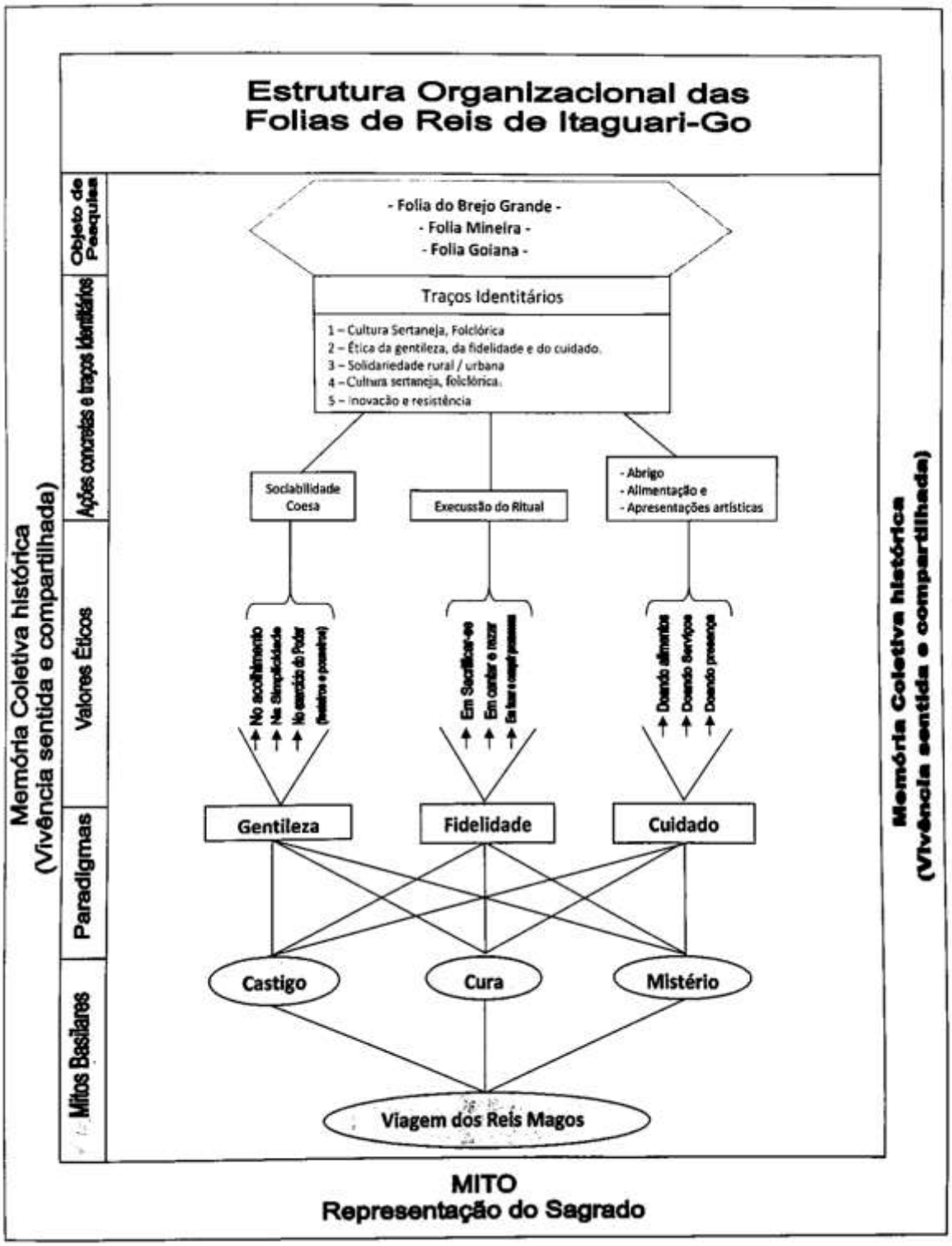
> RN –, porque folia de reis igual a nossa não tem em outro lugar. Essa é a nossa marca. Assim a gente estará também estimulando o turismo religioso. Olha só: no período da festa o vendedor ambulante, o comerciante, o fazendeiros... Todo mundo ganha o seu dinheirinho e isso é bom para o município[222].

Concluído o objetivo de abordar a história das folias de reis itaguarinas sob a ótica do mito e da memória, ressaltamos que, além de confirmar o previsto hipoteticamente, a influência dessas folias de reis, sustentadas por seus mitos basilares, está também na produção e reprodução de práticas sócio-culturais (artísticas...) de quem delas participa, para além do tempo de execução do seu ritual. Exemplo evidente é a influência da Folia Goiana na identidade musical da dupla André e Andrade. Ademais, a prática das folias de reis itaguarinas, folclórica na sua especificidade, se dá num processo permanente de construção sócio-histórica de seu povo, sendo contribuição determinante em sua configuração cultural. O tempo dessa prática de devoção em torno de seu mito básico proporcionou a construção de fundamentos que se tornaram paradigmas, que geraram valores éticos, que são como que diretrizes que apontam para um foco determinado: o do estado de coesão dos grupos de folias de reis e concretização dos seus rituais próprios em bons espaços de acolhimento, com alimentação farta e gratuita e apresentações artísticas. As intempéries da sociedade moderna, espetaculosa, consumista e panfletária no sentido que dá às coisas, não impedem que as folias de reis construam e conservem seus traços identitários, algo que acontece por vários motivos: suas raízes básicas são centenárias, conservam-se desde quando trazidas por colonizadores, levadas para Minas Gerais e depois para Goiás, um ambiente sertanejo de pessoas dadas às práticas, costumes e tradições rurais voltados à cooperação e à festa.

Inseridas nesse contexto, as folias de reis itaguarinas construíram fundamentos, estruturas simbólicas, sentidos próprios e reforçaram a *ética do bem viver*, comum aos grupos religiosos populares do Brasil, do Catolicismo Popular. Folias de reis fizeram-se "festa do povo", sem estruturas externas e permanentes para controlá-las. Sua mística é "simples" no conteúdo, está aberta a todos e é, necessariamente, coletiva, construída na relação solidária, destinada a tornar felizes e fartos todos que delas participam. Sem nenhum código, constituição ou regimento próprios e formalizados em evidências, as folias de reis fizeram (e fazem) da memória coletiva o seu instrumento de registro, conservação e

[222] Entrevista com José Reinaldo Flores, realizada por este pesquisador em 20 de março de 2017, Itaguari, Goiás.

de propagação dos seus valores, toda vez que eles são ditos, repetidos, comentados e até questionados por foliões e devotos, nas informalidades de suas convivências. O exercício da memória nas folias de reis itaguarinas é o exercício da criação e da conservação de toda sua identidade. Representa o fortalecimento da crença nos mitos basilares, base de todas as condicionantes que asseguram a realização das folias de reis como evento do povo, por meio de gestos simbólicos e práticas solidárias. Aí estãoos fundamentos que levam foliões e devotos a se exporem a sacrifícios, seguindo bandeiras, sob sol e chuvas e a se alegrarem quando chamados devotos de Santos Reis.


Estrutura Organizacional das Folias de Reis de Itaguari-Go
Objeto de Pesquisa
Ações concretas e traços identitários
Valores Éticos
Paradigmas
Mitos Basilares
Memória Coletiva histórica (Vivência sentida e compartilhada)
- Folia do Brejo Grande -
- Folia Mineira -
- Folia Goiana -
Traços Identitários
1 – Cultura Sertaneja, Folclórica
2 – Ética da gentileza, da fidelidade e do cuidado.
3 – Solidariedade rural / urbana
4 – Cultura sertaneja, folclórica.
5 – Inovação e resistência
Sociabilidade Coesa
Execussão do Ritual
- Abrigo
- Alimentação e
- Apresentações artísticas
No acolhimento
Na Simplicidade
No exercício do Poder
(Palavra e possível)
Em Sacrificar-se
Em cantar e rezar
Em fazer o mapá possível
Doando alimentos
Doando Serviços
Doando presença
Gentileza
Fidelidade
Cuidado
Castigo
Cura
Mistério
Viagem dos Reis Magos
Memória Coletiva histórica (Vivência sentida e compartilhada)
MITO
Representação do Sagrado

DOCUMENTOS E FONTES

Entrevistas

ENTREVISTA com Albani Barbosa e Silva, realizada por este pesquisador em 05 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Antônio da Cruz Carrijo (Tõe Gordo), realizada por teste pesquisador, em 25 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Antônio da Silva Borges, realizada por este pesquisador em 03 de janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Daniel Antônio Flores, realizada por este pesquisador em 04 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Divino Aparecido da Silva, realizada por este pesquisador em 05 de novembro de 2016, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Divino Ney Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador, em 31 de fevereiro de 2017, em Anápolis, Goiás.

ENTREVISTA com Divino Procópio de Oliveira, realizada por este pesquisador em janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Divino Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em novembro de 2014, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Edna Maria Gonzaga, Secretária de Promoção Social e Habitação, realizada por este pesquisador em 18 julho de 2014, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Fabiana Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 25 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Hélio Mendes, realizada por este pesquisador em 26 de fevereiro de 2017.

ENTREVISTA com Iácones Batista Vargas, realizada por este pesquisador em 25 de Abril de 2014, em Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Iricene Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Iraci Ribeiro dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Itamar Santiago Boaventura, realizada por este pesquisador em 05 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Jair Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 15 de outubro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Jesus Reinaldo da Silva, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com José Antônio Cavalcanti, realizada por este pesquisador, em 28 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com José de Freitas Machado (André) e Sebastião de Freitas Machado (Andrade), realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

ENTREVISTA com José de Freitas Machado (André), realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

ENTREVISTA com José de Oliveira Castro, realizada por este pesquisador em 28 dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com José Lino de Almeida Filho, realizada por este pesquisador 28 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com José Reinaldo Flores, realizada por este pesquisador em 20 de março de 2017, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com José Sobrinho de Oliveira, realizada por este pesquisador em 08 agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Jovenor Nogueira, realizada por este pesquisador em 02 de janeiro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Leandro Araújo Siqueira, realizada por este pesquisador em 18 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Leandro Francisco da Conceição, realizada por este pesquisador em 27 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Luiz Carlos Gomes Frazão, realizada por este pesquisador, em 03 de janeiro de 2016, Inhumas, Goiás.

ENTREVISTA com Magno Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 27 de julho de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA por Maria Adélia Prado, realizada por este pesquisador em 25 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Maria Ribeiro de Souza, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2014, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Maria Rodrigues dos Santos, realizada por este pesquisador em 03 agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Moacir Francisco Bento, realizada por este pesquisador em 23 julho de 2014, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Nélson Rodrigues Rios, realizada por este pesquisador em 05 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Nildei dos Reis Flores, realizada por este pesquisador em 22 de novembro de 2016, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Maria Ribeiro de Souza, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2014, em Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Renato Florentino Dutra, realizada por este pesquisador em 20 de novembro de 2014, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Sebastião de Freitas Machado (Andrade), realizada por este pesquisador em 27 de março de 2017, Goiânia, Goiás.

ENTREVISTA com Sebastião de Oliveira Castro, realizada por este pesquisador em 28 de dezembro de 2011, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Sebastião Patrício de Oliveira, realizada por este pesquisador em 03 de agosto de 2015, Itaguari, Goiás.

ENTREVISTA com Vanda Rodrigues Santos, realizada por este pesquisador em 21 de novembro de 2015, Itaguari, Goiás.

Gravações de cantorias

GRAVAÇÃO de áudio com Adão Reinaldo da Silva, embaixador da folia do Brejo Grande, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Antônio da Cruz Carrijo, embaixador da Folia Mineira, realizada por este pesquisador em 25 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Antônio da Cruz Carrijo, embaixador da Folia da Mineira, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Bruno José Dutra embaixador da Folia Goiana, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Coral 1 e Coral 2 da Folia Mineira, realizada por este pesquisador em 25 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Divino Ney Ribeiro dos Santos, embaixador da folia do Brejo Grande, realizada por este pesquisador em 31 de dezembro de 2015, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Marcos Alves de Souza, embaixador da Folia do Brejo Grande, realizada por este pesquisador em 30 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás. Parte 1.

GRAVAÇÃO de áudio com Coral 1 e Coral 2 da Folia do Brejo Grande, realizada por este pesquisador em 30 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Lourenço Ferreira, embaixador da Folia Goiana, realizada por este pesquisador em 05 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Luiz Carlos Gomes Frazão, embaixador da Folia Goiana, realizada por este pesquisador em 05 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Luiz Carlos Gomes Frazão, Hélio Mendes e Jovenor Nogueira, embaixadores da Folia Goiana, realizada por este pesquisador em 06 de janeiro de 2016, Itaguari, Goiás.

GRAVAÇÃO de áudio com Marcos Alves de Souza e Adão Reinaldo da Silva, embaixadores da Folia do Brejo Grande, realizada por este pesquisador em 30 de dezembro de 2016, Itaguari, Goiás. Parte 2.

Documentos

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE ITABERAÍ-GO. Livro 3-T, fls. 128, nº registro 8.067, 1949.

DECRETO municipal n. 132/2011de 01 de junho de 2011.

DIOCESE DE GOIÁS. Diretório 2010. Goiás-GO: 2010.

FOLDER DA FOLIA GOIANA, 2006/7.

LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA. *Diocese de Goiás*. Itaguari-GO: 2006, p. 24.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Gustavo. *Cowboys do Asfalto:* música sertaneja e modernização brasileira. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói-SP. 2011.

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de (Org.). *A história da história.* Goiânia: Editora da UCG, 2012.

ABREU, Edmundo Pinheiro de. Curralinho, seus costumes e sua gente. Goiânia: Oriente, 1978.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História:* a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru-SP, Edusc, 2007.

_____. *"O morto vestido para um ato inaugural":* procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALVES, Robinson Fernando. *O monge João Maria de Agostinho em Campestre, Santa Maria:* aspectos históricos. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/13111/10073. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

AMADO, Janaína. *Construindo* mitos: a conquista do Oeste no Brasil e nos EUA. *In:* AIRES, Aidenor; BRITO, Elizabeth Caldeira; FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de (Org.). *Formação de Goiás contemporâneo:* identidade histórico-geográfica e político-cultural. Goiânia: Kelps, 2012.

ANASTÁCIO, Dom Timóteo Amoroso. Cristo também é Oxalá, filho de Olorum. *In:* GUERRA, Guido. *A noite dos coronéis*. Salvador: Assembleia Legislativa; Academia de Letras da Bahia, 2005, p. 15-44. V. I.

ANCHIETA, José de. *In:* O Cancioneiro ibérico em José de Anchieta. Disponível em: http://www.rem.ufpr.br/anchieta/diss4.html. Acesso em 18 de dezembro de 2016.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira.* 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BIROU, Alain. *Dicionário de ciências sociais.* Tradução de Alexandre Gaspar, Isabel Madureira Pinto, Linda Xavier e Maria Manuela Meneses. 5ª Ed. Lisboa (Portugal): Publicações Dom Pixote, 1982.

BISPO, Antônio Alexandre. *"Novo estilo de cantar os reis":* documento proveniente do Rio de Janeiro (1818) em conservado em Lisboa. Disponível em: http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/CM04-01.htm.

BORGES, Barsanulfo Gomides. *Goiás nos quadros da economia nacional*: 1930-1960. Goiânia: Editora da UFG, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura.* Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. A ética do catolicismo popular. *In*: GONZÁLEZ, José Luís; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; e IRARRÁZAVAL, Diego. *Catolicismo popular:* história, cultura, teologia. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992. (Coleção Teologia e Libertação).

_____. *A folia de Reis de Mossâmedes:* etnografia de um ritual camponês. *In: Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v.4 (1), p. 1-58, jan./jun. 1983.

_____. *De tão longe eu venho vindo:* símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

_____. *Memória do sagrado:* estudos da religião e ritual. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. *Os deuses do povo:* um estudo sobre religião popular. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Sacerdotes de viola:* rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CALDAS, Waldenyr. *Cultura.* 4ª edição. São Paulo: Global Editora, 1986.

CALDAS, Waldenyr. Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1979.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPESTRE. Informativo mensal da Paróquia São Sebastião. Itaguari-GO: Ano I, n. 9, novembro de 2006.

CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: *estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.* 10ª edição. São Paulo: Duas Cidade; Editora 34, 2001.

CANESIN, Maria Tereza; SILVA, Telma Camargo da.*Folia de Reis de Jaraguá.* Goiânia: Editora da UFG, 1983. (Coleção Religiosidade popular, n. 1).

CARDOSO, Joaquim Marques; COUTO NETO, José Eduardo do; e NETO, Osmar José Jerônimo. *História de Itaguari:* de Campestre à capital da moda íntima. Goiânia: Scala Editora, 2013.

CARVALHO, Marta de Ulhôa. *Musica sertaneja em Uberlândia*. Uberlândia: UFU, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1954.

CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do rito.* Porto: Rès, s/d.

CHAIM, Mariovane Matos. *Aldeamentos indígenas*: Goiás, 1749 – 1811. 2ª ed. Rev. São Paulo: Nobel; [Brasília]: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1993.

CHAUL, Nasr Fayad. *A identidade cultural do goiano.* Revista Ciência e Cultura. Vol.63, n.3 São Paulo: Julho de 2011.

_____. *Caminhos de Goiás:* Da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora UFG, 2001.

COHEN, Abner. *O homem bidimensional:* a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas. Tradução de Sônia Corrêa. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. Carta do Folclore brasileiro, 1995.

CORRÊA, Roberto. *A arte de pontear viola.* 2ª edição. Brasília: Viola Corrêa, 2002.

DAMATTA, Roberto da. *O que faz o brasil, Brasi?* 5ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo:* comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral:* memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, *2006.*

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade.* 6ª ed. Tradução de Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FALCON, Francisco. *História cultural:* uma nova visão sobre a história e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FERREIRA, Lúcia M. A. Lúcia; ORRICO, Evelyn G. (Org.). *In:Linguagem, identidade e memória social:* novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FONTOURA, Sonia Maria; CELLURALE, Luiz Henrique; CANASSA, Flávio Arduini. *Em nome de santos Reis:* um estudo sobre folia de Reis em Uberaba (Vol. I). Uberaba: Arquivo público de Uberaba, 1997.

DOSSE, François. A história. Tradução de Maria Eliana Ortiz Assumpção. Bauru-SP: Edusc, 2003.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens artísticas da cultura popular. *In:* SILVA, René Marc da Costa (Org.). *Cultura popular e educação*: salto para o futuro. Brasília: 2008.

GEERTZ, Clifford.*A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro:LTC Editora,1989.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais:* morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÖRGEN, S. A. *Marcha ao coração do latifúndio*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZAGA, Padre Agnaldo Divino Gonzaga. *As folias de reis de Itaguari e a Igreja. In:*Informativo mensal da Paróquia São Sebastião. Itaguari-GO: Ano I, n. 9, novembro de 2008.

_____. Agnaldo. *Teatro de santos reis:* visita dos três reis magos ao Menino Jesus na lapa de Belém. Goiânia: 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Os lugares da memória.* Disponível em: http://www.miniweb.com.br/educadores/Artigos/lugares_memoria.html. Acesso em 22 de dezembro de 2015.

LACERDA, Regina. *Folclore Brasileiro.* Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Tradução de Bernardo Leitão (*et. Alii).* 4ª Edição. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1984.

LEITE, S.J., Serafim. Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil. São Paulo, 1956.

LIMA, Alessandra Martins de. *O poder político de Itaguarí*. Monografia (Graduação em História). Universidade Católica de Goiás. Goiânia: 2000.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil:* intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro/Revan/IUPERJ/UCAM, 1999.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico:* um tempo, um carisma, uma história. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1990. Coleção Documentos Goianos, l8.

MAGALHÃES, G. José Vieira do Couto de. *O Selvagem.* São Paulo: Cia Editora Nacional, 1935.

MAIA, Andréa Casanova; ARRUDA, Rogério. *Nos trilhos do tempo.* Memória da ferrovia em Pedro Leopoldo. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Myth in PrimitivePsychology*. Nova York: s/e, 1955.

MARTINS, Allysson Viana. *De Virgulino a Lampião:* guerras de memórias nos filmes sobre o cangaceiro mais famoso do Brasil. Disponível em: http://www.unicentro.br/rbhm/ed06/artigos/04.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

MARTINS, José de Souza. Música sertaneja: a dissimulação na linguagem dos humilhados. *In*: *Capitalismo e tradicionalismo:* estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo : Pioneira, 1975, p. 103-161.

MEGALE, Nilza Botelho. *Folclore brasileiro.* Petrópolis: Vozes, 1999.

MENEZES, E. Diatahy de; ARRUDA, João (orgs). *Canudos:* as falas e os olhares. UFC: Fortaleza, 1995.

MILHOMEM Erotildes da Silva. *Folclore do Araguaia.* Cuiabá-MG: Print Express, 2000.

MITJAVILA, Myriam. *Sobre a densidade social do mito. Notas para uma leitura sociológica do tema.* Revista Plural. São Paulo, 1: 87-105, 1. Sem. 1994.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória:* a cultura popular revisitada. 6ª edição. São Paulo: contexto, 2007.

MOREYRA, Yara. De folias, de reis e de folias de reis. *In: Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 4 (2), p. 135-172, jul./dez. 1983.

MURRAY, Charles. A música como objeto de memória. *In:* SILVA, René Marc da Costa (org.). *Cultura popular e educação:* salto para o futuro. Rio de Janeiro: TV Escola\SEED\MEC, 2008.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira:* Da Roça ao Rodeio. São Paulo: Editora 34, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. História e memória: os jogos da memória. *In:* MATOS, Ilmar Rohloff (Org.) *Ler e escrever para contar* – Documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

ORTENCIO, Bariani. *Cartilha do folclore brasileiro:* edição em homenagem ao XI congresso brasileiro de folclore. 2ª ed. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

_____. *Conversando com os mitos do folclore brasileiro*. Brasília-DF: Trampolim, 2017.

_____. Dicionário do Brasil Central. 2ª edição. Goiânia: ICBC, 2009.

PALACIN, Luís. *O século do ouro em Goiás.* Goiânia: Ed. Da UCG, 1994.

PARAFITA, Alexandre. *A Mitologia dos Mouros*. Porto: Gailivro, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História cultural. 2ª Edição. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes e FÉLIX, Madeleine. *As viagens dos reis magos*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

_____. As folias de reis. *In:* PESSOA, Jadir de Morais (Org.); PESSOA, Edson e VIANÊS, Edson Alves. *Meu Senhor dono da casa:* os 50 anos da folia de reis das Lages. Goiânia: Gráfica e Editora O Popular, 1993.

_____. *Mestres de caixa e viola.* Disponível em: http://www.anped.org.br/trabalhos/06tjadmp. Acesso em 26 de janeiro de 2016.

_____. *Saberes em festa:* gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: Editora da UCG/Editora Kelps, 2005.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo:* ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

PIRES, Cornélio. *Pataoadas*. 7ª edição. São Paulo: A Noite, s/d.

POHL, Johann Baptist Emanuel. Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itataia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

PRINS, Gwyn. História oral.*In:* BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história:* novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

REZENDE, Gilberto de Andrade. *Catira:* uma tradição de 450 anos. Uberaba-MG: Fundação Cultural de Uberaba, 2014.

RIBEIRO, José Hamilton. *Música caipira:* as 270 maiores modas de todos os tempos. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, Lisete Maria Alves. *Catira:* uma tradição de 450 anos. Uberaba: Fundação Cultural de Uberaba, 2014.

RIOS, Sebastião. *A marcha dos Três Reis*: devotos dos magos. Encarte de CD. ("Clube do violeiro caipira de Brasília e Associação dos Devotos dos Reis Magos"). Brasília: 2011.

_____. Os cantos da festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. *Revista Sociedade e Cultura*. Goiânia, n. 001, jan.-jun., vol. 9, 2006. p. 65-76.

_____; VIANA, Talita. *Toadas de Santos Reis em Inhumas – Goiás:* tradição, circulação e criação individual. Fotografia de Rogério Neves. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

ROCHA, Everaldo. *O que é mito*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

SAENGER, Juliana. Continuidade e descontinuidade. *In:Tocadores: homem, terra, música e cordas*. Curitiba-PR: Olaria, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.

SANT'ANA, Romildo. *A Liberdade é Azul:* crônicas da vida, da morte e da Arte. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da.A produção social da identidade e da diferença.*In:* SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUTO, Jovelucia Rodrigues. *A transformação espacial da folia de Santo Reis de Itaguari:* migração do rural para o urbano. Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás/Unidade Universitária Cora Coralina, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Geografia, sob orientação do orientador: Prof. Ms. Marcelo de Mello. Goiás, 2006.

TELES, José Mendonça. *Chão goiano:* história e estudos literários. Goiânia: Editora da UCG, 1999.

TEMPESTA, Dom Orani. *Padre Cícero*. Disponível em: http://www.portaldejuazeiro.com/2016/01/cardeal-dom-orani-tempesta-escreve.html. acesso em 20 de fevereiro de 2017.

TREMURA, Wilson Alves. *A música caipira e o verso sagrado na folia de reis*. Disponível em: http://www.academia.edu/3670153/A_M%C3%9ASICA_CAIPIRA_E_O_VERSO_SAGRADO_NA_FOLIA_DE_REIS. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

ULHÔA, Martha Tupinambá de. *Da moda-de-viola à balada:* a estética da música sertaneja. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (texto digitado), 1996.

VIANNA, Letícia. Patrimônio Imaterial: Novas Leis para Preservar... O quê? *In*: SILVA Rene Marc da Costa (ORG). *Cultura popular e educação*. Brasília MEC, 2008.

VIGILATO, José. *Folia de reis – povo de Deus*: ensaio místico-floclórico. Goiânia: Editora Kelps, 2012.

VILELA, Ivan. *O caipira e a viola brasileira. In:* sonoridades luso-afro-brasileiras. Disponível em: http://www.ivanvilela.com.br/sobre/artigo_caipira.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença:* a perspectiva dos estudos culturais. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS

Anexo 1 – Cantoria do Bendito da mesa da saída da Folia Mineira

Coro 1:
Deus vos pague o bão almoço,
Deus vos pague o bão almoço,
Que vós deu pros folião, ai.
Coro 2:
Lá no céu vós acho outro,
Lá no céu vóis acho outro,
Na mesa da salvação, ai[223].

Bendito, louvado seja, (bis)
E o santíssimo sacramento.

Vem abençoar a mesa (bis)
Que nos dá bom alimento.

Bendito, louvado seja, (bis)
E a puríssima conceição, ai.

Vem abençoar a mesa, (bis)
Que nos dá o vinho e o pão, ai.

Bendito, seja louvado, (bis)
Jesus, José e Maria, ai.

Vem abençoar a mesa, (bis)
Nosso pão de cada dia, ai.

Desceu um anjinho do céu (bis)
Com seu livrinho na mão, ai.

Vem rezando ave-maria, (bis)
Salve os que aqui estão, ai.

Desceu um anjinho do céu (bis)
Com seu livrinho na mão.

Vem trazer vida e saúde (bis)
Para o dono desta casa, ai.

Os Trêis Reis desceu do céu (bis)
Retratado na bandeira.

Vamo dá um viva pros servente, (bis)
Abençoando as cozinheira.

Vinte e cinco de dezembro, (bis)
Que acende a divina luz, ai.

Pai e Filho, Espírito Santo, (bis)
Para sempre. Amém. Jesus, ai[224].

Viva os Trêis Reis do Oriente.
Viva a todos os folião.
Viva todos que estão presente.
Viva as cozinheiras.
Viva os festeiro e as festeiras[225].

[223] Esta primeira estrofe está montada conforme se canta, repetindo o primeiro verso. Nas estrofes seguintes usa-se o "bis" para indicar a repetição do primeiro verso.

[224] O embaixador Tõe Gordo, tão logo finaliza esta cantoria de bênção da mesa, dá os vivas abaixo. Os presentes respondem com um "viva". O embaixador libera os serventes, já apostos, para servirem os convidados que desde o início da cantoria já estavam em fila.

[225] Todos almoçam. Ao terminarem, foliões se agrupam em torno do altar para afinação dos instrumentos e dar início à cantoria. A sanfona serve de base para afinação dos demais instrumentos de corda: violão, viola e bandolim. Os instrumentos de percussão, caixa e pandeiro, também carecem de trato, com ajustes como esticamento de suas películas. Logo o embaixador aciona mais um silvo, solicitando agrupamento dos cantadores e instrumentistas. distribuindo cada qual em seu devido lugar. O grupo fica frente ao altar, montado com enfeites de natal e imagens (folha de bacuri, imagens dos reis magos, pastores, anjo, estrela guia, José, Maria e, ao centro, o Menino Jesus na manjedoura). Após fazer a checagem final, o embaixador aciona mais um silvo para que o sanfoneiro comece a cantoria, acompanhada pelos demais da orquestra formada por uma sanfona, dois violões, duas violas, dois bandolins, uma caixa e um pandeiro. Tõe Gordo cantou os próximos versos, fazendo a primeira parte sozinho e os demais cantadores a resposta, repetindo o último verso cantado pelo embaixador.

Anexo 2 – Cantoria da saída da Folia Mineira

Embaixador:
Ai, Pai e Filho, Espírito Santo, ai, ai.
Ai, nas horas de Deus. Amém.
Resposta:
Ai, nas horas de Deus. Amém, ai, ai[226].

Ai, começa as oração, ai, ai.
Ai, pra cumprir vossa promessa.
Ai, pra cumprir vossa promessa, ai, ai.

Ai, no dia de Santos Reis, ai, ai.
Ai, Pai, Filho e Espírito Santo.
Ai, Pai, Filho e Espírito Santo, ai, ai.

Ai, que abençoa a companhia, ai, ai.
Ai, em versos que eu canto.
Ai, em versos que eu canto, ai, ai.

Ai, existia em muitos anos, ai, ai.
Ai, na cidade Nazaré.
Ai, na cidade Nazaré, ai, ai.

Ai, lá morava uma virgem, ai, ai.
Ai, bonita e de muita fé.
Ai, bonita e de muita fé, ai, ai.

Ai, tão devota e dedicada, ai, ai.
Ai, igual ela não havia.
Ai, igual ela não havia, ai, ai.

Ai, vivia na humildade, ai, ai.
Ai, o seu nome era Maria.
Ai, o seu nome era Maria, ai, ai.

Ai, o anjo falou pra ela, ai, ai.
Ai, Deus precisa de você.
Ai, Deus precisa de você, ai, ai.

Ai, do seu ventre santo e puro, ai, ai.
Ai, o Messias vai nascer.
Ai, o Messias vai nascer, ai, ai.

Ai, a Maria disse pro anjo, ai, ai.
Ai, damos graça e louvor.
Ai, damos graça e louvor, ai, ai.

Ai, seja feita vossa vontade, ai, ai.
Ai, sou a escrava do senhor.
Ai, sou a escrava do senhor, ai, ai.

Ai, o anjo falou pra ela, ai, ai.
Ai, antes de vortá pro céu.
Ai, antes de vortá pro céu, ai, ai.

Ai, foi pra anunciar Maria, ai, ai.
Ai, veio o anjo Gabriel.
Ai, veio o anjo Gabriel, ai, ai.

Ai, é o começo da história, ai, ai.
Ai, escutava as profecia.
Ai, escutava as profecia, ai, ai.

Ai vinte e cinco de dezembro, ai, ai.
Ai, que nasceu Manoel Messias.
Ai, que nasceu Manoel Messias, ai, ai.

Ai, vou falar pros companheiros, ai, ai.
Ai, é começo de oração.
Ai, é começo de oração, ai, ai.

Ai, alevanto esta bandeira, ai, ai.
Ai, pra benzer meus folião.
Ai, pra benzer meus folião, ai, ai[227].

Ai, recebeu nossa bandeira, ai, ai.
Ai, veja que bandeira é essa.
Ai, veja que bandeira é essa, ai, ai.

---

[226] Somente a primeira estrofe de todas as cantorias será montada conforme a forma que se canta. As demais serão transcritas sem essa estrutura, sem repetição de versos (com "bis" onde for necessário) e separação da parte cantada pelo embaixador e a cantada pela resposta. Tal decisão se justifica pelo fato de neste trabalho o importante é o conteúdo das letras e não o que diz sua parte estritamente musical.

[227] A festeira, Jaqueline, filha do morador Sr. Renivaldo Peixoto, que justamente com este segura a bandeira ao lado do altar, posiciona-a de maneira que todos os foliões, caminhando em círculo sob ritmo instrumental, vão passando debaixo da bandeira para benzimentos dos foliões. Todos passam e posicionam-se, finalmente, nos seus lugares de origem.

Ai, segurou nos Trêis Reis Magos, ai, ai[228].
Ai, pra pagar sua promessa.
Ai, pra pagar sua promessa, ai, ai.

Ai, que o senhor tava doente, ai, ai.
Ai, pra pedir sua proteção.
Ai, pra pedir sua proteção, ai, ai.

Ai, Santos Reis te atendeu, ai, ai.
Ai, derramou santa benção.
Ai, derramou santa benção, ai, ai.

Ai, se você está curando, ai, ai.
Ai, eu peço não chora não.
Ai, eu peço não chora não, ai, ai.

Ai, Santo Reis te faz o bem, ai, ai.
Ai, Sem receber um tostão.
Ai, sem receber um tostão, ai, ai.

Ai, já não é mais devedor, ai, ai.
Ai, pode entregar a bandeira.
Ai, pode entregar a bandeira, ai, ai.

Ai, parabéns para a festeira, ai, ai.
Ai, e seu papai do coração.
Ai, e seu papai do coração, ai, ai.

Ai, terminou a sua missão, ai, ai.
Ai, Deus no céu que te abençoa.
Ai, Deus no céu que te abençoa, ai, ai.

Ai, a senhora tá chorando, ai, ai.
Ai, na presença de Belém.
Ai, na presença de Belém, ai, ai.

Ai, senhora chora na terra, ai, ai.
Ai, os anjos chora também.
Ai, os anjos chora também, ai, ai.

Ai, eu peço muita saúde, ai, ai.
Ai, e também a proteção.
Ai, e também a proteção, ai, ai.

Agradeço o bom almoço[229]
Que matou a nossa fome, ai, ai, ai.
Que matou a nossa fome, ai, ai.

É de ser abençoado, ai, ai,
Na mesa que os anjos como, ai, ai, ai.
Na mesa que os anjos como, ai, ai.

Oh, meu velho folião,
Deus do céu que agradece, ai, ai, ai.
Deus do céu que agradece, ai, ai.

Deus do céu te dá em dobro
Aquilo que vós merece, ai, ai, ai.
Aquilo que vós merece, ai, ai.

Vou cantar pra sua esposa,
Deus no céu põe a benção, ai, ai, ai.
Deus no céu põe a benção, ai, ai.

Pra senhora e seu esposa,
Deus do céu põe a benção, ai, ai, ai.
Deus do céu põe a benção, ai, ai.

Vou cantar pra sua filha,
É uma devota também, ai, ai, ai.
É uma devota também, ai, ai.

Santos Reis te dá saúde,
E os anjos que fala amém, ai, ai, ai.
E os anjos que fala amém, ai, ai.

Vou chamar os dois serventes,
São José e Nossa Senhora, ai, ai, ai.
São José e Nossa Senhora, ai, ai.

Também peço a sua oferta,
Peço a bandeira de glória, ai, ai, ai.
Peço a bandeira de glória, ai, ai.

Agradeço a sua oferta
Que das suas mãos saiu, ai ai ai
Que das suas mãos saiu, ai, ai.

---

[228] Flávio... , ex-morador de Itaguari e no momento residente em Goiânia, segurou a bandeira para pagar uma promessa. Foi vítima de enfermidade provocada por bactéria. Ainda magro e debilitado, veio a folia para segurar a bandeira e pedir bênçãos para sua recuperação.

[229] Sem interromper o ritmo da cantoria, o mesmo embaixador canta sob outra regência harmônica. Em vez de cantar “ai, ai”, ao final do primeiro verso, canta, “ai, ai, ai” ao final do segundo verso. A resposta segue cantando “ai, ai” ao final do terceiro e último verso.

Quem vós deu pra Santos Reis.
A porta do céu abriu, ai, ai, ai.
A porta do céu abriu, ai, ai.

Também vou te convidar,
É um convite verdadeiro, ai, ai, ai.
É um convite verdadeira, ai, ai.

Pra ajudar rezar o terço
No dia 6 de janeiro, ai, ai, ai.
No dia 6 de janeiro, ai, ai.

Quem segura esta bandeira[230]
Também é da religião, ai, ai, ai.
Também é da religião, ai, ai.

Segurou pra dar uma oferta,
Seu bondoso coração, ai, ai, ai.
Seu bondoso coração, ai, ai.

Deve ser abençoado
Os Três Reis, os três irmãos, ai, ai, ai.
Os Três Reis os três irmãos, ai, ai.

Recebeu nossa bandeira
Nosso Pai celestial, ai, ai, ai.
Nosso Pai celestial, ai, ai.

Vou pedir pros Três Reis Santos
Que abençoe este casal, ai, ai, ai.
Que abençoe este casal, ai, ai.

Dá oferta pra bandeira
A família de uma vez, ai, ai, ai.
A família de uma vez, ai, ai.

A de ser abençoado
O divino Santos Reis, ai, ai, ai.
O divino Santos Reis, ai, ai.

Agradeço a boa oferta
Com a flor da esperança, ai, ai, ai.
Com a flor da esperança, ai, ai.

Deus no céu que te abençoa
O senhor e a criança[231], ai, ai, ai.
O senhor e a criança, ai, ai.

Recebeu nossa bandeira,
Pôs os joelho no chão, ai, ai, ai.
Pôs os joelho no chão, ai, ai.

Procura se é promessa
Ou se é só religião[232], ai, ai, ai.
Ou se é só religião, ai, ai.

Esse voto que vós fez
Foi momento de aflição, ai, ai, ai.
Foi momento de aflição, ai, ai.

Vem pedir pra Santos Reis:
- Tira seu joelho do chão, ai, ai, ai.
Tira seu joelho do chão, ai, ai.

Para o senhor Santo Reis,
Já não é mais devedor, ai, ai, ai.
Já não é mais devedor, ai, ai.

Santos Reis agradeceu,
Os anjos do céu levou, ai, ai, ai.
Os anjos do céu levou, ai, ai.

Recebeu nossa bandeira[233]
Com prazer e alegria, ai, ai, ai.
Com prazer e alegria, ai, ai.

Também pede a sua oferta,
Companheiro de folia, ai, ai, ai.
Companheiro de folia, ai, ai.

Santos Reis que agradece
O senhor e sua família, ai, ai, ai.
O senhor e sua família, ai, ai.

Eu chamo o dono da casa,
É hora de viajar, ai, ai, ai.

---

[230] Outra pessoa segura a bandeira, ajoelhando-se, para receber bênção na forma de cantoria.

[231] Um senhor, tendo uma criança nos braços, segura a bandeira para receber a cantoria.

[232] Embaixador acena, após cantar, para que o palhaço pergunta à pessoa se se trata de promessa ou uma simples "pega" de bandeira para receber uma bênção.

[233] Menção aos festeiros que apossaram-se da bandeira, após sequência devotos que seguraram a bandeira para pagarem promessas ou simplesmente serem abençoados por Santos Reis.

É hora de viajar, ai, ai.

Eu despeço da dona da casa
E também desta lapinha, ai, ai, ai.
E também desta lapinha, ai, ai.

Eu despeço do senhor prefeito
E também das bandeirinhas, ai, ai, ai.
E também das bandeirinhas, ai, ai.

Os Trêis Reis tá te chamando
Pro dia seis de janeiro, ai, ai, ai.
Pro dia seis de janeiro, ai, ai.

Pra fazer nossa chegada
Lá na casa do festeiro, ai, ai, ai.
Lá na casa do festeiro, ai, ai.

Anexo 3 – Cantoria da saída da Folia do Brejo Grande (parte 1)

Embaixador:
Pra cantar pra Santos Reis,
A Deus eu peço licença.
Resposta:
Pra cantar pra Santos Reis,
A Deus eu peço licença[234]...

Pra me dar sabedoria
E também inteligência. (bis)

Vou pedir pra Santos Reis
Pra guiar os nossos passos. (bis)

Pra livrar a companhia
De todos os embaraços. (bis)

Pelo sinal da Santa Cruz,
É princípio em oração. (bis)

Começo de cantoria,
De uma linda invocação. (bis)

Pelo sinal da Santa Cruz,
Que deixou pra nós na terra. (bis)

É uma das três pessoas
Que nesta hora se encerra. (bis)

Oh Deus, Pai, a reverência
A Jesus, José e Maria. (bis)

É os Três Reis do Oriente
É quem vai na nossa guia. (bis)

Oh, meu nobre folião,
Os Três Reis mandou falar. (bis)

Nunha hora tão bonita
As bandeira vai levantar. (bis)

Pra fazer uma despedida
A todos deste lugar. (bis)

Deus vos salve a casa santa,
Onde Deus fez a morada. (bis)

Onde mora o cálice bento
E a hóstia consagrada. (bis)

Na cidade de Nazaré
Um fato aconteceu: (bis)

Nunha casinha tão humilde
Um anjo apareceu. (bis)

Era o anjo Gabriel,
Ai, com os seus raios de luz. (bis)

Ele veio dizer a Maria
Para ser a mãe de Jesus. (bis)

Ela recebeu, direito,
Muitas graças e amor. (bis)

Respondeu para o anjo:
"Eis a escrava do Senhor." (bis)

Já falei da anunciação,
Vou cantar o nascimento. (bis)

A vinte cinco de março
Foi que a Virgem Concebeu. (bis)

Vinte e cinco de dezembro,
O Menino-Deus nasceu. (bis)

Do lado do Oriente
Uma estrela Apareceu. (bis)

Tudo ali modificaram,
Todo santo enfureceu. (bis)

Os monarcas Santos Reis,
Cada um, saiu sozinho. (bis)

Guiados pela estrela,
Encontraram [se] no caminho. (bis)

[234] Como se nota, o embaixador canta os dois primeiros versos e em seguida os demais cantadores respondem cantando os mesmos versos. Isso se dá com as estrofes seguintes cantadas por este embaixador, cujas estrofes trazem um "bis" ao seu final, indicando que ela é cantada novamente logo após o embaixador tê-la entoado.

Encontraram [se] no caminho
Todos no destino só. (bis)

Encontraram os três monarcas:
Baltazar, Gaspar, Brechó. (bis)

Eles seguiram viagem,
Todos três muito contente. (bis)

Seguiram para Belém,
A estrela foi na frente. (bis)

A Estrela do Oriente
Lunina noite e dia. (bis)

Na Lapinha de Belém,
Onde o Menino dormia. (bis)

Os Três Reis se alegraram
Por aquele inocente. (bis)

Se prostraram de joelhos,
Fereceram seus presentes. (bis)

Rei Gaspar trouxe o ouro
Para seu trono honrar. (bis)

Baltazar que trouxe incenso
Pro Menino incensar. (bis)

Rei Brechó fez a oferta
Do presente que trazia. (bis)

Entregou a sua mirra
Quando o Menino dormia. (bis)

Os Três Reis se aprostraram,
Fizerão sua adoração. (bis)

Receberam suas coroas,
Alevantaram do chão. (bis)

Os Três Reis se despediram,
Todos três com alegria. (bis)

Despediu de Deus-Menino,
São José e Santa Maria. (bis)

Deus vos salva o belo altar,
Muito bem apreparado. (bis)

Que Alvere e folião
Hoje seja visitado. (bis)

Deus vos salve o livro sagrado,
Seu divino ensinamento. (bis)

Hoje, nele, está escrito
O santíssimo nascimento. (bis)

Deus vos salve este presépio,
Da toalha até as vela. (bis)

Deus vos salve São José,
A Senhora e o filho dela. (bis)[235]

Lá se vai...
Lá se vai, oi, lá se vai
A bandeira da alegria.
Os Três Reis do Oriente,
Ele, vai na nossa guia[236].

[235]O embaixador Marcos, do galho direito, encerra sua cantoria parando todos os instrumentos, dá vivas a “Santos Reis do Oriente”, “os moradores”, “o belo altar” e a “todos os presentes”. E convida todos os foliões para cantar o “Oi, lá se vai”, que são os versos seguintes.

[236] Esta mesma estrofe é cantada várias vezes, enquanto os alferes pegam as bandeiras no altar e caminham em direção à mesa montada sob barracas, do lado de fora da casa do morador. Chegando, dois grupos são formados, ficando cada um em uma das duas extremidades da mesa farta de alimentos. Então um grupo começa a cantar, intercalado com o outro logo em seguida.

Anexo 4 – Cantoria do Bendito da Mesa da saída da Folia do Brejo Grande

Bendito, louvado seja,
Bendito, louvado seja,
Oh, meu Senhor Jesus Cristo.

Para louvar esta mesa,
Para louvar esta mesa,
Seja louvado o Bendito.

Deus vos pague a boa janta,
Deus vos pague a boa janta,
Deus seja a sua defesa.

É os Três Reis do Oriente,
É os Três Reis do Oriente,
Que abençoe a vossa mesa.

Deus vos pague a boa janta,
Deus vos pague a boa janta
Que vós deu pros folião.

Há de ser recompensado,
Há de ser recompensado
Dos Três Reis, dos três irmãos.

Deus vos pague a boa janta,
Deus vos pague a boa janta
Que vós deu pra companhia.

Há de ser recompensado,
Há de ser recompensado
Dos Três Reis da nossa guia.

Deus vos pague a boa janta,
Deus vos pague a boa janta
Que matou a nossa fome.

Lá no céu vós acha outro,
Lá no céu vós acha outro
Na mesa que os anjos come.

Jesus Cristo perguntou,
Jesus Cristo perguntou:
"Quem tratou dos folião."

Respondeu Maria Virgem,
Respondeu Maria Virgem:
"Foi o Filho da benção".

Lá do céu desceu um anjo,
Lá do céu desceu um anjo
E veio batendo as asas.

Veio trazer vida e saúde,
Veio trazer vida e saúde
Para os donos desta casa.

Lá do céu desceu dois anjos,
Lá do céu desceu dois anjos
Com seu galho de oliveira.

Lá do céu desceu dois anjos,
Lá do céu desceu dois anjos
Pra esta família inteira.

Lá do céu desceu três anjos,
Lá do céu desceu três anjos
Com seu livrinho na mão.

Veio trazer vida e saúde,
Veio trazer vida e saúde
Pra todos que aqui estão.

Já cantemo e já louvemos,
Já cantemo e já louvemos
Nessas horas que se encerra.

Os anjos cantou no céu,
Os anjos cantou no céu;
Nós, rezemo aqui, na terra.

Já cantemo e já louvemos,
Já cantemo e já louvemos,
Fizemo o sinal da cruz.

Pai, Filho e Espírto Santo,
Pai, Filho e Espírto Santo,
Para sempre. Amém, Jesus.
(Terminando, volta ao altar e continua a cantar a parte 2)

Anexo 5 – Cantoria da saída da Folia do Brejo Grande (parte 2)

Lá se vai...
Lá se vai, oi, lá se vai
A bandeira da alegria.
Os Três Reis do Oriente
Ele vai no nossa guia[237].

Embaixador:
Os Três Reis alevantou
Nessa hora abençoada. (bis)
Resposta:
Ele vai agardecer
O dono desta morada[238]. (bis)

Os Três que agardece
O trabalho que vós feiz. (bis)
Saindo no dia trinta,
Vortando no dia seis. (bis)

Pra fazer o agardecimento,
Eu faço de oração. (bis)
Hoje está na minha frente
Os Três Reis, os três irmão. (bis)

Os Três Reis te agardece,
Cozinheira e servente. (bis)
Por onde eles cantá
Os Três Reis está na frente. (bis)

Os Três Reis te agardece
Pela hora abençoada. (bis)
Eles tão agardecendo
Os donos desta morada. (bis)

Os Três Reis tá gardecendo
Nesta bençoada hora. (bis)
Os Três Reis te agardece
É quem nesta cada mora. (bis)

Pra fazer o agardecimento,
Com prazer e alegria, (bis)
Vós vai ter é que chamar
O seu filho e a sua filha[239]. (bis)

Que os filhos do casal
Dê um passo bem aqui. (bis)
Os Três Reis vai agardece
Esta terra da família. (bis)

O seu filho já chegou,
Tá fartano a sua filha. (bis)
Os Três Reis vai agardecer,
Completando a famía. (bis)

Os Três Reis te agardece
Os trabalhos de vocês. (bis)
Todos passos que vós dá
Os Três Reis vai dá procêis. (bis)

Deus vos pague o que vois fez
Com amor no coração. (bis)
Voiz vai ter a recompensa
Dos Três Reis, dos três irmão. (bis)

Pra terminá cantoria,
Chama outro embaixador (bis)
Pra assumir o meu lugar
Nessa hora com louvor[240]. (bis)

Os Três Reis lhe agradece,
Veja que momento bão. (bis)
A Rosângela e seus filhos
E também o Sebastião. (bis)

Com as bandeira levantada
Nessa hora de alegria, (bis)
Vamos seguir a jornada
De visitar as família. (bis)

---

[237] Após cantoria do "Lá se vai...", frente ao altar, o embaixador Adão, do galho esquerdo começa o segundo momento de cantoria da saída do folia de reis do Brejo Grande.

[238] Nesta toada o embaixador canta os dois primeiros versos e os repete, cantando uma vez somente os dois versos seguintes. E a resposta canta esses versos seguintes, repetindo-os.

[239] Ao perceber a ausência dos dois filhos do casal de moradores Sebastião do Cotinha e Rosângela, o embaixador solicita, cantando, a presença dos jovens Renato e Daniela. Sem parar de cantar, só prossegue a temática depois que os filhos do casal se fazem presentes segurando a bandeira.

[240] Sem parar a cantoria, Divino Ney assume o comando do grupo, embaixando.

Oh, meus nobres folião,
Escutá o que eu vou falar: (bis)
Eu convido todos vocês
Até a folia entregar. (bis)

Até a folia entregar
Dia seis de janeiro. (bis)
Aqui, na cada do festeiro,
É o dia derradeiro. (bis)

Oh, meu nobre folião,
Venha cá com alegria (bis)
Pra assumir o meu lugar
E termina a cantoria[241]. (bis)

Pra assumir a cantoria,
Veja que celente hora. (bis)
Aqui está a Bíblia Sagrada,
Também tá Nossa Senhora. (bis)

Aqui está Nossa Senhora
Com toda estampa que tem. (bis)
Aqui estão todas as velas
Se aluminado também. (bis)

Se alumiando também
Esta família sagrada. (bis)
Aqui está o Deus-Menino
Também a Bíblia Sagrada. (bis)

Os Três Reis tá despedindo,
Nesta hora vai se embora. (bis)
Se despede dos seus filhos,
Do senhor e a senhora. (bis)

O senhor e a senhora,
Neste hora eu vou falar: (bis)
Cêis entrega essas bandeira,
Nós precisa viajar. (bis)

Oh, meus nobres, meus oférios,
Dê um passo e venha cá. (bis)
Vem pegar a nossa guia,
Nós precisa viajar. (bis)

Os Três Reis vai viajar
Do Oriente pra Belém. (bis)
Ele vai girar seis dias,
Mas vai vortá também. (bis)

Mas vai vortá também,
Veja que celente hora. (bis)
Companhado de Jesus,
E Deus e Nossa Senhora. (bis)

Os Três Reis envai girar
Seis noite, na escuridão. (bis)
Eu quero pedir licença
Pra todo nossos irmão. (bis)

Pra todo nossos irmão
Tão contente nessa hora. (bis)
Venha ver nessa bandeira
O santim que vai embora. (bis)

O santim que vai embora,
Oi que hora tão presente. (bis)
Com os olhos da bandeira,
Que é os Três Reis do Oriente. (bis)

Ele saiu no dia trinta,
E no seu mundo correu. (bis)
Quando for no dia seis,
Nesta casa recolheu. (bis)

Recolher no dia seis
É com muita alegria. (bis)
Visitando os pouseiros
Com todas suas família. (bis)

Obrigado, os folião,
Pra vocês eu vou falar: (bis)
Acompanha esta jornada,
Os Três vai acompanhar. (bis)

Deus vós pague, os folião;
Deus vós pague, os festeiros. (bis)
Os Três Reis do Oriente
Vêm agradecer primeiro. (bis)

Oh, meu nobre, meu festeiro,
Escutá o que eu falo agora: (bis)
Se não saiu do seu gosto,
Me desculpe nessa hora. (bis)

[241] Geraldo segue cantando, na mesma toada, ocupando o lugar cedido pelo embaixador Divino Ney, fazendo referências à Bíblia Sagrada, aos santos e outros objetos do altar.

Anexo 6 – Cantoria de saída da Folia Goiana

Embaixador:
Pai e filho, Espírito Santo,
É hora de começá.
Oh meu nobre fulião,
Vai fazer o pelo siná.
Resposta:
Vai fazer o pelo siná, ai, ai, ai.

Nas horas que deus começa
Neste hora tão sagrada
Completamos mais um ano
Neste bonita fornada.
Neste bonita Jornada, ai, ai, ai.

Ó que hora abençoada
Vamos todos começar
Deus vos salve o santo altar
E o rosário de rezar.
E o rosário de rezar, ai, ai, ai.

Deus vos salve o santo altar
Nesta hora concebida,
Foi feito pra santo reis,
Pra essa bonita saída.
Pra essa bonita saída, ai, ai, ai.

O meu nobre e rico festeiro
Dá um passo e venha cá,
Alevanta essas bandeira
Santo reis mandou falar.
Santo reis mandou falar.

Oh Três Reis do Oriente,
Nessa hora verdadeira,
Eu quero uma salva de palmas
Pra esses nobres festeiro.
Pra esses nobres festeiro, a, ai, ai.

Deus vos salve o linda altar
Com os Três Reis da nossa guia,
Aonde está depoistado
O Filho da virgem Maria.
O Filho da virgem Maria, ai, ai, ai.

Oh meu nobre e rio festeiro,
Com prazer no coração
Alevanta as nossas guia
E vai benzer os folião.
E vai benzer os folião, ai, ai, ai.

Oh que hora tão sagrada
Que as bandeira alevantou
Pra seguir nossa jornada,
O nosso santo salvador.
O nosso santo salvador, ai, ai, ai.

Os Três Reis foi levantado
Nessa hora tao sagrada.
Tá louvando o santo altar
E essa Bília Sagrada.
E essa Bília Sagrada, ai, ai, ai.

Os Três Reis alevantou,
Pros anjos do céu sorri.
Ele vai abençoar
Os festeiros de Itaguari.
Os festeiros de Itaguari, ai, ai, ai.

Deus vos pague o belo almoço
Que vós deu pros folião.
Há de ser recompensado
Nos pés de são sebastião.
Nos pés de são sebastião, ai, ai, ai.

Agora eu peço pra Deus
Com prazer e alegria:
Deus vos salve o belo almoço
Que vós deu pra companhia.
Que vós deu pra companhia, ai, ai, ai.

Os Três Reis foi levantado,
Nosso santo verdadeiro.
Eu quero que ele abenços
A cada um dos cozinheiro.
A cada um dos cozinheiro, ai, ai, ai.

Os Três Reis alevantou –
Nosso santo soberano.
Os festeiros do ano passado,
Hoje eles tá entregando.
Hoje eles tá entregando, ai, ai, ai.

Os Três Reis foi levantado,
Nossos santos poderoso,
Ele vai abençoar
A caca um que for dar os pousos.

A caca um que for dar os pousos, ai, ai,
ai.

Os Três Reis tá desejando,
Se não for muito custoso,
A cada um que está aqui,
Um feliz ano novo.
Um feliz ano novo, ai, ai, ai.

Os Três Reis desdeu do ceú
E agora eis vai pedi:
Pede uma salva de palmas
Pro pessoal de Itaguari.
Pro pessoal de Itaguari, ia, ai, ai.

Os Três Reis mandou falá,
Desejando a vitória.
Deus vos dá vida e saúde
Com Deus e nossa senhora.
Com Deus e nossa senhora, ai, ai, ai.

Quem quiser dar uma oferta,
Na bandeira vem pegar.
Os Três Reis la vai se embora
Para depois nóis avortá.
Para depois nóis avortá, ai, ai, ai.

Os Três Reis desceu do ceu,
Cada um por sua vez.
Adeus, até outro dia,
Até o dia, o dia seis.
Até o dia, o dia seis, ai, ai, ai.

Os Três Reis lá vai se embora,
Nossa santo salvador.
Abençoada é as mãos
Que esse altar enfeitou.
Que esse altar enfeitou, ai, ai, ai.

Deus vos pague o seu almoço
Que matou a nossa fome.
Lá no ceu vóis acha outro
Na mesa que os anjos come.
Na mesa que os anjos come, ai, ai, ai.

Os Três Reis lá vai se embora
Nessa hora verdadeira.
Deus vos dá vida e saúde
Pra essa família inteira.
Pra essa família inteira, ai, ai, ai.

Oh meus nobre, os festeiros,
Santo reis mandou falar:
Se não ficou do vosso gosto,
Pesso pra nos perdoar.
Pesso pra nos perdoar, ai, ai, ai.

Os festeiros desse ano,
Santos reis mandou fala:
A feira tá liberada
Pra vocês ir trabalhar.
Pra vocês ir trabalhar, ai, ai, ai,

Pra vocês ir trabalhar
Com fé e muita devoção.
Vamos fazer essa rica festa,
Todos nós, de coração.
Todos nós, de coração, ai, ai, ai.

Os Três Reis lá vai se embora
Sem nenhum desemboraço.
Pra completá a companhia
Tá esperando os palhaço.
Tá esperando os palhaço, ai, ai, ai.

Pra vocês eu vou pedir:
Escuta o meu passado,
Se não ficou do vosso gosto,
Peço eu pra desculpar.
Peço eu pra desculpar, ai, ai, ai.

O meu nobre e meu festeiro,
Com prazer e devoção,
Os Três Reis lá vai se embora,
Mas fica em vossos coração.
Mas fica em vossos coração, ai, ai, ai.

Vai seguindo com as bandeiras
Com fé em Nossa Senhora.
Os Três Reis tá abençoando.
Ele agora vai se embora.
Ele agora vai se embora, ai, ai, ai.

Ele agora lá vai se embora,
Os milagres vai deixar.
Pois temos muitas morada,
Precisamos visitar.
Precisamos visitar, ai, ai, ai.

Vai seguindo com a bandeira

Como se fosse uma procissão.
Quando andar um pouquinho,
Para ela no portão.
Para ela no portão, ai, ai, ai.

Vamos todo acompanhar
Como se fosse aquela vez.
Os Três Reis lá vai se embora
Até chegar o dia seis.
Até chegar o dia seis, ai, ai, ai.

Cada um dessas pessoas,
Santos reis mandou falar:
Acompanhe esta bandeira,
Vamo com nóis ir visitar.
Vamo com nóis ir visitar, ai, ai, ai.

Os Três Reis lá vai se embora
Com o menino de Maria.
Eu convido os visitantes
Pra acompanhar esta folia.
Pra acompanhar esta folia, ai, ai, ai.

Em nome de Rei Brechó,
Rei Gaspar e Baltazer.
Nóis agora vai se embora,
A cantoria eu vou parar, ai, ai, ai.

Anexo 7 – Cantoria do giro, sem presépio, da Folia do Brejo Grande

Embaixador:
Os Três Reis envém girando
Do Oriente pra Belém.
Os Três Reis envém girando
Do Oriente pra Belém.
Ele vem fazer visita
Andando camim do bem.
Resposta:
Ele vem fazer visita
Andando camim do bem.
Ele vem fazer visita
Andando camim do bem.

Senhore dono da casa,
Escutá que eu vou falar: (bis)
"Vem receber os Três Reis Santos
Que acabou de chegar". (bis)

Os Três Reis aqui chegou
Com prazer e alegria. (bis)
Ele vem te visitar
O senhor e a família. (bis)

Abre a porta, morador,
Abre a porta nessa hora. (bis)
Vem receber os Três Reis Santos,
Jesus e Nossa Senhora. (bis)

Abre a porta, morador,
Veio da Virgem Maria. (bis)
Vem receber os Três Reis Santos
E escutar a cantoria. (bis)

Paremos na vossa porta
Como ouro na balança. (bis)
Somente tamo esperando
A vossa determinança[242]. (bis)

Recebeu esta bandeira,
É um folião de guia. (bis)
Pra mostrar que é devoto,
Joelhou na nossa guia. (bis)

Oh meu nobre, meu devoto,
Também é um folião. (bis)
Recebeu nossa bandeira,
É a sua tradição. (bis)

Recebeu nossa bandeira,
É a sua tradição. (bis)
Pra mostrar que é devoto
Pros Três Reis, os três irmão. (bis)

Ajoelhado pelo chão,
Pra você eu vou falar: (bis)
"Vou cantar para o seu filho
Que aqui ele não está". (bis)

Vou cantar para o seu filho
Nesta hora de alegria. (bis)
Os Três Reis olha por ele
Toda hora, todo dia. (bis)

Alevanta com a bandeira,
Ó meu folião de guia. (bis)
Os Três Reis lhe abençoe
O senhor e a família. (bis)

Os Três Reis lhe pede oferta,
Veja lá o que pode dar. (bis)
É os Três Reis do Oriente
Que põe outra no lugar. (bis)

Deus lhe pague a boa oferta,
Foi um folião quem deu. (bis)
É de ser recompensado,
Lá, no céu, junto com Deus. (bis)

Bençoada foi a hora
Que do seu pai alembrou. (bis)
Ele está lá, junto com Deus,
E os monarca, os reis senhor. (bis)

Pra cantar pra o seu pai,
Alegra seu coração. (bis)
Eu canto com alegria:
Também era um folião. (bis)

[242] Ou seja: que abra a porta para seguirem a cantoria. Dando esse último aviso, o grupo para de cantar. Se ninguém abre a porta, todos seguem a caminhada até o próximo morador; se a porta é aberta, os foliões adentram à casa e lá retomam a cantoria. Foi o que aconteceu nesse dia.

O seu pai não está aqui,
Para o céu Deus já levou. (bis)
Ele está junto com Deus,
E os monarca, o rei senhor. (bis)

Senhora dona da casa,
Põe a mão nesta bandeira. (bis)
Os Três Reis do Oriente
Bençoa a família inteira. (bis)

Senhora dona da casa,
Escuta o que vou falar: (bis)
"Leva a bandeira lá dentro,
Vai benzer o vosso lar". (bis)

Leva a bandeira lá dentro,
Vai benzer sua casa inteira. (bis)
Vós vai ser abençoada
Pros santo desta bandeira. (bis)

Vós vai ser abençoada
Pros santos desta bandeira. (bis)
Os Três Reis que abençoa
A sua família inteira. (bis)

Os Três Reis lhe pede oferta
Para a festa no seu dia. (bis)
Vós vai ser recompensada,
Filha da Virgem Maria. (bis)

Deus vos pague a boa oferta,
Foi a senhora quem deu. (bis)
Vós vai ser recompensada
Lá no céu, junto com Deus. (bis)

Os Três Reis que agardece,
Tem a flor da esperança. (bis)
Vai falar pro seu filhinho
Que os Três Reis deixou lembrança. (bis)

Oh, minha nobre companheira,
Companheira de folia, (bis)
Pra cantar para você,
Arrecebe a nossa guia. (bis)

Os Três Reis olha por ti
Nessa hora tão normal. (bis)
Os Três Reis vai tá presente
No leito do hospital. (bis)

Os Três Reis vai tá presente
No leito do hospital. (bis)
O senhor fica feliz,
O seu parto é normal. (bis)

Pra cantar para vocês
E também pro teu filhinho. (bis)
Os Três Reis fica contente,
Também com muito carinho. (bis)

Alevanta com a bandeira,
Oh, minha nobre companheira. (bis)
Vós vai ser abençoada
Pro santo desta bandeira. (bis)

Vós vai ser abençoada,
Nesta hora ela chorou. (bis)
Vós vai ser aconsolada
Pros monarca, o rei senhor. (bis)

Deus vos pague a boa oferta,
Foi um folião quem deu. (bis)
Vós vai ter a recompensa
Lá no céu, junto com Deus. (bis)

Oh, meu nobre folião,
Pra você eu vou falar: (bis)
"Pra cantar para vocês,
A bandeira vai pegar". (bis)

Arrecebe esta bandeira,
Oh, meu nobre folião. (bis)
Pra mostrar que é devoto,
Põe o seu juei não chão. (bis)

Põe o seu juei no chão
Nessa hora verdadeira. (bis)
Segurando os Três Reis santos
Retratado da bandeira. (bis)

Oh, meu nobre folião,
Escutá o que vou falar. (bis)
Vou cantar para o seu pai
Porque aqui ele não está. (bis)

Vou cantar para o seu pai
Com prazer e alegria. (bis)
Também era um folião,
Dos Três Reis, a nossa guia. (bis)

Ele está junto com Deus,
Com prazer e alegria. (bis)
Os Três Reis ora por ele
Toda hora, todo dia. (bis)

Alevanta com a bandeira
Oh, meu nobre folião. (bis)
É os Três Reis do Oriente
Que dará a proteção. (bis)

Os Três Reis lhe pede oferta
Pro senhor e a família. (bis)
Os Três Reis ora procês
Toda hora e todo dia. (bis)

Os Três Reis ora procês
Toda hora e todo dia. (bis)
Também tá abençoando
Sua mulher e suas filha. (bis)

Deus vos pague a boa oferta,
Tenha a flor da esperança. (bis)
Vai falar pra sua família:
Os Três Reis mandou lembrança. (bis)

Anexo 8 – Cantoria do giro, com presépio, da Folia Goiana

Embaixador:
Em nome de Santos Reis,
Pai e Filho e Espírito Santo.
Pra iniciar a cantoria, ai,
Ai, ai, ai, primeiro verso que eu canto, ai.
Resposta:
Ai, ai, ai, primeiro verso que eu canto, ai.

Que presépio tão bonito,
Que altar tão enfeitado.
Para o nobre morador, ai,
Ai, ai, ai, vou contar o significado. (bis)

Era uma linda mulher
Com o nome de Maria,
Filha de Ana e Joaquim, ai.
Ai, ai, ai, de uma nobre família, ai. (bis)

A porta do céu abriu
E o anjo do céu descia.
Era o anjo Gabriel, oi ai.
Ai, ai, ai, que anuncia Maria, ai. (bis)

O anjo disse: - "Maria,
Faça o sinal da cruz.
Por obra do Espírito Santo, ai,
Ai, ai, ai, há de ser mãe de Jesus, ai".
(bis)

Maria não entendeu
O que o anjo lhe dizia
- "Como é que posso ter filho, ai,
Ai, ai, ai, se nem homem conhecia, ai".
(bis)

O anjo disse: - "Maria:
Não reclame e não se zanga.
Você vai ser concebida, ai,
Ai, ai, ai, por obra do Espírito Santo, ai.
(bis)

Oh que hora tão bonita
Que Deus fez para nós.
E que o Verbo se fez carne, ai,
Ai, ai, ai, que habitou entre nós, ai. (bis)

Então Maria aceitou,
Com a sua humildade:
- "Sou a serva do Senhor, ai,
Ai, ai, ai, faça de mim sua vontade". (bis)

O anjo fez a embaixada,
Logo desapareceu.
No dia 8 de março, oi, ai,
Ai, ai, ai, foi que a Virgem concebeu, ai.
(bis)

No dia 8 de março
Foi que a Virgem concebeu.
25 de dezembro, ai,
Ai, ai, ai, que o Menino Deus nasceu, ai.
(bis)

A embaixador aciona o apito, terminando essa etapa da cantoria. Em seguida ele mesmo, sem intervalo, declama o texto seguinte, já que o trazia decorado.

Eis como nasceu Jesus Cristo: estava Maria e sua mãe desposada com José, e antes de acovitá, aconteceu que ela concebeu em virtude do Espírito Santo. E José, seu esposo, que era homem de bem, não queria difamar. Atentou rejeitar secretamente. Mas, enquanto assim pensava, eis que o anjo do Senhor apareceu em sonho, a José, e disse: 'José, filho de Davi, não teme. Recebe Maria por sua esposa, porque ela foi concebida em virtude do Espírito Santo. E ela dará luz ao seu Filho que receberá o nome de Jesus. Que salvará seu povo dos seus pecados'. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta. Eis que a Virgem concebeu à luz seu filho que recebeu o nome de Emanuel, que significa 'Deus conosco'. Despertando do sono, José fez como havia lhe mandado: recebeu em sua casa como se a tivesse conhecido. E ela deu à luz ao seu filho, que recebeu o nome de Jesus.

Tão logo findou a narração do texto da anunciação e do nascimento do Menino Jesus, o embaixador Lourenço surpreende a muitos, cantando em um ritmo que não é de folia. O conteúdo, contudo, é também da anunciação e do

nascimento do Menino Deus, conforme se vê.

"Trago, no meu sobrenome,
O nome de um homem
Que ninguém esquece.
Ele foi um carpinteiro
Que o mundo inteiro
A ele conhece.
Além da terra Palestina,
A Nova Colina,
Onde ele escolheu
A mulher mais pura e santa
Para ser um dia
Mãe do filho seu[243].

E foi pela Galiléia,
Onde um carpinteiro
O pedido aceitou
Ser o pai de uma criança,
A obra mais pura
Vinda do Senhor.
Aparecendo pra Maria,
O anjo dizia
Num quarto de luz:
E dela viria um Menino,
E o nome dele
Seria Jesus.

Ave, cheia de graça,
Eis-me aqui,
A escrava do Senhor.
Faça sua vontade,
Que o mundo inteiro
Já me iluminou.
E depois de certo tempo,
No céu de Belém
A Estrela apareceu.
Anunciando o mundo inteiro
Que o rei da glória
Na gruta nasceu.

Essa história, gente,
Que eu tentei agora
Contar pra vocês,
Aconteceu faz tanto tempo,
Mas nem mesmo o tempo
Fez ela esquecer.
Exemplo daquela família
Que hoje é imitada
Em todo lugar.
O mundo não pensava em guerra,
E a luz da paz
Voltaria brilhar".

Após terminar a narração, o embaixador Lourenço intima o palhaço a que, imediatamente, declame a parte que lhe cabe, a narrativa da profecia conforme segue abaixo.

"Então os Reis, naquela hora muito fiel,
Na cidade do Oriente...
Os Três Reis foi avisado pelo anjo Gabriel.

Fizeram uma combinação:
'Vamos pra Belém que é tempo de adoração'.

Arriaram seus camelo, deu início na viagem.
Cada um partiu prum lado.
Lá na encruzilhada todos os três se encontrou;
Seguiram sua viagem, um homem ele avistou.

Nenhum dos três percebeu que aquele home era traidor.
Encontrou aquele homem pra fazer umas perguntas,
Se um banquete se ofertou.
Sentou rei Brechó, assim rei Herodes procurou:

'Da onde veio, pra onde vai?', respondeu Rei Brechó:
'O senhor procura muito bem!
Nós envém do nosso país com destino a Belém.
Vamos adorar o Menino Jesus, que nasceu pro nosso bem'.

Respondeu o Rei Herodes:

[243] Estes últimos três versos são repetidos em todas as estrofes, conforme a música utilizada pelo embaixador, que a entoou sozinho, sem a participação da *resposta*.

‘Na volta do passado, quando vir de lá, passa por cá.
Eu vou ver o menino, eu também quero adorar’.

Seguimos sua viagem com prazer e alegria.
Olhou para o céu e uma estrela diferente os três viu.
Arreparou aquela estrela.
Todos três percebeu que era a Estrela da Guia.
Acompanhou seus clarão pra ver aonde a estrela ia.

Lá no alto de Belém, onde os Três Reis Magos parou,
Assuntando aquela estrela aonde ela baixou.

Abaixou na porta da Lapinha,
Onde estava o Rei dos Reis lá, nos braços da rainha.

Na chegada da Estrela, São José se assustou.
Foi logo para frente, os cavaleiros ele avistou.
Coloque os três cavaleiros
Que nos seus camelo vem montado,
Era os Três Reis chegando de Viagem.
Chegando na lapinha, todos os três apiou.
A lapinha era pequena, não cabia todos os três.
Na porta da Lapinha, todos os Três ajoelhou.
Pra adorar o Menino Jesus, uma oração eles ofertou.
Vamos rezar o pai-nosso, gente.”

Todos rezam o pai-nosso com ave-maria. Depois, o palhaço passa o direito da palavra ao embaixador, valendo-se dos seguintes versos:

“Terminando a oração,
Todos os três alevantou,
Todos os três com alegria.
Pra acabar de completar,
Prossegue a cantoria!”

O embaixador dá um apito, comunicando aos demais o reinício da cantoria, conforme o texto abaixo.

“Senhore dona da casa,
Santos Reis mandou falar:
‘Vai buscar nossa bandeira, oi ai.
Ai, ai, ai, o Senhor mandou guardar, ai’.
(bis)

Vai buscar nossa bandeira,
Filhos da virgem Maria.
À frente deste presépio,
Ai, ai, ai, filhos da Virgem Maria, ai. (bis)

Santos Reis aqui chegou,
Ele veio na hora certa.
Ta na mão desta senhora, ai,
Ai, ai, ai, vem pagar sua promessa, ai.
(bis)

Vem pagar sua promessa,
Pôs o seu joelho no chão.
Os Três Reis do Oriente, ai,
Ai, ai, ai, vai lhe dar santa benção, ai.
(bis)

Deus vos pague a sua promessa,
Com certeza foi valida.
Glorioso santo Reis, oi, ai,
Ai, ai, ai, vai ter ela recebida, ai. (bis)

Vou pedir pra Santos Reis
Pra receber o voto seu.
Pra receber vossa promessa, ai,
Ai, ai, ai, seja pelo amor de Deus. (bis)

A promessa com Três Reis,
Que vem vindo de viagem.
Agora pode alevantar, ai.
Ai, ai, ai, promessa não tem idade, ia.
(bis)

A promessa que vós fez,
Rei Gaspar que vai levar.
Vai pro céus e entrega a Deus, ai,
Ai, ai, ai, volta pra te abençoar, ai. (bis)

A promessa da senhora

Santos Reis arrecebeu.
Nas horas que vós chamou, ai,
Ai, ai, ai, Santos Reis obedeceu, ai. (bis)

Deus vos pague a sua prenda,
Deus lhe dá vida e saúde.
Oferta é caridade, ai,
Ai, ai, ai, caridade é virtude, ai. (bis)

Os pedido dessa bandeira,
Quem quiser pode pegar.
Glorioso Santos Reis, oi, ai,
Ai, ai, ai, acaba de te abençoar, ai. (bis)

Deus vos pague o seu agrado
Que vós deu pra companhia.
Santos Reis lhe a protege, ai,
Ai, ai, ai, o senhor e sua família, ai. (bis)

Entrega a nossa bandeira,
Santo Reis lhe agradeceu.
Eu peço sua desculpa, ai,
Ai, ai, ai, se não fiz o gosto seu, ai. (bis)

Em nome de Santos Reis,
Vou parar a cantoria.
Santos Reis ta convidando, ai,
Ai, ai, ai, para a entrega da folia. (bis)

Embaixador:
Viva os Três Reis do Oriente!
Viva o dono da casa e sua família!
Viva a nossa companhia!
Viva todos os que estão presente!
Folião:
Viva o palhaço que não está presente!

Anexo 9 – Cantoria de chegada ao pouso da Folia Goiana

Embaixador:
Eu canto em nome de Santo Reis,
Ai, e de toda santidade.
Pai nosso, que estais no céu,
Seja feita a vossa vontade, ai, ai.
Resposta:
Ai, seja feita a vossa vontade, ai, ai, ai.

Ai, vamos fazer o sinal da cruz:
Pai, Filho Espírito Santo;
Em louvor a Santo Reis,
Primeiro verso que eu canto, ai, ai.
Ai, primeiro verso que eu canto, ai, ai, ai.

Aqui chegou o Santos Reis
E vem trazendo esta mensagem.
Agora vou explicar
O motivo desta viagem, ai, ai.
Ai, o motivo desta viagem, ai, ai, ai.

E nós saiu com estas bandeira
Com respeito e devoção,
Da cidade de Itaguari.
Ela é uma tradição, ai, ai.
Ai, ela é uma tradição, ai, ai, ai.

E nós saímos com essas bandeiras
Com respeito e muito sincério.
Para todos nossos irmãos
Nós pregando o Evangelho, ai, ai.
Ai, nós pregando o Evangelho, ai, ai, ai.

E logo a noite nossos pouseiros,
No momento mais sagrado
Boa noite a vossa família
E também seus convidado, ai, ai.
Ai, e também seus convidado, ai, ai, ai.

E foi muitos anos atrás
Que o prefeta existia.
E o nome desse profeta
Era o prefeta Isaías, ai, ai.
Ai, era o prefeta Isaías, ai, ai, ai.

Ele falava só a verdade,
O que falava vinha de dentro.
Foi escrito na escritura
Que havia um nascimento, ai, ai.
Ai, que havia um nascimento, ai, ai, ai.

Ele falava só a verdade,
Era inspirado por Deus.
Quando foi no dia certo,
O nascimento aconteceu, ai, ai.
Ai, o nascimento aconteceu, ai, ai.

E junto com o nascimento
Do nosso rei onipotente,
Aí também nasceu uma estrela
Tão bonita e diferente, ai, ai.
Ai,tão bonita e diferente, ai, ai, ai.

E esta estrela que eu falo
Nós conhecemos ela por guia.
Ela é que guiou Santos Reis
Até o Filho de Maria, ai, ai.
Ai, até o Flho de Maria, ai, ai.

E esta estrela que eu falo
Nós conhecemos ela por guia.
Os Três Reis na caminhada
Viajaram noite e dia, ai, ai.
Ai, viajaram noite e dia, ai, ai, ai.

Mas Santos Reis, como era sábio,
Aquela estrela conheceu
E tiveram a certeza
Que o Menino Jesus Nasceu, ai, ai.
Ai, que o Menino Jesus Nasceu, ai, ai.

E com licença dos pouseiros,
Desse arco nós saudar.
Tá esperando Santos Reis
Que acabou de chegar, ai, ai.
Ai, que acabou de chegar, ai, ai, ai.

Oh, meus nobres, meus pouseiros,
Deve estar muito contente,
Com a chegada dos Três Reis
Que saiu do Oriente, ai, ai.
Ai, que saiu do Oriente, ai, ai, ai.

Aqui chegou duas bandeiras
Mas só é uma companhia.
E nós chegamos neste arco
E está chegando de visita, ai, ai.

Ai, está chegando de visita, ai, ai.

E Deus vos salve o belo arco
Com os enfeito que tem,
Enfeitando esta chegada
Representando Belém, ai, ai.
Ai, representando Belém, ai, ai.

Mais Deus vos salve o belo arco
E também as belas flor.
E abençoada seja as mãos
Que este arco enfeitou, ai, ai.
Ai, que este arco enfeitou, ai, ai, ai.

E Deus vos salve a corrente
Que em nossa frente ela está.
Pra nóis saudar esta família,
Esta fita desatar, ai, ai.
Ai, esta fita desatar, ai, ai, ai.

E Deus vos salve as santas velas
Com o seu clarão profundo,
Porque elas representa
A verdadeira luz do mundo, ai, ai.
Ai, a verdadeira luz do mundo, ai, ai, ai.

Mas Deus vos salva as santas vela,
No memento verdadeiro,
Que ilumiou o nascimento
E também o mundo inteiro, ai, ai.
Ai, e também o mundo inteiro, ai, ai, ai.

E Deus vos salve a primeira vela
Com os seus raios de luz.
Deus vos salve esta imagem
Do senhor, o bom Jesus, ai, ai.
Ai, do senhor bom Jesus, ai, ai, ai.

Deus vos salve a segunda vela
Que está clara igual o dia,
Deus vos salve esta imagem
Da Senhora Santa Luzia, ai, ai.
Ai, da Senhora Santa Luzia, ai, ai, ai.

Ai, Deus vos salve Santa Luzia
Neste hora de emoção,
E abençoa o nosso corpo
E também nossa visão, ai, ai.
Ai, e também nossa visão, ai, ai, ai.

Agora saudo a família
Que está esperando a nossa guia,
Porque todos são devotos:
Os filhos da Dona Lia, ai, ai.
Ai, os filhos da Dona Lia, ai, ai, ai.

Agora canto pra Dona Lia[244],
Mas que há tempo faleceu.
Ela morreu aqui na terra
Mas pra Deus ela viveu, ai, ai.
Ai, mas pra Deus ela viveu, ai, ai, ai.

E nós cantamo aqui na terra,
Nesse dia e nessa hora;
Sou a matéria aqui na terra,
Sou a alma lá na glória, ai, ai.
Ai, sou a alma lá na glória, ai, ai, ai.

E foi se embora deste mundo,
Deste mundo de ilusão,
Mas deixou os vossos filhos
E também muita recordação, ai, ai.
Ai, e também muita recordação, ai, ai, ai.

Mas foi se embora deste mundo
Para mais e não voltar,
Mas deixou os vossos filhos
Para a missão continuar, ai, ai.
Ai, para a missão continuar, ai, ai, ai.

Agora quero uma salva de palmas
E pra toda companhia,
Porque ela é pra família,
Especialmente pra Dona Lia, ai, ai.
Ai, especialmente pra Dona Lia, ai, ai, ai.

Agora faço uma pergunta
Porque é minha obrigação:
Se nesse arco tem presente
Para os nossos bastião, ai, ai.
Ai, para os nossos bastião, ai, ai, ai.

Oh, meu nobre, meus pouseiros,
Filhos da mãe verdadeira,
Me dá licença das imagens

---

[244] Dona Lia é muito conhecida na cidade por sua dedicação a atividades sociais em prol dos mais necessitados. Chegou a ser vice-prefeita e e prefeita do município.

Pra receber nossas bandeira, ai, ai.
Ai, pra receber nossas bandeira, ai, ai, ai.

Oi, dá licença das imagens
Para as ofere elas pegar,
Para elas benzer a companhia,
Todos que aqui está, ai, ai.
Ai, todos que aqui está, ai, ai, ai.

Eu vou pedir nosso Jesus
E também santa luzia,
Que abençoa nossa visão
Toda hora e todo dia, ai, ai.
Ai, toda hora e todo dia, ai, ai, ai.

(o mesmo embaixador segue outro ritmo, sem parar.)

Nós pedimos a benção, ai, ai,
Nesta hora tão sagrada, ai, ai,
Para benzer os nossos corpo
E também a caminhada, ai, ai.
Ai, ai, ai, e também a caminhada, ai, ai, ai.

Esperamos nossas oféria, ai, ai,
Que presente deve estar, ai, ai.
Apresento os devotos
E os foliao que aqui está, ai, ai.
Ai, ai, ai, e os foliao que aqui está, ai, ai, ai.

Com licença da família, ai, ai,
Deste arco nós passar, ai, ai.
Dá licença pra Santos Reis
E a companhia acompanhar, ai, ai.
Ai, ai, ai, e a companhia acompanhar, ai, ai, ai.

As bandeira vai na frente, ai, ai,
Como foi daquela vez, ai, ai.
Vem fazendo a semelhança
Do glorioso santo Reis, ai, ai.
Ai, ai, ai, do glorioso santo Reis, ai, ai, ai.

As bandeira vai na frente, ai, ai,
Porque elas é nossa guia, ai, ai.
Que guiou os Santos Reis
Até o filho de Maria, ai, ai.
Ai, ai, ai, até o Filho de Maria, ai, ai, ai.

Santos Reis vai viajando, ai, ai,
Viajando sem parar, ai, ai.
Vai procurar Deus Menino
Para ele adorar, ai, ai.
Ai, ai, ai, para ele adorar, ai, ai, ai.

Lá no meio da viagem, ai, ai,
Outro arco encontrou.
Na porta deste salão,
Desses nobre morador, ai, ai.
Ai, ai, ai, desses nobre morador, ai, ai, ai.

Oh meu nobre, meus pouseiros, ai, ai,
Segurando o nosso andor, ai, ai.
E neste hora aqui presente
Chamo outro embaixador, ai, ai.
Ai, ai, ai, chamo outro embaixador, ai, ai, ai.

Chamo outro embaixador, ai, ai,
Por favor venha cá, ai, ai.
E nesta hora aqui presente
Quero ver você cantar, ai, ai.
Ai, ai, ai, quero ver vc cantar, ai, ai, ai.

(Helinho sede lugar para Luizinho, sem interrupção, segundo o mesmo ritmo, porém, dentro de outra melogia.)

Embaixador:
Obrigado, embaixador,
Por você ter me chamado
Pra cantar nesta chegada,
Neste momento sagrado.
Resposta:
Ai, neste momento sagrado, ai, ai, oi, larai.

Primeiro, peço licença
Para começar saudar
Este arco tão bonito
Que em nossa frente está.
Ai, que em nossa frente está, ai, ai, oi, larai.

Deus vos salve o lindo arco,
Todo feito de folhagem,
Pra esperar os Três Reis Santos
Que chegou nesta viagem.

Ai que chegou nesta viagem, ai, ai, oi, larai.

E Deus vos salve esta corrente
Que santos reis encontrou.
Ela não foi feita por maldade,
Foi feita com muito amor.
Ai, foi feita com muito amor, ai, ai, oi, larai.

Deus vos salve as lâmpas acesas,
Até parecendo um véu.
Essas luizinhas acesa
Parece as estrelas do céu.
Ai, parece as estrelas do céu, ai, ai, oi, larai.

Peço licença para os vigia,
Pra corrente retirar.
Pra nóis fazer uma saudação
No que está do lado de lá.
Ai, no que está do lado de lá, ai, ai, oi, larai.

Ao retirar esta corrente,
Representou uma claridade.
Lá eu via a dona Felícia
Com noventa anos de idade.
Ai, com noventa anos de idade, ai, ai, oi, larai.

Ela que é o suporte
Desta tão nobre família
Que dá esse último pouso,
Em nome da dona Lia.
Ai, em nome da dona Lia, ai, ai, oi, larai.

E já vai pra muitos anos
Que este pouso se repete.
Mas hoje sentimos a falta
Do folião Donizete.
Ai, do folião Donizete, ai, ai, oi, larai.

Mas mesmo assim nós é feliz
Porque ele seguiu a tradição.
Se hoje ele mora com o Pai,
Porque venceu sua missão.
Ai, porque venceu sua missão, ai, ai, oi, larai.

Deus vos salve esta vela
Que no momento foi acesa,
Representando o Espírito Santo
Que ilunina a natureza.
Ai, que ilunina a natureza, ai, ai, oi, larai.

Deus vos salve a outra vela
Com o seu clarão profundo.
Representa Jesus Cristo,
A verdadeira luz do mundo.
Ai, a verdadeira luz do mundo, ai, ai, oi, larai.

Agora eu saúde toda família,
Todas de braços dado.
A dona Felícia está do meio
E ele está do seu lado.
Ai, e ele está do seu lado, ai, ai, oi, larai.

Peço licença pra família,
Pra cantoria eu parar,
Pra os nossos vigias aqui na frente
Um pouquinho trabalhar.
Ai, um pouquinho trabalhar, ai, ai, oi, larai.

(Aproxima-se o vigia, o palhaço, dando vivas aos “Três Reis do Oriente”, “a todos que aqui estão”, “a todos os convidados” e “viva eu que sou feio passado”. Depois de cumprimentar os donos da casa, declama os versos seguintes:

Palhaço 1:
Boa noite do lado de dentro,
Boa noite do lado de fora.
Aqui está os Três Reis Santos,
São José e Nossa Senhora.

Os Três Reis aqui chegou
Nas hora de Deus amém.
Os convidados dá boa noite;
Pros donos da casa, parabéns.

Os Três Reis em vem girando
Por uma longa estrada,
E chegou no seu terreio
Com o arco enfeitado.

Lá no céu veio um aviso

Dos Três Reis do Oriente,
Dizendo que Jesus Cristo
Está aqui junto, presente.

Quem falou essas palavras
Foi mesmo bela senhora,
Dizendo que os folião
Vieram numa boa hora.

No sermão do dia,
Deus dá boa esperança.
Confortai os pobrezinhos,
Os vehinhos e as crianças.

Palhaço 2:
Senhores dono da casa,
Como vós tem passado?
Tem passado muito bem
Porque Deus tem ajudado.

Senhores donos da casa,
Que bonito que vós fez:
Convidou os seus amigos
Pra chegada dos Três Reis.

Aqui estão os Três Reis Santos
E a companhia também.
Sua festa está bonita,
Aceita meus parabéns.

Os Três Reis em vem girando,
Cançado de viajar,
Procurou sua morada
Pra poder se descançar.

Os Três Reis em vem girando,
Vem girando passo a passo.
Eu pergunto pra vocês:
Tem presente pros palhaço?

Em vem girando os Três Reis,
Neste hora parou aqui.
Viva o dono da casa
E o pessoal de Itaguari.

Senhores dono da casa,
Os Três Reis aqui chegou
Com prazer e alegria.
Eu peço uma licença:
Posso caçar presente pros vigia?

Aqui, em minha chegada,
Eu peguei em várias mãos.
Eu pergunto se os presente
Está no meio ou está no chão.

Durante alguns minutos os três palhaços dos dois galhos da folia procuram no segundo arco os "presentes dos palhaço". Atentos, os donos da casa os incentivam dizendo: "tá quente", quando o palhaço está próximo do presente escondido; e "tá frio", quando vai se distanciando do mesmo. O momento é de descontração e alegria, sendo ele conduzido pelos palhaços, em diálogo com os donos da casa, até encontrarem os presentes. Feito isso, o palhaço passa a condução do ritual para o embaixador, dizendo:

Palhaço 2:
Lá do céu desceu,
Foi os anjos quem mandou.
Pra acabar de completar,
Toma conta, embaixador.

(Segue cantando o embaixador, em outro ritmo.)

Embaixador:
Oh, meu nobre três vigia,
Aceita meu parabéns,
Que acharam seus presente
Trabalhando muito bem.
Resposta:
Trabalhando muito bem, ai, ai, ai.

Oh, minha nobre família,
Devotos dos Reis Oriente,
Agora peço licença
Para nóis seguir pra frente.
Para nóis seguir pra frente, ai, ai, ai.

Vou pedir pra dona Felícia,
Que é a chefe da família:
Para ela seguir na frente,
Ela vai ser a nossa guia.
Ela vai ser a nossa guia, ai, ai, ai.

Vai seguindo com as bandeira,

Que nóis vai acompanhar.
Ao chegar no terceiro arco,
A companhai vai parar.
A companhai vai parar, ai, ai, ai.

Ao chegar na santa porta,
Santo Reis aqui parou,
Porque um laço de flor
Aqui nóis se encontrou.
Aqui nis se encontrou, ai, ai, ai.

Deus vos salve a linda flor
Que está neste portão.
Abançoada a pessoa
Que fez a decoração.
Que fez a decoração, ai, ai, ai.

Deus vos salve a linda porta
Com os enfeite que tem.
Ela tá representabdo
A chegada de Belém.
A chegada de Belém, ai, ai, ai.

Agora peço licença
Pra na sua casa entrar.
Vai entrando com as bandeira
Que nóis vai acompanhar.
Que nóis vai acompanhar, ai, ai, ai.

A bandeira foi na frente,
Acompanha folião;
Andando de passa a passo,
Com amor no coração.
Com amor no coração, ai, ai, ai.

Pra saudar este presépio,
Com amor e devoção;
Pra falar do nascimento,
Começo com a anunciação.
Começo com a anunciação, ai, ai, ai.

Vou saudar Ana e Joaquim,
Que são os pais da alegria.
Porque foi deste casal
Que nasceu Virgem Maria.
Que nasceu Virgem Maria, ai, ai, ai.

Já era o sexto mês
Da gravidez de Isabel.
Maria foi visitada
Pelo anjo Gabriel.
Pelo anjo Gabriel, ai, ai, ai.

O anjo saudou Maria
Com gesto doce e amigo:
- "Ô salve, cheia de graça,
O senhor está contigo.
O senhor está contigo", ai, ai, ai.

Maria não entendeu
Aquela nobre saudação.
Procurou São Gabriel,
Ele deu a explicação.
Ele deu a explicação, ai, ai, ai.

Sou enviado do senhor
Pra anunciar do destino teu.
Tu és bendita entre as mulheres
Pra ser a mãe do Filho de Deus.
Pra ser a mãe do Filho de Deus, ai, ai, ai.

Ainda avisou Maria
Da sua prima isabel.
Falava que era estéril,
Mas recebeu graças do céu.
Mas recebeu graças do céu, ai, ai ai.

Maria se asustou
Por ser virgem prometida.
Procurou São Gabriel
Como ia ser concebida.
Como ia ser concebida, ai, ai, ai.

O anjo então respondeu:
- "Vai ser mãe do salvador,
Com o Divino Espírito Santo
O Senhor te preparou."
O Senhor te preparou, ai, ai, ai.

Maria então respondeu:
- "Eis a serva do senhor,
Faça em mim a sua Palavra."
E o anjo se arretirou.
E o anjo se arretirou, ai, ai, ai.

Repleta do Espírito Santo,
Que Deus confiou em vós,
O verbo então se fez carne
Para abitar entre nós.
Para abitar entre nós, ai, ai, ai.

Nove meses se passaram
E ia tudo normal.
Quando foi no dia certo,
O menino deu o sinal.
O menino deu o sinal, ai, ai, ai.

Na cidade de Belém,
Maria sentia dor.
Hospedaria, na cidade,
São José não encontrou.
São José não encontrou, ai, ai, ai.

Então ele pegou Maria,
A linda mãe protetora.
Retirou-se da cidade,
Para aquela manjedoura.
Para aquela manjedoura, ai, ai, ai.

Foi naquela manjedoura,
Junto com os animais,
Que Maria deu a luz
Ao soberano da paz.
Ao soberano da paz, ai, ai, ai.

No momento veio um anjo,
E a glória do Senhor.
Reluzindo em volta deles,
A família assustou.
A família assustou, ai, ai, ai.

Aí, só havia um anjo
Com a família a conversar.
No momento veio mais anjos,
E desse jeito foi saudar.
E desse jeito foi saudar, ai, ai, ai.

Glória a Deus nas alturas,
Desse jeito foi falado.
Paz na terra a todos homens,
A todos do teu agrado.
A todos do teu agrado, ai, ai, ai.

Quando os anjos voltou pro céu,
Os pastores ali chegou,
Admiraram o nascimeto.
Eles também adorou.
Eles também adorou, ai, ai, ai.

Foi aí que a santa estrela,
Tão linda e tão diferente,
Avisou os Tês Reis santos
Que morava no Oriente.
Que morava no Oriente, ai, ai, ai.

E fizeram a viagem
Com amor e confiança.
Hoje aqui nós chegou,
Fazendo essa semelhança.
Fazendo essa semelhança, ai, ai, ai.

Já saudei o santo presépio
Com prazer e alegria,
Agora peço licença
Pra toda esta família.
Pra toda esta família, ai, ai ai.

Pra fazer nossos pedidos,
Pra podermos descançar,
Em nome desta bandeira
E os folião que aqui está.
E os folião que aqui está, ai, ai, ai.

Antes deste nosso pedido,
Santos Reis mandou falar:
- O senhor com o microfone
Tem a promessa pra entregar.
Tem a promessa pra entregar, ai, ai, ai.

A promessa que vós feiz
Com certeza foi valida.
Vós cumpre ela aqui na terra,
Lá no céu ela é recebida.
Lá no céu ela é recebida, ai, ai, ai.

Vós rezar uma padre nosso,
Junto com ave-maria,
E oferece ao Três Reis Santos
Segurando esta guia.
Segurando esta guia, ai, ai, ai.

A porta do céu abriu,
Santos Reis aqui desceu;
Já pegou sua promessa,
Subiu entregou pra Deus.
Subiu entregou pra Deus, ai, ai, ai.

A promessa foi entregue,
Já se pode alevantar.
Devolve a bandeira pro donos

Pra cantoria continuar.
Pra cantoria continuar, ai, ai, ai.

Santos Reis pede um descanso
Desta noite até outro dia,
Um decanso pras bandeiras
E pra toda companhia.
E pra toda companhia, ai, ai, ai.

Um lugar pra os folião,
Guardar esses instrumentos;
E também para os Bastião,
Retirar os fardamento.
Retirar os fardamento, ai, ai, ai.

Em nome das duas bandeiras
Que está em vossas mãos.
Para nós alimentar,
Também peço a refeição.
Também peço a refeição, ai, ai, ai.

Se os pedidos foram aceitos,
Põe as bandeiras no altar;
E as imagens com as auféria
Também pode acompanhar.
Também pode acompanhar, ai, ai, ai.

Quero uma salva de palma
Nesta hora verdadeira,
Para a dona Felícia
Que segurou a bandeira.
Que segurou a bandeira, ai, ai, ai.

Se não ficou do seu gosto,
Peço vós nos perdoar,
Em nome dos Três Reis Santos
Que acabou de chegar.
Que acabou de chegar, ai, ai, ai.

Agora peço licença
Pra cantoria parar.
Nós estamos já cansado,
Precisamos descansar.
Precisamos descansar, ai, ai, ai.

(Apito final[245])

[245] Enquanto segue a conclusão instrumental da cantoria, o palhaço dá vivas aos "gloriosos santos Reis", aos "donos da casa e sua família" e a "toda companhia".

Anexo 10 – Cantoria de saída do pouso da Folia Mineira

Embaixador:
Os três reis do Oriente,
Já benzeu esta morada, ai, ai.
Resposta:
Já benzeu esta morada, ai, ai.

Pra seguir nossa viagem,
Nesta hora abençoada, ai, ai. (bis)

Senhor dono da casa,
Santos Reis mandou pedir, ai, ai.(bis)

Dá licenda da bendeira
Pra uma promessa cumprir, ai, ai. (bis)

O dono desta promessa,
Agora, por sua vez, ai, ai. (bis)

Pra cumprir sua palavra,
Receber os santos Reis, ai, ai. (bis)

Veja bem os Três Reis santos
Que na hora te encontrou, ai, ai. (bis)

Santos Reis, sua promessa,
No momento que precisou, ai, ai. (bis)

Com seus divinos milagres,
Na hora te ajudou, ai, ai. (bis)

Se você estava doente,
Com certeza te curou, ai, ai. (bis)

Santos Reis é verdadeiro
E entende o seu amor, ai, ai. (bis)

Você faz uma oração,
Agradece ao Senhor, ai, ai. (bis)

Santos Reis te atendeu,
Agora vai te consolar, ai, ai. (bis)

Pra pedir sempre pra ele
Pra nunca mais precisar, ai, ai. (bis)

Eles estão te perguntando
Se tem oferta pra dar, ai, ai. (bis)

Sua promessa está entregue,
Eles vai te abençoar, ai, ai. (bis)

Deus vos pague a boa oferta
Pro querido folião, ai, ai. (bis)

Pra você e pra família,
Santos Reis pôs a benção, ai, ai. (bis)

Santos Reis lá vai embora,
Você vai acompanhar, ai, ai. (bis)

Eles, te agradecendo,
A cantoria vai parar, ai, ai. (bis)

Anexo 11 – Cantoria da chegada da Folia Goiana

Embaixador:
Pai, Filho, Espírito Santo,
Oi, na hora de começar
Em nome de Rei Brechó,
Rei Gaspar e Baltazar, ai, ai.
Resposta:
Ai, Rei Gaspar e Baltazar, ai, ai, ai.

Ai, hoje agradeço a Deus
Nesta hora tão sagrada
Para benzer os nossos corpo
E também a caminhada, ai, ai.
E também a caminhada, ai, ai, ai.

Ai, os Três Reis em vem girando,
Vem trazendo esta mensagem.
Aqui chegou estas bandeiras,
Que vem chegando de viagem, ai, ai.
Que vem chegando de viagem, ai, ai, ai

Ai, oi, meus nobre, meus festeiros,
Satisfeito deve estar
Com a chegada das bandeiras, ai, ai.
Que acabou de chegar, ai, ai.
Que acabou de chegar, ai, ai, ai.

Mas aqui chegou estas guia
Neste hora tão sagrada,
Tomando sol, chuva e sereno
E os barros nas estradas, ai, ai.
E os barros nas estradas, ai, ai, ai.

E nós saiu com essas bandeiras,
Com respeito e devoção.
Da cidade de Itaguari
Ela é uma grande tradição, ai, ai.
Ela é uma grande tradição, ai, ai, ai.

Pra chegar até aqui,
Muitos lugar os reis passou.
Nós também agradecemos
Todos aqueles que acompanhou, ai, ai.
Todos aqueles que acompanhou, ai, ai, ai.

E nós saudamos a outra folia,
Nessa hora verdadeira.
Nós saudamos a do Brejo Grande
E a Folia Mineira, ai, ai.
E a Folia Mineira, ai, ai, ai.

Eu sei que Deus tá nos ouvindo,
Ele está abençoando
A Folia do Brejo Grande
E a Mineira tá chegando, ai, ai.
E a Mineira tá chegando, ai, ai, ai.

Oh, meu nobre, meus festeiros,
Deve estar muito contente
Com a chegada das bandeira
Que saiu do Oriente, ai, ai.
Que saiu do Oriente, ai, ai, ai.

E nós saiu com essas bandeira,
Nós saiu muito sincério,
Para todos nossos irmão,
Nós pregar o Evangelho, ai, ai.
Nós pregar o Evangelho, ai, ai, ai.

Mas antes de saudar o arco,
Neste hora e no momento.
Aos Três Reis do Oriente,
E nós faz um agradeciemnto, ai, ai.
E nós faz um agradeciemnto, ai, ai, ai.

Ai, começando da cidade,
Neste hora de emoção,
Nós saudamos o padroeiro
Desta cidade, São Sebastião, ai, ai.
Desta cidade, São Sebastião, ai, ai, ai.

Ai, nós agradecia a todos
Que aqui ainda vem vindo.
Os Três Reis que lhe abençoe,
Os devotos seja bem vindo, ai, ai.
Os devotos seja bem vindo, ai, ai, ai.

Nós agradece os artista
Que passaram aqui cantando.
Também nóis agradece os outros
Que ainda está chegando, ai, ai.
Que ainda está chegando, ai, ai, ai.

E nóis saudamos os pouseiros
Com prazer e alegria,

Que serviu uma boa janta
Pros convidado e a companhia, ai, ai.
Pros convidado e a companhia, ai, ai, ai.

E nós saudamos o pessoal
Que ajudaram nessa jornada.
Nós visitou muitos irmãos
E também muitas morada, ai, ai.
E também muitas morada, ai, ai, ai.

E na chegada do primeiro pouso
Veja só o que aconteceu:
Nóis não fez a cantoria,
Que uma irmã faleceu, ai, ai.
Que uma irmã faleceu,ai, ai, ai.

E nóis cantamos pra o João Neto,
Poucos dias faleceu.
Ele morreu aqui na terra,
Mas pra Deus ele viveu, ai, ai.
Mas pra Deus ele viveu, ai, ai, ai.

E nóis cantamos para o Pedro
Com prazer no coração.
Foi se embora deste mundo,
Só deixou recordação, ai, ai.
Só deixou recordação, ai, ai, ai.

Ele também era um folião
Que essas bandeira acompanhou.
Mas chegou a hora dele.
Até que Jesus chamou, ai, ai.
Até que Jesus chamou, ai, ai, ai.

E esses nobre falecidos
Que desse mundo foi se embora,
Mas deixando suas família,
Hoje mora lá na glória, ai, ai.
Hoje mora lá na glória, ai, ai, ai.

Agora peço a licença
Pra esse arco nós chegar,
Porque a chuva tá chegando,
O instrumento não pode molhar, ai, ai.
O instrumento não pode molhar, ai, ai, ai.

E Deus vos salve o belo arco
Com os enfeites que tem,
Representando a cidade,
A cidade de Belém, ai, ai.
A cidade de Belém, ai, ai, ai.

Pra mim saudar o belo arco,
Que bonito que ele está,
Esperando os Três Reis Santos
Que ele acabou de chegar, ai, ai.
Que ele acabou de chegar, ai, ai, ai.

E lá no meio da viagem,
Nós encontrou um arco armado,
Esperando os Três Reis Santos,
Os folião e os convidados, ai, ai.
Os folião e os convidados, ai, ai, ai.

Pra mim saudar Nossa Senhora,
Nesta hora aí, tão bela,
Eu peço para vocês:
Por favor acende as vela, ai, ai.
Por favor acende as vela, ai, ai, ai.

Agora saúdo esta imagem
Da nossa mãe, a verdadeira,
Protetora das crianças,
Do Brasil é padroeira, ai, ai.
Do Brasil é padroeira, ai, ai, ai.

E Deus vos salve a primeira vela
No momento verdadeiro,
Que iluminou o nascimento
E clareou o mundo inteiro, ai, ai.
E clareou o mundo inteiro, ai, ai, ai.

E Deus vos salve a segunda vela
Com o seu clarão profundo,
Porque ele representa
A verdadeira luz do mundo, ai, ai.
A verdadeira luz do mundo, ai, ai, ai.

Eu vou pedir para os festeiros:
Queira essa fita desatar
Pra arreceber nossa bandeira
Que acabou de chegar, ai, ai.
Que acabou de chegar, ai, ai, ai.

Agora quero uma salva de palma
Pros convidado e os folião,
Porque ela tem as coroa
Que segura a tradição, ai, ai.
Que segura a tradição, ai, ai, ai.

E dá licença das santas vela,
Nessa hora verdadeira,
Pra nós poder chegar pra frente
E lá recebe essas bandeiras, ai, ai.
E lá recebe essas bandeiras, ai, ai, ai.

Agora faço uma pergunta,
Porque é minha obrigação:
Se nesse arco tem presente
Para os nossos Bastião, ai, ai.
Para os nossos Bastião, ai, ai, ai.

E vai seguindo com as bandeira,
Como foi daquela vez,
Fazendo a santa semelhança
Do glorioso santos reis, ai, ai.
Do glorioso santos reis, ai, ai, ai.

(outro ritmo, o mesmo embaixador)

Embaixador:
Lá, no meio da viagem, ai, ai,
Outra fita encontrou, ai, ai.
Pode desatar a ela
Pra passar o salvador, ai, ai.
Resposta:
Ai, ai, ai, pra passar o salvador, ai, ai, ai.

Vai seguindo com as bandeira, ai, ai,
E nóis vamos acompanhando, ai, ai.
Nesta hora tão sagrada
Porque a chuva está chegando, ai, ai.
Ai, ai, ai, porque a chuva está chegando, ai, ai, ai.

As bandeira vai na frente, ai, ai,
Porque ela é nossa guia, ai, ai,
Que nos leva até Belém
Até o Filho de Maria, ai, ai.
Ai, ai, ai, até o Filho de Maria, ai, ai, ai.

Nesta hora tão sagrada, ai, ai,
Santos reis então parou, ai, ai.
Nesta hora tão sagrada,
Chamou outro embaixador, ai, ai.
Ai, ai, ai, chamou outro embaixador, ai, ai, ai.

Aqui fica minha despedida, ai, ai,
Pros festeiros e os folião, ai, ai.
E se Deus nos permitir,
Tô pedindo o meu perdão, ai, ai.
Ai, ai, ai, tô pedindo o meu perdão, ai, ai, ai.

O embaixador Helinho encerra sua participação na entrega da folia. Dá vivas: “Viva os gloriosos Santos Reis”, “viva toda companhia”, “viva os visitantes”, “viva os poseiros”, “viva os festeiros”, “viva os romeiros”, “viva os artista” e “viva o sagrado nascimento”. Jovenor, embaixador que não toca instrumento, segue cantando, noutro ritmo, sendo que para isso recompõe o grupo de resposta.

Embaixador:
Oh, meu nobre embaixador, ai, ai,
Aceita meus parabéns, ai, ai.
Pra chegar até aqui,
Vem cantando muito bem, ai, ai.
Ai, ai, ai, vem cantando muito bem, ai, ai, ai.

Louvemos quem lá envém, ai, ai,
Retratado neste véu, ai, ai.
É o Três Reis do Oriente
Que vem descendo do céu, ai, ai.
Ai, ai, ai, que vem descendo do céu, ai, ai, ai.

Louvemos quem lá vem, ai, ai,
Com luz resplandescendo, ai, ai.
É o Três Reis do Oriente
Que do céu envém descendo, ai, ai.
Ai, ai, ai, que do céu envém descendo, ai, ai, ai.

Os Três Reis envém girnado, ai, ai,
Do Oriente pra Belém, ai, ai.
A procura de um menino
Que Nossa Senhora tem, ai, ai.
Ai, ai, ai, que Nossa Senhora tem, ai, ai, ai.

Oh, meu nobre festeiro, ai, ai,
Agora com vós será, ai, ai.
Pega a barra da bandeira
Pra na gruta nós chegar, ai, ai.

Ai, ai, ai, pra na gruta nós chegar, ai, ai, ai.

Os Três Reis envai chegando, ai ai,
Onde a estrela baixou,ai, ai.
É na gruta de Belém
Onde está o Salvador, ai, ai.
Ai, ai, ai, onde está o Salvador, ai, ai, ai.

Tudo está acontecendo, ai, ai,
Porque Deus anunciou, ai, ai,
Pelo anjo Gabriel
Que da terra ele mandou, ai, ai.
Ai, ai, ai, que da terra ele mandou, ai, ai, ai.

Foi procurar Maria, ai, ai,
Namorada de José, ai, ai.
Mulher humildezinha
Mas era de muita fé, ai, ai.
Ai, ai, ai, mas era de muita fé, ai, ai, ai.

Foi pelo Espirto Santo, ai, ai,
Pois a virgem concebou, ai, ai.
Em vinte e cinco de dezembro
Nasceu o Filho de Deus, ai, ai.
Ai, ai, ai, nasceu o Filho de Deus, ai, ai, ai.

Regulava meia noite, ai, ai,
Os anjos bateu os sino, ai, ai,
Acordando os seus profeta,
Todos os três tava dormindo, ai, ai.
Ai, ai, ai, todos os três tava dormindo, ai, ai, ai.

Acordou o Rei Brechó, ai, ai,
Rei Gaspar e Baltazar, ai, ai.
Arrearam os seus camelos,
Começaram a viajar, ai, ai.
Ai, ai, ai, começaram a viajar, ai, ai, ai.

Quando dava pela noite, ai, ai,
Uma estrela resplendor, ai, ai,
Viajava pela noite,
Pelo dia descansou, ai, ai.
Ai, ai, ai, pelo dia descansou, ai, ai, ai.

A lapinha em Belém, ai, ai,
Onde a estrela baixou, ai, ai,
Estava Nossa Senhora,
Jesus Cristo Salvador, ai, ai.
Ai, ai, ai, Jesus Cristo Salvador, ai, ai, ai.

A viagem em seus camelos, ai, ai,
Na lapinha eles chegou, ai, ai.
Não cabia todos os três,
Foi chegando ajoelhou, ai, ai.
Ai, ai, ai, foi chegando ajoelhou, ai, ai, ai.

Pela entrega dos presentes, ai, ai,
Presenteou o Salvador, ai, ai.
Foram mirra e incensso,
Incensou o Salvador, ai, ai.
Ai, ai, ai, incensou o Salvador, ai, ai, ai.

Enquanto o menino dormia, ai, ai,
São José tava de lado, ai, ai.
Ali tava Nossa Senhora,
Levantaram o cororado, ai, ai.
Ai, ai, ai, levantaram o cororado, ai, ai, ai.

Vince e cinco de dezembro, ai, ai,
Não se dorme em colchão, ai, ai.
Jesus Cristo foi nascido
Entre as palhinha do chão, ai, ai.
Ai, ai, ai, entre as palhinha do chão, ai, ai, ai.

Bateu asas e cantou o galo, ai, ai,
Com sua crista de serra, ai, ai,
Dizendo que Cristo nasceu:
Jesus, Salvador da terra, ai, ai.
Ai, ai, ai, Jesus, Salvador da terra, ai, ai, ai.

Jesus, salvador da terra, ai, ai,
No dia que ele nasceu, ai, ai,
Cheio de graça divina
O mundo todo se encheu, ai, ai.
Ai, ai, ai, o mundo todo se encheu, ai, ai, ai.

A viagem dos Três Reis, ai, ai,
Pra eles andá sorrindo, ai, ai.
Eles eram grande profeta,
Não sabia que era o menino, ai, ai.
Ai, ai, ai, não sabia que era o menino, ai, ai, ai.

Jesus Cristo que nasceu, ai, ai,
Da Virgem Nossa Senhora, ai, ai,
Onde veio a camelinha,
Pra tratar do Rei da Glória, ai, ai.
Ai, ai, ai, pra tratar do Rei da Glória, ai, ai, ai.

Do leite que mamou, ai, ai,
Nosso Cristo Salvador, ai, ai.
Nossa Senhora era virgem,
Mas com leite alimentou, ai, ai.
Ai, ai, ai, mas com leite alimentou, ai, ai, ai.

Pelo nosso São José, ai, ai,
Camelinha alimentou, ai, ai.
Chegando o fim dos tempos,
Ai, ai, ai, Jesus cristo Abençoou, ai, ai, ai.

O Menino de Jesus, ai, ai,
Quem pegou foi Santos Reis, ai, ai.
Tá na glória para sempre,
Pela doração que fez, ai, ai.
Ai, ai, ai, pela doração que fez, ai, ai, ai.

Oh, meu nobre festeiro, ai, ai,
Agora que eu vou falar, ai, ai.
A cantoria de vocês
Lá no palco vai encerrar, ai, ai.
Ai, ai, ai, lá no palco vai encerrar, ai, ai, ai.

A bandeira lá no palco, ai, ai,
Pros Três Reis, os três senhor, ai, ai.
Pra fazer o encerramento,
Chamo outro embaixador, ai, ai.
Ai, ai, chamo outro embaixador, ai, ai, ai.

Oh, meu nobre, meus festeiros, ai, ai,
Aceita meus parabéns, ai, ai,
Por ser grandes devoto,
Pela devoção que tem, ai, ai.
Ai, ai, ai, pela devoção que tem, ai, ai, ai.

Neste hora tão certeira, ai, ai,
Que te traz felicidade, ai, ai,
Vou mostrar pra todo mundo
A sua grande amizade, ai, ai.
Ai, ai, ai, a sua grande amizade, ai, ai, ai.

Quero chamar o aufério, ai, ai,
Folião para beijar, ai, ai.
Já cantemo e já louvemo
Podemos de consagrar, ai, ai.
Ai, ai, ai, podemos de consagrar, ai, ai, ai.

Encerra a cantoria embaixada por Jovenor, no presépio, que foi montado todo ano na praça central da cidade[246]. Em silêncio e acompanhado por foliões, devotos e visitantes, as alferes conduzem as bandeiras até o palco, a uns 100 metros dali. Sobre o palco, todos, alferes, embaixadores, respostas e instrumentistas se colocam lado a lado um do outro, ficando todos voltados para o público assistente. Colocam-se como quaisquer cantores ou artistas. A diferença é que estão concluindo a entrega da folia no palco, ante a uma multidão, não no presépio, como se faz comumente.

Embaixador:
Meus nobres Três Reis Santo,
Neste momento sagrado,
Pai, Filho e Espírito Sanrto
Para todos convidados.
Resposta:
Para todos convidados, ai, ai, ai.

Meus devotos, meus festeiros,
É para vocês que eu canto.
A todos quero agradecer
Em nome do Espírito Santo.
Em nome do Espírito Santo, ai, ai, ai.

Neste hora tão sagrada
Os queridos santos Reis
Está abençoando a todos

[246] Nos últimos três anos o presépio foi montado na Praça São Sebastião, ou Praça da Matriz, ao fundo da Igreja, sobre a elevação de um antigo chafariz. A falta de lugar apropriado e definitivo fez com que o presépio fosse montado em vários locais diferentes. Durante anos foi montado dentro do Centro de Cultura e Evento Sebastião Vigilado, onde acontece o fabrico e a distribuição de alimentos para o dia 06 de janeiro. Devido a difícil mobilidade no local, passaam a montá-lo fora do centro, ao lado da igreja, em canteiro gramado da praça e, por fim, sobre o chafariz.

Entre nós, e todos vocês.
Entre nós, e todos vocês, ai, ai, ai.

O mártir São Sebastião
É o protetor da cidade.
Hoje recebe os Três Reis Santos
Em sua comunidade.
Em sua comunidade, ai, ia, ai.

Aos senhores daqui, do palco,
Nesta apresentação,
E pra todos os convidados,
Muito amor no coração.
Muito amor no coração, ai, ai, ai.

Nós que fala dos Três Reis
Com a sagrada bandeira;
Tem a do Brejo Grande
E a folia mineira.
E a folia mineira, ai, ai, ai.

Esta Folia Goiana,
Ela é de Itaguari,
Porque muitos dos folião,
Principalmente, são aqui.
Principalmente, são aqui, ai, ai, ai.

Vou mandar um recado
Aos festeiros e as festeira;
Agradece quem deu pouso
E a todas conzineiras.
E a todas conzineiras, ai, ai, ai.

Estão também agradecendo
A toda autoridade
Que trabalha noite e dia,
Zelando desta cidade.
Zelando desta cidade, ai, ai, ai.

Quem deu pouso, Deus lhe pague
Com amor e alegria.
Deve ser recompensado
Pelos Três Reis da nossa guia.
Pelos Três Reis da nossa guia, ai, ai, ai.

E vocês que é visitante,
Que veio de outra cidade,
Recebemos com alegria.
Só aumenta a amizade.
Só aumenta a amizade, ai, ai, ai.

Esta folia goiana,
Com a sagrada bandeira,
Abençoa a todo mundo,
E a Folia Mineira.
E a Folia Mineira, ai, ai, ai.

Aqui tem mais de uma folia,
Todas elas são umas três.
Mas todas elas é só uma:
Todas é de Santos Reis.
Todas é de Santos Reis, ai, ai, ai.

Queremos agradecer,
Com prazer e muito amor,
Nosso amigo Negro Borges,
Nosso nobre cordenador.
Nosso nobre cordenador, ai, ai, ai.

Agora desceu a vóz
E já veio do céu.
Agora quero falar
Com a devota Isabel.
Com a devota Isabel, ai, ai, ai.

Oh, devota Isabel,
Sua filha é festeira,
Pede desculpa pra senhora:
Na sua casa não foi bandeira.
Na sua casa não foi bandeira, ai, ai, ai.

A bandeira não passou lá.
Mas não precisa preocupar.
Santos Reis é milagroso,
Ele vai te abençoar.
Ele vai te abençoar, ai, ai, ai.

Os Três Reis do Oriente,
Que chegou até Belém,
Tá convidado a todos
Pra festa o ano que vém.
Pra festa o ano que vém, ai, ai, ai.

Os nossos nobres festeiros,
Com amor no coração,
Agora tá agradecendo
Quem deu as adoação.
Quem deu as adoação, ai, ai, ai.

Esta festa é muito grande,

Mas o amor é profundo;
Pra fazer essa despeza,
Precida de todo mundo.
Precida de todo mundo, ai, ai, ai.

O Santo Reis que abençoa
Toda hora e todo instatne;
Quando vocês voltar pra casa,
Pega bem no seu volante.
Pega bem no seu volante, ai, ai, ai.

Aqui tem três família,
Todas Três que são festeiros.
Eles estão agradecendo
No momento verdadeiro.
No momento verdadeiro, ai, ai, ai.

Aqui tem duas bandeira,
A companhia é uma só.
Todas duas é Rei Gaspar,
Baltazar e Rei Brechó.
Baltazar e Rei Brechó, ai, ai, ai.

Peço que preste atenção
Nos versos que estou cantando.
Essa nossa tradição
Tem mais de 80 anos.
Tem mais de 80 anos, ai, ai, ai.

Por isso nós cantamos
Pra noutro ano vocês voltar,
Pra festejar de novo.
Aqui não pode parar.
Aqui não pode parar, ai, ai, ai.

Hé de ser abençoado
Da santíssima Trindade
Todos nossos foliões
Que vem de outra cidade.

Nós foi muito bem recebido
Quando chegamos aqui
Também fica o nosso abraço
Pros folião de Itaguari.
Pros folião de Itaguari, ai, ai, ai.

Parabém nobre festeiro,
Pela festa que vós fez,
Terá sua recompensa
Do glorioso Santo Reis.
Do glorioso Santo Reis, ai, ai, ai.

Oh meu nobre, meu festeiro,
Quero te dar os parabéns,
Porque vai ganhar um presente
De santo Reis também.
De santo Reis também, ai, ai, ai.

Deus vos salve todo homem
E as crianças também,
Porque elas representa
O Menino de Belém.
O Menino de Belém, ai, ai, ai.

Eu quero agradecer
Com prazer e alegria,
Em nome dos Três Reis santos
A você e sua família.
A você e sua família, ai, ai, ai.

Sabemos que esta folia
Teve casa que não passou,
Mas os nossos Três Reis santos
A vocês todos abençoou.
A vocês todos abençoou, ai, ai, ai.

Fica a nossa despedida
Até o ano que vem,
Em nome de santos Reis,
Agora, pra sempre. Amém.
Agora, pra sempre. Amém, ai, ai, ai.

Vou pedir o Pai Eterno
Pra poder abençoar.
Pra que esta noite brilha,
Ele vem conosco está.
Ele vem conosco está, ai, ai, ai.

Oh, meus nobre, meus festeiros,
Agora estão contente:
Tá entregando a promessa
Aos Três Reis do Oriente.
Aos Três Reis do Oriente, ai, ai, ai.

Estes nobres, os festeiros,
Está agora agradecendo
Toda prenda que ganharam.
Do céu bênção está descendo.
Do céu bênção está descendo, ai, ai, ai.

Vou parar a cantoria
No momento verdadeiro,
Porque daqui um pouquinho
Vão procurar novos festeiros.
Vão procurar novos festeiros, ai, ai, ai.

Com licença de vocês
Pra parar a cantoria.
Vocês fica aqui com Deus
Até amanhecer o dia.
Até amanhecer o dia, ai, ai, ai.

Eu peço pra vocês agora,
Pra todos ficar comigo.
Aqui vai ter show artístico
Com quem é nossos amigo.
Com quem é nossos amigo, ai, ai, ai.

Aqui vem muitos cantores,
Também de outra cidade.
Não cobra nem um tostão,
Vem pela fé e amizade.
Vem pela fé e amizade, ai, ai, ai.

Agora eu fui bem alembrado
Pelo amigo festeiro:
Agradecer os servente
E também os cozinheiro.
E também os cozinheiro, ai, ai, ai.

Agora chegou a hora
Da cantoria parar.
Pai, Filho, Espírito Santo,
Na hora de nóis parar.
Na hora de nóis parar, ai, ai, ai.

Anexo 12 - Cantos da missa das folias de reis de Itaguari

Letras: Padre Agnaldo Gonzaga e Luiz Carlos Gomes Frazão
Músicas: diversas, do folclore regional

1. ABERTURA *(ritmo: J. Baianinho)*
Ó bondosos três reis santos,
Depois de dias de pousada,
Aqui estamos pra rezar a missa
E tomar a hóstia consagrada.

Foi tão longa a nossa espera,
Mas aqui estou para rezar.
Pai, Filho e Espírito Santo
Nos conduzam até seu altar.

Nossos pais nos ensinaram,
Com amor e com piedade,
Louvar sempre Santos Reis
E fazer muita caridade.

Receba nossa bela bandeira,
Dos foliões e dos festeiros,
Doadores e quem trabalhou
Para a festa e os pouseiros.

Cada pouso foi pra todos nós
Uma missão de uma romaria,
Onde vivemos a fraternidade
Com fartura, festa e alegria.

Rezando esta santa missa,
Eis a nossa bela intenção:
Pedimos pro mundo inteiro,
Paz, justiça e muita benção.

2 – ATO PENITENCIAL *(rit.: São Sebastião)*
Ó Senhor que viestes salvar
Os corações arrependidos.
Piedade, piedade, piedade de nós!
Ó Cristo que viestes chamar
Os pecadores humilhados.
Piedade...
Senhor que intercedei por nós
Junto a Deus Pai que nos perdoa.
Piedade...

3 – HINO DE LOUVOR *(rit.: congada)*
Glória ao Pai, o criador,
Que criou o céu e a terra.

Glória ao Filho, o Redentor,
Que salvou a humanidade.
Glória ao Espírito Santo
Que noss'alma santifica.

Glória ao nosso Pai Eterno,
Deus de amor e de bondade,
Deus Santíssima Trindade.

4 – ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO *(rit.: chic-chic)*
Três reis Santos de bondade,
Abri nosso coração,
Pra ouvir sua palavra
Que nos fala em oração.

Que a palavra da verdade,
Nesta santa eucaristia,
Ilumine nossos passos
Na luta do dia a dia.

Ó meus devotos de reis,
Vamos aplaudir agora,
De Deus a santa palavra
Meu senhor e minha senhora.

5 – OFERTÓRIO *(rit.: Goiano)*
Ó Senhor, receba agora
O que dou de coração
Toda a minha bela oferta
E a de todos meus irmãos.

Santos Reis eu sou devoto,
E faço minha bondade.
Lhe oferto meu dinheiro
Em gesto de caridade.

Já doei o meu trabalho,
Minha prenda e o meu suor.
Por isso, a cada ano,
Nossa festa é bem maior.

Lhe oferto, ó Jesus Cristo,

São José e Santa Maria,
Todo trabalho dos pousos
E as prendas da folia.

Jesus Cristo, eu lhe oferto,
Nessa humildade cantoria,
O esforço dos foliões
Dessa humilde companhia.

6 – SANTO *(rit.: J. Mariano)*
Santo, santo, santo, santo,
É o Senhor Deus do universo!

Todo o céu e toda terra
Proclamam junto vossa glória!

Hosana, hosana nas alturas!
Hosana em nome do Senhor!

Bendito aquele que vem
Em nome do Senhor!

7 – CANTO DA PAZ
(rit.: Araponga)
Agora chegou a hora
De uma grande alegria:
Chegou a hora da paz,
Filhos de santa Maria.

Meus irmãos e minhas irmãs,
Desejai ao seu irmão
Paz e fé e alegria.
Pede a eles proteção.

Devotos de Santos Reis
Faça um gesto de bondade:
Abraçai o seu irmão
Que é imagem da Trindade.

8 – COMUNHÃO *(rit.: Cerradinho)*
Obrigado, ó Jesus Cristo,
Pela ceia mais sagrada.
Os devotos agradecem
Pela hóstia consagrada.

Os cristãos lhe agradecem
Pelo santo cálice bento.
Que seu corpo partilhado
Limpa a nóis todos por dentro.

Pão e vinho sobre o altar,
Corpo e sangue verdadeiros,
Representam a fartura
Que nos deram os pouseiros.

Que o mundo, Santos Reis,
Siga est'exemplo de amor.
Que partilhe sua riqueza
Ao irmão pobre e sofredor.

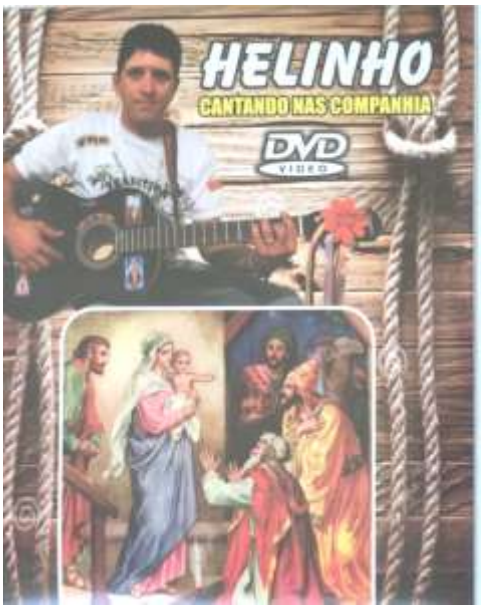
Meu Jesus, alimentai,
Com seu corpo o penitente.
Dá-lhe força para o corpo,
Para a alma e para a mente.

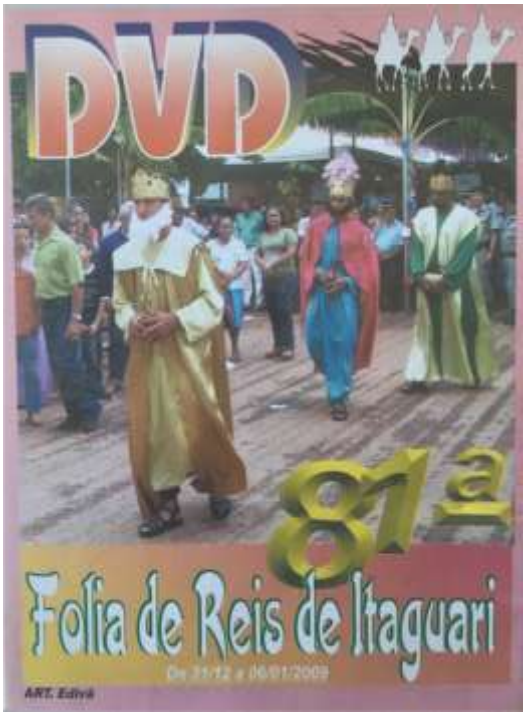
09 – FINAL:
(Bendito da Mesa, em volta do altar.)

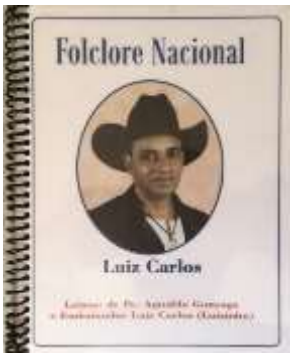
Anexo 13 – Material de divulgação da Folia do Brejo Grande (cartaz, camisa e lenço)

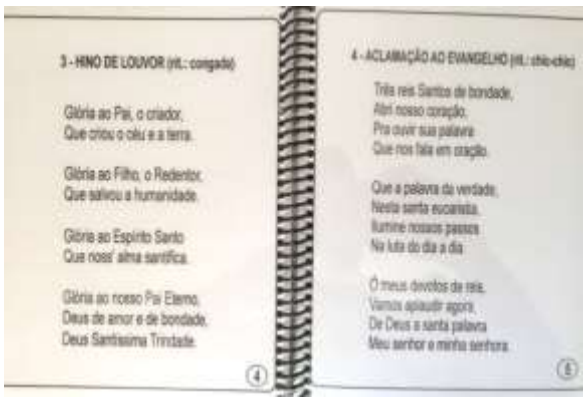
Anexo 14 – Material de divulgação da Folia Mineira (cartaz, toalha, lenço e boné)

Anexo 15 – Material de divulgação da Folia Goiana (cartaz, camisa, boné, lenço, adesivo, DVDs, CD, livro de canto da Missa de Santos Reis)









3 - HINO DE LOUVOR (rit.: congado)

Glória ao Pai, o criador,
Que criou o céu e a terra.

Glória ao Filho, o Redentor,
Que salvou a humanidade.

Glória ao Espírito Santo
Que nossa alma santifica.

Glória ao nosso Pai Eterno,
Deus de amor e de bondade,
Deus Santíssima Trindade.

4

4 - ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO (rit.: chio-chio)

Três reis Santos de bondade,
Abri nosso coração,
Pra ouvir sua palavra
Que nos fala em oração.

Que a palavra da verdade,
Nesta santa eucaristia,
Ilumine nossos passos
Na luta do dia a dia.

Ó meus devotos de reis,
Vamos aplaudir agora,
De Deus a santa palavra
Meu senhor e minha senhora.

5